

REVISTA DE HISTÓRIA COMPARADA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
COMPARADA - UFRJ

ANO 17
VOLUME 17
NÚMERO 1



São Paulo

Rio Tieté. Clubs de Regata.

25 Guilherme G3



Programa de Pós-graduação em História Comparada - UFRJ



REVISTA DE HISTÓRIA COMPARADA

2023

Ano 17

Volume 17

Número 1



Revista de História Comparada. Programa de Pós-graduação em História Comparada/UFRJ.
Ano 17, v. 17, n. 1.
Rio de Janeiro: PPGHC, 2023.
Semestral
ISSN: 1981-383X
História Comparada. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Programa de Pós-graduação em História Comparada.

Programa de Pós-Graduação em História Comparada

Endereço: Largo de São Francisco de Paula, n. 1, sala 311 – Centro – Rio de Janeiro – RJ
BRASIL – CEP 20051-070

Tel.: (21) 3938-0333

E-mail: ppghc@historia.ufrj.br

Site: <https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada>

<http://www.ppghc.historia.ufrj.br/index.php/destaque/publicacoes/revista-de-historia-comparada>

Revisão:

Paulo Duarte Silva

Assistência Editorial:

Maria Luiza Pérola Dantas Barros

Maria Sarah do Nascimento Brito

Montagem e projeto gráfico:

Juliana Salgado Raffaeli

Imagem da capa:

Guilherme Gaensly | Clube de Regatas do Tietê, São Paulo – SP. Coleção Folha São Paulo Antiga.
Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tiete_antigo.jpg>. Acesso em 28 fev 2024.

REVISTA DE HISTÓRIA COMPARADA
Ano 17 – Volume 17 – Número 1 – junho/2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Reitora: Denise Pires de Carvalho

INSTITUTO DE HISTÓRIA
Diretor: Antônio Carlos Jucá de Sampaio

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA COMPARADA
Coordenador: Paulo Duarte Silva

EDITOR RESPONSÁVEL

Paulo Duarte Silva (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)
Rafael Pinheiro de Araujo (Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)

COMITÊ EDITORIAL

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)
Débora El Jaick Andrade (Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil)
Flávio dos Santos Gomes (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)
Leila Rodrigues da Silva (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)
Paulo Duarte Silva (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)
Paulo Pachá (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)
Victor Andrade de Melo (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)

COMITÊ DE APOIO TÉCNICO

Maria Luiza Pérola Dantas Barros (Doutoranda-Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)
Maria Sarah do Nascimento Brito (Doutoranda-Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)

CONSELHO EDITORIAL NACIONAL

Anita Leocádia Prestes (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)
Carlos Roberto Antunes dos Santos (Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil)
Diva do Couto Muniz (Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil)
Dulce Oliveira Amarante dos Santos (Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil)
Gilson Rambelli (Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil)
Gilvan Ventura da Silva (Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil)
Jean Marcel Carvalho França (Universidade Estadual Paulista, São Paulo, São Paulo, Brasil)
Joana Maria Pedro (Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil)
José Antônio Dabdab Trabuls (Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil)
José Rivair Macedo (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil)
Maria do Amparo Tavares Maleval (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)
Maria Gabriela Martin Ávila (Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil)
Maria Helena Rolim Capelato (Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil)
Marina de Mello e Souza (Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil)
Paulo Gilberto Fagundes Vizentini (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil)
Renata Menezes (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil)
Renan Frighetto (Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil)
Terezinha Oliveira (Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil)
Valdemir Donizette Zamparoni (Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil)

CONSELHO EDITORIAL INTERNACIONAL

Carlos Barros (Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, A Coruña, Espanha)
José Luis Fontes (Universidade do Minho, Braga, Portugal)
Maria de Fátima Souza e Silva (Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal)
Maria Cecília Colombani (Universidad Nacional de Mar del Plata, Mar del Plata, Buenos Aires, Argentina)
Maria Manuela Martins (Universidade do Minho, Braga, Portugal)
Mariana Benedetti (Università degli Studi di Milano, Milano, Itália)
Norberto Consani (Universidad Nacional de la Plata, La Plata, Buenos Aires, Argentina)
Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal)
Patrícia Grau-Dieckmann (Universidad Nacional de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina)
Pieter Lagrou (Institut d'Histoire du Temps Présent, Île-de-France, França)
Stefan Rinke (Universidade Livre de Berlim, Berlin, Alemanha)

Sumário

Dossiê “História Comparada e História do Esporte”

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ “HISTÓRIA COMPARADA DO ESPORTE E DAS PRÁTICAS DE DIVERSÃO” 7

Victor Andrade de Melo
Augusto Nascimento

OS PROCESSOS DE ESPORTIVIZAÇÃO DO REMO EM SÃO PAULO E MONTEVIDÉU: HISTÓRIAS COMPARADAS (1874-1907)..... 9

THE SPORTIZATION OF ROWING IN SÃO PAULO AND MONTEVIDEO – A COMPARATIVE HISTORY (1874-1907)

Daniele Cristina Carqueijeiro de Medeiros
Marcelo Moraes e Silva

IDENTIDADE, FUTEBOL E POLÍTICA: TRAJETÓRIA DO FUTEBOL EM CRICIÚMA41

IDENTITY, FOOTBALL AND POLITICS: TRAJECTORY OF FOOTBALL IN CRICIÚMA

Michele Gonçalves Cardoso
João Henrique Zanelatto
Emerson César de Campos

PARA ALÉM DO “S” QUE OS UNEM: UMA ANÁLISE HISTÓRICA COMPARADA DO SURFE E DO SKATE.....68

AN HISTORICAL COMPARATIVE ANALYSIS OF SURFING AND SKATEBOARDING

Monique de Souza Sant'Anna Fogliatto
José Carlos Marques

AS MANIFESTAÇÕES DA HETEROTOPIA: A CIDADE SOB O SKATE FLANANTE94

THE MANIFESTATIONS OF HETEROTOPY: THE CITY UNDER THE FLANEUR

SKATEBOARD

Leonardo Brandão
Giancarlo Marques Carraro Machado

DIREITO DE CENSURAR: O COMENTÁRIO ESPORTIVO PERANTE O AUTORITARISMO EM *GRANDE RESENHA FACIT E BEM, AMIGOS!*..... 110

RIGHT TO CENSOR: SPORTS COMMENTS FACES AUTHORITARIANISM IN *GRANDE RESENHA FACIT AND BEM, AMIGOS!*

Helcio Herbert Neto

QUALQUER SEMELHANÇA NÃO É MERA COINCIDÊNCIA: AS CANDIDATURAS DAS COPAS DO MUNDO BRICS EM PERSPECTIVA TRANSNACIONAL..... 138

ANY SIMILARITY IS NOT MERELY COINCIDENCE: THE BRICS WORLD CUP CANDIDATURES IN TRANSNATIONAL PERSPECTIVE

Raul de Paiva Oliveira Castro
Euclides de Freitas Couto

Artigos Livres

A PROPÓSITO DO TROPO DA CONVERSÃO: BREVE ANÁLISE DA CRISTIANIZAÇÃO DOS MUÇULMANOS EM RECEPÇÕES FRANCO-IBÉRICAS DO LEGENDÁRIO CAROLÍNGIO (SÉC. XII-XVI)..... 171

ABOUT THE CONVERSION TROPE: BRIEF ANALYSIS OF THE CHRISTIANIZATION OF THE MUSLIMS IN FRANCO-IBERIAN RECEPTIONS OF THE CAROLINGIAN LEGENDARIUM (12TH-16TH CENTURIES)

Danielle Gallindo Gonçalves

Gregory Ramos Oliveira

AS VIDAS DAS ARTISTAS: GÊNERO BIOGRÁFICO ENTRE OS SÉCULOS XIII E XVI 200

THE VIDAS OF FEMALE ARTISTS: BIOGRAPHICAL GENRE BETWEEN 13TH AND 16TH CENTURIES

Marcella Lopes Guimarães

Adriana Tulio Baggio

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ “HISTÓRIA COMPARADA DO ESPORTE E DAS PRÁTICAS DE DIVERSÃO”

Victor Andrade de Melo
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Augusto Nascimento
Centro de História da Universidade de Lisboa

No pós-Segunda Grande Guerra, desencadearam-se novas reflexões sobre as formas usualmente adotadas no exercício historiográfico. Entre outras dimensões, questionou-se o etnocentrismo que marcava as experiências metodológicas usuais no campo da História. Influenciando o delineamento dessa crítica podemos situar, entre outras ocorrências, os movimentos de descolonização nos continentes africano e asiático, o fortalecimento do cenário de globalização, o maior protagonismo dos países em desenvolvimento. Nesse contexto, cresceram as expectativas de produção de histórias transnacionais, na esteira da qual fortaleceu-se a possibilidade do uso da História Comparada.

De pronto, podemos afirmar que o esporte se trata de um tema bastante ajustado à realização de estudos históricos comparados. Devemos considerar a quase onipresença das práticas corporais institucionalizadas no tempo e no espaço. É uma das manifestações culturais mais presentes no mundo, organizada por poderosas entidades internacionais, responsáveis por organizar eventos que mobilizam o planeta. A História Comparada seria, portanto, uma potente alternativa para os pesquisadores que se debruçam sobre o fenômeno.

No cenário nacional e internacional, todavia, poucas são as investigações dedicadas às práticas corporais institucionalizadas que fazem uso do método da História Comparada. Obviamente, isso não diminui a importância dos avanços notáveis na subdisciplina História do Esporte, mas nos perguntamos o quanto teríamos a ganhar se assumíssemos o desafio de entabular estudos comparados.

Seguramente, para tal, devemos refinar nossos mecanismos de pesquisa e estar ciente das peculiaridades do método. Douglas Booth bem observa, chamando

a atenção para a necessidade de aprimorar a qualidade da investigação:

Historiadores do esporte geralmente usam o método comparativo como simples recurso de alusão a aspectos luminares de casos particulares. Assim, reduzem o poder da comparação sistemática. Esse olhar reduzido tem indubitavelmente reduzido a credibilidade intelectual da história do esporte a sua contribuição para a história social mais ampla (2000, p. 20).

Trata-se de assumir a comparação sistemática como um intuito da pesquisa histórica procedida. O objetivo é:

investigar as semelhanças e diferenças de objetos/temas no tempo e/ou espaço, tendo claro o problema a investigar/a hipótese a testar, o que será comparado e a relação entre o geral e o particular nas interpretações a serem realizadas. Aí sim a História Comparada pode se constituir em importante contribuição para as investigações que se dedicam a compreender o esporte desde a perspectiva da pesquisa histórica (e isso, lembremos, significa um esforço de entender a sociedade em que ele se insere) (Melo e colaboradores, 2013, p. 72).

São sobejamente reconhecidas as potencialidades da História Comparada, evidentes, por exemplo, nos estudos desenvolvidos sobre o esporte no continente africano. Foi com grande felicidade que recebemos o convite para auxiliar nesta edição da Revista de História Comparada. Maior alegria tivemos ao receber contribuições de colegas tratando de temas como skate, remo, futebol, imprensa esportiva, surfe. Os autores adotaram perspectivas distintas de comparação.

Decerto os leitores apreciarão as contribuições publicadas apontando potencialidades alvissareiras de ampliar o campo da História do Esporte.

Referências

BOOTH, Douglas. From allusion to causal explanation: the comparative method in sports history. **International Sports Studies**, v. 22, n. 2, p. 5-20, 2000.

MELO, Victor Andrade de; COSTA, Maurício Drumond; FORTES, Rafael; SANTOS, João M. C. Malaia. **Pesquisa Histórica e história do esporte**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

OS PROCESSOS DE ESPORTIVIZAÇÃO DO REMO EM SÃO PAULO E MONTEVIDÉU: HISTÓRIAS COMPARADAS (1874-1907)

THE SPORTIZATION OF ROWING IN SÃO PAULO AND MONTEVIDEO – A COMPARATIVE HISTORY (1874-1907)

Daniele Cristina Carqueijeiro de Medeiros
Universidade Federal do Paraná
dmedeiros@cup.edu.uy

Marcelo Moraes e Silva
Universidad de la Republica Uruguay, UDELAR
marcelomoraes@ufpr.br

Resumo: O presente artigo tem como objetivo discutir os processos de esportivização da prática do remo ocorridos nas cidades de São Paulo e Montevideú, a partir de uma perspectiva de história comparada. Além de apresentarem particularidades locais no desenvolvimento do remo, muito ligadas às questões geográficas, há um ponto de contato entre os clubes dessas cidades: a participação de clubes nos Jogos Olímpicos Sul-americanos de 1907, realizados no Uruguai. Essa análise permitiu perceber que, apesar de um desenvolvimento local permeado de particularidades, houve comunicações no estabelecimento do que significava a prática do remo competitivo, compartilhado no referido evento. Concluímos que os processos de esportivização não ocorreram de maneira idêntica em todas as partes, e que tampouco obedeceram a relações unilaterais centro-periferia, mas que, ao contrário, estabelecem relações transnacionais, especialmente no cenário sul-americano.

Palavras-chave: Remo; História Comparada dos Esportes; Esportivização.

Abstract: This article aims to discuss the processes of sportization of rowing in São Paulo and Montevideo cities from a comparative historical perspective. Besides presenting local particularities in the development of rowing, closely linked to geographical issues, there is a point of contact between the clubs of these cities: the participation of clubs in the 1907 South American Olympic Games held in Uruguay. This analysis allowed us to realize that, despite a local development permeated with particularities, there were communications in establishing what competitive rowing practice meant, shared in that event. We conclude that the processes of sportization did not occur in an identical manner everywhere, and neither did they follow unilateral center-periphery relationships, but that, on the contrary, they established transnational relationships, especially in the South American scenario.

Keywords: Rowing; Comparative History of Sport; Sportization.

Introdução

O campo dos estudos históricos sobre a educação física e os esportes está em constante desenvolvimento, quer seja por novas abordagens introduzidas na elaboração de investigações, ou por propostas de recontextualização de temas e interrogantes de pesquisa, trazendo à tona novos olhares e perspectivas (TERRET, 2019; MORAES E SILVA, MEDEIROS, QUITZAU, POLICARPE, 2020; BOOTH, ADAMS E PHILIPS, 2022). Nesse ínterim, Pope (2022) considera que o próprio estudo sobre a origem e a evolução do esporte moderno – acatado por muitos como um tema fundacional – é passível de novas interpretações.

Para essa tarefa, devemos considerar novas acepções para o que convencionamos chamar de processo de esportivização das práticas. Esse termo, difundido nos estudos de Elias (1985), serviu primeiro para definir o processo por meio do qual passatempos praticados por cavaleiros e aristocratas, na Inglaterra do século XVIII, passaram a adotar um código de regras mais definidas, que limitaram a violência e regularam a tensão entre os esforços físicos e o resultado dos jogos. Neste período, foi possível identificar as primeiras transformações de divertimentos mais ou menos espontâneos em práticas mais institucionalizadas e regulamentadas. Maguire (2015) afirma que esse procedimento envolveu uma mudança em direção a exercícios corporais competitivos, regularizados, racionalizados e marcados por cortes de gênero que, por sua vez, se ligaram a mudanças mais amplas no nível da personalidade, do comportamento corporal e da interação social.

Entretanto, Maguire (2015) amplia essa definição, apontando que este processo passou por diferentes fases. Primeiro, entre os séculos XVII e XVIII, com o estabelecimento de esportes ligados aos animais, como a caça à raposa e as corridas de cavalo (VIGARELLO, 2002; LOUDCHER, 2020). Segundo, no século XIX, práticas como futebol e rugby assumiram formas modernas, ligadas às suas aparições nas *public schools* inglesas. Uma terceira etapa ocorreu na passagem do século XIX para o século XX, com a difusão dos esportes por meio de fluxos globais, especialmente ocorridos nas colônias inglesas e, posteriormente, em outros países de diversas partes do mundo (TERRET, 2019). Para Taylor (2013), esse período foi

fundamental na internacionalização do esporte, através do fluxo de pessoas, regras do jogo e ideologias esportivas associadas. A quarta fase apontada por Maguire (2015) ocorreu em meados da década de 1920 até os anos 1960, quando os esportes passaram cada vez mais a refletir um ideal “americanizado”, difundindo-se, inclusive, para além da sociedade ocidental. Por fim, a partir dos anos 1960, uma quinta fase da esportivização surgiu com características bastante contraditórias: de um lado, a padronização das práticas em um cenário internacional, estimulada principalmente pelos Jogos Olímpicos; por outro lado, novas variedades de práticas corporais surgiram no cenário internacional, desafiando a hegemonia dos esportes até então considerados standard. Maguire (2015) conclui suas análises sobre os processos de esportivização apontando que existe uma diversidade de estruturas que acompanharam cada uma das fases, com alcance e disseminação variados, tanto em níveis temporais quanto geográficos. Há também uma assimetria nas relações predominantes no interior de cada sociedade, que refletem geometrias e hierarquias de poder previamente estabelecidas.

Essa discussão nos leva a considerar que, embora o esporte seja um fenômeno com uma gênese única e definições bem estabelecidas – que nos permitem agrupar conceitualmente o que pertence ou não ao universo esportivo – ele também tem variantes em sua composição. Ainda que o surgimento do esporte obedeça a um fenômeno demarcado no tempo e no espaço, a esportivização, segundo aponta Loudcher (2020) pode e deve ser considerada de forma ampla e multifacetada e menos autoexplicativa.

Para Krüger (2015), o esporte é um fator global, mas que só chegou a tais proporções baseado na cultura física local, regional ou nacional. Para o autor, não seria possível encontrar um significado para esse fenômeno que incluísse seu desenvolvimento em todos os continentes, pela própria definição de modernidade e civilização produzida de forma distinta em cada um desses lugares. Além disso, conforme aponta Taylor (2013), o esporte moderno não é uma prática que simplesmente evolui cronologicamente de local para nacional, internacional e global, mas, pelo contrário, dimensões e relações transnacionais existiram e subsidiaram as estruturas organizativas dessas práticas.

O presente artigo pretende discutir os processos de esportivização da prática do remo na América do Sul, na cidade de Montevidéu, no Uruguai, e em São Paulo, no Brasil. Tal escolha se deve às particularidades do desenvolvimento da prática em cada uma dessas localidades – especialmente no que concerne aos temas geográficos envolvidos – e, ao mesmo tempo, por um ponto de convergência entre os clubes de remo: a participação nos Jogos Olímpicos Sul-americanos de 1907, realizados em Montevidéu. O evento que proporcionou uma relação transnacional entre os clubes e as referidas as práticas esportivas, gerando impactos sua esportivização a partir de então.

O recorte temporal dessa análise começa no ano de 1874, data na qual o Montevideo Rowing Club foi fundado como o primeiro clube de remo na cidade de Montevidéu. Décadas depois, o Esperia Club foi o primeiro clube esportivo de remo fundado em São Paulo, em 1899. A análise segue até a primeira década do século XX, período de expansão das práticas e de progressiva institucionalização e burocratização das mesmas. Finalizamos a proposta analisando o evento realizado em 1907, momento em que houve um ponto de contato estabelecido entre os clubes de cada localidade, gerando novas perspectivas sobre os significados conferidos ao esporte até aquele momento.

Para além de considerar as relações que se estabelecem nesse evento, é de interesse desse artigo determinar as especificidades dessas práticas. Nesse contexto, elas dizem respeito às características locais de cada uma das cidades analisadas, especialmente em relação à questão geográfica. De acordo com Bale (2003), a trajetória à longo prazo dos lugares esportivos os leva a ser cada vez mais racionais, qualidade fomentada pelas leis esportivas que insistem que as áreas de jogo sejam sempre iguais e equiparadas. Ao longo da história, portanto, cada vez mais o esporte foi praticado em espaços artificiais, corroborando a crescente racionalidade e burocratização das práticas.

Com relação à prática do remo em São Paulo, o lugar prioritariamente utilizado nos primeiros anos de instalação dos clubes era o rio Tietê, que recebeu em suas margens grande parte dos clubes até as primeiras décadas do século XX (NICOLINI, 2001). Em Montevidéu, os primeiros clubes de remo se estabeleceram às margens do Rio da Plata, em contato direto com os clubes da costa argentina.

Em ambos casos, o espaço aquático disponível influenciou na capacidade de absorção de regras e procedimentos *standard* nas competições, tendo relação direta com os processos de esportivização.

Para analisar essas questões apresentamos, em um primeiro item do presente artigo, os processos locais de esportivização do remo na cidade de São Paulo, com ênfase na chegada dos clubes esportivos e nas primeiras competições realizadas, bem como nas primeiras tentativas de regulamentar a prática. Na sequência, são apresentados os dois primeiros clubes da capital uruguaia, o Montevideo Rowing Club e o Club Nacional de Regatas. Esses clubes estabeleceram grande rivalidade no remo montevidiano desde fins do século XIX. Além disso, constituíram um interessante ponto de contato com os clubes remeiros de Buenos Aires, o que dava um caráter internacional à prática. O terceiro item explora a competição de 1907 realizada em Montevideo, e as consequências para os clubes participantes, especialmente em relação aos temas ligados à regulamentação e burocratização. Por fim, tecemos algumas análises comparativas entre o desenvolvimento do remo nas duas cidades.

Para a análise das questões ora apontadas, optou-se por uma metodologia de história comparada, trazendo à tona as particularidades e semelhanças entre ambos cenários de desenvolvimento desse esporte em cada uma dessas cidades.

Metodologia

Diversos autores afirmam que a comparação é um elemento constantemente presente nas investigações históricas, pois trata-se de uma ferramenta metodológica importante, além de um artifício chave para a obtenção de evidências (PURDY, 2011; BOOTH, 2005). Entretanto, a comparação como método historiográfico tem uma definição mais precisa, envolvendo a discussão de dois ou mais fenômenos históricos de maneira sistemática, enfatizando suas similitudes e diferenças com o objetivo de chegar a determinados objetivos (KOCKA, 2003; PURDY, 2011).

Os pontos positivos do uso de uma metodologia comparada na história são diversos. Para Kocka (2003), a comparação ajuda a identificar questões e clarificar

situações singulares, tornando-se indispensável para explicações e críticas. Theml e Bustamante (2003) afirmam também que o conhecimento dos fenômenos sociais se amplia com o diálogo e a comparação das pesquisas, permitindo maior abrangência de objetos, teorias e metodologias de distintas áreas das ciências humanas. Entretanto, as maiores vantagens apresentadas em relação à essa metodologia de investigação são relativas às novas problemáticas e novos olhares destinados aos objetos de pesquisa. Para Theml e Bustamante (2003), a metodologia comparada rompe com heranças historiográficas pautadas em fronteiras políticas como definidoras das unidades estruturais de análise, e, dessa forma, permite a construção de modelos abstratos de inteligibilidade, não pautado em hierarquias e linearidade, mas sim em formas mutáveis que permitem conhecer outras representações e transformações sociais.

Uma das questões mais fortemente apontada como vantajosa em relação aos estudos comparados na história é a ideia de abrir a percepção do historiador para as influências múltiplas em relação a um determinado fenômeno, não necessariamente tomando a ideia de nação como enfoque central, proposta que, durante muito tempo, foi determinante na construção dos significados históricos, excluindo outras relações e identidades possíveis (GORELIK, 2004; BARROS, 2007). A comparação se estabelece, portanto, como uma maneira bastante específica de propor e pensar questionamentos, fazendo com que as semelhanças e diferenças, e mais do que isso, os processos de influência mútua, recíprocos ou assimétricos, estabeleçam um jogo dinâmico e vivo (KOCKA, 2003; BARROS, 2007).

Em relação à América Latina, a história comparada vem sendo constantemente utilizada para pensar novos marcos de referência, não tomando apenas as entidades nacionais como enfoque, mas buscando conjunturas comuns entre os países, estabelecidas por uma inteligibilidade distinta daquela historicamente constituída, que via no Estado-nação o espaço adequado de reflexão sobre os temas culturais e políticos (ORTIZ, 2003; GORELIK, 2004). Gorelik (2004) propõe que a história comparada pode construir, nesse contexto, um outro lugar de onde possam ser interrogadas questões de escala latino-americana, a partir da construção de objetos que não poderiam ser trazidos à luz a partir de uma historiografia nacional.

Essa concepção focaliza a ideia de uma construção de redes locais que possuem diferentes pontos de contato, os quais constroem uma trama própria de pensamento regional, diferente de perspectivas que estabelecem um pensamento que decorre sempre do centro à periferia. Nesse caso, as ideias se deslocam dentro de um marco internacional de funcionamento das culturas locais, colocando uma perspectiva sobre o desenvolvimento de uma história transcultural (GORELIK, 2004). Apesar de algumas ressalvas apontadas na literatura internacional, o método comparado e os estudos históricos transnacionais estabelecem interessantes diálogos no que diz respeito ao entendimento dos processos de contato cultural (KOCKA, 2003; GORELIK, 2004; PURDY, 2011)

Consideramos, portanto, adequada esta postura metodológica para pensarmos o caso das práticas esportivas no contexto latino-americano. Melo (2007) propõe a história comparada para conhecermos, nesse cenário, as relações políticas, históricas e culturais existentes nos esportes, que não sejam marcadas exclusivamente pela perspectiva geográfica pautada nas relações nacionais. A ideia não é, portanto, abandonar o que se refere às práticas e seu desenvolvimento a nível local, mas estabelecer essa transição entre o local e o global, permitindo conhecer o esporte de maneira mais ampliada, trazendo à tona tanto suas especificidades e singularidades quanto suas regularidades, propondo pontos de contato, conjuntura e tensão (MELO, 2007; 2010a; KING, 2009).

No caso latino-americano, conforme sublinha Melo (2017), urge conhecer de maneira mais sistemática como as relações e os estabelecimentos das práticas esportivas ocorreram, não só no plano nacional, mas também através de redes de contato, apoio e difusão. Bale (2003); Krüger (2015), Quitzau (2019), MORAES E SILVA, MEDEIROS, QUITZAU, POLICARPE (2020) e Brown (2021) afirmam que é impossível pensar o estabelecimento do esporte sem considerar as particularidades locais, tanto no que tange à prática quanto às simbologias determinadas. Dessa forma, nos perguntamos: como as práticas esportivas realizadas estabeleceram pontos de contato e compartilharam perspectivas comuns nesse âmbito? Além disso: como as características locais foram determinantes na incorporação particular das práticas esportivas em cada região?

Booth (2005) considera que a comparação ajuda os historiadores a

entenderem as características do esporte, suas diferentes funções e significados, a diversidade de fatores que o moldam e influenciam sua participação, além de os sentidos e usos atribuídos a essa prática, sem eleger uma estrutura à priori como modelo. Analisar as práticas esportivas implica colocar-se diante de uma das manifestações culturais mais importantes presentes na sociedade latino-americana; portanto, uma lógica de análise transnacional e comparativa pode fazer emergir concepções férteis e inovadoras sobre este objeto (MELO, 2007).

No caso do referido artigo, as relações entre a particularidade local e uma perspectiva transnacional enfatizam os processos de esportivização. Ao considerar as particularidades geográficas e culturais locais nesse processo, analisamos aquilo que Bale (2003) chama de barreira à difusão dos esportes, marcadas pelos localismos e suas repercussões na prática. Por outro lado, ao trazer à tona um ponto de contato entre os clubes de remo, por ocasião da realização dos Jogos Olímpicos Sul-americanos realizados em 1907¹ compreendemos que há um processo transnacional de difusão dos processos de esportivização, que não necessariamente provém da relação centro-periferia, mas sim das próprias trocas culturais estabelecidas entre os países.

Certamente, existem inúmeras advertências em relação ao uso da comparação como metodologia de pesquisa, como, por exemplo, evitar uma paisagem homogênea entre os elementos de comparação, apagando os elementos particulares sob o manto do global (GORELIK, 2004; BARROS, 2007; PURDY, 2011), além dos anacronismos ou etnocentrismos, provenientes de processos que porventura podem tornar-se hierarquizações das culturas analisadas (THEML, BUSTAMANTE, 2003). Mais especificamente sobre as práticas esportivas da América Latina, Melo (2007, 2017) adverte que as propostas que entrecruzam um olhar transnacional com a metodologia comparada não devem somente fazer uma justaposição de olhares específicos, mas, pelo contrário, buscar, de maneira sistemática, semelhanças e diferenças entre os processos.

Para levar a cabo esse trabalho, contamos com as seguintes fontes de investigação: a) Reportagens de jornais paulistanos e cariocas sobre os eventos de

¹ Esses jogos foram também tema de outras pesquisas, como as de Torres (2006, 2012), Melo e Peres (2016), Amaro (2018) e Moraes e Silva, Policarpe, Medeiros e Quitau (2021).

remo; b) Atas, revistas e relatórios armazenados no acervo do clube Esperia; c) Atas, revistas, livros de regras, programas de regatas e estatutos oficiais dos clubes de remo uruguaios armazenados na Sala Uruguay da Biblioteca Nacional do Uruguai; d) Reportagens do jornal “El Siglo” da cidade de Montevideo. Essas fontes foram selecionadas por conterem narrativas sobre o desenvolvimento do remo nas cidades citadas, bem como por divulgarem informações sobre campeonatos, competições e as respectivas e progressivas mudanças em relação a essa temática.

Em suma, esse trabalho pretende tensionar, por meio das referidas fontes de investigação e de uma metodologia de investigação comparativa, as relações estabelecidas entre essas duas cidades sul-americanas e as possíveis circulações de normas e ideias a respeito do remo, entre o fim do século XIX e princípios do século XX.

O desenvolvimento do remo no contexto paulistano: dos primeiros clubes à criação de federações

A narrativa sobre o desenvolvimento do remo na cidade de São Paulo se inicia no ano de 1899, com a instalação do Clube Esperia. Interessa ressaltar que, antes mesmo da instalação dos clubes de remo em São Paulo, tais práticas já ocorriam na cidade do Rio de Janeiro (MELO, 1999, 2001, 2010b, 2015) e em Porto Alegre (SILVA, 2011, 2015). O remo chegava ao Brasil com novas características, muito mais atreladas às novas relações com o corpo, com a saúde e com outras formas de sociabilidade (MELO, 2009, 2010b). Em São Paulo não foi diferente, e logo nas duas primeiras décadas do século XX mais de vinte clubes ligados às regatas se instalaram na cidade (NICOLINI, 2001; MEDEIROS, 2021; 2022).

O processo de instalação dos clubes foi acompanhado de um crescente aumento na realização de torneios entre tais associações. Antes da fundação de outros clubes de regatas, os atletas do Esperia participaram de torneios internos, ou realizaram disputas com as agremiações de Santos, no litoral paulista (NICOLINI, 2001). Em 1903, Gallotta e Porta (2004) relatam a realização da primeira disputa entre clubes no rio Tietê, e em 1904 houve a primeira disputa entre os clubes da própria cidade:

Club de Regatas S. Paulo

Esta *sympathica* sociedade pretende realizar, brevemente, segundo a que ouvimos dizer, uma esplendida regata, na qual disputar-se-ão diversos pareos, entre os quaes um dedicado ao Club Internacional de Regatas, de Santos, entre *rowers* do Club de Regatas S. Paulo e daquele club e um outro dedicado ao Club Esperia em idênticas condições. (CLUB..., 1904, p. 4)

Esses primeiros eventos realizados pelos clubes eram caracterizados muito mais como festas sociais do que como disputas esportivas, dadas as características mais difusas das práticas e a pouca competitividade observada. Nessas festas, os programas de regatas, além de conter uma breve descrição de como seriam realizados, contavam também com outras competições como “corridas: a pé, com obstáculos, uma interessante corrida com ovo na colher entre senhoritas, esgrima, gymnastica, e outros interessantes sports” (ROWING, 1904a, p. 3). Esses primeiros torneios divulgados nos jornais da cidade não contavam com alguns elementos considerados fundamentais nas práticas esportivas, como por exemplo um consenso em relação à distância que seria percorrida pelas embarcações (ROWING, 1907a). Além disso, os primeiros regulamentos divulgados previam que os clubes poderiam alterar as regras de disputa das regatas se assim fosse necessário, sem aviso prévio aos demais clubes participantes (ROWING, 1907a).

Entretanto, um processo de esportivização dessa prática era engendrado na cidade, rumo a uma crescente especialização da prática, tornando-a mais semelhante às características observadas em nível internacional (GUTTMANN, 2004). Esse processo não se deu de forma linear, mas, pelo contrário, a partir de adaptações, interpretações e recriações das regras, de acordo as possibilidades locais demarcadas no período.

Uma das primeiras marcas desse processo foi a mudança na própria vestimenta da prática: já na segunda regata realizada na cidade, os *rowers* do Club de Regatas S. Paulo passaram a trajar um uniforme, marcado por uma camisa de malha branca, um cinto vermelho e um chapéu branco com fita vermelha (CLUB...; 1904, p.2). Outra questão importante que passa a marcar o remo paulistano é o início da descrição desses eventos nos periódicos, nos quais uma definição mais

detalhada dos elementos da competição, como por exemplo o barco a ser utilizado, a distância a ser percorrida, o horário de realização da prova e a premiação dada aos vencedores começa a ser realizada:

As 2 horas e meia da tarde – *Match em yoles gigs* a 4 remos – 2.000 metros, contra a correnteza – Premio: medalha de prata aos vencedores [...]

As 3 e meia horas da tarde – *Match em yoles gigs* e dois remos – 1.000 metros – medalha de bronze aos vencedores. (ROWING, 1905, p. 5)

Nos anos seguintes, essa tendência se seguiu nas narrativas elaboradas nos jornais. Ao mesmo tempo em que havia um caráter festivo na maioria dos eventos, elementos como a relação de árbitros, a menção dos vencedores e os tempos obtidos pelas embarcações começaram a figurar nas notas divulgadas nos jornais. (ÁS 4..., 1907; O RESULTADO..., 1907). Além disso, no ano de 1910, a prática começou a ser dividida em categorias de acordo com a experiência dos participantes, por meio das nomenclaturas “juniores” e “sênior”, com a finalidade de tornar mais justas as disputas realizadas (A REGATA..., 1910). É possível notar, nesse âmbito, a sofisticação dos detalhamentos elaborados em relação às práticas esportivas, que ganham características que permitiam sua contabilização e a marcação de suas eficácias e medidas, elementos fundamentais no esporte moderno (VIGARELLO, 2002; 2008).

Dentro das categorias mais importantes nesse processo de especialização das práticas esportivas estava a criação de um corpo burocrático, formado especialmente pelos entes federativos. A nível estrutural, Guttmann (2004) considera que a burocratização foi uma das principais características do esporte moderno, fator que possibilitou a especialização das práticas e sua difusão para além de limites territoriais específicos.

No âmbito do remo competitivo brasileiro, a primeira federação voltada à regulamentação do esporte foi a União de Regatas Fluminense, criada em 1895 no Rio de Janeiro e responsável por organizar as regatas dessa localidade. Em 1902, a mesma mudou seu nome para Federação Brasileira das Sociedades de Remo, passando a definir-se como a entidade responsável por controlar as entidades

náuticas do país em relação ao regimento interno, sistemas de disputa e a utilização de embarcações. Além de legislar sobre o remo, essa federação acolhia ainda as práticas de natação e do incipiente polo aquático (MELO, 1999).

Entretanto, São Paulo foi um dos estados que não acatou a jurisdição dessa federação, e resolveu estabelecer suas próprias normativas. Em 1904, os clubes de remo paulistanos e santistas se reuniram para criar a primeira sociedade do estado disposta a regulamentar as competições aquáticas. Estava formada a União Paulista das Sociedades do Remo, que tinha como filiados os clubes paulistanos Esperia e Atlética, e os santistas Internacional, Santista e Saldanha da Gama (ROWING, 1904b). A União foi criada, de acordo com relatório produzido pelo Esperia, pois “corresponde a uma necessidade inadiável, quer para o bom andamento das regatas intersociaes, quer para a escolha uniforme dos typos de embarcações chamadas a concorrer” (CLUB..., 1906, p. 5).

No mesmo ano, o Esperia desligou-se da União, com a justificativa de que não concordava com o fato de que competições previamente marcadas tivessem sido adiadas sem maiores explicações (ROWING, 1904). Dessa forma, o clube paulista voltara a afiliar-se à Federação Brasileira das Sociedades de Remo, definida posteriormente como a instituição que o transformou “de simples club recreativo num util centro verdadeiramente sportivo” (CLUB..., 1906, p. 7).

Em 05 de agosto de 1907, após a solução dos problemas entre os clubes do estado, foi fundada aquela considerada a primeira federação de esportes aquáticos em São Paulo, a Federação Paulista das Sociedades do Remo (FPSR) (FEDERAÇÃO, 1907). Em sua primeira reunião, todos os clubes náuticos do estado estiveram presentes, e ficou resolvido que o regulamento da extinta União Paulista seria utilizado como base para as novas diretrizes adotadas. Também se criou um calendário de competições, com locais, categorias e tipos de embarcação para cada prova (FEDERAÇÃO, 1907). Entre as décadas de 1900 e 1920, a FPSR foi a entidade responsável por organizar todas as competições aquáticas oficiais de São Paulo, incluindo a natação, o polo aquático e os saltos (ornamentais). Isso alterou-se apenas quando a entidade passou por embates a nível nacional, o que ocasionou sua divisão em uma Federação Paulista de Natação, no ano de 1932, e posteriormente a Federação Paulista do Remo, no ano de 1936 (O TIETÊ-S. PAULO,

1936).

Em âmbito nacional, o remo e as atividades náuticas também se organizavam em ligas e federações. Em 1910, a Federação Brasileira das Sociedades do Remo, no Rio de Janeiro, instituiu o Campeonato de Remadores do Brasil, torneio a ser disputado entre as federações estaduais conveniadas (DACOSTA, 2005). Em cidades como Florianópolis (SARTORI, 2013), Belém (DIAS, SOARES, 2014) e Porto Alegre (SILVA, 2011) o remo também ganhava contornos mais esportivos.

A criação das federações e sua crescente especialização significava uma jurisdição mais ampla sobre diversos elementos relacionados à prática, como o uso de uniformes, a eleição de juízes, os materiais utilizados; em suma, do cumprimento do conjunto de regras previamente estabelecido. Um dos elementos que se somavam a essas necessidades era a escolha dos espaços para a realização das provas.

De acordo com Bale (2003), as tendências racionalizadoras marcam a trajetória de homogeneização dos espaços esportivos, qualidade fomentada pelas legislações e regulamentos. Dessa forma, cada vez mais esses espaços começaram a ser pensados de maneira separada, marginais às ações banais da vida cotidiana, para proporcionar igualdade do desempenho e possibilidade de comparação das marcas. Além disso, Vigarello (1988) aponta que esses espaços cada vez mais artificiais foram desenhados para promover vantagens técnicas à prática, gerando uma transformação significativa nas técnicas esportivas.

Ao considerar o processo de esportivização do remo, era de se esperar que esses entes federativos legislassem sobre o espaço da prática, pensado para ser cada vez mais racional e gerar benefícios técnicos. Desde o estabelecimento da União Paulista das Sociedades do Remo, em 1904, houve uma discussão sobre qual seria o melhor lugar para a realização das provas atléticas. De um lado, os clubes paulistanos apontavam o rio Tietê como o espaço mais adequado para a prática, dado que era naquele local que seus remadores praticavam e, portanto, já portavam conhecimentos sobre a velocidade da água e os detalhes do percurso. De outro lado, os clubes de Santos apontavam os benefícios do mar, utilizado também por outros clubes ao redor do país. Além desses dois espaços, a represa de Santo

Amaro, localizada no caminho entre Santos e São Paulo, também figurou como importante lugar de desenvolvimento de provas esportivas nas primeiras décadas do século XX. Essa represa, criada em 1908 como um reservatório de águas da empresa paulistana de energia elétrica *Light*, foi considerada um possível local para a prática, dada sua semelhança com os espaços utilizados ao redor do mundo para provas oficiais (JORGE, 2016).

De certa maneira, nenhum desses lugares foi considerado adequado pelas federações ao longo do período analisado. Segundo aponta Medeiros (2022), todos eles padeciam de um “excesso de natureza”, ou seja, de características que não aproximavam as disputas de uma prática racionalizada e esportivizada, pelo menos não da maneira como os clubes esperavam. Até mesmo com relação ao treinamento as águas do Tietê foram consideradas impróprias, dadas as mudanças nos níveis de águas e suas excessivas curvas.

As análises aqui realizadas apontam para um processo de esportivização bastante particular e incipiente das práticas de remo na primeira década do século XX em São Paulo. Havia uma tendência à esportivização, garantida principalmente pela criação de federações locais em diálogo com as de cunho nacional; ao mesmo tempo, houve a manutenção de práticas e competições de caráter muito mais festivo, especialmente aquelas realizadas no interior dos clubes. Nota-se a ausência, até este momento, de competições que explorassem outras relações, mais amplas, com clubes esportivos de outras localidades. Essa relação se estabeleceu apenas em 1907, com a participação do Clube Esperia nos Jogos Olímpicos Sul-americanos realizados em Montevideú.

Os clubes esportivos de *rowing* de Montevideú: primeiras experiências esportivas

Em 1874 seria inaugurado um dos primeiros clubes esportivos do Uruguai: o Montevideo Rowing Club (MRC) (ARIAS, REISCH, 2004). De acordo com as revistas publicadas pelo clube, sua fundação se deve à chegada na cidade do inglês Frank Chevallier Boutell, remador londrino que, junto ao irmão e outro conterrâneo, sr. Quevedo, firmou as bases e estabeleceu as normas do clube

(FUNDACIÓN..., 1929). É importante considerar que, de forma paulatina e desde a primeira metade do século XIX, houve uma massiva chegada de imigrantes ao Uruguai, especialmente em sua capital, Montevideu, aportando um sem fim de novas experiências, costumes e tradições (CAETANO, 2016). A presença dos estrangeiros também impactou em outros aspectos da vida local, incluindo a adoção de novas práticas e a introdução de novos divertimentos (DUFFAU, PELLEGRINO, 2016). Nesse ínterim, sua influência na constituição e instalação de clubes esportivos foi significativa, desde práticas como o remo e o *cricket* até a instalação dos primeiros clubes de futebol (RODRIGUEZ GIMÉNEZ, SCARLATO, 2015; PRATS, 2018).

Como marco da instalação do clube, um conjunto de leis foi desenvolvido pelos seus fundadores, por meio de um estatuto. A primeira publicação foi feita em inglês, língua materna de seus fundadores. Uma análise desses documentos permite atrelá-lo aos regulamentos de remo produzidos na segunda década do século XIX na Inglaterra, que procuravam estabelecer parâmetros para esta prática, especialmente no que dizia respeito a seu status amador (HALLADAY, 1990; HOLT, 1989). Além da semelhança linguística, o próprio objetivo desse estatuto nos leva a identificar essas relações: as ideias ali contidas procuravam indicar quais pessoas poderiam ser associadas, os materiais que poderiam ser utilizados, além de mencionar as regras sociais que deveriam ser seguidas (RULES..., 1887). Nesse momento inicial, o comitê diretor deveria ser composto por membros anglo-falantes, ainda que não fosse proibida a presença de uruguaios nos quadros competitivos. (RULES...; 1887).

Além dessas diretrizes, esse estatuto procurou, de alguma forma, estabelecer as primeiras regras competitivas em torno do remo no Uruguai, dado que foi esse o primeiro clube a se organizar no país. Tais ordenamentos eram bastante incipientes, mas legislavam sobre o espaço, os dias de prática, os uniformes, as proibições em relação à utilização dos barcos. A realização de provas de regatas deveria ser feita apenas sob a vigilância da comissão do clube, que se via também no direito de estabelecer os regulamentos de cada prova (RULES...; 1887).

Em 1903 outro estatuto foi publicado, com base no anteriormente existente (ESTATUTOS..., 1903). Dessa vez, a publicação foi feita em espanhol, e no primeiro

artigo foi deliberado que este idioma poderia ser utilizado para as reuniões, ainda que a nacionalidade oficial do clube ainda fosse inglesa (ESTATUTOS..., 1903). O novo estatuto, de igualmente ao anterior, legislava sobre as regras internas e sobre as competições, sem muitas diferenças encontradas entre eles no que diz respeito a essas questões (ESTATUTOS...; 1903).

Outro clube de remo se instalou na capital uruguaia, no ano de 1888: o Clube Nacional de Regatas, a partir de dissidentes do próprio MRC (CLUBS..., 1929). Em seu estatuto, republicado em 1910, ficam claras as intenções da entidade de fomentar e desenvolver o remo esportivo entre a população montevideana. Assim como nos primeiros estatutos do MRC, houve a tentativa de legislar não apenas sobre os usos de botes e materiais do clube, mas também sobre as próprias competições. Todo o capítulo IV do documento foi destinado às regatas, onde foram descritas as regras gerais para a realização de provas internas, nacionais e internacionais (ESTATUTOS...; 1910). Dessa forma, pode-se afirmar que nas primeiras décadas da prática do remo em Montevideu a definição das regras competitivas se deu dentro dos estatutos particulares de cada clube. Essas informações, ainda que não fossem públicas e de acesso a todos os remadores da cidade, acabavam permeando a estruturação das competições realizadas, a partir de apropriações e adaptações do que era indicado em cada uma dessas entidades.

Outro elemento desenvolvido de maneira detalhada no estatuto foi o *status* amador dos praticantes do remo. Holt (1989) aponta que o conceito de amadorismo, cunhado na Inglaterra no momento em que as bases morais do esporte se definiam, se estabeleceu através de princípios muito claros (como a oposição aos lucros esportivos e às apostas) e envolveu uma administração distintiva das estruturas do *ethos* dos participantes. Dessa forma, com a criação de corpos associativos para a regulação da prática esportiva, houve toda uma gama de procedimentos desenvolvidos para frear aquilo que era considerado inapropriado. No cerne da formação das primeiras associações remeiras, o amadorismo esteve no centro do debate, sendo proclamado como a chave moral desta prática (HALLADAY, 1990).

As adaptações, recriações e recepções que envolveram a chegada e o estabelecimento das práticas esportivas na América Latina envolvem também a

recepção de ideias morais e estruturais do esporte, como é o caso do amadorismo. No estatuto do Clube Nacional de Regatas, essa estrutura se objetiva no capítulo VII:

De los remeros

Art 62. No será considerado remero o timonel aficionado:

A. El marinero, profesor de remo o constructor de botes.

B. El que alguna vez haya corrido en una competencia abierta por dinero.

C. El que á sabiendas haya competido con o contra un profesional, por algún premio (ESTATUTOS...; 1910, p.15)

Com base nesses estatutos internos, o primeiro torneio de remo esportivo disputado no Uruguai foi realizado pelo MRC, no ano de 1874, para celebração da inauguração de seu primeiro prédio social para associados (HISTORIAL...; 1974). Nos anos que se seguiram, foram disputados outros torneios internos no clube, até que, em 1880 se realizaram as primeiras regatas internacionais (FUNDACIÓN..., 1929), contra equipes argentinas.

A própria história de fundação do MRC está atrelada ao Buenos Aires Rowing Club. Desde a publicação do primeiro estatuto (RULES...; 1887) já se apontava a fraternidade entre os dois clubes, como se o MRC fosse uma sede do clube argentino em terras uruguaias. É assim que as primeiras competições interclubes, realizadas no Uruguai, ocorreram contra remadores argentinos.

Além disso, é necessário considerar também que o espaço de fronteira entre Uruguai e Argentina é determinante na elaboração da própria construção nacional de cada um desses países (BENEDETTI, 2015). Ao longo do tempo, ele foi importante na construção de territórios nacionais e, ao mesmo tempo, estabeleceu as próprias definições de país, especialmente no caso uruguaio (CAETANO, 2016). A proximidade e a importância das relações uruguaio-argentinas também se davam a nível de trocas culturais, e a prática do remo demonstra essa aproximação, especialmente por se tratar de um esporte que depende da água – via mais fácil de acesso entre Buenos Aires e Montevideo.

Nas décadas que se seguiram, inúmeras disputas se deram contra os argentinos, não apenas do Buenos Aires Rowing Club, mas também contra outras

equipes que surgiam no país vizinho, como o Club Regatas la Marina e Tigre Boat Club (HISTORIAL..., 1974). É possível considerar, portanto, que o estabelecimento do remo no país, com suas regras e regulamentos, além de considerar as indicações provenientes dos estatutos ingleses, estabelecia uma circulação de sentidos com os clubes argentinos, que se tornavam, nesse momento, os principais adversários das associações de Montevideú.

Alguns anos depois do estabelecimento dos dois principais clubes da capital, seus diretores se reuniram para criar a primeira Unión de Remeros do País (UNIÓN...; 1907). No documento de criação da entidade é possível perceber claramente a tentativa de entrecruzar elementos presentes nos estatutos de cada um dos clubes com o objetivo de elaborar um ente regulador para a prática em todo o Uruguai. No documento da federação há determinações com relação à proibição das apostas, delimitação do caráter estritamente amador e estabelecimento de quais remadores poderiam participar dos certames. Além disso, legislavam também sobre os barcos, provas, uniformes e categorias de competição (UNIÓN...; 1907).

As novidades trazidas por essa entidade se centraram em elementos mais descritivos sobre a organização dos certames. Em relação às competições, foram definidas as provas a serem disputadas – de acordo com as provas internacionais do momento – além da relação entre o peso do bote e da tripulação. Foi estabelecida também a quantidade de juízes presentes em cada prova, bem como a delimitação das raias a serem utilizadas (UNIÓN...; 1907). Um artigo em particular descrevia especificamente as regatas internacionais: “cuando en las regatas Internacionales tomen parte Clubs no afiliados á la Unión de Remeros del Uruguay, estos tendrán derecho a designar dos delegados oficiales que acompañaran á los Jueces de Cancha y de llegada” (UNIÓN, 1907, p. 7). Até este momento, as competições internacionais realizadas contra os clubes argentinos eram regidas pelos entes federativos desse país, que já tinham estatutos próprios organizados desde 1893 (FUNDACIÓN...; 1929). Com essa regulamentação, os clubes uruguaios previam a presença de seus próprios delegados nas competições, fortalecendo sua organização institucional e colocando em igualdade as perspectivas regulamentárias. Bale (2003) afirma que, de um ponto de vista geográfico, foi a

normatização das regras que permitiu o estabelecimento de competições significativas; aqui se vê que foi essa ampliação das normas que permitiu um ponto de contato entre os remadores da Argentina e do Uruguai.

Essa não foi a única organização de fiscalização e organização das regras do remo no Uruguai. A Unión de Remeros perdurou entre 1907 e 1909 e depois voltou a organizar as práticas entre os clubes entre 1912 e 1918 (RESEÑA...; 1929). No ano de 1922 foi criada a Federação Uruguaia de Remo que, desde então, organiza a níveis institucionais a prática do remo no país (FUNDACIÓN...; 1929).

É possível perceber, portanto, uma organização institucional desenvolvida com base em dois parâmetros: primeiro, em relação aos estatutos dos clubes de remo ingleses, que apregoavam a necessidade do amadorismo como elemento central da constituição das agremiações. Na sequência, as experiências internacionais fizeram com que esse momento inicial de organização dos clubes, que previam as regras de competição de maneira interna, fossem refletidos na criação de uma União, que, ao mesmo tempo em que tomava as legislações anteriores para criar suas normas, elaborava um corpo burocrático local para a fiscalização dos eventos internacionais.

Todas essas temáticas foram colocadas à prova na elaboração dos Jogos Olímpicos Sul-Americanos de 1907, que contaram com um fator diferenciado: a presença de um clube brasileiro em raias uruguaias.

Os Jogos Olímpicos Sul-Americanos de 1907: primeiros indícios de uma esportivização transnacional do remo

Torres e Sotomayor (2020) corroboram a existência de uma esfera esportiva consolidada na América Latina desde fins do século XIX, o que auxiliou em uma aproximação com o movimento olímpico que se desenvolvia em esfera internacional. Os autores afirmam que esse processo pode ser pensado tanto a nível de participação nos jogos mundiais quanto no desenvolvimento de jogos de caráter regional. De acordo com Amaro (2018) e Moraes e Silva, Policarpe, Medeiros, Quitau (2021), tais eventos esportivos começaram a ser desenvolvidos já nos princípios do século XX na Argentina (1909, 1910, 1912 y 1918); Paraguai

(1909 y 1911); Peru (1918) e Chile (1906, 1907, 1908, 1909 y 1919). Esses eventos culminaram na organização de competições em 1922, realizadas no Brasil, que tiveram o aval do Comitê Olímpico Internacional pela primeira vez.

Os jogos uruguaios de 1907 estão marcados dentro dessa perspectiva mais ampla. Eles foram programados para celebrar festividades do governo uruguaio, e contavam, portanto, com apoio irrestrito do poder executivo. A ideia era elaborar jogos inspirados nas festividades olímpicas de Pierre de Coubertin para celebrar a prática esportiva no país (SPORTS..., 1907). Mais do que isso, é possível notar que havia o intuito de aumentar os níveis competitivos, e, ao mesmo tempo, mostrar as bases da celebrada organização esportiva uruguaia para outros países².

Moraes e Silva, Policarpe, Medeiros, Quitzau (2021) afirmam que o evento contou com provas de atletismo, boxe, concursos hípicas, corridas de bicicleta, esgrima, futebol, ginástica, natação, futebol, remo, saltos ornamentais e tênis. Clubes remeiros cariocas e paulistanos foram convidados para a participação no evento através da Federação Brasileira das Sociedades do Remo, de acordo com fontes dos jornais brasileiros (CLUB..., 1907; ROWING..., 1907c). Em modalidades como o futebol, houve a tentativa de organização de quadros que envolvessem atletas cariocas e paulistas, o que acabou não se concretizando (DISPOSIÇÕES..., 1907). No remo, a situação foi muito mais de rivalidade do que de cooperação.

De maneira geral, enquanto os clubes paulistanos se organizavam para a participação no evento, os cariocas encontravam mais resistência e dificuldade, a ponto de serem criticados pelos periódicos locais:

Nos gerou grande admiração que em São Paulo o desporto seja tratado com mais interesse do que na capital do país, pois pensávamos que o maior participante deveria ser o Rio de Janeiro, mas ainda não tínhamos conhecimento desta competição, que recebe inscrições de todos os países da América do Sul. Das duas uma: ou essa Liga dos Jogos Olímpicos não conhece a capital do Brasil, ou os nossos centros desportivos não cuidam do interesse real que têm (JOGOS..., 1907, p.3).

Moraes e Silva, Policarpe, Medeiros, Quitzau (2021) sinalizam que esse

² Essa organização se consolidaria, alguns anos mais tarde, com a criação da Comissão Nacional de Educação Física (CNEF) e seu subsídio estatal – tanto a nível financeiro quanto burocrático – que era ofertado aos clubes esportivos no país (MATSUO, 2020).

debate localizado nos jornais brasileiros apontava para uma disputa entre os clubes paulistas e cariocas, mostrando que, em certa medida, ambos tinham interesse de participar do evento internacional e, desta forma, ampliar sua margem de ação em relação à esta prática. Entretanto, apesar das disputas engendradas dentro do esporte a nível nacional, apenas os representantes paulistas participaram das provas de remo, tendo os cariocas participado apenas de eventos de natação e atletismo:

Com o propósito de participar dos Jogos Olímpicos a serem realizados no dia 10 do corrente mês em Montevideú, se embarcou [...] uma tripulação do Club Speria [...]. Foram á estação da Luz a despedir os valentes jovens o presidente e demais membros da diretiva do próprio Club. Que o esforço dos remeiros se veja coroado por um brilhante triunfo, é o que desejamos sinceramente (ROWING, 1907b, p.3)

O evento contou com a organização da Comissão dos Jogos Olímpicos uruguaia, conformada nesse momento para a elaboração das distintas disputas. No que diz respeito ao remo, foram disputadas 12 regatas, envolvendo: Club Remeros de Paysandu³, Montevideo Rowing Club, Club Nacional de Regatas e o Clube Esperia. Essas provas foram disputadas em categorias convencionais, para júnior e sênior, além de duas especiais: *Half outrigger* com dois remos largos e uma com doze remos (REGATAS..., 1907).

A participação do Esperia se deu apenas na categoria especial (*Half outrigger*) e em uma extra, realizada em botes de passeio, para remeiros que não houvessem ganho regatas internacionais ou nacionais até aquele momento (REGATAS, 1907). Torna-se importante salientar as particularidades da participação da equipe paulistana no evento. Além do fato dos atletas terem participado apenas de duas categorias, nenhuma delas era oficial dentro da programação proposta. Ademais, a disputa nessa prova especial se deu contra o Club de Remeros Paysandú, e nenhuma das duas agremiações de Montevideú participou da prova.

No jornal Correio Paulistano, no dia seguinte à disputa, foi anunciada a

³ Clube do interior do país, da região litoral norte, fundado em 1901 e que, até esse momento, não havia participado de regatas oficiais disputadas em Montevideú.

vitória do Esperia na disputa de uma das categorias: “Se realizou ontem em Montevideo, nos torneios dos Jogos Olímpicos, a competição de regatas yole-gigs, na qual participou o barco paulista do Club Esperia dessa capital [...]. Ontem pela tarde a direção do clubes recebeu o seguinte telegrama: mar bravíssimo. Vencemos a disputa do yoge-gigs” (CLUB..., 1907, p.4).

A partir da análise dessa notícia, podemos analisar alguns pontos em relação à regulamentação e esportivização da prática do remo. Em primeiro lugar, nota-se que o Esperia, apesar da longa viagem realizada para participar do evento internacional, não esteve presente nas principais categorias de competição, apenas marcando presença nas especiais. A descrição no jornal Correio Paulistano também reflete esse detalhe: foi anunciada a vitória em uma categoria não existente no certame internacional, nos levando a identificar a adaptação que foi feita na narração, trazendo a vitória para uma categoria já conhecida pelas equipes locais. Em suma, é possível perceber que a nomenclatura das provas disputadas e os tipos de barco não eram semelhantes nos dois países, o que exigiu algumas adaptações das regras no momento da competição.

Apesar dessas questões, a participação do Esperia no evento internacional gerou um fato novo no clube. De acordo com memórias da agremiação, publicadas algum tempo depois, foi a partir dessa primeira participação internacional que os dirigentes desse esporte se voltaram a pensar na necessidade de novas categorias e embarcações, mais relacionadas às normativas internacionais (AS NOSSAS..., 1934). De igual maneira, para os clubes montevidianos, a presença do clube brasileiro operou a necessidade de criação de uma nova categoria, diferente daquelas que os clubes da capital uruguaia disputavam.

Em síntese, a participação brasileira no evento internacional gerou algumas tensões, tanto para as equipes montevidianas quanto para as brasileiras. De acordo com Autor (2021), essas foram as primeiras aventuras esportivas internacionais dos clubes brasileiros, que passaram por uma revisão de suas práticas e leis para enquadrarem-se nas normas ali aplicadas. Nota-se que havia pontos de desencontro nos entes normativos, o que aponta para as adaptações locais na regulamentação, como aquelas apresentadas por Krüger (2015). Entretanto, o contato internacional permitiu a circulação de algumas lógicas entre

os participantes e, especialmente no caso brasileiro, serviu para a alteração de algumas regras. Há, de maneira inequívoca, uma rede compartilhada em relação aos sentidos da esportivização da prática do remo entre os dois países sul-americanos, e que merecem ser aprofundadas futuramente.

Conclusões

Nesse artigo, evidenciamos o processo de construção de normas e regulamentos por parte dos clubes de remo paulistanos e montevideanos. A utilização da história comparada operacionalizou uma metodologia que tornou possível analisar a natureza da formação do esporte, evidenciando os pontos de contato e de distanciamento entre as questões analisadas. (BOOTH, 2005; MELO 2007).

Em cada uma das cidades houve o desenvolvimento da prática do remo competitivo de acordo com suas características locais. Em São Paulo, além das questões geográficas definidas pelo espaço destinado à prática, houve um intenso debate entre as federações locais e nacionais no que tange à definição das práticas e suas regras. Em Montevideú, a construção das lógicas normativas se deu, à priori, com apoio nos estatutos de cada uma das agremiações; entretanto, ao verem-se em disputas com clubes argentinos, logo se fez necessária a criação de uma federação para regular a prática no país. Essas análises detalhadas nos levam a corroborar os escritos de Maguire (2015) sobre os processos de esportivização, que, ao mesmo tempo em que convergem para a criação de lógicas comuns entre as práticas, dentro do amplo espectro do que significa esporte, também se valem de adaptações locais para seu estabelecimento.

De maneira similar, as definições regulatórias do remo passaram por um ponto de contato entre os clubes uruguaios e brasileiros, durante os Jogos Olímpicos Sul-americanos realizados em Montevideú, em 1907. Essa foi a primeira experiência internacional do remo paulistano que, por não possuir barcos e remadores adequados, acabou não participando das principais regatas do certame. Igualmente, se os clubes uruguaios já possuíam experiências internacionais pelas disputas realizadas contra os argentinos, as nomenclaturas também foram

adaptadas no evento, além do fato de que nenhum dos dois clubes da capital participou da regata especial criada para os paulistas. Em síntese, foi possível perceber nesse evento uma nova relação que surgia na prática do remo, que revisitava as normas, categorias e nomenclaturas das práticas nos dois países. Pode-se afirmar que esse contato transnacional do remo gerou novas possibilidades de realização dessa prática em níveis locais.

Dessa forma, essa pesquisa comparada explora novas relações nas práticas esportivas sul-americanas e, em certa medida, corrobora os esforços iniciais de Melo (2017) ao reafirmar que há pontos de contato nas lógicas da construção das práticas esportivas locais na América Latina, que não necessariamente advêm das relações centro-periferia, mas que são construídas e constituídas em níveis transnacionais mais amplos.

Referências bibliográficas

AMARO, Fausto. Os diversos usos de jogos olímpicos na imprensa carioca nas décadas de 1890 a 1910. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v.7, n.1, 195-212, 2018.

A REGATA de ontem. **Correio Paulistano**, São Paulo, n. 16768, p. 4, 11 abr. 1910.

ARIAS, Carlos; REISCH, Matilde. Movimiento clubista y desarrollo deportivo en el Uruguay. **Revista NEXO Sport**, Montevideo, p. 5-13, mar. 2004.

ÁS 4 e meia horas da tarde. **Correio Paulistano**, São Paulo, n. 15758, p. 5, 29 jun. 1907.

AS NOSSAS realizações. **Esperia – Revista Mensal do Club Esperia**, São Paulo, ano 6, n. 7 e 8, p. 16, set./out. 1934

BALE, John. **Sports Geography**. Londres: Taylor & Francis e-Library, 2003.

BARROS, José. História comparada: um novo modo de ver e fazer a história. **Revista de História Comparada**, v.1, n.1, p. 1-30, jun./2007.

BENEDETTI, Alejandro. The Argentina-Uruguay border space: a geographical description. **Frontera Norte**, v. 27, n. 53, p. 35-61, jan/jul 2015.

BOOTH, Douglas. **The field: truth and fiction in sport history**. New York: Routledge, 2005.

BOOTH, Douglas.; ADAMS, Carly.; PHILLIPS, Murray. New perspectives on old themes. In: PHILLIPS, Murray, et al. **The Routledge handbook of sport history**, p.93-99, 2022.

BROWN, Matthew. Cycling in South America, 1880-1920. **Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura**, v. 48, n. 1, p. 287-325, 2021.

CAETANO, Geraldo. Las claves del período. In: CAETANO, Geraldo. **Uruguay: reforma social y democracia de partidos**. Montevideo: Editorial Planeta S.A., 2016, p.15-33.

CLUB de natação e regatas. **Jornal do Brazil**, Rio de Janeiro, p. 5, 21 mar. 1907.

CLUB de Regatas de S. Paulo. **Correio Paulistano**, São Paulo, n. 14724, p. 4, 9 ago. 1904.

CLUB ESPERIA S. PAULO. **Relatório da directoria**. São Paulo: Tipografia Brazil de Carlos Gerke, p. 7, 1906.

CLUB ESPERIA. **Correio Paulistano**, São Paulo, n. 15648, p. 4, 11 mar. 1907.

CLUBS surgidos de nuestras filas. **Revista Mensual del “Montevideo Rowing Club”**, ano 1, n. 4, abr. 1929, p.13.

DISPOSIÇÕES gerais. **Jornal do Brazil**, Rio de Janeiro, p.4, 25 fev. 1907.

DUFFAU, Nicolás; PELLEGRINO, Adela. Población y sociedad. In: CAETANO, Geraldo. **Uruguay: reforma social y democracia de partidos**. Montevideo: Editorial Planeta S.A., 2016, p.187-236.

FEDERAÇÃO paulista do remo. **Correio Paulistano**, São Paulo, n. 15796, p. 4, 6 ago. 1907.

DACOSTA, Lamartine. (org.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Shape, 2005.

DIAS, Douglas C.; SOARES, Carmen L. Entre velas, barcos e braçadas: Belém no espelho das águas (do final do século XIX à década de 1920). **Projeto História**, v. 49, p. 19-49, 2014.

ELIAS, Norbert. A gênese do desporto: um problema sociológico. In: ELIAS, Norbert (org.). **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, p.187-222, 1985.

ESTATUTOS y reglamento interno del “Montevideo Rowing Club”. **Montevideo Rowing Club**. Montevideú: Establecimiento tip. l’Italia al Plata, 1903.

ESTATUTOS del Club Nacional de Regatas. **Club Nacional de Regatas**. Montevideú: Tipografía y litografía oriental, 1910.

FUNDACIÓN del “Montevideo Rowing Club”. **Revista Mensual del “Montevideo Rowing Club”**, ano 1, n. 4, abr. 1929, p.1

GALLOTTA, Brás C.; PORTA, Paula. Cronologia: 1890-1954. In: PORTA, P. (org.). **História da cidade de São Paulo**. São Paulo: Paz e Terra, p. 603-617, 2004

GORELIK, Adrián. El comparatismo como problema: una introducción. **Prismas**, v.8, n.8 p. 121-128, 2004.

GUTTMANN, Allen. **From ritual to record: the nature of modern sports**. New York: Columbia University Press, 2004.

HALLADAY, Eric. **Rowing in England: a social history. The amateur debate**. Manchester: Manchester University Press, 1990.

HISTORIAL de Remo. **Montevideo Rowing Club**, 1974.

HOLT, Richard. **Sport and the British: a modern History**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

JOGOS olympicos em Montevideo. **O século**, Rio de Janeiro, p.3, 19 fev. 1907.

JORGE, Janes. A represa do Guarapiranga e os esportes na região de São Paulo (1905-1963). In: SOARES, Carmen L. **Uma educação pela natureza. A vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana**. Campinas/SP: Autores Associados, 2016, p. 181-206.

KING, C. Richard. Epilogue: colonial legacies, postcolonial predicaments. **The International Journal of the History of Sport**, v.26, n.16, p. 2447-2449, 2009.

KOCKA, Jürgen. Comparison and beyond. **History and theory**, v.42, p. 39-44, fev. 2003

KRÜGER, Michael. Global perspectives on sport and movement cultures: from past to present – modern sports between nationalism, internationalism, and cultural imperialism. **The International Journal of the History of Sport**, v.32, n.4, p. 518-234, 2015.

LOUDCHER, Jean-François. Processo civilizador e transformações sociais: uma análise das teorias elisianas em relação às ciências sociais do esporte. **História: Questões & Debates**, v. 68, n. 2, p. 14-36, 2020.

MAGUIRE, Joseph. Sociology of Sport. In: MAGUIRE, Joseph (org). **Social Sciences in Sport**. Londres: Human Kinetics, 2014, p. 91-107.

MATSUO, Shunsuke. Sport policy, the YMCA, and the early history of Olympism in Uruguay. In: TORRES, Cesar; SOTOMAYOR, Antonio (org.). **Olimpismo: the Olympic movement in the making of Latin America and the Caribbean**. Fayetteville: The University of Arkansas Press, 2020, p. 3-12.

MEDEIROS, Daniele. **Entre esportes, divertimentos e competições: a cultura física nos rios Tietê e Pinheiros (São Paulo, 1899-1949)**. 2021. 226p. Tese (doutorado), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

MEDEIROS, Daniele. O processo de esportivização do remo na cidade de São Paulo (1899-1949). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 44, p. e009221, 2022.

MELO, Victor A. O mar e o remo no Rio de Janeiro do século XIX. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, n. 23, p. 41-60, 1999.

MELO, Victor A. **Cidade sportiva: o turfe e o remo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará; FAPERJ, 2001.

MELO, Victor A. Por uma história comparada do esporte: possibilidades, potencialidades e limites. **Movimento**, v.13, n.3, p. 11-41, set/dez. 2007.

MELO, Victor A. Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil. In: PRIORE, M. D.; MELO, V. A. (org.) **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2009.

MELO, Victor A. Apontamentos para uma história comparada do esporte: um modelo heurístico. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v.24, n.1, p. 107-120, jan/mar. 2010a.

MELO, Victor A. Esporte, cidade e modernidade: Rio de Janeiro. In: MELO, Victor A. **Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro, RJ: Apicuri, 2010b, p. 19-48.

MELO, Victor A. O sport em transição: Rio de Janeiro, 1851-1868. **Movimento**, v. 21, n. 2, p. 363-376, 2015.

MELO, Victor A. History of sport in Brazil and South America: visibility for new looks. **The International Journal of the History of Sport**, v.34, n.5-6, p. 399-404, 2017.

MELO, Victor Andrade; PERES, Fabio de Faria. Primeiros ventos olímpicos em terras tupiniquins. **Revista USP**, n. 108, p. 39-48, 2016.

MORAES E SILVA, Marcelo; MEDEIROS, Daniele, QUITZAU, Evelise; LEVORATTI, Alejo. Similitudes y diferencias en la historiografía del deporte en Brasil y Francia: un diálogo con “Histoire du sport” de Thierry Terret. **Anuario de la Escuela de História**, v. 33, p. 1-32, 2020.

MORAES E SILVA, Marcelo; POLICARPE, Cyril; MEDEIROS, Daniele, QUITZAU, Evelise. Primeras aventuras deportivas internacionales brasileñas: una mirada de la prensa sobre los Juegos Olímpicos Sudamericanos de 1907 (Montevideo/Uruguay. **Cuadernos Del Claeh-Centro Latinoamericano De Economía Humana**, v. 40, p. 67-84, 2021.

NICOLINI, Henrique. **Tietê: o rio do esporte**. São Paulo, SP: Phorte, 2001.

O RESULTADO dos diversos páreos. **Correio Paulistano**, São Paulo, n. 15759, p. 4, 30 jun. 1907.

O TIETÊ-S. PAULO venceu a 1.a Regata da Federação Paulista de Remo. **A Gazeta -**

Caderno esportivo, São Paulo, ano 10, p. 11, 20 jul. 1936.

ORTIZ, Renato. Estudios culturales, fronteras y traspasos: una perspectiva desde Brasil. **Renglones**, v. 53, p. 44-50, mar.abr/ 2003.

POPE, S. W. The origin and diffusion of modern sport. In: PHILLIPS, Murray, et al. **The Routledge handbook of sport history**, p.100-109, 2022.

PRATS, Luis. **Montevideo, la ciudad del fútbol. Historia de barrios, clubes, canchas y estadios**. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2018.

PURDY, Sean. A história comparada e o desafio da transnacionalidade. **Revista de História Comparada**, v.6, n.1, p. 64-84, 2012.

QUITZAU, Evelise Amgarten. Sport in Uruguay at the Beginning of the Twentieth Century: A Perspective from the Countryside. **The International Journal of the History of Sport**, v. 36, n. 11, p. 982-997, 2019.

REGATAS internacionales. Bajo los auspicios de la Comisión de Juegos Olímpicos, 1907.

RESEÑA de los resultados de las Regatas Internacionales celebradas en Montevideo. **Revista Mensial del "Montevideo Rowing Club"**, ano 1, n.3, mar. 1929, p. 14.

RODRIGUEZ GIMENEZ, Raumar; SCARLATO, Inés. Historia del deporte en Uruguay: consideraciones sobre un campo incipiente. In: MELO, Victor A. **O esporte no cenário Ibero-Americano**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2015, p. 147-158.

ROWING. **Correio Paulistano**, São Paulo, n. 14828, p. 2, 21 nov. 1904a.

ROWING. **Correio Paulistano**, São Paulo, n. 15456, p. 5, 29 ago. 1904b.

ROWING. **Correio Paulistano**, São Paulo, n. 14897, p. 2, 30 jan. 1905.

ROWING. **Correio Paulistano**, São Paulo, n. 15758, p. 5, 29 jun. 1907a.

ROWING. **Correio Paulistano**, São Paulo, n. 15648, p. 3, 11 mar. 1907b.

ROWING: Jogos Olympicos. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 6, 01 mar. 1907c.

RULES and Bye-Laws. **Montevideo Rowing Club**. Montevideo: La tribuna popular, 1887.

SARTORI, Carina. **Na alvorada de um sport**: o remo na ilha de Santa Catarina. 2013. 140p. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, 2013.

SILVA, Carolina F. **O remo e a história de Porto Alegre, Rio Grande do Sul**: mosaico de identidades culturais no longo século XIX. 2011. 151p. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. 2011.

SILVA, Carolina F. **Esportes náuticos e aquáticos no Rio Grande do Sul, Brasil**: a esportivização e contatos culturais nos clubes. 2015. 263p. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2015.

SPORTS – Las regatas del domingo. **El Siglo**, 12 mar. 1907, p. 5

TAYLOR, Matthew. Sport, transnationalism and global history. **Journal of Global History**, v.8, p. 199-208, 2013.

TERRET, Thierry. **Histoire du Sport**. Paris: Presses Universitaires Françaises, 2019.

THEML, Neyde; BUSTAMANTE, Regina M. C. História comparada: olhares plurais. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 29, n.2, p. 7-22, dez. 2003.

TORRES, Cesar R. The Latin American 'olympic explosion' of the 1920s: causes and consequences. **The International Journal of the History of Sport**, v. 23, n. 7, p. 1088-1111, 2006.

TORRES, Cesar. **Jogos Olímpicos Latino-Americanos: Rio de Janeiro 1922**. Manaus: Confederação Brasileira de Atletismo, 2012.

TORRES, Cesar; SOTOMAYOR, Antonio. Introduction. In: TORRES, Cesar; SOTOMAYOR, Antonio (org.). **Olimpismo: the olympic movement in the making of Latin America and the Caribbean**. Fayetteville: The University of Arkansas Press, 2020, p. 3-12.

UNIÓN de remeros del Uruguay. **Estatutos, reglamentos y ley de carreras de botes**. Montevideo: imprenta de Dornaleche y Reyes, 1907.

VIGARELLO, George. **Une histoire culturelle du sport** : Techniques d'hier... Et d'aujourd'hui. Paris : Éditions Robert Laffont S.A., 1988.

VIGARELLO, George. **Du jeu ancien au show sportif** : la naissance d'un mythe. Paris: Éditions Seuil, 2002.

VIGARELLO, George. Treinar. In: CORBIN, Alain et. al. (org.). **História do corpo 3: as mutações do olhar: o século XX**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 197-254

Recebido: 27/11/2022
Aprovado: 13/12/2023

IDENTIDADE, FUTEBOL E POLÍTICA: TRAJETÓRIA DO FUTEBOL EM CRICIÚMA

IDENTITY, FOOTBALL AND POLITICS: TRAJECTORY OF FOOTBALL IN CRICIÚMA

Michele Gonçalves Cardoso
Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc
michelegc@unesc.net

João Henrique Zanelatto
Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc
jhz@unesc.net

Emerson César de Campos
Universidade do Estado de Santa Catarina – Udesc
ecdcampos@yahoo.com.br

Resumo: Nacionalmente, o Criciúma Esporte Clube é considerado um dos principais times de futebol de Santa Catarina. Entretanto, Criciúma e o sul catarinense, de modo geral, foram marcados pela quantidade significativa de clubes de futebol amador. Na cidade, uma singularidade foi a constituição de times de futebol ligados às empresas de mineração (atividade econômica predominante em boa parte do século XX). Criciúma foi marcada, também, desde o final do século XIX e ao longo do XX, por receber migrantes provenientes de outros países e de outros Estados. Assim, entrelaçando futebol, política e identidade, o artigo buscou abordar duas identidades cunhadas na cidade: a “força do carvão” e a “força da imigração”, percebendo, ainda, como o futebol se configurou como um elemento central nesse processo.

Palavras-chave: Futebol; Criciúma; Identidade.

Abstract: Nationally, Criciúma Esporte Clube (located in the south of Santa Catarina) is considered one of the main soccer teams in Santa Catarina. However, Criciúma and the South of Santa Catarina in general were marked by the significant amount of amateur football clubs. In Criciúma, a singularity was the constitution of soccer teams linked to mining companies (predominant economic activity in most of the 20th century). The city was also marked, since the end of the 19th century and throughout the 20th century, for receiving migrants from other countries and other states. Thus, intertwining football, politics and identity, the article sought to address the two identities: “coal force” and “immigration force” that sought to be hegemonic in the city and how football became a central element in this process.

Keywords: Football; Criciúma; Identity.

Introdução

O presente artigo busca evidenciar as relações presentes entre o futebol, a política e os projetos identitários a partir do sul catarinense, especialmente, do município de Criciúma. Pretende-se observar a singularidade da constituição de clubes de futebol ligados às empresas de mineração de carvão e suas relações com o discurso identitário fundamentado nos fluxos migratórios do final do século XIX. Assim, há que se abordar as duas identidades cunhadas na cidade: a “força do carvão” e a “força da imigração”, percebendo como o futebol se configurou como um elemento central nesse processo. Para tal, fundamentou-se esse escrito a partir de uma revisão bibliográfica a respeito da temática, e, ainda, a consulta a algumas fontes documentais relacionadas ao tema.

Em Criciúma, ao longo do século XX, configuraram-se duas forças sociopolíticas que disputaram a hegemonia no controle da cidade: a “força dos imigrantes europeus” e a “força do carvão¹”. Na narrativa presente na historiografia “local tradicional²”, o núcleo colonial de Criciúma foi fundado em 1880 por imigrantes italianos. Alguns desses imigrantes teriam vindo com capital financeiro e aplicado no comércio, passando, assim, a exercer o domínio econômico e político da colônia, que, por ação desse grupo, em 1925, tornou-se emancipada politicamente.

A “força do carvão” foi se configurando a partir da década de 1920, com a intensificação da exploração do minério em decorrência da Primeira Guerra Mundial. A imagem de riqueza e de progresso criada em torno da exploração do carvão atraiu não somente os interesses dos grupos da região, sejam eles lusos ou imigrantes, mas, especialmente, empresários de outros Estados, bem como o governo federal, principalmente no pós-1930. A exploração do carvão provocou significativas mudanças socioeconômico-político-culturais em toda a região sul catarinense, para além de Criciúma.

¹ Reflexão sobre as forças sociopolíticas de Criciúma e região, ver: ZANELATTO, João Henrique. **De olho no poder**: o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na era Vargas. Criciúma, SC: Ediunesc, 2012.

² Usamos a noção de história local tradicional a partir da classificação feita por WOLFF, Cristina Scheibe. *Historiografia catarinense: uma introdução ao debate*. *Revista Catarinense de História* - n. 2, pp. 5-15, 1994.

A “força dos imigrantes europeus” e a “força do carvão” marcaram a identidade da cidade ao longo do século XX; rivalizaram, disputaram o poder e estiveram juntas. Um dos espaços de expressão dessas duas forças identitárias foi o futebol. Assim, este escrito foi dividido em três seções: a) a primeira se configura no pós-1930, e busca apontar a hegemonia da identidade do carvão expresso no futebol amador, com os times vinculados às mineradoras; b) a segunda seção marca o processo de profissionalização do futebol, com ênfase em dois clubes - Metropol e Comerciário, e as disputa das duas forças - a do carvão, consolidada e representada pelo Metropol, e a da imigração, representada pelo Comerciário (1947 - 1978); c) por fim, evidencia-se o processo de invenção da cidade, das etnias e a criação do Criciúma Esporte Clube para unificar as torcidas, o que marca, portanto, marcar a hegemonia da identidade da imigração.

Uma cidade, vários times: a hegemonia da identidade do carvão

Criciúma está localizada no sul de Santa Catarina. A região, que territorialmente pertencia ao município de Araranguá, recebeu diferentes levas migratórias em fins do século XIX. A partir da chegada de imigrantes italianos, alemães e poloneses, foi se desenvolvendo como um pequeno núcleo colonial, que, oficialmente, teria sido fundado em 6 de janeiro de 1880. Antes da chegada desses europeus, a região era habitada por indígenas e por algumas famílias que migraram de núcleos litorâneos, que, de modo esparso, ocupavam o território. Essa ocupação ocorria nas proximidades das estradas que ligavam Urussanga a Araranguá - caminhos utilizados inclusive pelos tropeiros. A chamada Vila de São José de Cresciuma era local onde as estradas coloniais se cruzavam e caminho obrigatório para quem saía de Urussanga rumo ao extremo sul do Estado. Por conta desse movimento, alguns colonos estabeleceram comércios nesses lugares, contribuindo para que, anos depois, surgisse ali uma das principais praças da cidade. (OLIVEIRA, 2011, p. 100)

Um ano antes de a Vila de São José de Cresciuma se emancipar de Araranguá, um grupo de 52 pessoas se reuniu para fundar o *Mampituba Football Clube*, em 18 de maio de 1924. O nome Mampituba foi escolhido em referência ao

rio que faz divisa entre os Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Importante frisar que Cresciuma pertencia a Araranguá, cidade que, nesse período, fazia fronteira com o Estado rio-sul-grandense.

Já na primeira reunião, foi criada a classe de sócio honorário, da qual poderiam fazer parte contribuintes que doassem a quantia de duzentos contos de réis, além de jogadores de futebol dispostos a defender o Mampituba F.C³. Nesse sentido, é possível evidenciar que o clube recém-criado estava voltado aos grupos dominantes que se constituíam na região. A participação no clube seria vista pela sociedade como um distintivo social, local onde se compartilhariam valores, em que se fortaleceriam vínculos e se reforçariam alianças políticas. Pela presidência do Mampituba, passaram prefeitos da cidade, como também um dos governadores de Santa Catarina, Heriberto Hülse, que foi presidente por quatro mandatos. Hülse, desde a juventude, esteve ligado à força do carvão. Inicialmente, trabalhou para o grupo Henrique Lage - foi gerente da Companhia Brasileira Carbonífera Araranguá - CBCA, e, posteriormente, deputado estadual (1935-1937), governador entre 1958 a 1961, e diretor vice-presidente da Companhia Siderúrgica Nacional - CSN. Anos depois, Heriberto Hülse daria nome para o estádio do Criciúma Esporte Clube.

Para compreender as características do grupo dominante que estava se constituindo em Criciúma, é importante destacar alguns pontos. No período inicial de sua colonização, a pequena vila tinha como principal atividade econômica a agricultura. No entanto, a descoberta de carvão na região mudou a estrutura urbana, econômica, política e social da localidade. A exploração industrial desse minério se efetivou a partir da década de 1910, quando o empresário carioca - Henrique Lage - iniciou a exploração do carvão no local. Lage já tinha alguns investimentos na região, especificamente em Imbituba, distrito pertencente a Laguna. Nesse período, surgiram as primeiras companhias de mineração: Cia. Brasileira Carbonífera Araranguá S.A (1917); Cia. Carbonífera Urussanga S.A (1918); Cia. Carbonífera Próspera S.A (1921); Cia. Carbonífera Ítalo-Brasileira Ltda

³Mampituba Football Club: fundado dois anos antes de Criciúma emancipar-se de Araranguá. Disponível em: http://www.mampituba.com.br/noticia/mampituba_football_club_fundado_dois_anos_antes_de_criciuma_emancipar_se_de_ararangua-1321. Acesso em: 10 de outubro de 2013.

(1921) e Cia. Nacional de Mineração Barro Branco S.A (1922) (CAROLA, 2002, p. 16). Vale ressaltar que a Primeira Grande Guerra foi um elemento impulsionador da atividade carbonífera nessa época.

Foi nesse momento, também, que a Estrada de Ferro Donna Thereza Cristina implantou seu novo ramal, levando os trilhos a Criciúma. A Estrada de Ferro, fundamental para o transporte de carvão, era símbolo de modernidade. Sua estação de passageiros passou a ser a principal porta de entrada da vila; local de chegadas e de partidas daqueles que vinham para a região motivados pela extração do “ouro negro”. Em meio a tantas transformações, em 4 de novembro de 1925, foi conquistada a emancipação política, e, em janeiro de 1926, instalado o município de Criciúma. Nesse contexto, foi se constituindo um grupo vinculado à extração do carvão, que era composto pelos chamados “forasteiros”. Eles, os “forasteiros”, eram todos aqueles que não faziam parte das famílias presentes no núcleo inicial de colonização; para criar distintivos sociais entre os novos grupos que se delineavam na cidade, surgiram espaços, como, por exemplo, o *Mampituba Football Clube*.

O crescimento econômico de Criciúma, pautado na extração carbonífera, fez com que a região recebesse muitas pessoas interessadas no trabalho fixo oferecido nessa localidade.

Além dos imigrantes europeus, muitas pessoas vieram do litoral e da região serrana próxima, como mostra o item “procedência” das fichas funcionais encontradas na Companhia Carbonífera de Urussanga – CCU: de 46 fichas de 1918 a 1930, 23 pessoas nasceram nas regiões de Tubarão, Imbituba, Florianópolis e Laguna. As datas de nascimento destas pessoas variam entre o final do século XIX e início do século XX. Os lugares de onde vieram tiveram sua ocupação basicamente por açorianos e afro-descendentes, o que nos leva a inferir que, a partir da instalação das grandes mineradoras, a família operária mineira predominante era composta por pessoas com origens étnicas diferentes da dos colonos italianos, alemães e poloneses. Os empreendedores buscaram utilizar os recursos humanos que se encontravam nos locais e nas proximidades. (BERNARDO, COSTA e OSTETTO, 2004, p. 101)

Essa diversidade étnica que compõe o cenário da região, contribuiu para que muitos desentendimentos e preconceitos fossem difundidos. O convívio entre

os grupos de migrantes do núcleo colonial, que já tinha suas tensões, teve seus conflitos acentuados com a chegada dos “forasteiros”. A chegada desses trabalhadores também contribuiu para a transformação e a delimitação do espaço urbano.

Com a chegada desses trabalhadores as mineradoras começam a construir nas bocas de mina as vilas operárias. Elas são construídas próximas ao local de trabalho e de tal modo que a empresa pudesse manter o controle desse grupo. Nas vilas operárias a empresa colocava a disposição dos trabalhadores o açougue, o armazém e a farmácia, além de outros atrativos como clubes recreativos, cinema e o futebol. (BERNARDO, COSTA e OSTETTO, 2004, p. 104)

Entre as décadas de 1920 e 1940, a cidade experimentou um processo de urbanização e de crescimento econômico bastante intenso. No início dos anos de 1930, a mineração foi favorecida com a política do Estado, que obrigava as empresas a consumir 10% do carvão nacional. A Segunda Grande Guerra alavancou novamente a indústria carbonífera em função da substituição do carvão estrangeiro pelo nacional, fato que vinha ocorrendo desde décadas anteriores, mas que foi acentuado com a deflagração do conflito. Contribuiu, ainda, nesse processo, para a criação da CSN, e a usina de Volta Redonda se tornou a principal consumidora do mineral, favorecendo a produção da região carbonífera catarinense: “a única a possuir carvão coqueificável⁴, que teve sua produção aumentada de pouco mais de duzentas mil toneladas em 1939 para mais de um milhão de toneladas de carvão anos depois, em 1948” (NASCIMENTO, 2012, p. 19). Esse processo deu a Criciúma o título de capital nacional do carvão, consolidando a identidade da cidade vinculada à extração do carvão.

Portanto, é neste contexto de aquecimento econômico, de crescimento populacional, de expansão de um processo civilizador das famílias mineiras, de uma presença mais efetiva do Estado na região carbonífera e de consolidação do futebol como um elemento da cultura nacional, neste contexto que serão constituídos os principais clubes de futebol de Criciúma. Não por

⁴ O carvão coque é um produto carbonáceo sólido obtido da coqueificação de um tipo específico de carvão mineral, a hulha.

caso Ouro Preto, Atlético Operário, Metrópol, Próspera, São Paulo e Comerciário são fundados justamente entre os anos de 1939 e 1947. (MONTEIRO, 2012, p. 26)

Esse contexto de tantas transformações foi o palco para o surgimento de diversos clubes de futebol, que, apesar de terem muitas semelhanças, possuíam também muitos diferenciais, fatores que, com o transcorrer dos anos, foram constituindo rivalidades. Para compreender esse cenário de fusão entre a cidade e o futebol - os conflitos de classe e a diversão, a paixão e a política - é importante conhecer um pouco mais da história desses clubes.

Como já citado, as mineradoras construía as vilas operárias para abrigar funcionários e seus familiares. As vilas eram próximas ao local de trabalho e possuíam uma estrutura básica, cujos serviços eram voltados à alimentação, à vida escolar e se constituía, também, como locais de lazer. Nesse sentido, além das Sociedades Recreativas, praticamente toda “boca de mina” tinha um time de futebol.

A antiga Operária Velha, atual bairro Santa Bárbara, passou por uma grande transformação com a chegada do escritório da Companhia Brasileira Carbonífera de Araranguá - CBCA. Além do escritório, no bairro, estava localizada “a igreja de Santa Bárbara, o colégio Estadual Coelho Neto, o posto de saúde que atendia os moradores da região próxima, o clube União Mineira, o clube União Operária e o time de futebol Atlético Operário, entre outros elementos.” (LUIZ, 2010, p. 34)

O Atlético Operário surgiu nessa comunidade com o apoio da CBCA, uma das maiores carboníferas da região. O clube foi fundado em 3 de maio de 1935⁵ e ficou conhecido por seu apelido - “Rolo Compressor” -, tornando-se um dos maiores times da cidade. Importante frisar que os times das vilas operárias possuíam, em seu plantel, jogadores-operários, ou seja, esportistas que trabalhavam no subsolo, nas minas de carvão em um turno e treinavam em outro. Esses jogadores-operários eram os mesmos que participavam intensamente do movimento sindical em Criciúma. As greves em busca de melhores condições de trabalho e de remuneração eram constantes e o Sindicato dos mineiros era local de intensas discussões e articulações grevistas. Nesse sentido, os operários que lutavam contra

⁵ As datas de fundação do Clube são controversas, já que ele nasce da fusão de outros times.

os padrões por melhores condições de vida eram os mesmos que entravam em campo defendendo a camisa de um time, o qual, geralmente, era patrocinado pelo proprietário da mineradora. Esse cenário evidencia certa contradição e articulação de interesses, em que a luta de classe e a paixão pelo time da vila operária se fundem e estabelecem um novo panorama na cidade.

Para exemplificar essa situação, pode-se destacar um dos famosos jogos do “Rolo Compressor”. Em 1960, o empresário Álvaro Catão, presidente da CBCA, embora residisse no Rio de Janeiro, mantinha uma proximidade com o time da vila operária, e, assim, trouxe para o Valdemar de Brito – praça esportiva do Atlético –, o time do Botafogo do Rio de Janeiro para um amistoso.

Meus amigos do esporte, eis aí a oportunidade para todo o sul ver com seus próprios olhos um dos maiores times do futebol do Brasil. O time milionário do futebol nacional em pleno Valdemar de Brito. Nilton Santos, maior zagueiro do mundo, Zagalo, campeão universal, Cacá, Paulinho, Manga, Ernani, Rossi, poderão ser vistos de perto pelos que acorrerem ao Valdemar de Brito, no dia do Trabalho (domingo). Um sonho dos desportistas da região transformado em realidade. O jogo foi confirmado por um telegrama ontem chegado as mãos do Dr. Sebastião Neto Campos, gerente da CBCA, enviado do Rio pelo senhor Álvaro Catão. Portanto, domingo, Botafogo e Atlético. Amigos desportistas, senhoras, senhoritas, estudantes, crianças, enfim, sul esportivo, compareçam domingo ao Valdemar de Brito, palco do maior espetáculo futebolístico de todos os tempos. (CORRÊA, 2007, 71).

O jogo foi marcado para o Dia do Trabalhador, data estratégica para estreitar as relações entre capital e trabalho. A estratégia dos dirigentes da CBCA, que visavam a uma aproximação com seus operários, proporcionou, ainda, o encontro dos cricumenses com grandes ídolos do futebol nacional. Na notícia que confirmava o jogo entre Atlético e Botafogo, pode-se destacar a ênfase dada ao protagonismo e à iniciativa de Álvaro Catão que, mesmo longe dos olhos dos operários, buscava demarcar seu espaço e estreitar os laços com seus empregados. E foi com o patrocínio da CBCA que o Atlético conquistou diversos títulos e protagonizou um dos maiores clássicos e uma das maiores rivalidades da região contra o time do Comerciário.

Ainda na década de 1930, surgiu outro clube, o qual levou no próprio nome

as marcas do carvão: o Ouro Preto Futebol Clube. O “ouro preto” se referia ao valioso minério extraído na cidade, porém, o alvinegro criciumense não estava diretamente vinculado a nenhuma mineradora. A composição das diretorias do Clube denota a participação de alguns grupos tradicionais de Criciúma, como também de profissionais liberais, fato que evidencia a presença de uma classe de grande poder aquisitivo. No entanto, o Ouro Preto nunca se consolidou como um grande time na cidade.

O primeiro número da série *Esporte Majestoso*, revista editada no início dos anos de 1980, é a principal fonte para a compreensão do surgimento do Ouro Preto Futebol Clube. Nessa revista, está registrado que a iniciativa de fundação partiu de alguns atletas que não podiam mais jogar no Mampituba, tendo fundado, assim, em 24 de dezembro de 1939, a nova instituição. (MONTEIRO, 2012). Sua praça esportiva foi nomeada como Irineu Bornhausen. Vale destacar que, nesse contexto, o comando do Estado catarinense estava nas mãos da família Ramos; Nereu Ramos era o interventor e vinha implementando uma forte campanha nacionalizadora contra as áreas de imigração, em especial, contra seus históricos adversários, os membros das famílias Konder e Bornhausen⁶. Mesmo com o início da Segunda Guerra Mundial e a intensificação das políticas nacionalistas, o estádio do Ouro Preto levou o nome de Irineu Bornhausen. Infere-se que os grupos fundadores do Ouro Preto não estavam afinados com os grupos políticos que comandavam a cidade, ou ainda o Estado.

A praça esportiva do Ouro Preto surgiu de uma parceria entre o clube e a carbonífera Próspera. Durante sua história, o Ouro Preto passou por diversas crises, tendo, em 1948, sua praça esportiva desapropriada, passando a pertencer somente à mineradora. Com a desapropriação, o time da carbonífera Próspera se tornou inquilino do Estádio Irineu Bornhausen. A exemplo de outras vilas operárias, a vila da carbonífera Próspera também possuía seu time de futebol, fundado em 29 de março de 1946, e conhecido até os dias atuais como o “time da raça” (MONTEIRO, 2012).

⁶ Sobre as disputas entre as famílias Ramos, Konder e Borhausen, ver: ZANELATTO, João Henrique. **De olho no poder**: o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na era Vargas. Criciúma, SC: Ediunesc, 2012.

O Próspera tinha como patrono e principal incentivador o engenheiro Mário Balsini, que modernizou o estádio instalando, inclusive, refletores para jogos noturnos; para homenagear o engenheiro, a praça esportiva do Próspera recebeu seu nome. (SILVA JR, 1996, p. 47). O “time da raça”, composto por jogadores-operários, marcou a história da vila consagrando diversos atletas. Segundo Marli de Oliveira Costa, “sua torcida [era] composta em sua grande maioria por mulheres que, munidas de sombrinhas e outros objetos, amedrontavam os visitantes adversários.” (COSTA Apud MONTEIRO, 2012, p. 32). O Próspera teve seu auge no início dos anos de 1960, porém, o golpe militar

afastou Mario Balsini da direção da Carbonífera e, conseqüentemente, do futebol. O coronel Aloísio Moura de Andrade, nomeado do Rio de Janeiro para substituí-lo, não levava o futebol a sério e mandou derrubar os postes dos refletores para reaproveitá-los nos trabalhos da mina. (SILVA JR, 1996, p. 48).

A ditadura militar pôs fim a uma sequência vitoriosa do clube, no entanto, o “time da raça” sobreviveu ao golpe e, ainda hoje, possui seu departamento de futebol ativo. A ditadura buscou controlar e destruir os possíveis espaços onde pudessem surgir focos de resistência, pois, no início da década de 1960, o Sindicato dos Mineiros de Criciúma se constituía como principal espaço de lutas por direitos sociais e políticos em Santa Catarina. Participou ativamente na cadeia da legalidade em 1961, unindo-se a uma das tropas do 3º Exército de Porto Alegre para garantir a posse constitucional de João Goulart. Com o golpe militar, o Sindicato dos Mineiros tentou articular, novamente, a resistência; conseguiram reunir, no dia 1º de abril, cerca de seis mil pessoas na praça Nereu Ramos, no centro da cidade (TRICHÊS. ZANELATTO, 2015. ZANELATTO. TRICHÊS. CAROLA, 2016. ZANELATTO, 2020).

Nesse sentido, havia uma forte preocupação dos setores dominantes da cidade, em especial dos mineradores e da ditadura, com a organização dos trabalhadores das minas de carvão. No dia 2 de abril, o Sindicato dos Mineiros foi posto sob intervenção e grande parte de sua diretoria presa. Simultaneamente, eram presas outras lideranças, a maioria da executiva do Partido Trabalhista

Brasileiro - PTB, e dois de seus vereadores, além do médico Manif Zacharias, um dos principais quadros do Partido Comunista Brasileiro - PCB local. (ZANELATTO, 2020).

A organização dos trabalhadores de Criciúma e da região carbonífera contribuiu para a aproximação entre mineradores e militares. Havia preocupações com os movimentos sociais locais - a cidade era vista por estes como a “Cuba” brasileira. Além das prisões e das perseguições, logo após o golpe, começaram as tratativas para a construção de um quartel na cidade, cujas discussões adentraram as décadas de 1960 e 1970 e foram concretizadas com a instalação do 28º Grupo de Artilharia de Campanha - GAC em 1977. A partir daquele ano, a sociedade cricumense, em especial os sindicalistas, passaram a ser acompanhados de perto pelos olhos da ditadura (ZANELATTO, 2020).

Metropol e Comerciário - carvão e imigração: identidades e movimento

Até o início dos anos de 1950, predominava em Criciúma um discurso identitário centrado no carvão, elemento fundamental da economia do município. A cidade passou “a ser identificada com ele [carvão], como também sua população, rompendo, de certa forma, com os esquemas identitários mais presentes em Santa Catarina, em geral articulados com elementos étnicos, ‘açorianos’ ou ‘europeus’” (NASCIMENTO, 2012, p. 23). No entanto, o discurso migratório nunca saiu totalmente de cena, sendo continuamente ressignificado por uma elite de descendentes de imigrantes, que, a partir das décadas de 1950 e 1960, passou a promover a valorização do discurso étnico na cidade, fundamentado no processo de criação de seu núcleo colonial.⁷

Exemplo do exposto foi que, em 1951, o prefeito Paulo Preis, descendente de imigrantes alemães, sancionou uma lei para a construção de uma pequena praça, que se chamaria “Praça do Imigrante”, onde seria construído um monumento em homenagem aos imigrantes que fundaram a cidade. O monumento era estruturado por colunas que representavam os grupos de imigrantes italianos,

⁷ As reflexões sobre etnicidade foram encontradas em POUTIGNAT, Philippe. STREIFF-FENERT, Jocelyne. Teorias da etnicidade. São Paulo: Unesp, 1988.

alemães e poloneses, revelando “uma intenção de representar espacialmente no corpo da cidade um imaginário étnico que vinha se valorizando em seu espírito” (NASCIMENTO, 2012, p. 69).

Na imprensa local, ao longo das décadas de 1950, foram realizadas edições anuais em comemoração ao 6 de janeiro de 1880 - data de fundação da cidade. Durante a década de 1960, a Associação Comercial e Industrial de Criciúma teceu críticas à dependência da cidade à indústria carbonífera e reforçou uma preocupação com as constantes crises enfrentadas pelo setor. Então, fizeram “ampla campanha propondo que os empresários locais abrissem outros negócios e buscando atrair empresas externas ao município” (NASCIMENTO, 2012, p. 39).

As crises econômicas constantes no setor carbonífero, juntamente com a perda de capital simbólico dos descendentes de imigrantes, resultado dos intensos fluxos migratórios e da chegada dos já citados “forasteiros”, fez com que o discurso público identitário passasse a girar em torno de concepções étnicas, mobilizando diversas forças na cidade, entre elas, o futebol. Foi nesse processo de disputas identitárias que se constituíram o Esporte Clube Metropol, o qual representava a força/identidade do carvão, e o Comerciaro Esporte Clube, ligado à força/identidade da imigração.

O Esporte Clube Metropol foi fundado em 1945 e pertencia à Cia. Carbonífera Metropolitana. O time, que havia sido fundado por funcionários da mineradora, não obteve grande respaldo da empresa nos primeiros anos de sua existência. O Metropol era mais um time de vila operária que possuía em seu plantel vários jogadores-operários, os quais se dividiam entre o trabalho na mina e a prática esportiva. No entanto, a partir de 1959, o time tomou outros rumos após a chegada dos novos sócios da Carbonífera Metropolitana, já que Diomício Freitas e Santos Guglielmi decidiram passar a investir no clube, configurando-se como um novo período para o time, o chamado “Metropol rico” (SILVA JR, 1996, p. 42).

Importante ressaltar que o movimento sindical⁸, nesse período, era muito

⁸ Em 1944, foi fundada a Associação dos Trabalhadores das Minas de Carvão e, no ano seguinte, transformada em Sindicato do Mineiros de Criciúma. VOLPATO, Terezinha Gascho. *A pirita humana: os mineiros de Criciúma*. Florianópolis: Ed. da Ufsc, 1984.

organizado. Criciúma era palco de intensas greves, em que os mineiros lutavam por melhores condições de trabalho e melhores salários; os mineiros da Carbonífera Metropolitana estavam inseridos nesse contexto de reivindicações. Quando adquirida pela sociedade Freitas-Guglielmi, a carbonífera, que possuía uma das maiores jazidas minerais do país, estava falida. Os novos sócios buscavam mudar essa situação, tornando, novamente, a empresa lucrativa, e, para tal, os gastos deveriam ser cortados, o que implicava no não atendimento das reivindicações dos mineiros. Ao contrário da antiga administração da Metropolitana, que gerenciava os negócios a distância, os novos sócios estavam presentes na cidade e essa presença transformou a relação da carbonífera com seus trabalhadores.

Diomício Freitas percebeu a intensa relação que os operários possuíam com o time de futebol da Metropolitana. Na busca por se aproximar dos mineiros, o empresário investiu maciçamente no clube, tornando o Metropol o maior time de Santa Catarina nos anos 1960. Nesse período, o alviverde se tornou pentacampeão catarinense, bicampeão sul-brasileiro e protagonizou uma excursão de noventa dias pela Europa. Essa excursão contou com

23 jogos, 13 vitórias, seis empates, quatro derrotas. 53 gols a favor, 35 contra, um saldo de 18 gols pró. A campanha do Metropol pela Europa foi reconhecida pela Confederação Brasileira de Desportos, que condecorou os catarinenses com um diploma, a *Carta Azul*. A passagem do Esporte Clube Metropol pelos gramados europeus é a mais extensa excursão que uma equipe brasileira já protagonizou naquele continente. (SILVA JR, 1996, p. 123)

O estádio do Metropol foi nomeado em homenagem à Euvaldo Lodi, invocando, desde o seu nome, a relação de deferência feita ao deputado de Minas Gerais - classista e representante da Indústria Brasileira na constituinte de 1934; era alguém admirado por aquele que seria Senador da República (em 1978, pela Arena), o empresário Diomício Freitas, proprietário da Carbonífera Metropolitana. Diomício indicou seu filho, o empresário José Francione de Freitas, conhecido por Dite Freitas, para administrar e acompanhar de perto o Metropol Esporte Clube.

No cenário de intensas manifestações grevistas e de aproximação dos

proprietários da carbonífera aos mineiros, por meio do futebol, as relações entre patrão e empregado tomaram novos contornos. O grupo Freitas - Guglielmi buscava apaziguar os ânimos dos grevistas no gramado, possibilitando uma relação diferente entre capital e trabalho. Assim, aproveitando a boa fase do clube, Freitas incentivou a criação de um novo sindicato dos mineiros no Rio Maina (atual Distrito de Criciúma), região onde ficava localizada a Metropolitana. Segundo Volpato (1984, p 121), Diomício encabeçou a proposta de fazer uma sede do Sindicato dos mineiros no Rio Maina, alegando que seria mais próximo de seus funcionários, pois o Sindicato no centro da cidade era de difícil acesso.

O novo Sindicato objetivava desarticular a categoria e manter a nova instituição sob tutela dos empresários da Metropolitana; então, em 7 de novembro de 1961, foi fundada a Associação dos Trabalhadores na Indústria da Extração do Carvão de Rio Maina. Segundo Gustavo Perez Lemos (2008, p. 110), estavam “presentes à mesa o padre Humberto Oening, o vereador e ex-candidato a presidência do sindicato de Criciúma Dorizo Rocha, Zelindro Serafim e Antonio Faustino Goulart, candidato derrotado nas últimas eleições sindicais”. Os discursos dos presentes foram proferidos em tom de vitória, destacando o caráter assistencialista da nova instituição, bem como seu caráter anticomunista. (LEMOS, 2008, p. 110)

As relações de proximidade entre mineradores e mineiros, por meio do novo Sindicato e do Metropol Esporte Clube, fizeram com que os torcedores do clube fossem apelidados de carneiros. O carneiro seria o animal do sacrifício, aquele que fornece a lã, que sofre, que se doa, mas que, mesmo assim, continua dócil. Os “carneirinhos do seu Diomício”, como ficaram conhecidos, representaram uma nova fase do futebol cricumense e de ascensão política do empresário da Metropolitana. Antes de ser eleito Suplente de Senador, em 1962, Diomício Freitas se candidatou a Deputado Federal pela União Democrática Nacional – UDN, e usou como seu maior cabo eleitoral o Esporte Clube Metropol - time que tinha acabado de chegar da Europa e ainda colhia os louros da fama pela vitoriosa campanha no velho continente.

Freitas encaminhou o Metropol para diversos amistosos nas cidades próximas de Criciúma, tendo visitado, ao todo, 11 cidades, que receberam o famoso

time da Metropolitana. O Metropol sempre entrava em campo com uma faixa “Vote em Diomício”, entregava bandeirinhas com a foto do candidato e com o lema da campanha “do Sul para o Sul”; ainda distribuía bolas e camisas autografadas para a torcida, que era constituída por quase toda a população da cidade, que ia eufórica ao campinho para ver as estrelas que estiveram na Europa (CAMPOS; CARDOSO, 2014, p. 132).

O Metropol “rico” sem dúvida marcou a história criciumense e possibilitou muitas reflexões sobre o comportamento dos mineiros e sua relação com a empresa. O time, utilizado como forma de conter as manifestações do movimento grevista que envolvia os mineiros da Metropolitana, acabou por levar um novo modelo de futebol para a cidade e lançar Diomício Freitas ao cenário político. No entanto, vale ressaltar que o Sindicato dos mineiros do centro continuou batalhando por seus direitos, sendo que o maior golpe ao movimento sindical veio, mesmo com a instalação da Ditadura civil militar no Brasil.

Nos anos de 1960, a campanha extraordinária do Metropol fez com que o time rompesse as fronteiras da Metropolitana, passando a representar as demais associações esportivas das vilas operárias e das carboníferas. No período, o arquirrival do Metropol era a única equipe que não estava vinculada ao carvão, considerada da elite do centro da cidade, criada e mantida pelos comerciantes: o Comerciário Esporte Clube. A última das grandes equipes criciumenses a ser fundada nasceu no centro da cidade. Como visto, os clubes criados nessa época, em Criciúma, estavam vinculados, direta ou indiretamente, ao carvão, sendo seus jogadores e seus torcedores, em grande parte, moradores das vilas operárias. Diferente disso, a elite criciumense teve a iniciativa de fundar um clube que representasse a região central da cidade, cuja atividade econômica predominante era o comércio, contribuindo para o processo de fortalecimento da identidade da imigração e de contestação da identidade vinculada ao carvão. Em 13 de maio de 1947, então, nascia o Comerciário Esporte Clube, cujo mascote era o *bacharel*, e os jogadores eram os “bacharéis da pelota”.

Nesse período, muitos criciumenses estudavam fora da cidade. Além desses jovens estudantes, muitos profissionais liberais, como engenheiros e advogados, chegavam a Criciúma para trabalhar nas empresas ligadas ao setor carbonífero, ou

na administração de comércios. “Para o Comercário, era fundamental atrair a simpatia deste grupo de ‘forasteiros’ que vieram para Criciúma não na qualidade de operários, mas sim para exercer profissões com grande prestígio social.” (MONTEIRO, 2012, p. 35). Importante destacar que, para buscar legitimidade com a elite que descendia de imigrantes, muitos desses forasteiros contraíram matrimônio com as filhas da elite local, reforçando parcerias e discursos.

Ao longo da década de 1960, o clube se consolidou como um dos maiores do Estado, ao mesmo tempo em que acentuava a rivalidade entre os times das bocas de minas contra os influentes “bacharéis da pelota”.

Logo após o surgimento do alvi-azul, foi fundada em 1948 a entidade máxima do futebol cidadão: a Liga Atlética da Região Mineira (L.A.R.M.). Na década de 1950 a hegemonia do futebol cricumense ficou nas mãos, principalmente, do Comercário, rivalizando diretamente com o Atlético Operário - time dos mineiros da CBCA. Quem quebrou a hegemonia comercialina foi justamente o “primo pobre” da década de 1950: o Esporte Clube Metropol. (CORRÊA, 2007, p. 17)

Durante a década de 1950, o Comercário ganhou a maioria dos títulos e investiu maciçamente em sua praça esportiva. Por meio da organização de um “caixinha”, os comercialinos conseguiram angariar fundos para adquirir uma área de terra medindo 17.460 metros quadrados para a construção de seu estádio (TAVARES, 2013, p. 133). Além do investimento em seu patrimônio, o clube promovia muitos eventos sociais e se foi tornando uma potência na região e no Estado como um todo. Entretanto, mesmo com tantos investimentos em sua praça esportiva, o Comercário não conseguiu um bom desempenho dentro de campo na década de 1960. O clássico desse período era o Copol, confronto entre os bacharéis e os mineiros da Metropolitana, sendo que o time da carbonífera foi vitorioso em praticamente todos os jogos⁹. Além do mau desempenho em campo, o time do Comercário também não obtinha a simpatia da grande maioria dos cricumenses. Quando a equipe do centro jogava contra um time de vila operária, independente

⁹ Segundo o já citado autor José da Silva Jr o apelido de carneiros dado ao Metropol, principalmente pela torcida do Comercário, foi adotado pelo Clube que passou a utilizar o carneiro como seu mascote. Os comercialinos decidiram então comprar um carneiro e engordá-lo para no dia em que vencessem o Metropol, carneassem o animal e distribuíssem o churrasco no centro da cidade. Como a invencibilidade do time da Metropolitana foi de quase dez anos, o animal acabou morrendo de velho e se tornando um dos protagonistas das rivalidades e provocações entre os times da cidade.

de qual fosse a equipe, todos mineiros se uniam para torcer contra o Comerciário.

Em 1964, houve uma eleição, por ocasião da festa do padroeiro da cidade, São José, para a escolha do time “mais querido” de Criciúma. Ao final dessa votação popular foi contabilizada a maioria dos votos para o time do Comerciário, que passou a ser chamado, principalmente pela imprensa local, de o “mais querido”. Vale destacar que a Catedral São José é localizada na praça central da cidade, ponto de encontro dos criciumenses e, também, endereço da sede do Comerciário por muitos anos. No entanto, logo após a divulgação do resultado, o título foi contestado, pois o fato de a urna estar disponível no centro da cidade favorecia a votação de quem morasse nessas redondezas, possivelmente, torcedores do Comerciário. Para os torcedores dos outros times, essa eleição foi uma forma de fazer com que os comercialinos levantassem pelo menos um título num período de poucas vitórias dentro de campo. Para o Comerciário, por sua vez, o título se tornou uma referência, que, posteriormente, se consolidou na história do clube por meio do hino do Criciúma Esporte Clube¹⁰.

As décadas de 1950 e 1960 mudaram as características do futebol criciumense. As discussões sobre futebol amador e profissional, como também a mudança para uma fase mais regional e estadual dos clubes, transformaram as práticas na cidade. Foi assim que, em 1970, Comerciário e Metropól fecharam seus departamentos, colocando fim a esse período do futebol criciumense. Segundo o historiador Humberto Soares (2010, p. 19), a conquista do Tricampeonato Mundial pela seleção brasileira, em 1970, evidenciou uma nova fase do futebol nacional, em que o processo de profissionalização do esporte exigia maiores investimentos e modificações na estrutura dos clubes. Esse contexto atingiu a realidade criciumense e fez com que dois grandes clubes fechassem seus departamentos de

¹⁰ A letra do hino do Criciúma foi escrita por Carlos Ernesto Ramos Lacombe. A primeira gravação contou com a voz do próprio autor, como também dos músicos Ernesto Kaster e Valdir Silva. O início do hino denota uma ligação do recém-criado Criciúma com seu passado de glórias como Comerciário. A ênfase desse passado está representada principalmente na frase “onde estiver o mais querido”, alusão ao título conquistado pelo Comerciário. “Lembrando os heróis do passado/ Que escreveram seus nomes na história/ Oh! Tricolor predestinado/ A um presente e futuro de glória/ Salve o Criciúma/ No esporte Nacional/ Salve o Criciúma/ De patrimônio imortal/ Na hora da decisão/ Numa só voz grita feliz/ O meu povão/ Criciúma, Criciúma/ Nosso Clube de amor/ Alma, garra e coração/ Vibrando estaremos contigo/ Desfraldando o teu pavilhão / Onde estiver o mais querido/ Dos campeões - o nosso campeão”.

futebol, deixando órfãos milhares de torcedores, os quais percebiam no esporte mais do que um simples jogo, cujo objetivo era marcar o gol; os confrontos entre os clubes representavam as relações sociais, as identidades e as disputas simbólicas de rivalidades cotidianas.

No entanto, o que parecia dividir os torcedores também se tornava um elemento de união; mesmo em lados opostos da arquibancada, os criciumentes compartilhavam a paixão pelo esporte e é essa paixão que permaneceu acesa a depois do encerramento das atividades do Metrópol e do Comerciário.

A cidade multiétnica - Criciúma Esporte Clube: a identidade da imigração

Após o fechamento dos departamentos de futebol do Metrópol e do Comerciário, milhares de apaixonados torcedores se viram sem confrontos para travar, sem lágrimas de tristeza ou risos de alegria, com as perdas ou com as conquistas de seus times. Esse também foi o período de muitas mudanças econômicas e sociais na cidade de Criciúma, e é nesse contexto de transformações que um novo/velho time se apresenta para os criciumentes, buscando suscitar novas paixões. Os associados do Comerciário sempre desejaram restabelecer o futebol profissional, pois, durante anos, o clube ficou restrito somente às atividades sociais. Assim, em 1976, foram concluídas as obras básicas para a utilização do estádio - primeiro passo para o retorno do Comerciário ao futebol profissional. Esse retorno ao campo, após sete anos de inatividade, se deu em 1977, numa partida amistosa contra o Juventus, de Rio do Sul. Contudo, a alegria pelo retorno do “mais querido” estava restrita à torcida comercialina. E o primeiro problema, então, enfrentado pelo Comerciário, em sua volta, foi a falta de torcedores. As razões do número limitado de sua torcida eram claras: mesmo inativos ou voltados somente ao futebol amador, os torcedores dos times das carboníferas mantinham fidelidade às cores de suas camisas e jamais aceitariam torcer pelo arquirrival, pelo time do centro - o Comerciário.

O presidente, nesse período, Antenor Angeloni, traçava duas estratégias para aumentar a aceitação do clube. Uma era inserir o time no campeonato catarinense e no campeonato brasileiro, e a outra era criar uma ligação entre o

clube e a população da cidade. Como o presidente não podia apagar as paixões dos diferentes torcedores pelos outros times, a estratégia seria realizar a mudança a partir do próprio Comerciário (SOARES, 2010, p. 30).

No ano em que o Comerciário se preparava para voltar aos gramados, ocorreram as eleições para a escolha do prefeito municipal. Essa eleição foi vencida pelo candidato mais improvável – Altair Guidi; uma disputa travada entre três forças/grupos/partidos políticos da cidade. Disputaram o pleito: Bertoldo Arns, pela Arena II (Udenista), Altair Guidi, com a Arena I (Pessedista) e Murilo Sampaio Canto, pelo Movimento Democrático Brasileiro - MDB. A candidatura de Guidi foi uma articulação do deputado estadual Aristides Bolan, mas não era uma unanimidade na Arena Pessedista, e “as resistências eram ainda maiores na facção Udenista, que o julgava não confiável” (TRICHÊS; ZANELATTO, 2015, pp. 160 - 163).

A eleição de Bertoldo Arns parecia tranquila, pois o candidato do MDB não decolou, porém, o pequeno grupo em torno da campanha de Guidi articulou sua renúncia, que foi noticiada pela imprensa. Esse fato obrigou o prefeito municipal Algemiro Manique e os grupos econômicos da Arena Udenista a investir na campanha de Guidi. Mesmo com o crescimento da campanha de Guidi, a eleição de Bertoldo Arns se encaminhava com tranquilidade e somente mudou na contagem dos votos, pois uma fraude e um acordo que envolveram lideranças dos três partidos deram vitória a Altair Guidi. A eleição de Guidi, por sua vez, derrotou grupos econômicos (Cecrisa, CBCA e outros) que, historicamente, influenciavam nos processos eleitorais da cidade (TRICHÊS. ZANELATTO, 2015, p. 158).

A gestão de Altair Guidi coincidiu com a volta do Comerciário às competições, bem como ao momento de transformação do clube, encabeçado pelo seu presidente, Antenor Angeloni, que promoveu a mudança do nome do time para Criciúma Esporte Clube. Além disso, Guidi assumiu uma cidade às vésperas de comemorar seu centenário de fundação, momento ímpar para a divulgação e o fortalecimento identitário do município. Nesse sentido, a gestão de Guidi foi marcada pela ênfase ao discurso étnico que foi expresso em monumentos, em símbolos, em festas e na produção de um livro positivando a imigração, demonstrando uma hiperinflação de signos (CAMPOS, 2003, p. 40). Guidi buscava

unir Criciúma criando a cidade multiétnica, e a mudança do nome de Comercário para Criciúma Esporte Clube também contribuiria para unificar os torcedores dos vários clubes amadores em torno de um único clube - o Criciúma.

A modernização do futebol na década de 1970 mudou a forma de compreender e de manter os clubes de futebol. Se, antes, os times cricumenses eram ligados somente às carboníferas, nesse novo contexto do futebol nacional, o patrocínio das empresas ganhava força e esse era mais um problema para a gestão Angeloni. Muitas empresas se negavam a patrocinar o Comercário, baseando seus argumentos em antigas rivalidades. A cidade, durante esse período, passou por uma intensa diversificação econômica. As crises do setor carbonífero e a devastação ambiental, ocasionada pela extração do minério, eram fatores de intenso debate no município. Dentre os setores que mais cresceram nesse momento, pode-se destacar a indústria cerâmica. Assim, eram muitas as empresas que queriam se consolidar na cidade e que percebiam, no futebol, uma forma de propagandar suas marcas. No entanto, o futebol cricumense não era sinônimo de Comercário - cabia ao clube transformar sua imagem perante a cidade.

Em março de 1978, a reunião do conselho deliberativo do Comercário tinha como uma das pautas a mudança do nome do clube - proposta encabeçada pelo presidente Antenor Angeloni. A reunião do conselho proporcionou discussões calorosas entre aqueles que eram totalmente contra a mudança do nome do clube, por considerar tal ato um desrespeito à história do Comercário, e aqueles que, incitados por Angeloni, acreditavam que a mudança era a única forma de consolidar o time e conseguir patrocínios e torcedores, porque o clube levaria o nome de toda a cidade. O presidente discorreu sobre os diálogos que havia realizado com algumas empresas cricumenses, que haviam demonstrado interesse em patrocinar o futebol, mas não o Comercário. Informou, também, que já havia conversado com o governador Antonio Carlos Konder Reis, que prometeu mais apoio ao time que se projetasse na cidade. Da mesma forma, o prefeito de Criciúma, Altair Guidi, havia garantido que, com a mudança no nome, iria abrir edital para comprar um ônibus para o clube. (SOARES, 2010, p. 37)

Após um afluído debate, os partidários de Antenor Angeloni venceram e o Comercário passou a se chamar Criciúma Esporte Clube (CEC), que seria uma nova

experiência para o futebol citadino, pois não representava a fusão dos clubes citadinos - ele representava um novo começo. Foi criado a partir da necessidade do próprio clube, como também uma alternativa para aqueles que haviam ficado órfãos de seus times. Resultado do hibridismo da cidade, o Criciúma representava ainda a modernidade trazida pelos novos tempos. Antes de ser um time de fusão, em algumas oportunidades colocado time “inventado” (como se todos os demais não o fossem), o fim da década de 1970, e sobretudo as décadas de 1980 e 1990, identificam a profunda paixão dos criciumenses pelo futebol e pela capacidade de, por meio desse esporte, se alcançar um time para as diferentes Criciúmas que coexistiam. Claro está que o CEC é um time de futebol do seu tempo, de investimentos no esporte e da modernização – com as ações negativas e positivas – implementada no país junto ao chamado esporte bretão.

Tabela 1 - Relação dos Presidentes do Criciúma Esporte Clube: 1978 - 2022

Antenor Angeloni	1978 - 1980
Guido José Búrigo	1981
Dormeval Zanatta	1982
Silvio Damiani Búrigo	1983
Antenor Angeloni	1984
Moacir Fernandes	1985 - 1992
Afonso Back	1992
Dorly Napolini	1993 - 1994
Milton Campos Carvalho	1995 - 1996
Joacir Scremin	1996 - 1998
Voimer Conti	1999
Claver Luiz Vieira	1999 - 2000
Moacir Fernandes	2000 - 2007
Édson Búrigo	2008 - 2009
Antenor Angeloni	2010 - 2015

Jaime Dal Farra	2016 - 2020
Anselmo Freitas	2021 - 2022

Fonte: <https://www.criciuma.com.br/diretoria#ex-presidentes> Acesso em 24 de outubro de 2022.

Como fica evidenciado no quadro exposto, após a mudança do nome de Comerciarío para Criciúma Esporte Clube, a maioria dos presidentes do clube foi descendente de imigrantes, dado que corrobora para a construção da imagem de cidade multiétnica. Isso não quer dizer que a “força do carvão” tenha desaparecido, uma vez que, com a mudança no nome do clube, mudaram-se, também, as cores da camisa.

Em 13 de maio de 1984, o CEC estreou seu novo uniforme, substituindo o alvi-azul pelo tricolor: amarelo, preto e branco. A cidade que, nacionalmente, foi conhecida como Eldorado, por sua riqueza mineral, se utilizava muito da expressão “ouro negro” para referenciar sua principal riqueza - o carvão. O amarelo e o preto da camisa estavam diretamente relacionados com essa ideia; já, o branco, era a cor neutra, utilizada em todos os uniformes dos outros clubes da cidade. O branco era uma forma de representar os outros times, os quais fizeram parte da história cricumense. A partir da adoção da camisa tricolor, criou-se o mascote para o clube, pois as três cores lembravam um tigre - animal que passou a representar o Criciúma.

O escudo do clube também passou por mudanças. Nos primeiros anos, o formato e as cores do Comerciarío foram mantidos. Depois, as iniciais do Criciúma (CEC) substituíram o antigo símbolo, que representava o time dos comerciários.



11

Na década de 1980, por conta das comemorações do centenário de fundação de Criciúma, o prefeito Altair Guidi encomendou, junto ao arquiteto Manoel Coelho, projetos para marcar os festejos na cidade. Dentre os símbolos criados nesse período, Coelho criou a logomarca da cidade, que, anos depois, se tornaria o símbolo do Criciúma Esporte Clube.



A nova logo marcava a fusão da Criciúma multiétnica, que se apresentava publicamente como Cidade das Etnias, e o novo futebol da cidade, marcado pela união de diversos interesses e de grupos citadinos.

¹¹ O primeiro escudo foi utilizado de 1948 a 1978, ainda como Comerciarío. O segundo mantém as características do primeiro, inclusive o símbolo, mas já representa o Criciúma Esporte Clube. Foi usado de 1978 a 1984. O terceiro apresenta o mesmo estilo dos anteriores, porém, o símbolo passou a ser as iniciais do Clube. Disponível em: <http://www.criciumaec.com.br/escudo>. Acesso em: 20 de outubro de 2013. Disponível em: <http://cacellain.com.br/blog/?p=52340>. Acesso em: 20 outubro de 2013.

¹² Escudo do Criciúma sem as estrelas que representam os títulos. Disponível em: <http://www.criciumaec.com.br/escudo>. Acesso em: 20 de outubro de 2013.

Considerações finais

Entrelaçando futebol, política e identidade, o artigo buscou abordar as duas identidades forjadas em Criciúma ao longo do século XX: “força do carvão” e “força da imigração” e como ambas tentaram se tornar hegemônicas na cidade, tendo o futebol papel central nesse processo. Dividido em três seções, o artigo demonstrou que, na primeira metade do século XX, ocorreu a hegemonia da identidade do carvão expressa no futebol amador com os times vinculados e patrocinados pelas mineradoras. A segunda foi marcada pelo processo de profissionalização do futebol com ênfase em dois clubes - Metropol e Comerciário, e nas disputas das duas forças - a do carvão, consolidada e representada pelo Metropol, e a da imigração, representada pelo Comerciário.

Ao finalizar, o artigo apontou para o processo de invenção da cidade multiétnica, que foi sendo articulada pelo poder público municipal no contexto de comemorações do centenário da cidade, período de mudança do nome do Comerciário para Criciúma Esporte Clube, na perspectiva de unificar as torcidas. Esses acontecimentos contribuíram para a hegemonia da identidade da imigração, pois, tanto no que diz respeito à direção do poder público municipal (prefeitos), quanto aos dirigentes do Criciúma Esporte Clube (presidentes), ambos os cargos foram ocupados, em sua maioria, por empresários que eram descendentes de imigrantes europeus¹³. Isso não quer dizer que a identidade do carvão desapareceu, basta dizer que a torcida do Criciúma é conhecida e reconhecida como carvoeira.

Portanto, como ficou evidenciado, o futebol foi/é uma paixão do cricumense - a maioria dos clubes criados na cidade tinha relação e vinculação identitária. Outras identidades marcam a cidade, outras entradas para se estudar o futebol podem ser abordadas, mas essas ficam para outro escrito.

¹³ Cabe ressaltar que essa cidade multiétnica incorporou algumas etnias e excluiu outras.

Referências Bibliográficas

BERNARDO, Roseli; COSTA, Marli de Oliveira; OSTETTO, Lucy Cristina. A casa e a vila: a família operária e a moradia na região carbonífera, 1913-1930. In.: GOULARTI FILHO, Alcides. **Memória e Cultura do Carvão em Santa Catarina**. Florianópolis: Editora Cidade Futura, 2004.

CAMPOS, Emerson César de; CARDOSO, Michele Gonçalves. Onde estiver o mais querido: Criciúma Esporte Clube – times e cidades (1978-204). In.: VAZ, Alexandre Fernandez; DALLABRIDA, Norberto (orgs). **O futebol em Santa Catarina – histórias de clubes (1910-2014)**. Florianópolis: Insular, 2014.

CAMPOS, Emerson César. **Territórios deslizantes**: recortes, miscelâneas e exposições na cidade contemporânea - Criciúma (SC) (1980-2002). 235 p. (Tese) Doutorado em História, Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

CAROLA, Carlos Renato. **Dos subterrâneos da história**: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964). Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

CORRÊA, Maurício Ghedin. **Lembrando os heróis do passado**: Uma História Social do futebol em Criciúma (1950 – 1970). 2007. 127 p. Monografia (Graduação em História) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

FAUSTO, Boris. De alma lavada e coração pulsante. **Revista de História**, São Paulo, n. 163, p. 139-148, jul./dez. 2010

GALENO, Eduardo. **Futebol ao sol e a sombra**. Porto Alegre: L&PM, 1995.

LEMONS, Gustavo Perez. **Mineiros e Sindicalistas na Cidade do Carvão**: Criciúma, 1952-1964. (Dissertação) 129 p. Mestrado em História, Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

LUIZ, Rosana Peruchi. **Identificações étnicas de crianças afro-descendentes no bairro Santa Bárbara (1952-1964)**. 2010. 59 p. Monografia (Graduação em História). Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma. 2010.

MAMPITUBA Football Club: fundado dois anos antes de Criciúma emancipar-se de Araranguá. Disponível em: http://www.mampituba.com.br/noticia/mampituba_football_club_fundado_dois_anos_antes_de_criciuma_emancipar_se_de_ararangua-1321. Acesso em: 10 de outubro de 2013.

MONTEIRO, Renato de Araújo. **Identidade e processo civilizador no campo das relações entre trabalho e esporte: história do processo de profissionalização do futebol em Criciúma (1948-1952)**. 2012. 73 p. Monografia (Graduação em História). Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2012.

NASCIMENTO, Dorval do. **Faces da urbe: processo identitário e transformações urbanas em Criciúma – SC (1945-1980)**. São Luís: Café & Lapis; Criciúma: Ediunesc, 2012.

OLIVEIRA, Mirtz Orige. **Monitoramento da paisagem: da ferrovia à avenida centenário em Criciúma-SC**. 2011. 184 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

POUTIGNAT, Philippe. STREIFF-FENERT, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1988.

SILVA JR., José da. **Histórias que a bola esqueceu – a trajetória do Esporte Clube Metropol e sua torcida**. Florianópolis: CMM Comunicação, 1996.

SOARES, Humberto Bitencourt. **A unificação do sonho da bola: o cenário econômico da cidade de Criciúma no processo de surgimento do Criciúma esporte clube (décadas de 1970 – 1980)**. 2010. 50 p. Monografia (Graduação em História). Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2010.

TAVARES, Antonio João. **O futebol**: entre o trabalho e a paixão nos bons tempos do Ouro Negro 1948-1968. Orleans: Gráfica do Lelo, 2013.

TRICHES, Janete. ZANELATTO, João Henrique. **História política de Criciúma no século XX**. Criciúma, SC: Ediunesc, 2015

VOLPATO, Terezinha Gascho. **A piritá humana: os mineiros de Criciúma**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1984.

WOLFF, Cristina Scheibe. Historiografia catarinense: uma introdução ao debate. **Revista Catarinense de História** – n. 2, p. 5-15, 1994.

ZANELATTO, João Henrique. **De olho no poder**: o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na era Vargas. Criciúma, SC: Ediunesc, 2012.

ZANELATTO, João Henrique. TRICHÊS, Janete. CAROLA, Carlos Renato. Do Golpe Militar a Instalação do 28º Grupo de Artilharia de Campanha (GAC): à ditadura civil-militar na capital nacional do carvão (1964 -1977). **Antíteses**, v. 9, n. 17, p. 200-221, jan./jun. 2016.

ZANELATTO, João Henrique. Guerra Fria e ditadura civil-militar na capital do carvão. **Revista Continentes** (UFRRJ), ano 9, n. 16, 2020.

Recebido: 27/11/2022
Aprovado: 13/12/2023

PARA ALÉM DO “S” QUE OS UNEM: UMA ANÁLISE HISTÓRICA COMPARADA DO SURFE E DO SKATE

AN HISTORICAL COMPARATIVE ANALYSIS OF SURFING AND SKATEBOARDING

Monique de Souza Sant'Anna Fogliatto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
moniquefogliatto@gmail.com

José Carlos Marques
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
jose.marques@unesp.br

Resumo: Nascidas como atividades relacionadas ao tempo livre, as práticas de surfe e skate trilharam um caminho bastante exitoso rumo à esportivização e, conseqüentemente, à transformação de ambas em modalidades olímpicas estreantes em Tóquio 2020. Para muito além de compartilharem o mesmo local de origem, as pranchas do mar e do asfalto têm seus históricos entrelaçados, sobretudo no que tange ao tratamento de questões relacionadas à juventude, construção da identidade, a construção de estereótipos negativos sobre a prática e seus praticantes e, sobretudo, em questões relacionadas à ocupação “imprevistas” (JACOBS, 2014) dos espaços partilhados. Sob um viés comparativo, e com base em revisão bibliográfica, procuraremos (re)trilhar os caminhos percorridos pelas pranchas do mar e do asfalto neste processo de transformação de ambas de “atividades em tempo de não-trabalho”, alvo de estigmas e marginalizações, até a conversão em modalidades olímpicas, visando não perder a identidade própria que as caracterizam.

Palavras-chave: Surfe; Skate; Juventude; Ocupação do espaço partilhado; Estigmas

Abstract: Born as activities related to free time, surf and skateboarding practices have followed a very successful path towards the sportivization and, consequently, the transformation of both into Olympic debutant modalities in Tokyo 2020. Far beyond sharing the same place of origin, the boards of the sea and of the asphalt have their histories intertwined, especially in terms of dealing with issues related to youth, identity construction, the construction of negative stereotypes about the practice and its practitioners and, above all, in issues related to the “unforeseen” occupation (JACOBS, 2014) of shared spaces. From a comparative perspective, and based on literature review, we will seek to (re)track the paths taken by the sea boards and asphalt boards in this process of transformation of both from “non-working time activities”, target of stigmas and marginalization, until the conversion into Olympic sports, aiming not to lose their own identity that characterize them.

Keywords: Surf; Skateboarding; Youth; Occupying shared spaces; Stigmas

Introdução

Tecer considerações a respeito de práticas esportivas é, inevitavelmente, remontar um intervalo temporal bastante significativo da história mundial: a passagem do século XVIII para o XIX. Denominado pelo historiador britânico Eric Hobsbawm (2015) como “A Era das Revoluções”, este período histórico foi marcado, essencialmente, por uma série de mudanças significativas no que tange à vida social compartilhada dos indivíduos. Revoluções nos campos social, econômico, político e científico trouxeram à tona novas formas de pensar os meios sociais, suas estruturas e configurações, bem como transformou a forma dos sujeitos se relacionarem, consigo, com os outros, e, sobretudo, com as estruturas sociais.

Este cenário de efervescentes transformações também se viu refletido nas reconfigurações conceituais, sobretudo no que tange às noções de trabalho e tempo livre, impactando, sobretudo, no conceito tomado como temática central deste dossiê, o esporte. Ressignificando a proposta Grega Antiga de que o trabalho seria uma punição, e o tempo livre uma espécie de privilégio a ser desfrutado por poucos, a Revolução Puritana, e posteriormente a Revolução Industrial, trouxeram uma mentalidade produtivista, capitalista e consumista, em que este passou a ser visto como um desperdício, como algo que necessita ser ocupado em razão de lucro.

É entendendo esta necessidade de “preenchimento” do tempo livre que nasce o esporte, atividade livre, espontânea, regulamentada, institucionalizada e estruturada segundo um universo próprio de sentidos. Nativo desta mentalidade pós-Revolução Industrial inglesa, este produto cultural foi amplamente difundido e popularizado nas mais variadas localidades do mundo, sendo entendido enquanto um visto como “(...) um conjunto de técnicas, saberes e discursos que, desde pelo menos o final do século XIX, vem ora apagando, ora organizando, controlando e normatizando uma variedade imensa de práticas corporais” (BRANDÃO, 2012, p.14).

Para além de objetivar construir percepções a respeito da construção e consolidação do campo esportivo em sua totalidade, neste artigo elegemos duas

modalidades que vêm ganhando espaço no interior do campo esportivo, sobretudo se olharmos para o cenário nacional: o surfe e o skate. Genericamente denominadas como “esportes californianos”, devido à sua territorialidade natal em comum no Estado da Califórnia nos Estados Unidos, as pranchas do mar e do asfalto fazem parte de um tipo particular de práticas esportivas, originalmente relacionadas ao tempo livre que envolviam diversão: os esportes “radicais”, “de risco” ou “de aventura” (DIAS, 2008) (SPINK & SPINK, 2009), que trazem à cena aquilo que Roger Caillois (1990) intitulou *Ilinx*. Nesta perspectiva, para além do viés negativo carregado pelo conceito de risco, trata-se de uma nova forma experimentação dos sentidos e situações que se constroem, munindo-se de um

[...]forte valor simbólico, que mobiliza o imaginário, mitos e símbolos que animam a cultura daquela atividade. [...] não se apresenta somente como uma prática física, mas se manifesta como um exercício da vontade do sujeito que a vivencia, de sua imaginação, da razão e do sacrifício para chegar ao objetivo primordial: o êxtase. O êxtase de seu próprio reencontro. (COSTA, 2009, p.56)

A escolha das pranchas do mar e do asfalto como objeto de análise deste artigo vai muito além do “S” compartilhado pelas iniciais das denominações das duas práticas. É por esta razão que este artigo busca (re)trilhar essas trajetórias históricas das pranchas do mar e do asfalto, que inevitavelmente se entrecruzam, centrada no processo de apropriação e desenvolvimento de ambas as modalidades no Brasil. Para muito além de uma gênese californiana, nativa da década de 1960, percorrer os caminhos históricos do surfe e do skate significa desvendar os elementos que estão ali postos, prontos para serem vistos e analisados, mas também olhar para os elementos interdiscursivos, o plano de fundo que forjou a configuração das práticas. Longe da glória alcançada pela projeção midiática dos esportes no decorrer dos séculos, e das glórias olímpicas obtidas na estreia das modalidades, o caminho de construção e consolidação de ambas como práticas esportivas nos demanda acionar alguns importantes conceitos, tais como juventude, identidade e o uso dos espaços, naturais e urbanos, que atribuíram estigmas às práticas e seus praticantes.

As ondas invadiram o asfalto: os primeiros “drops” das pranchas

Assumir um produto cultural como objeto analítico de qualquer pesquisa é estar diante de um reflexo histórico, cultural, social e político das coletividades que lhes deram origem e, sobretudo, foram as responsáveis por sua difusão. Surfe e skate são, sobretudo, fruto de seu tempo: tratam-se de duas modalidades nascidas entre 1950 e 1960 como atividades de resistência a uma ordem social estabelecida, nativas de solo californiano e apropriadas, posteriormente, enquanto produto cultural consumível estadunidense, sobretudo no que tange à incorporação das temáticas em bens de consumo, que fez com que as pranchas chegassem a outras localidades do mundo.

Antes de ganharem rodinhas e saírem por aí ganhando as ruas e os equipamentos urbanos, as pranchas ocupavam um outro ambiente bastante conhecido em cidades litorâneas, as praias. A prática do surfe, tal como a concebemos hoje, está fundada em solo californiano na década de 1950, mas carrega consigo inúmeras singularidades que são anteriores à esta demarcação. Com territorialidade e temporalidade incerta, as pranchas do mar têm sua origem disputada por povos polinésios e peruanos que atribuíam ao pedaço aplainado de madeira um sentido bastante singular: eram suporte de práticas ritualizadas e sacralizadas, frequentemente associadas ao oferecimento de oferendas aos deuses pagãos e ao descarrego de energias negativas (LORCH, 1980).

A difusão da prática do surfe aconteceu de forma gradual. Sua descoberta por outros povos só aconteceu anos mais tarde, quando o navegador inglês James Cook aportou sua expedição, em meados de 1777, na baía de Kealakekua, que corresponde atualmente ao Haváí (EUA). A prática, realizada por nativos, ainda carregava forte simbologia ritualística, em que ato de surfar sobre pranchas estava ligado às tradições de ano novo, ato dedicado ao deus Lono, responsável pela regularidade do sol e das chuvas, além de representar fertilidade e abundância. A ritualística envolvia uma espécie de competição entre os indivíduos, que deveriam chegar o mais rápido possível à faixa de areia (LORCH, 1980) (FORTES, 2011).

Sob a justificativa de uma manutenção da ordem social e de uma afronta aos bons costumes da nova civilização em processo de formação, a prática do surfe se

viu sufocada pelo processo de dominação cultural estabelecido pelos então colonizadores da região. Sufocada, mas não dissolvida, a prática passou a integrar os processos de resistências das populações nativas, que, longe dos olhares dos colonizadores, desenterravam suas pranchas nas areias das praias e se embrenhavam nas ondas do mar para seguir realizando suas atividades relacionadas ao sagrado.

No início do século XX, a prática venceu as barreiras e entraves estabelecidos por um processo de dominação cultural e começou a ganhar holofotes voltados para si, principalmente a partir da figura emblemática do atleta havaiano Duke Kahanamoku. Considerado o “pai do surfe moderno”, Kahanamoku chamou a atenção para a atividade desempenhada no mar após ser campeão olímpico de natação nos Jogos de 1912, em Estocolmo (Suécia). Na ocasião, o atleta destacou a importância da prática em seu cotidiano para a obtenção do desempenho na competição, o que fez com que os holofotes midiáticos se voltassem para a modalidade que ainda estava em processo de configuração (FORTES, 2011).

Somente anos mais tarde, em meados da década de 1950, que o surfe assume as formas pelas quais o conhecemos hoje. Com sua gênese demarcada em solo californiano, e assistindo a um processo de popularização da prática para além daquela localidade, o surfe foi apropriado como produto cultural estadunidense, sendo temática recorrente principalmente dentre as produções cinematográficas norte-americanas, que funcionavam como ferramentas de reforço da força coercitiva estadunidense sobre os demais países, em um período marcado por uma disputa ideológica, a Guerra Fria (HOBBSAWM, 2015).

É a partir destes mecanismos de difusão cultural, e, sobretudo, do trânsito contínuo de membros da parcela abastada da população brasileira àquela localidade que o surfe adentra o solo brasileiro, ainda na mesma década em que tem origem. Apesar da crescente popularidade, o que se viu foi ainda o reflexo de uma atividade de lazer que prezava pela diferenciação social e o reforço de estruturas hierárquicas. Devido a diversos fatores, como o acesso às pranchas utilizadas para a prática, a obtenção de materiais a ela relacionados ou até mesmo a dificuldade e o alto custo para chegar até as praias, o surfe se configurou como

um “esporte da elite”, principalmente no eixo central de seu desenvolvimento em solo nacional, situado entre Rio de Janeiro e o litoral paulista.

Não muito diferente do contexto de efervescência revolucionária¹ internacional nos mais variados setores da vida em coletividade, o Brasil vivia um contexto bastante peculiar de sua história quando as pranchas do mar e do asfalto chegaram por aqui. Àquela época, a Ditadura Militar, regime totalitário vigente entre as décadas de 1960-1980, assistia aos “Anos de Chumbo”, sendo marcado por repressões, torturas, mortes e cerceamentos de liberdades individuais em defesa de uma concepção de moral e bons costumes, utilizada por muitas vezes como ferramenta para classificar o “socialmente aceito”.

É neste contexto marcadamente autoritário que se viu emergir uma série de tribos urbanas, motivadas pela busca de espaço e reconhecimento de suas particularidades em meio a uma coletividade mais ampla. Trata-se de um momento de efervescência de identidades, marcando a ascendência do individual em detrimento de um coletivo, homogêneo. Os jovens perceberam que a constituição de grupos era uma maneira um tanto eficaz de se fazer presente em um cenário marcado por repressões e cerceamento de liberdades, tal como se apresentava o cenário brasileiro. É neste cenário que começamos a pensar em uma sociedade enquanto um complexo emaranhado de identidades individuais que, sendo atrativas a um determinado público, podem se ajuntar a fim de formar uma nova “tribo”, dado que a identidade, enquanto construção discursiva, se apresenta enquanto “(...) uma construção simbólica que se faz em função de um referente. Os referentes podem evidentemente variar em natureza, eles são múltiplos – uma cultura, a nação, uma etnia, a cor ou gênero.” (ORTIZ, 2005, p.79).

Neste cenário, atividades cotidianas relacionadas ao tempo de “não-trabalho” foram vistas com olhares atravessados por uma determinada parcela da população, fazendo com que, aos poucos, o surfe adentrasse o universo de práticas

¹ Em um caráter de resistência a uma ordem social instituída, a década de 1960 viu emergir importantes movimentos contestatórios que marcaram uma geração. No âmbito da vida social, questões como divórcio, liberdade sexual e diversas outras expressões contraculturais emergiram no cenário internacional e foram bastante significativos no processo de mudança da mentalidade vigente à época. A concepção de que os sujeitos que compunham as coletividades não eram passivos, mas significantes e agentes no processo de construção e manutenção social foi de fundamental importância para as mudanças que viriam.

subculturais, conforme veremos no decorrer deste artigo. Em face do “moralmente aceito” e de uma visão produtivista de tempo, os “surfistas de alma” (FORTES, 2011) passaram a ser alvo de olhares atravessados de uma parcela conservadora da população, que via com maus olhos esta prática, que propunha uma nova forma de desfrute deste tempo ocioso, em uma espécie de *fulgere urbem*, estabelecendo um (re)conhecimento de si e uma tomada de consciência desses sujeitos com relação ao espaço, aos demais e às estruturas sociais.

Percorrer os caminhos trilhados pelas pranchas do asfalto também perpassam por este contexto bastante singular aqui apresentado. Diante de uma intempérie climática que atingiu a Califórnia na década de 1960, as pranchas do mar invadiram o asfalto, fazendo com que a prática ficasse primeiramente conhecida como *sidewalk surfing*, ou surfe de asfalto (BRANDÃO, 2007; HONORATO, 2012). Encurtadas e postas sobre eixos e rodinhas, as pranchas aplainadas encontraram nas piscinas vazias de bordas arredondadas o primeiro palco de sua existência, sendo posteriormente incorporadas ao ambiente urbano a partir do uso de calçadas, corrimãos, escadarias e demais equipamentos urbanos como suporte para o desenvolvimento de manobras oriundas do mar.

É ainda na década de 1960 que esta prática, fortemente associada à atividade desempenhada sobre as ondas, adentra em solo brasileiro, resultado de uma forte influência norte-americana que já se fazia perceptível desde meados dos anos 1940. O skate, enquanto fruto de seu tempo, trazia em suas “veias” a necessidade por mudanças, que se tornou uma marca significativa na construção da identidade deste grupo social. Seja no modo de pensar, de se comportar, ou simplesmente de se relacionar, com os “outros”, consigo mesmo ou com o espaço, o skate traz à tona aspectos que iam de encontro com a mentalidade conservadora e ditatorial instituída em solo brasileiro.

Apesar de ter suas raízes no Rio de Janeiro, tal como um desdobramento do surfe, é em São Paulo que o skate ganha espaço e notoriedade (BRANDÃO, 2007). Isso se deve principalmente a influências culturais que já despontavam em solos paulistanos na década de 1980: o surgimento do skate street e as influências do movimento punk, que garantiram a consolidação de um skate cada vez mais distante do passado relacionado às pranchas do mar. Mas, assim como aconteceu

com o surfe, alvo dos olhares atravessados das elites que ocupam as faixas litorâneas, o skate, e conseqüentemente seus praticantes, também foram alvo de estigmas de cunho negativo, fruto principalmente dos “usos imprevistos” (JACOBS, 2014) destes espaços partilhados.

Utilizando-se dos veículos midiáticos como força propulsora para a construção de uma identidade própria, o skate foi aos poucos se descolando de seu passado relacionado às pranchas do mar, sobretudo em meados da década de 1970. Incorporado pelas lógicas mercadológicas, que vislumbravam o aumento do número de praticantes como um potencial público consumidor de bens de consumo e estilo de vida relacionados à atividade, o skate foi aos poucos se consolidando no imaginário social brasileiro, até, mais tarde, se tornar uma prática esportiva, tal como também ocorreu com o surfe.

Entre agentes e marginalizações: a ascensão da juventude na construção das práticas sobre pranchas

Antes de voltar a atenção para o processo de tomada dos espaços públicos partilhados, fruto de estigmas e marginalizações, é preciso voltar o olhar para os sujeitos dessa ação, a juventude. Durante muito tempo, esta categoria social esteve invisibilizada enquanto uma etapa da vida de um indivíduo: às crianças era atribuído o direito ao desfrute por meio de práticas de lazer e divertimento, sempre pautadas pela inocência; aos adultos, sobretudo homens, cabia a responsabilidade pelo provimento familiar e, por fim, aos mais idosos era devida a responsabilidade de transmissão de valores, conhecimentos e tradições, ficando a juventude apagada (MORIN, 1997).

É somente ao final do século XIX, em transição para o novo século, que vimos emergir o conceito de juventude, fortemente influenciado pelas mudanças sociais em curso. Ainda enquanto um conceito em construção, o “juvelinismo” (MORIN, 1997) (MAFFESOLI, 2001) é fruto de um processo de degerontalização e de (re)construções no conceito de patriarcalismo, em que o “ser jovem” significaria estar em um constante processo de busca de si e de uma devida inserção social, com identidades não constituídas e valores e papéis sociais não estabelecidos. A ascensão dos jovens como protagonistas de suas próprias histórias e agentes

transformadores dos meios sociais veio somente no século XX, que trouxe à tona o protagonismo assumido por esta parcela social no processo de transformações estabelecidas à época. A partir desta perspectiva,

(...) o jovem (...) na condição de sujeito social, constrói o seu determinado (e próprio) modo de ser (e de estar) no mundo, pertencendo a determinadas condições sociais, (...) aos aspectos socioeconômicos, culturais (...), de gênero, a regiões geográficas, fatores tais que o(a) particulariza. (COUTO et al, 2019, p.39)

Para além de uma visão macro generalista, em que as sociedades são vistas como coletivos homogêneos, o que assistimos foi uma particularização do olhar, tomando agora os sujeitos como agentes e significantes, capazes de (re)construir significados que até pouco tempo antes, eram vistos como consolidados, emergindo inúmeras possibilidades de se pensar, e manifestar, a cultura. Em detrimento de uma cultura, única, homogênea e predominante, emergem-se culturas, advindas das especificidades de cada grupo de sujeitos, o que gerou desconforto em membros mais abastados da sociedade da época, que viam a necessidade da perpetuação de valores tradicionais e da manutenção da moral e dos bons costumes.

É em face a um processo de estigmatização e marginalizações que surge o conceito de subculturas, usadas essencialmente para denominar as práticas desempenhadas pela juventude, que em meados do século XX, via como fundamental a contestação dos valores e crenças como uma força motriz de transformação social. Em vias de afastarem-se da “cultura” que lhes deu origem, marcadamente autoritária, patriarcal e tradicional, e buscando visibilidade e reconhecimento neste meio social partilhado, a parcela juvenil, composta de sujeitos ativos e significantes, apropriam-se de valores considerados contraculturais aos olhos de uma sociedade mais abastada, sobretudo no caso brasileiro, fazendo com que os sujeitos, e, sobretudo, as atividades por eles desempenhadas, ficasse refém de estigmas construídos discursivamente para afirmar o “socialmente desejável” aos olhos de uma determinada parcela da população.

Foi assim que, associando-se a múltiplos grupos e assumindo posturas mais

rígidas com relação ao questionamento de princípios antes sedimentados na formação de seu caráter, os jovens assumiram protagonismo. Para Murdock (1997, p. 9, apud CLARKE et al, 2003, p. 29), as subculturas, situações em que os grupos mais variados compostos pela parcela jovem da população se inseriram, “(...) oferecem uma solução coletiva para os problemas colocados por contradições compartilhadas (...) e proporcionam um contexto simbólico para o desenvolvimento e reforço de identidade coletiva e autoestima individual.”, fazendo com que emergissem um sem número de tribos urbanas (MAGNANI, 1993) que iam de encontro ao contexto autoritário vigente, sobretudo no Brasil, o que fez com que fossem lançados olhares atravessados às práticas instituídas por uma parcela jovem.

É inegável admitir que o discurso construído sobre as duas práticas era demasiadamente atrativo à juventude, sendo cartão de visita para a introdução e popularização do surfe e do skate dentre a parcela juvenil: 1) A “ocupação imprevista” (JACOBS, 2014) dos espaços servia de forte argumento contestatório a ser apropriado pelos jovens, que buscavam construir suas identidades associando-se à elementos culturalmente “desviantes”; 2) A instituição da radicalidade por meio do risco calculável e previsível, passível de despertar prazeres antes inatingíveis nos corpos era um convite bastante atrativo à experimentação da prática, fazendo com que os jovens adentrassem nesses universos e, por fim; 3) Tratam-se de duas atividades que privilegiam a plástica dos movimentos, tornando-os visualmente atrativos de serem contemplados e que despertam a curiosidade por sua realização, mas, sobretudo, as práticas sobre pranchas trazem à cena uma ressignificação do uso dos corpos, descobrindo-os como “elementos de comunicação” (BRANDÃO, 2012) capazes de desbravarem esses espaços partilhados, dando-lhes uma nova utilidade. Mais do que um suporte, o corpo passa a ser vetor comunicativo de linguagem ímpar que atua tanto expondo aspectos subjetivos dos sujeitos quanto refletindo as sedimentações transmitidas a ele, como “(...) efeito de uma elaboração social e cultural.” (LE BRETON, 2007, p.26).

A introdução de uma nova forma de se relacionar consigo, com os outros e com os espaços partilhados foi fortemente atrativa a uma juventude que ansiava

por transformações, mas tornou-se alvo de estigmas e marginalizações, em que tanto surfe quanto skate passaram a ser práticas “desviantes”. Mas, antes de prosseguir estas discussões, é preciso voltar o olhar para a definição deste importante conceito. Marcadamente discursivo, fruto da articulação da língua transformada em linguagem, o conceito resulta de valores e significados cristalizados no inconsciente de coletividades, restritas ou abrangentes, que decidem por demarcar diferenças, dando base para uma mentalidade coletiva (ELIAS E SCOTSON, 2000) (GOFFMAN, 2004) (BECKER, 2008). Ainda segundo Howard Becker (2008), o desvio está associado à

(...) construção de reafirmação de significados morais na vida social cotidiana (...) descrito como pouco mais que o resultado de uma tomada de decisão arbitrária, fortuita ou tendenciosa, a ser compreendido como um processo sociopsicológico pelo qual grupos procuram criar condições para perpetuar valores estabelecidos e modos de comportamento, ou aumentar o poder de grupos especiais. (BECKER, 2008, p. 18-195)

Compreendê-lo é estar diante de um universo de sentidos comunicacional e, sobretudo, discursivo. Ao valorar determinados sujeitos como “bons” ou “maus”, fazemos escolhas linguísticas através de percepções que não advêm de um consenso geral, mas que se situam como resultado de um conjunto de “valores” partilhados por aqueles sujeitos responsáveis por emitir discursos em posições privilegiadas (ELIAS E SCOTSON, 2000) (GOFFMAN, 2004) (BECKER, 2008). Ainda segundo Becker (2008), o desvio está associado à “(...) construção de reafirmação de significados morais na vida social cotidiana” (BECKER, 2008, p.185), sendo estas regras sociais construídas a partir de um dado contexto partilhado. Assim, o desvio, para Becker (2008), é resultado de um processo de reforço de uma ideologia hierárquica, sendo

(...) descrito como pouco mais que o resultado de uma tomada de decisão arbitrária, fortuita ou tendenciosa, a ser compreendido como um processo sociopsicológico pelo qual grupos procuram criar condições para perpetuar valores estabelecidos e modos de comportamento, ou aumentar o poder de grupos especiais. (BECKER, 2008, p.195)

No caso das modalidades aqui estudadas, postas sob um contexto marcado

pelo autoritarismo e pelo conservadorismo vigentes no território brasileiro, as práticas de surfe e skate seriam inevitavelmente consideradas subversivas, desviantes ou marginalizadas. Assim, o que vale é dizer que, muito mais do que negar tal subversão, seus praticantes incorporaram tais estigmas como parte de suas identidades, sendo estes objetos de orgulho que se perpetuam até hoje em ambas as práticas: os cabelos, as vestimentas e o próprio modo de agir e se relacionar revelam características desta dita “subversão” que foi conservada por surfistas e skatistas. Para além disso, o fato de apropriarem-se de espaços partilhados de uma maneira distinta à que foi planejada também contribuiu fortemente para que estas tribos urbanas estivessem classificadas como subculturas desviantes, marginalizadas, questão a ser desdobrada durante a trajetória deste artigo.

Ocupar é resistir: apropriações dos espaços naturais e urbanos pelas pranchas e os estigmas atribuídos

Espaço de encontro entre a infinidade do mar e a terra, a praia foi ambiente escolhido como palco para uma série de narrativas e atividades cotidianas dos indivíduos. Seja nas narrativas bíblicas, em que o mar era munido de uma força irremediável e punitiva das ações desviantes dos indivíduos, como palco das narrativas mitológicas de seres fantásticos ou até mesmo como ambiente a ser desbravado para a conquista de novas terras, como no caso das Grandes Navegações, as narrativas construídas sobre o mar sempre carregaram estigmas. Para Joseph Campbell (2007, p.64), a constituição destas narrativas se faz importante pois “há nessas aventuras uma atmosfera de irresistível fascínio em torno da figura que aparece subitamente como guia, marcando um novo período, um novo estágio, da biografia.” Os oceanos, portanto, foram tomados como ambientes hostis, imprevisíveis, de certa forma, finitos e tomados por criaturas fantasiosamente horrendas que ameaçam o espírito desbravador (DE FREITAS, 2007).

Aos poucos, o que era temor e resistência se transformou em oásis em meio à vida caótica instalada nos centros urbanos. Para além do temor, as praias foram incorporadas à cena cotidiana das cidades, funcionando como uma espécie de

refúgio para qual os indivíduos, engolidos pelas atribuições e atribulações da vida moderna de trabalho, corriam para abrigarem-se. Além de um ambiente de refúgio, contemplação e descarrego de ansiedades, o espaço da praia passou a também ser palco para o desempenho de atividades inseridas em um período de tempo livre das populações urbanas, dando um novo uso, ainda imprevisto, a esses espaços litorâneos (CORBIN, 1989).

É somente no século XIX que as praias passam a ser entendidas como espaço de sociabilidades, primeiramente ainda associadas à experiência do “prazer à distância” (MACHADO, 2000, p.212). Habitar o espaço das praias era estar imerso em um jogo de construções discursivas que demarcava hierarquias: o acesso, e os “usos previstos” estavam restritos a uma pequena parcela da população, que habitavam os arredores destes espaços, estando seu acesso restrito a uma outra coletividade, mais ampla, que por razões de urbanização, se encontravam nas periferias destes centros urbanos. Neste contexto, o simples ato de “praíar” (BARICKMAN, 2016), ou desfrutar do tempo de não-trabalho, dependia de uma série de construções sociais associadas ao seu uso, sendo sua ocupação lida como “(...) uma área de tensões potenciais. A indeterminação desses espaços, a multiplicidade dos direitos de uso e (...) os privilégios outorgados e as insidiosas tentativas de monopólio tornaram esses lugares altamente conflitivos.” (CORBIN, 1989, p.215).

A virada para o século XX trouxe não só a introdução da prática do surfe em solo brasileiro como também viu ascender novas formas de ocupação do espaço da praia. As revoluções sociais ocorridas no decorrer das décadas trouxeram à cena uma nova mentalidade de expressão de si e, principalmente, do “comunicar-se” através dos corpos. Diante de um contexto marcadamente caracterizado pela repressão e censura, vimos emergir no Brasil um interesse governamental e político de regulamentação envolvendo a vestimenta e o “usos socialmente aceitos” dos espaços partilhados litorâneos, em uma ressignificação do conceito de usos previstos, de Jane Jacobs (2014).

Vigente desde a Abolição da Escravatura (1888), momento em que os negros recém-libertos utilizavam a praia como ambiente de passagem para o desempenho das suas atividades cotidianas, a “política de moralidade” também foi

prática recorrente durante todo o século seguinte, se expandido para as demais práticas ocorridas no espaço da praia que fugiam à norma social estabelecida, marcadamente tradicional e conservadora que demarcavam o que devia ou não ser feito naqueles espaços, em uma forte dicotomia entre o “eu”, elitista, e o “eles”, marginalizados e desviantes, reforçando os estigmas atribuídos sobre as práticas e, conseqüentemente, sobre seus praticantes (BARICKMAN, 2016).

O fato é que com a popularização do surfe no ambiente praiano brasileiro, seria impossível que esta separação hierárquica entre o “eu” e o “eles” não se fizesse refletida nas pranchas do asfalto e em seus praticantes. Seja pelo “uso imprevisto” dos espaços litorâneos, em que as pranchas eram consideradas armas potenciais para aqueles que apenas desejavam “praia”, por pregar um espírito de comunidade, muito distante daquele estabelecido pelo ritmo de vida capitalista, pela presença massiva dos “surfistas de alma”, que colocavam em prática os valores desta tribo urbana composta essencialmente por jovens ou pelo uso de drogas ilícitas, o surfe passou a ser alvo de estigmas e marginalizações, sendo alvo das forças repressivas do Estado até alcançar a esportivização.

Quando olhamos para o processo de ocupação dos espaços urbanos como ferramenta de expressão de inúmeras tribos nascidas com as revoluções sociais, políticas e econômicas durante o decorrer dos séculos, o cenário de estigmatização se mantém. Aqui, o que entendemos por cidade vai muito além das estruturas eficazes de gestão política, econômica, organizacional e social com demarcações funcionais para os espaços: morar, comprar, se relacionar, organizar a gestão municipal (WEBER, 1967). Trata-se, sobretudo, de um espaço construído *por* e *para* indivíduos que, para além de partilharem a territorialidade, a temporalidade e as sedimentações que os deram origem como coletividade, também são plurais, heterogêneas e passíveis de desempenhar múltiplas funções a depender de suas intencionalidades, em um espaço de partilha e sociabilidades, em um processo de constante (re)construção de uma “cidade plástica” em detrimento da rigidez prevista no planejamento arquitetônico urbano.

É neste espaço heterogêneo, dinâmico e de sociabilidades que emerge a tribo urbana que aqui elegemos como objeto deste artigo. Em uma aparente (re)significação dos espaços, planejados para cumprirem determinadas

finalidades, os skatistas passaram a apropriarem-se de equipamentos urbanos variados, tais como corrimãos, escadas ou bancos para desempenharem suas manobras, essencialmente plásticas. O fato é que, mesmo partilhando a mesma territorialidade e temporalidade, os sujeitos apropriam-se destes espaços partilhados de múltiplas maneiras, com base em nas mediações e sedimentações que possuem (MARTIN-BARBERO, 1997) (BERGER & LUCKMANN, 2014), oferecendo dinamicidade e potencial de transformação destes espaços em lugares, marcados essencialmente por um “[...] teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.” (SANTOS, 1996, p. 258).

Ao proporem uma (re)significação dos equipamentos dispostos nos espaços urbanos, os praticantes das pranchas do asfalto iam, inevitavelmente, ser alvo dos olhares atravessados de uma parcela abastada da população. Assim como o surfe, os “carrinhos” também se viram alvo de ações repressivas por parte do Estado, que via nestes usos imprevistos uma ameaça à ordem urbana, construindo discursivamente os espaços por eles ocupados como “zonas opacas” (SANTOS, 2006), perigosas de serem transitadas pelos habitantes das cidades. Regiões das avenidas Paulista, Faria Lima e Berrini, conhecidas por ser o “coração” da cidade de São Paulo, palco do desenvolvimento desta prática, foram vítimas desta apropriação indevida, gerando mal-estar dentre os membros mais abastados da sociedade ali presente. Não à toa, as décadas de 1970-80 viram entrar em vigor o Decreto-Lei 25.871, instituído durante o governo municipal de Jânio Quadros, que coibia o trânsito dos carrinhos pelas ruas da capital, sendo descriminalizado apenas após a eleição de Luíza Erundina, em 1988, que se apropriou do discurso de descriminalização da atividade como proposta de sua campanha (BRANDÃO, 2014) (OLIC, 2014)

Como pudemos ver, os estigmas, essencialmente negativos, lançados sobre as práticas sobre pranchas são um interessante ponto de inflexão nas trajetórias históricas de ambas as modalidades. Assumindo para si como parte de suas identidades, essas tribos urbanas foram ganhando cada vez mais espaço e visibilidade, sobretudo em solo nacional, que viu emergir importantes expoentes no processo de transformação das pranchas do mar e do asfalto de atividades

despretensiosas no tempo livre em modalidades esportivas e, muito posteriormente, em modalidades olímpicas disputadas pela primeira vez em Tóquio em 2021, edição adiada devido a pandemia de coronavírus.

Entre a esportivização e a introdução no rol de disputas olímpicas: resistências e brechas

Durante muito tempo caracterizadas como desviantes e marginalizadas, as pranchas do mar e do asfalto encontraram nos aparatos midiáticos a força motriz necessária para a popularização das práticas nos mais variados setores da vida social brasileira, sendo temática recorrente em filmes, notícias e produções midiáticas especializadas. Vendo nas práticas um potencial comercial, haja visto o crescimento exponencial que as pranchas do mar e do asfalto tiveram desde sua introdução na década de 1960, a cultura destas tribos urbanas, antes marginalizadas e subversivas, foram apropriadas enquanto produtos culturais consumíveis.

No caso das pranchas do mar, o processo de midiatização foi um importante marco temporal histórico para a trajetória da modalidade, até então vista como um produto relacionado ao tempo de não-trabalho de uma juventude que ressignificara a relação de uso do ócio. É claro que partilhar seu berço com a gênese do cinema fez com que o surfe fosse apropriado enquanto temática recorrente durante a década de 1950-60, sendo “vendido” como um estilo de vida atrativo a uma coletividade para além das fronteiras estadunidenses, somado à plasticidade dos movimentos desempenhados em cima das pranchas, com forte apelo estético midiático. Com o crescimento do interesse de um público praticante, o surgimento de empresas especializadas em bens de consumo relacionados à atividade e, sobretudo, a necessidade de constituir o surfe como uma prática regulamentada, as pranchas do mar acabaram por se esportivizar (BOURDIEU, 1983). Desta forma,

(...) o conteúdo libertário, transgressor e transcendental fornecido pela experiência de contato com o mar, que denotava uma vivência quase espiritual, seria substituído por uma mentalidade mais convencional, (...) mais condizente com a competição e a busca de lucros e resultados. (DIAS, 2008, p.133)

O processo de regulamentação e institucionalização das práticas, foi essencial para a compreensão do surfe e do skate modalidades esportivas. No caso do skate, o processo de popularização das práticas demandou até mesmo o surgimento de locais “permitidos” para o deslizar das rodinhas, sendo, em grande parte, fruto do financiamento das empresas especializadas em produtos destinados à esta tribo urbana. Além disso, também parte destas empresas o patrocínio para o surgimento dos primeiros campeonatos de surfe e skate no país, já em meados da década de 1970, trazendo à cena a possibilidade de “viver” das pranchas do mar e do asfalto devido ao retorno financeiro destas competições e o investimento das marcas na construção de carreiras profissionais. Aos poucos, as pautas relacionadas às pranchas do mar e do asfalto foram deixando a editoria de polícia, sendo cada vez mais recorrente no espaço dedicado aos esportes, abordando a ocorrência e/ou o resultado das competições, “traduzindo” as especificidades das duas modalidades ou servindo de “vitrine” para o adentrar de um potencial público leigo no universo das pranchas.

Mas é no surgimento de revistas especializadas que talvez tenhamos a maior prova da importância da esportivização para a prática do surfe e do skate: surgidas entre as décadas de 1970-80, estas “mídias de nicho” exerceram um importante papel no processo de popularização do surfe enquanto prática esportiva, sendo produzida por praticantes para um público leigo, “(...) categorizando, explicando, discutindo, rotulando grupos sociais, gostos e preferências, organizando dados disparatados, legitimando-os e apresentando-os como algo distintivo” (FORTES, 2011, p.33-34). A apropriação de surfistas e skatistas como autores destas matérias foi um importante marco no processo de desconstrução dos estigmas e marginalizações que marcaram as trajetórias históricas das modalidades, fazendo destes veículos a “voz” desta parcela da população, já que, neste caso, “(...) o jornalista é alguém que entende e gosta do assunto, assim como o leitor. Ambos fazem parte da subcultura (...) e compartilham seus valores.” (FORTES, 2011, p.34).

Entretanto, é com o surgimento e popularização da televisão, sobretudo em solo brasileiro, que as práticas ganharam um “boom”, principalmente devido à

plasticidade dos corpos e na beleza estéticas dos movimentos desempenhados sobre as pranchas. Com forte apelo midiático, sendo atrativo a uma coletividade até então leiga a respeito das duas atividades, skate e surfe se viram incorporados dentre as temáticas abordadas pelos conteúdos televisivos, sejam nas matérias *sobre* ambas ou, mais tarde, com a transmissão das competições que se consolidavam naquele período.

Ao olharmos a uma maior distância, vemos que o investimento dado às pranchas do mar e do asfalto naquela época fundaram as bases para um universo esportivo e competitivo próspero, tanto a nível internacional quanto nacional. Na contemporaneidade, é impossível acionar mediações a respeito das práticas do surfe e do skate sem, ao menos em algum momento, deixar vir à tona importantes expoentes das duas práticas, deixando claro que o processo de esportivização rendeu importantes frutos para ambas as modalidades.

No surfe, figuras lendárias como o estadunidense Kelly Slater, 11 vezes campeão mundial da modalidade, ou os brasileiros Adriano de Souza, o Mineirinho, e seus contemporâneos Gabriel Medina, Ítalo Ferreira e Felipe Toledo são figuras facilmente acionadas quando reconstruímos o cenário competitivo das pranchas do mar. Juntos, essa “nova geração do surfe” consolidou uma trajetória de sucesso, alçando o Brasil como uma das mais fortes potências internacionais da modalidade. A sequência de vitórias e boas colocações nos campeonatos fez emergir a “Brazilian Storm”, ou Tempestade Brasileira, alcunha que até hoje acompanha os atletas nas competições a nível internacional.

O caso dos “carrinhos” não é diferente, trazendo à cena nomes bastante conhecidos e reconhecidos no cenário internacional. É impossível deixar de fora o pioneirismo de Tony Hawk, skatista estadunidense que, além das incontáveis conquistas, também dá nome à mais lucrativa franquia dos jogos de videogames esportivos. Abrindo caminho para uma série de prodígios brasileiros dos carrinhos, Bob Burnquist e Sandro Dias são nomes facilmente rememorados no processo de reconstrução história do skate como modalidade esportiva.

De lá para cá, o solo fértil viu brotar uma série de “novos prodígios” nas inúmeras modalidades surgidas a partir do skate: Pedro Barros, Seis vezes medalhista de ouro nos X Games, Kelvin Hoefler, medalhista de prata em Tóquio e

bicampeão dos X Games na modalidade skate street e Luiz Francisco, o Luizinho, são alguns dos nomes mais importantes da modalidade. Porém, é impossível deixar de destacar a ascensão do skate feminino nas últimas décadas, principalmente considerando que a modalidade foi marcada por uma origem marginalizada essencialmente masculino cis.

É inegável o protagonismo feminino brasileiro no skate street, principalmente se olharmos o ranking da modalidade até 2019, em que o Brasil figura com três dentre as quatro primeiras melhores skatistas do mundo: Pâmela Rosa, bicampeã mundial da Skate League Skateboarding (SLS) tem como companhia no pódio Rayssa Leal, atleta de 15 anos que dentre as inúmeras conquistas detém da inédita prata olímpica da modalidade, seguida pela japonesa Aori Nishimura. Letícia Bufoni, considerada um dos maiores nomes da história do esporte, completa o quarteto. A ascensão de inúmeros outros nomes, cada vez mais jovens, marca um momento de glória para o skate feminino, diversas vezes reprimido e marginalizado dentro do próprio cenário competitivo.

A esportivização das pranchas do mar e do asfalto trouxe à cena patrocinadores próprios, um cenário competitivo consolidado internacionalmente e, sobretudo, instituições e federações organizativas, que ajudaram a estruturar ambas as modalidades. No surfe, World Surf League (WLS), representante de organizações privadas, e a International Surfing Association (ISA), criada em 1964, são os principais nomes da modalidade, sendo esta última eleita pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) para gerir, regulamentar e organizar a disputa olímpica.

Já no caso do skate, o desejo por torná-lo uma modalidade olímpica vinha desde a edição dos Jogos de Atlanta em 1996, o que não foi efetivado pela ausência de uma entidade organizativa descolada de iniciativas privadas; além disso, a inclusão foi alvo de resistência por parte dos skatistas “raiz”, que viam ameaçada a “essência skatista” e o “estilo for fun” conservado por essa tribo urbana (FALCÃO; UVINHA, 2018). Foi assim que se fundiram, então a ISF e a Federação Internacional de Roller Sports (FIRS), criado em 1924, criando, então a World Skate, que ficaria responsável por “(...) dar autonomia para a governança, desenvolvimento e gerenciamento do skate através da comissão olímpica desse esporte” (FRICKE,

2017). A decisão foi inclusive motivo de comemoração por parte do Confederação Brasileira de Skate (CBSK), tida como principal representante nacional na modalidade.

Desta forma, a inclusão do surfe e do skate no rol de modalidades olímpicas, feita em 2014, juntamente ao caratê, softbol/basebol e escalada, deixava claro um jogo maniqueísta interessante. Por um lado, tornarem-se olímpicos representaria o reconhecimento de um árduo processo de esportivização, tendo consequências sentidas por membros das entidades organizativas e, conseqüentemente seus praticantes. Tratar-se-ia do reconhecimento dos atletas, já que “vestir a camisa” de uma nação daria uma responsabilidade diferente ao atleta, dando-lhe a oportunidade de representar uma coletividade mais ampla e dividir com estes as glórias de sua conquista em uma competição de tamanha importância. Por outro lado, “encaixar-se” nos moldes propostos pelo COI seria uma tentativa de cercar as duas modalidades, tornando-as “socialmente aceitas”, retirando-lhes a identidade subversiva que lhes deu origem (FALCÃO, 2020).

Porém, mesmo diante das resistências estabelecidas, tratou-se de uma aposta certa por parte do Comitê Olímpico. Trazendo à cena uma nova forma de competir, baseado não só na melhor apresentação de si, mas de celebrar as conquistas dos demais competidores, como uma forma de celebrar os avanços das modalidades, surfe e skate ganharam os holofotes midiáticos e, conseqüentemente, a atenção e afeição do público espectador. Potência no universo das pranchas, o Brasil teve um excelente retrospecto nas estreias das modalidades em Tóquio, escrevendo o nome do país nos primeiros pódios das disputas olímpicas: Pedro Barros, do skate park, Rayssa Leal e Kelvin Hoefler, do skate street, trouxeram para casa a prata olímpica. Já no surfe, Ítalo Ferreira conquistou o lugar mais alto do pódio, trazendo a primeira medalha de ouro do quadro olímpico para o Brasil. Muito mais do que isso, as quatro medalhas conquistadas foram bastante significativas para a conquista do 12º lugar no quadro geral da edição de 2021.

Muito mais do que simplesmente uma aposta bem-sucedida do COI, skate e surfe também ocuparam lugar de destaque no tratamento midiático da TV Globo, emissora oficial de transmissão dos Jogos Olímpicos de Tóquio, ocorridos em 2021. Diante do currículo dos atletas brasileiros postulantes a representantes do país

naquela edição do megaevento, que tinham na bagagem inúmeras conquistas em competições internacionais, a emissora optou por não só os apresentar a um público leigo, mas também fazer a transmissão das competições, trazendo à cena skatistas e surfistas profissionais para “traduzir” a modalidade então desconhecida do público espectador. Já garantidas na edição de 2024, em Paris, as modalidades parecem terem vindo para ficar, deixando a marca da radicalidade na história deste tão importante e simbólico megaevento.

Considerações finais

Para muito além de partilharem um pedaço de madeira aplainado, de carregarem a mesma letra inicial, ou de serem difundidas a partir do solo californiano, sendo transformadas em produtos culturais consumíveis, as pranchas do mar e do asfalto têm, sem dúvida, uma trajetória histórica entrelaçada, acionando uma série de discussões fundamentais e indispensáveis quando optamos por percorrer estes caminhos tortuosos. Inaugurando uma nova forma de pensar a relação do (re)conhecimento de si, da relação construída com o outro e, sobretudo, com uma forte ligação entre as práticas, seus praticantes e os espaços por elas ocupados, as pranchas do mar e do asfalto foram, essencialmente, frutos de seu tempo.

Se, de um lado, o século XX marcou a ascensão de inúmeras revoluções nos campos científico, social, econômico e político, trazendo à cena o protagonismo dos sujeitos enquanto ativos e significantes nos seus meios sociais, de outro, também viu emergir movimentos autoritários e ditatoriais que marcaram a história de muitos países ao redor do mundo, que coíbiam quaisquer manifestações que se desviassem às normas de moral e bons costumes vigentes. Entre brechas e resistências, surfe e skate (co)existiam em um contexto marcado pelos “Anos de Chumbo” da Ditadura Militar brasileira, que via com maus olhos esse “uso imprevisto” do tempo de não-trabalho.

Diante deste contexto, o estabelecimento de estigmas era inevitável. Assim, construções discursivas relacionadas ao desvio, à marginalização e à subversividade foram frequentemente atribuídas a membros destas duas tribos urbanas, cujas práticas ainda se configuravam como “de tempo livre e lazer”. Longe

de serem vistas com receio ou revolta por parte dos grupos de surfistas ou skatistas, estes estigmas passaram a incorporarem-se na identidade coletiva dos grupos, sendo defendido com orgulho por aqueles que descobriram na prática uma maneira atrativa e saudável de “aproveitar o dia” com outros indivíduos que detinham de gostos em comum.

O fato é que, na contramão da repressão e do autoritarismo do governo, via-se um crescente interesse a respeito das atividades, principalmente devido à suas ligações com elementos da radicalidade, que possibilitavam aos jovens experimentar novas sensações através do risco e da aventura. Com os holofotes mercadológicos e midiáticos voltados para essas novas atividades que ganhavam espaço no cotidiano brasileiro, viu-se surgir veículos especializados e diversas marcas voltadas para o consumo de bens relacionados às atividades que, anos mais tarde, também foram de fundamental importância para a consolidação das pranchas do mar e do asfalto, bem como em seu processo de esportivização.

Os ingredientes estavam ali postos para a ascensão do surfe e do skate enquanto práticas esportivas. O consumo de bens e o tratamento jornalístico da temática, desvincilhando-as dos estigmas postos sobre elas e explicando suas especificidades a este “novo público consumidor” fez com que surfe e skate se institucionalizassem, regulamentassem e estruturassem, sagrando-se enquanto práticas esportivas. Não demorou muito até que viessem os primeiros frutos desta trajetória árdua, emergindo skatistas e surfistas multicampeões e ídolos em ambas as modalidades.

Assumindo seu caráter transgressor e contestatório, mesmo diante de um cenário de mais liberdades individuais e coletivas, surfe e skate foram ganhando os corações de leigos ao redor do mundo até galgarem um espaço no rol de modalidades olímpicas em Tóquio 2020. É claro que, se olharmos com mais cautela, é fato que havia mais interesse, sobretudo mercadológico, do Comitê Olímpico Internacional em fazer das pranchas do mar e do asfalto parte das disputas deste megaevento. Porém, negar que as disputas, e as conquistas advindas, não significaram em nada para o histórico das modalidades seria uma falácia. Para além do “S” que as unem, as práticas de surfe e skate percorreram os mesmos caminhos, seja no que tange à relação com a juventude, aos estigmas, aos

usos dos espaços ou ao processo de esportivização. Estas também souberam, mesmo diante de uma forte pressão mercadológica e midiática, conservar as identidades e particularidades que as fizeram tão significativas no contexto de seus surgimentos.

Referências Bibliográficas

BARICKMAN, B. Medindo maiôs e correndo atrás de homens sem camisa: a polícia e as praias cariocas, 1920-1960. **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 9, n.1, p. 1-66, jan/jun, 2016.

BECKER, Howard S. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Editora Zahar, 2008.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2014

BRANDÃO, Leonardo. **Corpos deslizantes, corpos desviantes: a prática do skate e suas representações no espaço urbano (1972-1989)**. 2007. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados

BRANDÃO, Leonardo. O surfe de asfalto: a década de 1970 e os movimentos iniciais da prática do skate no Brasil In: **Skate e skatistas**: questões contemporâneas. [org. Leonardo Brandão e Tony Honorato]. Londrina: UEL, 2012

BRANDÃO, Leonardo. De Jânio Quadros a Luiza Erundina: uma história da proibição e do incentivo ao skate na cidade de São Paulo. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 49, 2014

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo. **Questões de sociologia**, p. 136-153, 1983.

CAILLOIS, Roger. **Os Jogos e os Homens**. trad. José Garcez Palha. Lisboa: Edições Cotovia, 1990

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de mil faces**. Cultrix /Pensamento, 2007

CLARKE, John; HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony; ROBERT, Brian In. HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony (ed.). **Resistance through rituals: youth subcultures in post-war Britain**. London: Hutchinson, 2003. p. 9-74

CORBIN, Alain. **O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental**. Companhia das Letras, 1989.

COSTA, Vera de Menezes. O imaginário da aventura In: DIAS, C. A. G., & Alves Jr., E. D. (Eds.). (2009). **Em busca da aventura: Múltiplos olhares sobre esporte, lazer e natureza**. Niterói: EdUEF. P. 53-72

COUTO et al. Juventude e o uso do espaço urbano para a prática do lazer. In. BRANDÃO, L. (org). **Esporte, Lazer e Desenvolvimento Regional**. Blumenau: Edifurb, 2019. P. 33-48

DE FREITAS, Joana Gaspar. O litoral português, percepções e transformações na época contemporânea: de espaço natural a território humanizado. **Revista de Gestão Costeira Integrada-Journal of Integrated Coastal Zone Management**, v. 7, n. 2, p. 105-115, 2007.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. **Urbanidades da natureza: o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

ELIAS Norbert; SCOTSON John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2000.

FALCÃO, Tiago Brant de Carvalho. **Jogos Olímpicos e Esportes de Aventura: a inclusão do Surfe na edição Tóquio 2020**. 2020. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

FALCÃO, Tiago Brant de Carvalho; UVINHA, Ricardo Ricci. Skate at Mount Olympus. **Olimpianos – Journal of Olympic Studies**, v.2, n.2, p.435-448, 2018

FORTES, Rafael. **O surfe nas ondas da mídia: esporte, juventude e cultura**.

Apicuri, 2011

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade. Tradução: Mathias Lambert, v. 4, 2004.

HOBBSBAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX. Editora Companhia das Letras, 2015.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Martins Fontes, 2014

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2ª ed.; tradução de Sônia Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2007

LORCH, Carlos. **Surf: deslizando sobre as ondas**. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1980.

MACHADO, Helena Cristina F. A construção social da praia. **Sociedade e Cultura 1. Cadernos do Noroeste**, Série Sociologia. Vol. 13 (1), 2000, p.201 a 218

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Forense-universitária, 1987.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Rua, símbolo e suporte da experiência urbana. **Cadernos de História de São Paulo**, v. 2, 1993.

MARTÍN-BARBERO. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no século XX**: o espírito do tempo 1. Forense Universitária, 1997.

OLIC, Maurício Bacic. Das ruas para os Jogos Olímpicos? Dinâmicas em torno da prática do skate. **Campos-Revista de Antropologia**, v. 15, n. 1, p. 75-96, 2014.

ORTIZ, Renato. **Um outro território**: ensaios sobre mundialização, 3ª ed., Editora Olho d'Água, São Paulo, 2005

SANTOS, Milton. **Metrópole corporativa fragmentada**: o caso de São Paulo. São Paulo: Nobel/Secretaria de Estado de Cultura, 1996.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. Edusp, 2006

SPINK, Mary Jane; SPINK, Simon Paul P. Aventura esportiva na modernidade tardia. In. DIAS, Cleber Augusto Gonçalves; ALVES JR, Edmundo de Drummond Alves (orgs.). **Em busca da aventura**: múltiplos olhares sobre esporte, lazer e natureza. Niterói-RJ: EdUFF. 2009. p.21-34

TUBINO, Manoel J. G. **O que é esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1999

WEBER, Max. Conceitos e categorias da cidade. In. SIMMEL, Georg et al. **O fenômeno urbano**. Tradução de Luciano Vieira Machado. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973. p. 67- 88.

Recebido: 27/11/2022
Aprovado: 13/12/2023

AS MANIFESTAÇÕES DA HETEROTOPIA: A CIDADE SOB O SKATE FLANANTE

THE MANIFESTATIONS OF HETEROTOPY: THE CITY UNDER THE FLANEUR
SKATEBOARD

Leonardo Brandão
Universidade Universidade Regional de Blumenau
leobrandao@furb.br

Giancarlo Marques Carraro Machado
Universidade Estadual de Montes Claros
giancarlo.machado@unimontes.br

Resumo: Heterotopia significa a invenção de outros espaços dentro dos próprios espaços. Nesse sentido, a ideia de uma cidade heterotópica seria aquela na qual as heterotopias seriam possíveis e acompanhassem seu cotidiano. Este artigo tem por objetivo dissertar sobre a noção de heterotopia em comparação com a prática do skate urbano. Parte-se da hipótese de que as heterotopias podem ser localizáveis, demonstráveis. Para tanto, delimitou-se aqui a prática do skate urbano (também conhecido como street skate) como um objeto real promotor de heterotopias, analisando sua conformação, entre 2015 a 2020, junto a um grupo de skatistas paulistanos que se auto intitulam Flanantes.

Palavras-chave: Heterotopia; Cidade Heterotópica; Skate; Flanantes.

Abstract: Heterotopia means the invention of other spaces within the spaces themselves. In this sense, the idea of a heterotopic city would be one in which heterotopias would be possible and accompany their daily lives. This article aims to discuss the notion of heterotopia in comparison with the practice of urban skateboarding. It starts from the hypothesis that heterotopias can be localizable, demonstrable. In order to do so, the practice of urban skateboarding (also known as street skateboarding) was delimited as a real object that promotes heterotopias, analyzing its conformation, between 2015 to 2020, with a group of skaters from São Paulo who call themselves Flanantes.

Keywords: Heterotopia; Heterotopic City; Skateboard; Flanantes.

Cidade, Controle Espacial e Heterotopia

A cidade é um organismo vivo, pulsante, um ímã que atrai e uma aposta civilizacional de séculos. Segundo o geógrafo David Harvey, “a cidade é o lugar onde as pessoas de todos os tipos e classes se misturam, ainda que relutante e conflituosamente, para produzir uma vida em comum, embora perpetuamente mutável e transitória” (2014, p. 134). Entretanto, embora essa representação idealizada da cidade seja algo que está em nosso imaginário social, não são poucos os analistas que percebem uma suposta perda da comunidade urbana, onde cercamentos, controles espaciais, vigilância e policiamento acabam por gerar um efeito negativo e inibidor sobre as vivências urbanas.

Muito do que passamos a compreender como vigilância e policiamento decorre dos estudos do filósofo Michel Foucault, em especial com o livro “Vigiar e Punir” e, também, de muitos de seus cursos e estudos. Numa aula que proferiu sobre a “Sociedade Punitiva”, por exemplo, Foucault (1997) explica que o surgimento do panoptismo implicou numa intervenção na distribuição espacial dos indivíduos (no encarceramento temporário de mendigos e vagabundos, por exemplo) com o objetivo de proibir-lhes de circular pelas ruas das cidades. Teve início uma maneira de agir sobre o fluxo da população que, de distintos modos, chegou aos nossos dias.

Segundo Foucault, “o panoptismo, a disciplina e a normalização caracterizam esquematicamente essa nova investida do poder sobre os corpos” (1997, p. 42). E é nesse sentido que ele compreende tais procedimentos como um capítulo da história do corpo, uma vez que, a partir deles, “o corpo não precisa mais ser marcado; deve ser adestrado, formado e reformado; seu tempo deve ser medido e plenamente utilizado; suas forças devem ser continuamente aplicadas ao trabalho” (1997, p. 42). Ao explicar a emergência desses procedimentos, Foucault escreve que:

Uma nova ótica, em primeiro lugar: órgão de vigilância generalizada e constante; tudo deve ser observado, visto, transmitido: organização de uma polícia; instituição de um sistema de arquivos (com fichas individuais), estabelecimento de um panoptismo. Uma nova mecânica: isolamento e agrupamento dos indivíduos; localização dos corpos; utilização máxima das

forças; controle e melhoramento do rendimento; em suma, estabelecimento de toda uma disciplina da vida, do tempo, das energias (1997, p. 41).

Foucault vai desdobrar os estudos sobre o panoptismo com a biopolítica¹, e isso no contexto do desenvolvimento do capitalismo². Foucault entende por biopolítica toda uma série de intervenções e controles reguladores que se exerce sobre a população. Segundo ele, “as disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois pólos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida” (1988, p. 152). Assim, essa nova tecnologia de duas faces acaba por fazer com que a vida e seus mecanismos adentrem num domínio que, a um só tempo, tanto apresenta-se como um elemento indispensável para o desenvolvimento e a manutenção do capitalismo (pois garante uma inserção controlada dos corpos neste sistema) quanto, também, para complementar em *campo aberto* o poder disciplinar (que geralmente ocorre em lugares fechados, tais como escolas, fábricas, quartéis, etc).

Acerca dessa relação – paradoxal – com o capitalismo, Ildenilson Meireles observa que,

Orientada desde sua base pelo paradoxo, uma sociedade de biopoder precisa expandir suas tecnologias até onde se situam vidas passíveis de serem administradas, ainda que essas vidas pareçam, de relance, inutilizáveis e sem valor. No entanto, a expansão do biopoder sobre a vida, assim como a expansão do capitalismo sobre a periferia, não pode ter sucesso se não mantiver um nível aceitável de coordenação daquilo que toma para si como alvo. O paradoxo não deve ser um entrave à dinâmica do biopoder – e do capitalismo –, mas seu móbil fundamental. (p. 325)

¹ Ver o capítulo V do primeiro volume da História da Sexualidade e, também, o curso “Segurança, Território e População”, ministrado por Foucault no ano de 1978.

² Nas palavras de Foucault: “Qual é o tipo de investimento do corpo que é necessário e suficiente ao funcionamento de uma sociedade capitalista como a nossa? Eu penso que, do século XVII ao início do século XX, acreditou-se que o investimento do corpo pelo poder devia ser denso, rígido, constante, meticuloso. Daí esses terríveis regimes disciplinares que se encontram nas escolas, nos hospitais, nas casernas, nas oficinas, nas cidades, nos edifícios, nas famílias...E depois, a partir dos anos sessenta, percebeu-se que este poder tão rígido não era assim tão indispensável quanto se acreditava, que as sociedades industriais podiam se contentar com um poder muito mais tênue sobre o corpo” (FOUCAULT, 1979, p. 148).

Com o crescimento das grandes cidades – e o aparecimento da população como uma preocupação constante – essa nova tecnologia que Foucault chama de biopolítica (que se exerce como um biopoder), não vai substituir a disciplina, mas sim complementá-la. Se a disciplina age sobre o corpo do indivíduo, o biopoder agirá sobre as populações. Deste modo, as populações empobrecidas da periferia das grandes e médias cidades, andarilhos, usuários de drogas, desocupados, desempregados, menores abandonados etc, passam a entrar no radar do biopoder; o qual, para garantir que outra parte da sociedade viva bem, ele pode deixar a outra parte morrer, o que constituiria um paradoxo fundamental e estruturante do biopoder. Assim, por meio desse paradoxo, ele usa de projetos de contenção da violência urbana, mas uma violência gerada pela forma como o próprio estado passou a se organizar e, de certo modo, produzir. Neste sentido, ele acaba por justificar uma violência aceitável um nome da normalização urbana.

Um bom exemplo neste sentido está num recente livro do pesquisador Rogério Haesbaert (2014). No capítulo intitulado “Cidade vigiada, cidade imobilizada: Rio de Janeiro do *Big Brother* aos novos muros”, ele explica como a cidade do Rio de Janeiro implementou um grande sistema de vigilância urbana através de um mecanismo desenvolvido pelo Centro de Operações Rio (COR). Trata-se, em suas palavras, de toda uma gestão do espaço social que passou a ser produzida tendo em vista um processo de contínua vigilância e de imobilização urbana através do uso de sofisticados dispositivos de controle utilizados com o apoio de tecnologias informacionais.

O COR é ligado à Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro e é responsável pelo monitoramento da cidade através de 600 câmeras, que tem como base uma sala de controle com o “maior telão da América Latina”, composto por 80 monitores e com 400 profissionais contratados para essa função, revezando-se em turnos para melhor exercer a tarefa do monitoramento e vigilância da cidade. Assim, portanto, de acordo com o que Haesbaert afirma: “a cidade informatizada e supermonitorada do futuro se delinea hoje no COR do Rio de Janeiro” (2014, p. 242).

Disciplina, Panoptismo... Biopolítica. Haveria como escapar desses enlaçamentos? Foucault pouco escreveu sobre as fugas e/ou os corpos rebeldes, mas existem alguns textos em sua extensa bibliografia que parecem sugerir pontos

de fuga. Acreditamos que a ideia de heterotopia seja uma delas.

Heterotopia não é Utopia, ela não promete um mundo melhor no futuro, mas significa a invenção de outros espaços dentro dos próprios espaços no tempo do aqui-agora. O termo apareceu pela primeira vez nos escritos de Foucault, e de forma muito breve, no livro “As palavras e as coisas”, publicado inicialmente na França no ano de 1966. No entanto, foi somente a partir de uma Conferência ao Círculo de Estudos Arquiteturais de Paris, proferida em março de 1967 (e publicada posteriormente no Brasil com o título de “Outros Espaços”), que o filósofo forneceu ao conceito algum estofamento teórico e operacionalidade. Deste modo, segundo ele, as heterotopias seriam:

Lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contraposicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se pode encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis (FOUCAULT, 2009, p. 415).

Ao analisar a noção de *heterotopia* em Michel Foucault, Rodrigo Valverde, professor do Departamento de Geografia da USP, afirmou que o propósito de Foucault fora o de trabalhar com uma forma de concepção espacial que valorizasse a “presença de múltiplas representações conflitantes em uma mesma área” (2009, p. 10). Nesse sentido, a virtude de tal noção estaria em nos induzir a uma compreensão mais complexa e heterogênea do espaço, permitindo-nos apontar a existência de percepções que fugiriam da racionalidade instrumental moderna. Para Foucault, portanto, existiriam certos espaços que, em função da movimentação de atores e de seus significados, poderiam ser pensados como espaços de inversão, suspensão ou neutralização da ordem oficial. Assim, é por isso que, nesse sentido, Foucault afirma que:

A época atual seria talvez de preferência a época do espaço. Estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso. Estamos em um momento em que o mundo se

experimenta, acredito, menos como uma grande via que se desenvolveria através dos tempos do que como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama (FOUCAULT, 2009, p. 411).

E o que o skate tem a ver com tudo isso? Ora, a prática do skate, um instrumento que há décadas vem fascinando inúmeras pessoas (entre crianças, jovens e adultos de ambos os sexos) pode nos oferecer um exemplo interessante de heterotopia. Neste artigo, iremos a seguir abordar brevemente seu desenvolvimento e, posteriormente, compreender tanto o fascínio exercido pelas cidades sobre alguns skatistas quanto o modo como muitos a interpretam como espaços heterotópicos, tomando como referência o coletivo Flanantes.

Skate, skatistas e heterotopias

Em primeiro lugar, é preciso deixar claro que existe toda uma dimensão esportivizada do skate que nada (ou quase nada) tem a ver com heterotopia. A prática do skate não é algo único e com uma identidade consolidada (BRANDÃO, 2014). Não iremos nos ater aqui ao que pode ser chamado de skate-esporte, isto é, aos praticantes que fazem da atividade um uso esportivo, participam de campeonatos, treinam em pistas especializadas e buscam no exercício desta atividade um nível de performance que a qualifica na estrutura de um esporte de rendimento, tal como demonstrado nas últimas Olimpíadas, por exemplo.

O tipo de skate sobre o qual este artigo trata é outro. Aqui abordamos o skate urbano, praticado nos espaços da cidade, espaços esses que não foram projetados para o uso do skate, mas que são apropriados para esta finalidade. Esta vertente do skate, a qual chamamos de Skate Urbano – conhecida nos Estados Unidos pelo termo *street skate* – surgiu durante a segunda metade da década de 1980 e vem se desenvolvendo desde então. No videodocumentário intitulado “Bones Brigade: an autobiography”, dirigido por Stacy Peralta e lançado no ano 2012, o skatista norte-americano Mike Vallely, um dos pioneiros desta modalidade e ex-membro da equipe *Bones Brigade*, explica o impacto que o surgimento do skate praticado no espaço urbano causou no modo como ele e seus amigos

skatistas da época representavam sua cidade:

Morávamos numa cidade morta sem nenhum lugar para onde ir. E quando o skate apareceu, especialmente o skate de rua, isso tornou nossa cidade suportável. Tornou o lugar possível de morar, porque a ampliou, sabe? Era como se as possibilidades se tornassem intermináveis numa cidade que antes parecia não ter nada a oferecer. De repente era tipo: Esse lugar não é tão ruim. Ali tem um meio-fio, um banco, alguns degraus e um muro”. Foi como se tudo tivesse sido redefinido. Não eram coisas que confinavam e definiam nossas vidas. Eram coisas que nós estávamos definindo³.

A partir do experimentalismo estético/espacial que os skatistas de rua passaram a realizar, e que certamente não era o posicionamento esperado pelos urbanistas, arquitetos e demais pensadores do urbano, podemos identificar nessa atividade uma série de contrapositionamentos heterotópicos. De fato, esse uso do skate engendrava uma forma de ver e utilizar o espaço que não era o previsto nem o aceitável institucionalmente. Pois fazer de um corrimão um obstáculo e não um instrumento de ajuda para apoiar o corpo, usar escadas para saltos e não como um auxílio para se passar de um nível ao outro do pavimento são exemplos concretos, reais e localizáveis de heterotopias; isto é, de invenção de outros espaços dentro dos próprios espaços.

³ Depoimento do skatista Mike Vallely, contido no documentário: “Bones Brigade: an autobiography”, dirigido por Stacy Peralta, EUA, 2012. Obs: A tradução transcrita na citação é a que se encontra nas legendas deste vídeo, aos 54 minutos.



Imagem 1: O skatista Murilo Romão do coletivo “Flanantes” executando uma manobra⁴ na Avenida Paulista. Foto: André Calvão

Dentre os diversos grupos de skatistas que fazem uso do skate urbano, destaca-se já há alguns anos o coletivo Flanantes, oriundo da cidade de São Paulo. O nome Flanantes vem da figura do *flâneur* (palavra de origem francesa que significa “vagabundo”, “turista”, “observador”); o que indica alguém que se desloca, que deambula pelos centros urbanos, fixando residência no numeroso, no ondulante, no fugidio; o flâneur era aquele que “contempla as paisagens da cidade grande, paisagens de pedra acariciadas pela bruma ou fustigadas pelos sopros do sol” (BAUDELAIRE, 1996, p. 22). Na atualidade, o flâneur não apenas caminha, mas desliza sobre rodas, cambaleia, contorce-se, contempla e se apropria das paisagens urbanas. Na velocidade do skate, o flâneur observa tudo mais rápido, mas também seleciona e recorta aquilo que quer ver. Entretanto, um aspecto guarda uma grande diferença entre o flâneur baudelairiano com o flâneur contemporâneo: enquanto aquele se fazia oculto na multidão, este desperta os olhares por onde passa. Este

⁴ Esta manobra chama-se Feeble e consiste em deslizar com o eixo de trás e parte do shape. Ela está sendo executada na parte superior do cano do guard rail que se encontrava tombado (provavelmente devido a algum acidente com carro).

novo flâneur deslizante não só vê o mundo como é por ele olhado, fustigado, apreciado ou seduzido (BRANDÃO, 2011, p. 80).

Como afirmado, o coletivo Flanantes surgiu na cidade de São Paulo em meados de 2015, capitaneado pelo skatista Murilo Romão (que além de skatista profissional, também atua como comunicador social, *videomaker* e diretor). O diferencial dos Flanantes está na produção de vídeos de skate, sendo que o próprio surgimento deste coletivo liga-se à produção de seu primeiro audiovisual, intitulado “Ser do Centro”, o qual retratou a prática do skate urbano no centro de São Paulo, em especial na Praça Roosevelt, enfatizando os conflitos gerados pela disputa por esse espaço entre skatistas e diversos outros atores sociais, tais como moradores dos arredores, ciclistas, pedestres, transeuntes etc. Este vídeo “propõe a associação do ambiente caótico encontrado nas metrópoles e a prática do skate urbano, para assim trazer a necessidade de repensar a maneira como a qualidade do espaço físico influencia nessas dinâmicas”⁵.

Embora o grupo tenha um caráter aberto (para a produção dos vídeos, eles também recebem imagens de skatistas de outras cidades, por exemplo), em seu portfólio oficial são listados os nomes dos seguintes skatistas como parte daquilo que podemos chamar de o núcleo duro dos Flanantes: Murilo Romão, Luís Apelão, Diego Wanks, Leonardo Fagunes, Gustavo Dias, Pedro Volpi, Klaus Bohms, Daniel Marques e André Porto (que também é designer e diretor de arte nos filmes produzidos por este coletivo). Até o ano de 2022, os Flanantes já produziram vinte filmes sobre skate, são eles: Ser do Centro (2015); Flanantes (2016); Sob a aparente desordem (2016); Situacionistas (2017); Derivas (2017); Flanights (2017); Deambulações (2018); Blaze x Flanantes (2018); Mitos Vadios (2018); Against Le Corbu (2019); James Browse (2019); Zonzo (2019); Flanantopias (2020); Reinterpedra (2020); Valeros (2020); Rizomas (2020); Ludens (2021); Pedra sobre Pedra (2021); Táticas (2021) e Provos (2022). Todos esses vídeos estão disponíveis no YouTube, alguns no canal do próprio Murilo Romão e outros em mídias especializadas em skate, como a *Black Media* ou a *CemporcentoSKATE*.

A temática central de todos esses filmes supracitados é a prática do skate

⁵ Portfólio Flanantes (cedido por Murilo Romão).

urbano, misturando manobras pelas ruas da cidade com reflexões de filósofos, historiadores, sociólogos, antropólogos e demais pensadores da urbe. O vídeo autointitulado *Flanantes*, de 2016, por exemplo, é todo ele baseado no artigo: “Elogio aos Errantes”, escrito pela arquiteta-pesquisadora da UFBA, Paola Berenstein. O vídeo “*Situacionistas*”, de 2017, retrata à prática do skate em meio a citações de Guy Debord e Constant Nieuwenhuys, com destaque para suas ideias ligadas à psicogeografia, à produção de mapas psico-afetivos e arte da deriva. Trata-se de uma produção focada em apresentar não apenas o exercício de uma prática corporal — o skate —, mas também os usos criativos que podem ser feitos pelas ruas das cidades. Em seu portfólio, é lembrado que a primeira exibição deste vídeo ocorreu após um seminário na Câmara Municipal de São Paulo sobre a Praça Roosevelt. Participaram deste seminário arquitetos, skatistas, moradores, atores, poetas e pessoas que frequentam e disputam esse espaço; buscando incentivar o diálogo entre todos eles e fomentando o debate sobre os usos da cidade.

“*Sob a aparente desordem*” (2017) foi um curta-metragem que visou comparar o skate com a dança, sendo ele premiado – neste mesmo ano – no festival *Mimpi*, um festival de vídeos de surfe e skate que acontece no Rio de Janeiro. “*Deambulações*” (2018) foi produzido sob inspiração das ideias dos artistas Flávio de Carvalho e Hélio Oiticica, que em suas experiências de delírio ambulatório, buscavam sair do “lugar banal”. A *premier* do *Deambulações* ocorreu no formato de cinema de rua, no Centro Cultural Ouvidor, numa região central de São Paulo. Já sobre o filme “*Mitos e Vadios*”, Murilo Romão registrou em seu portfólio que:

Mitos Vadios é o nome de uma performance idealizada por Ivald Granato em 1978 que aconteceu na Rua Augusta em São Paulo. Em 2018, o coletivo *Flanantes* ressignificou e homenageou essa performance com uma associação com a prática de skate na cidade. O vídeo teve uma ótima recepção do público, levando o coletivo a ser convidados para encontros sobre Arquitetura e Urbanismo promovidos por universidades, e ainda o convite para integrar o acervo de Ivald Granato, filha do artista⁶.

O vídeo *Zonzo* (2019) teve inspiração nas ideias do arquiteto italiano Francesco Careri, em especial no livro “*Walkscapes: o caminhar como prática*

⁶ Portfólio *Flanantes* (cedido por Murilo Romão), p. 16.

estética”, no qual Careri revela a potencialidade do andar na condição de uma prática espacial que contribui para questionar as relações de poder e controle que perpassam os espaços urbanos. Em sua visão, “quem perde tempo, ganha espaço”. Os skatistas usam e abusam dessa perspectiva e fazem da busca pelos espaços skatáveis uma maneira de colocar em xeque a cidade. Ao resistirem as suas normatizações, ela se torna, portanto, uma obra em permanente construção. Zonzo se destaca pelo nível de skate de seus protagonistas – skatistas como Luiz Apelão, Didi Wanks, Peter Volpi, Alexandre Cotinz, Klaus Bohms, o próprio Murilo Romão, dentre muitos outros –, mas também pela sua parte musical e artística.

Os vídeos mais recentes do coletivo trouxeram reflexões ligadas aos pensadores Gilles Deleuze (no filme “Rizomas”, de 2020), Michel Foucault (no filme “Flanantopias”, de 2020) e Johan Huizinga (no filme “Ludens”, de 2021). Assim, os Flanantes se auto intitulam como um coletivo voltado para a arte de interpretar a cidade, registram essas interpretações/apropriações no formato de curtos vídeos de skate (geralmente entre 20 a 30 minutos de duração) e o fazem a partir de reflexões advindas, sobretudo, do universo acadêmico, com frases desses pensadores aparecendo em diversos frames, sempre misturadas com manobras de skate. O resultado é um convite para se pensar o espaço para além do lugar-comum, como um palco para invenções e deslizamentos.

Seu fundador, o já citado Murilo Romão, começou a praticar skate no início do ano 2000, por influência de seu irmão, que já tinha skate e o levava, às vezes, para o centro da cidade de São Paulo, onde ele via vários skatistas praticando nos espaços urbanos, principalmente no Vale do Anhangabaú. Rapidamente, Romão tomou gosto pela atividade e começou a praticar diariamente.

Por que o skate de rua o atraiu tanto? Romão, atualmente na faixa-etária dos 30 e poucos anos, explica que começou a andar de skate com 12 anos de idade. Ele conta que, no início, chegou a praticar em algumas pistas que ficavam próximas da sua casa, mas que:

[...] quando eu ia pra rua eu tinha uma sensação diferente de andar de skate, porque era uma experiência mesmo, não era um lugar definido para você andar, você podia andar em qualquer lugar, então, ia muito da imaginação. O que você queria fazer e o que o

seu nível de skate proporcionava fazer né! Então eu comecei a ficar muito mais empolgado de andar na rua porque era mais desafiador e tinha esse clima de interação com outras pessoas também, que você tinha que ir se adaptando! (Entrevista aos autores).

Romão explica que tais experiências iam o fazendo pensar numa “noção mais ampla de espaço público”, pois elas o faziam perceber que “a cidade está em disputa! Cada um está ali ocupando um lugar, então, o skate às vezes incomoda, mas a gente ia sempre tentando achar brechas para andar nos lugares, às vezes, conversava com quem estava atrapalhando ali, falava para sentar em outro lugar”.

Segundo nosso depoente, “era na rua que o skate acontecia de verdade! É na rua que acontecia a magia do skate”, pois a mesma sensação ele não sentia ao praticar em pistas de skate. Em suas palavras: “eu já achava muito mais legal andar na rua do que em pista! E eu via que os caras que andavam na rua, eles tinham um gingado diferente, sabe?”; e continua argumentando: “Eles tinham um outro estilo mesmo! Porque você tem que ser mais leve, tem que ser mais solto para andar na rua, é difícil, pois o chão às vezes não é tão bom e você tem que estar sempre se adaptando!”.

No trecho a seguir, Romão explicita detalhes entre a prática nas pistas e nas ruas, destacando uma experiência na Praça Roosevelt, no centro da cidade de São Paulo, no qual apenas em determinado horário do dia a projeção do sol queimando a vela possibilitava determinadas manobras de skate:

Na pista é tudo liso né! A pista é sempre lisinha, a cantoneira vai sempre deslizar; mas isso eu fui perceber mais velho, você andar numa borda de rua, toda esburacada, dá para deslizar manobras também, é só uma questão do jeito, de ficar mais leve, de pegar certa parte do eixo, só a pontinha! Você vai dar um crooked numa borda de rua, tem que pegar só a pontinha do truck, não pode pegar o truck inteiro igual você encaixar num caixote de pista que vai deslizar de qualquer jeito o crooked, sabe? Então são pequenos detalhes que você vai percebendo com o tempo! Até mesmo o horário que a borda desliza mais, sabe? É uma doidera, porque você vai pegando a materialidade da cidade de um jeito! Igual na Roosevelt, quando a gente estava andando lá direto, era às 5h, 6h da tarde, no fim de tarde, quando bateu o sol e a vela já estava, tipo, derretida mas não ao ponto de estar mole, sabe? Então tinha esse horário que deslizava muito! Por exemplo, você ia filmar uma manobra nessa bordinha da Roosevelt, que todo mundo andava,

tinha um horário que deslizava mais...Se você fosse ao meio dia, não deslizava, porque o sol estava batendo em cima né! Então são essas pequenas “manhas” que a rua vai ensinando pra gente! (Entrevista aos autores).

Sem dúvida, na cidade de São Paulo, a praça Roosevelt configura-se como sendo um dos locais de maior aglomeração de skatistas. Eles a ocupam desde a década de 1980, mas seu uso foi intensificado após 2012, quando essa praça passou por uma intensa revitalização. O antropólogo Giancarlo Machado chegou a realizar uma etnografia neste espaço em 2013, acompanhando sessões e eventos ligados ao skatismo neste lugar, e sobretudo analisando tal território a partir de suas apropriações e conflitos que o uso do skate nos bancos acabou por incitar. Machado aponta que a praça é um espaço disputado por múltiplos agentes, mas que os skatistas se sobrepõem aos demais cidadãos pelo uso intenso que fazem do lugar (MACHADO, 2014). Tais experiências, certamente, dizem muito sobre um estar-na-rua, de viver a experiência urbana como heterotopia, tendo o espaço como um eixo de ligação entre os corpos.

Como afirmado, a principal característica que distingue os Flanantes de outros coletivos de skate é o empenho na produção constante de vídeos autorais e independentes. Foram vários os vídeos lançados por Murilo Romão, que fez faculdade de Rádio e TV, onde estudou audiovisual. Numa matéria publicada no ano de 2016 na revista *CemporcentoSKATE*, Romão explica que quando começou a ter a ideia de filmar skate, ele já buscou tematizar o mesmo a partir de leituras que fazia, em suas palavras: “ eu li uns trechos do livro do cronista João do Rio ('A alma encantadora das ruas'), daí eu comecei a ficar empolgado, pois tinha muito a ver com o skate. A cidade, as suas mudanças, e tudo isto virou um tema para produzir o Flanantes”.

Já numa outra entrevista, realizada em 2017 e publicada no site da revista *Vista* sob o título de “Situacionistas realidades”, Romão, num papo com Fernando Denti, revelou o que está por trás de seu interesse em filmar o skate na cidade.

Uma das minhas motivações, sinceramente, é preencher essa lacuna que existe de vídeos que relacionem o skate aos conflitos e disputas que acontecem nas grandes cidades. A todo momento se disputa o público, já que é de todo mundo, ao mesmo tempo não é

de ninguém, quais os usos que se podem fazer de uma cidade e que lugar o skatista ocupa em tempos em que o espaço urbano está sendo reconquistado pela população ou por grandes empresas.

Como se observa, o interesse de Romão está nesta capacidade que o skate urbano apresenta em experimentar a cidade, sabendo que, ao mesmo tempo, ela é um local em disputa. Um outro ponto abordado nesta entrevista foi sua expectativa, à época, com a iminente entrada do skate nas Olimpíadas:

Eu acho que com essa entrada na olimpíadas devemos firmar o outro lado do skate, esse que gostamos da cultura, esse que se pratica na cidade, que dá novos usos ao mobiliário urbano, imagino que com esse inevitável enquadramento do skate apenas como esporte, sua prática na rua vai ser cada vez mais combatida e hostilizada, então devemos saber como proceder nesses momentos para mostrar que podemos transformar os lugares, deixando-os mais seguros até, mostrar também que existe um mercado que sobrevive dessa outra prática que não a olímpica, e as duas podem existir⁷.

Considerações finais

Ao colher depoimentos de pessoas que se dedicam ao exercício do corpo em espaços na cidade de Natal/RN, a pesquisadora Terezinha Petrucia de Nóbrega (2008) se deparou, entre seus depoentes, com alguns praticantes de skate. Em seu estudo, ela transcreve o depoimento de uma moça de 24 anos, skatista, que relata sua motivação pela prática desta atividade como sendo um “estilo de vida”. Em suas investigações, Nóbrega conclui que “os diferentes espaços constituem diferentes maneiras de produção de sentidos e de intensidades na experimentação do corpo” (2008, p. 415) e que a produção de um estilo de vida excitado pode ser algo que venha a ultrapassar a gestão disciplinadora dos espaços. Em suas palavras,

Parece-me que os aspectos lúdico, meditativo, expressivo das práticas corporais podem oferecer uma alternativa ao exercício como forma de controle, disciplina, assujeitamento. Investir nesses territórios pode ajudar no trabalho de resistência, na

⁷ <https://vista.art.br/situacionistas-realidades/>, acesso em 06/07/2022.

afirmação da vida, na revitalização dos sujeitos, na liberação de novas potências (2008, p. 417).

Neste artigo, nos propomos a refletir e a comparar a noção de heterotopia advinda do filósofo Michel Foucault com a prática do skate urbano, tomando, para tanto, referência na produção do coletivo Flanantes. Concluimos que embora exista toda um conjunto de fatores que buscam normatizar a vida urbana, ainda é possível observarmos linhas de fuga em dinâmicas que produzem uma outra cidade, que fazem um contra-uso dos espaços públicos. A prática do skate nas ruas, tal como realizada pelos skatistas deste coletivo e expressa nos diversos vídeos por eles produzidos, são exemplos concretos e localizáveis de heterotopias!

Referências bibliográficas

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**: o pintor da vida moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BRANDÃO, Leonardo. **Para além do esporte**: uma história do skate no Brasil. Blumenau: edifurb, 2014.

_____. **A cidade e a tribo skatista**: juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural. Dourados: Ed. UFGD, 2011.

FOUCAULT, Michel. Outros Espaços. In: **Ditos e Escritos** (volume III). Estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970 – 1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

_____. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HAESBAERT, Rogério. **Viver no limite**: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

MACHADO, Giancarlo. Praça Roosevelt: sociabilidade e conflitos em um pedaço skatista da cidade de São Paulo. In: **Periféria**: revista de pesquisa e formação em antropologia, n. 19 (1), 2014, p. 1 – 26.

MAFFESOLI, Michel. **Homo eroticus**: comunhões emocionais. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

MEIRELES, Ildenilson. Precariedade e Biopolítica: uma leitura do dispositivo de segurança em Michel Foucault. In: **Revista Argumentos**, vol. 16, n. 1, jan/jun de 2019, p. 232 – 248.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. O exercício dos corpos na cidade: o espaço, o tempo, o gesto. In: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de; VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio de (Org.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 407 – 417.

VALVERDE, Rodrigo. Sobre espaço público e heterotopia. In: **Geosul**, Florianópolis, v. 24, n. 48, 2009.

Recebido: 31/08/2022
Aprovado: 13/12/2023

DIREITO DE CENSURAR: O COMENTÁRIO ESPORTIVO PERANTE O AUTORITARISMO EM *GRANDE RESENHA FACIT E BEM, AMIGOS!*

RIGHT TO CENSOR: SPORTS COMMENTS FACES AUTHORITARIANISM IN *GRANDE RESENHA FACIT AND BEM, AMIGOS!*

Helcio Herbert Neto
Universidade Anhembi Morumbi
helcio.neto00@gmail.com

Resumo: As mesas redondas sobre esportes são um gênero televisivo sustentado pelos comentários esportivos. Comparar dois episódios de *Grande Resenha Facit*, em 1966, e *Bem, Amigos!*, em 2020, por meio da relação com o autoritarismo é o propósito deste trabalho. A iniciativa representa ainda um esforço para analisar como os posicionamentos políticos vieram à tona à luz do conceito de partidarismo. O programa da TV Globo abordou o processo eleitoral durante a ditadura civil-militar. Já a mesa redonda do canal especializado SporTV apresentou declarações de jogadores, dirigentes e treinadores – aposentados ou não –, durante a crise do governo Bolsonaro na pandemia do coronavírus.

Palavras-chave: Comentário esportivo; Partidarismo; *Bem, Amigos!*; *Grande Resenha Facit*.

Abstract: TV sports panel are a television genre supported by sports comments. The purpose of this work is compare two episodes in *Grande Resenha Facit*, in 1966, and *Bem, Amigos!*, in 2020, through the relationship with authoritarianism. The initiative also represents an effort to analyze how the issue of partisanship emerged in the discussion. The TV Globo program addressed the electoral process during the civil-military dictatorship. The TV panel in the specialized channel SporTV presented statements from players, managers and coaches – retired or not – during the crisis of the Bolsonaro government during the coronavirus pandemic.

Keywords: Sport comments; Partisanship; *Bem, Amigos!*; *Grande Resenha Facit*.

“Nenhuma pessoa tem o direito de censurar o que a outra está falando. Não tem esse direito. Foge da democracia, que existe ainda no país” (CASAGRANDE, 2020)¹.

O comentarista Walter Casagrande Júnior extrapolou a análise esportiva no comentário acima, que foi ao ar na mesa redonda esportiva *Bem, Amigos!*, do canal por assinatura SporTV. Em vez de tratar de questões técnicas ou táticas, o ex-jogador se dedicou a aspectos políticos. O motivo para isso foi um debate acerca da pertinência de atletas, treinadores e dirigentes – em atividade ou não –, opinarem sobre medidas tomadas por governantes. A declaração se deu em uma conjuntura de isolamento social devido à pandemia do coronavírus e de crise institucional por conta do apoio do presidente da República, Jair Bolsonaro, a atos pelo fechamento do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal (STF). A oposição do Governo Federal a políticas estaduais para evitar a circulação de pessoas e aos esforços científicos para conter o avanço da doença era outro fato determinante naquele período.

Este artigo pretende compreender como as mesas redondas esportivas reagiram a momentos autoritários do país à luz da história comparada. O propósito será colocar em relação o tensionamento perante a extrema direita, evidenciado pelo programa no canal por assinatura, e os atravessamentos políticos na *Grande Resenha Facit* em 1966, mesa redonda que ia ao ar pelas antenas da TV Globo. Sobre ambos os programas recai a classificação de mesas redondas esportivas, uma vez que, dentre outras coisas, o comentário esportivo é a prática que os sustenta. Com o intuito de identificar proximidades e afastamentos, o caráter autoritário da conjuntura política será central. Frente a esse desafio, será assumido o viés comparativo para pesquisas empreendidas por historiadores do esporte presente em Melo (2007).

A partir dessa apresentação, a pesquisa será subdividida em três seções. A primeira contextualiza o debate conceitual a respeito da política no interior do comentário esportivo em radiodifusão no Brasil e introduz as disputas na bancada durante o processo eleitoral de 1966. A segunda se dedica a investigar os

¹ Trecho do Bem, Amigos de 2 de maio de 2020 em: abre.ai/bbkE. Acesso em 21 de maio de 2020.

comentários proferidos na edição de 4 de maio de 2020 de *Bem, Amigos!*, embora a discussão sobre colocações políticas tenha se intensificado com um comentário na edição do dia 30 de abril de 2020 de *Seleção*. Prestes (2019) inclusive reconhece que, nos dois períodos selecionados, diferentes expressões do autoritarismo no Brasil estavam em vigor. Isso, evidentemente, faz com que os recortes temporais distem do conceito de democracia. Esse ponto de contato e os distanciamentos que vierem emergirem na comparação serão aprofundados nas considerações finais, na última seção do artigo.

Grande Resenha Facit e partidarismo no comentário esportivo

A noção de autoritarismo a que se refere este trabalho diz respeito ao cerceamento de liberdades, o silenciamento das oposições e o acirramento da violência política: característica que, ainda de acordo com Prestes (2019), são fortes tanto em 1966 quanto em 2020. Apesar das inúmeras mudanças, em ambos os recortes o caráter de controle reaparece e invade, inclusive, os veículos de comunicação da cobertura esportiva, que normalmente já mantêm o controle editorial e tendências bem definidas, raramente marcadas pela pluralidade (HERBERT NETO, 2022). Nesse sentido, o trabalho se insere em uma linhagem que articula política e esporte sob o horizonte da História. Coutinho, com seu trabalho acerca da relação da classe operária com o Clube de Regatas do Flamengo (2019), e Couto, com a proposta de investigar transgressões ao tenso período político que compreender o Estado Novo e a ditadura civil-militar (2014), exemplificam bem esses esforços. Diante desse cenário, as dinâmicas de *Grande Resenha Facit e Bem, Amigos!* serão examinadas.

São os comentários esportivos que mantêm os programas do gênero televisivo das mesas redondas esportivas (HERBERT NETO, 2020b). O apresentador – também chamado de âncora –, convidados ocasionais e comentaristas fixos se sentam em uma bancada para expor argumentos a respeito do noticiário das diferentes modalidades (HOLLANDA, 2013). No caso observado, os debates são suscitados, com ênfase no futebol, pelas interações dos participantes, por meio dos atos de comentar e contra-argumentar. A prática de

comentar não é uma exclusividade da programação televisiva brasileira (HOLLANDA, 2013). Há inclusive exemplos de programas com comentários em emissoras de rádios pelo Brasil (GUIMARÃES, 2018).

O conceito de partidarismo é utilizado para dar conta da possibilidade de os comentaristas esportivos tomarem partido, das mais diferentes maneiras, durante as suas análises a respeito de acontecimentos do campo dos esportes (HERBERT NETO, 2018). Essa tendência é distante dos ideais de objetividade, neutralidade e imparcialidade. A noção aparece na bibliografia estrangeira, que se debruça sobre o comentário na cobertura midiática (WHANNEL, 1995; MCCARGO, 2012), e em trabalhos recentes acerca das particularidades brasileiras (HERBERT NETO, 2021b; 2022b). Compartilham bancadas nos estúdios integrantes muito diferentes, com carreiras acadêmicas e esportivas que tornam ainda mais complexa a missão de descrever as tomadas de posição no ar. Durante as transmissões, é comum que os participantes opinem sobre questões sociais ou culturais de relevo para o país (HERBERT NETO, 2022e).

Partidarismo surge, assim, como a alternativa para encarar o comportamento dos comentaristas. A noção também permite que sejam analisados os posicionamentos políticos que chegam aos televisores por meio das emissoras. A diferença para outros termos mais comuns, a exemplo de militância e engajamento, reside na importância da linguagem para esse estudo: o comentário esportivo é uma prática fundamentada na oralidade. Enquanto engajar-se e militar são verbos que dizem respeito à cidadania, com suas implicações sociais mais evidentes, o ato de tomar partido é imanente à linguagem (HERBERT NETO, 2022d). Outras perspectivas reforçam a necessidade de investigar as imbricações do falar acerca do futebol e a política.

O principal exemplo é o oferecido por Hollanda (2012). Ao monitorar o léxico, as reivindicações e os propósitos dos torcedores por meio de uma seção da publicação carioca *Jornal dos Sports*, o pesquisador detecta as tensões com o poder instituído (Ibidem). O trabalho tem como objetivo principal compreender a formação das torcidas organizadas do Rio de Janeiro – principalmente aquelas que se diferenciam dos agrupamentos mais tradicionais, formados na primeira metade do século XX –, mas se depara com as aproximações e contraposições expressas

frente a partidos, governantes ou representantes políticos (Ibidem). A preocupação com o período de exceção, iniciado em 1964, merece destaque.

O futebol mobiliza representações coletivas relevantes no país (COUTO, 2014; HELAL; CABO, 2014; DAMO, 2011; DRUMOND, 2008). A relação com a brasilidade contribuiu, ao longo das décadas, para amplificar as atuações dos comentaristas em radiodifusão (HERBERT NETO, 2020c). As mesas redondas esportivas na televisão, a partir de um processo histórico, passaram a ser consideradas um espaço privilegiado para o debate sobre a modalidade (HERBERT NETO, 2019). A função desempenhada é significativa para a política brasileira: pesquisas apontam que os conflitos ali presentes são fator constitutivo dos programas, com consequências para o comportamento inclusive ante o sentimento nacional (HERBERT NETO, 2021a; 2020c). Existem, na trajetória do gênero no país, momentos em que o partidarismo político se manifestou de forma enfática, como no caso da ditadura civil-militar (1964-1985).

Relatos memorialísticos e biográficos apontam para a relação de componentes de mesas redondas esportivas na TV com o golpe de 1964. *Grande Resenha Facit* é um símbolo disso. Esteve em seu elenco permanente o escritor Nelson Rodrigues, que reconhecia ser reacionário e demonstrou simpatia pelo ideário que ascendeu ao poder com a derrubada do presidente João Goulart (CASTRO, 1993). O apresentador Luís Mendes descreveu que a origem do programa se deu sob a influência de um debate político que era televisionado à época (RIBEIRO, 2007; LÉO, 2017). Outras versões indicam que o comentarista João Saldanha fazia oposição ao regime e era vinculado às esquerdas (MAGALHÃES, 2012, p. 210; MÁXIMO, 1996). Esse era outro nome histórico que integrava o programa.

Grande Resenha Facit é considerada a mesa redonda paradigmática para os estudos sobre o gênero televisivo no Brasil (HOLLANDA, 2012). Inicialmente, era transmitida pela TV Rio. No entanto, em 1966, a TV Globo passou a ser a encarregada de veicular os debates. Justamente nesse ano o mesmo *Jornal dos Sports* começou a publicar transcrições dos comentários às segundas-feiras – sempre no dia seguinte à transmissão pela televisão. Como são escassos os registros audiovisuais, a análise das páginas destinadas a cada edição televisionada

é um recurso para acompanhar os atravessamentos políticos. Além do apresentador Luís Alberto, a ilustração no cabeçalho da publicação trazia Nelson Rodrigues, José Maria Scassa, João Saldanha, Armando Nogueira, Flávio Costa, Vitorino Vieira e Doalcei Camargo durante o período investigado² (Imagem 1).

Imagem 1: Primeira página dedicada à Grande Resenha Facit publicada com cabeçalho



Fonte: Página 7 da edição de 24 de outubro de 1966 do Jornal dos Sports

O último comentarista foi substituído no recurso gráfico da publicação por José Dias ao logo do recorte temporal³. É preciso buscar elementos que transcendam essas primeiras impressões, contidas especialmente em livros de memórias, para captar as sensações despertadas pelo processo eleitoral de 1966.

² Referência à página 7 da edição de 24 de outubro de 1966 do Jornal dos Sports.

³ A mudança é registrada no cabeçalho da pág. 7 da edição de 7 de novembro de 1966 do Jornal dos Sports.

Em vez de se ater às trajetórias de cada um dos membros fixos da *Grande Resenha Facit*, o foco se volta para os comentários. Mesmo porque outros trabalhos deram conta da preocupação de investigar a carreira política de comentaristas que conciliaram suas trajetórias políticas com o trabalho na cobertura esportiva, mais especificamente em veículos de radiodifusão (HERBERT NETO, 2020a; 2022a).

A opção decorre da percepção de que uma figura concentra as principais críticas às alterações que se tornaram necessárias em virtude da votação de 1966: Scassa. Torcedor do Clube de Regatas do Flamengo, o comentarista foi o responsável por expor as primeiras apreciações sobre o noticiário esportivo na edição de 13 de novembro do programa. Desafiado a avaliar o desempenho do seu time após o confronto com o Bonsucesso Futebol Clube, em partida válida pelo Campeonato Carioca do mesmo ano, expôs de modo sutil essas conexões. “Sobre o jogo, pouca coisa a se destacar, a não ser a renda deficiente. Aliás, sobre isso, tenho um detalhe importante que merece registro”, provocou⁴.

Scassa foi evasivo ao encarar o desempenho das equipes e decidiu enfatizar as nuances administrativas do torneio – “A Assembleia da Federação colocou o campo do Vasco nas mesmas condições do Maracanã, enquanto este fosse ocupado pelo TRE para as apurações dos votos”⁵. A sigla mencionada se refere ao Tribunal Regional Eleitoral, instância jurídica encarregada de fiscalizar a votação. Na ocasião, a eleição para presidente foi indireta. O pleito ocorreu sob a vigência do Ato Institucional Número Dois (AI-2), que extinguiu os partidos: dessa forma, se mantiveram elegíveis apenas os candidatos da Aliança Renovadora Nacional (Arena) e do Movimento Democrático Brasileiro (MDB)⁶.

O comentarista da *Grande Resenha Facit* abordou o processo eleitoral de maneira lateral. No entanto, seu posicionamento é rico em sentidos. “O Estádio de São Januário era, OFICIALMENTE, o Maracanã. Pois bem. Por que não se manteve os preços do Maracanã? Como e por que se cobrou Cr\$ 3 mil, a sol descoberto,

⁴ Trecho apresenta na pág.6 da edição de 14 de novembro de 1966 do Jornal dos Sports.

⁵ Ibidem.

⁶ Informações do Tribunal Superior Eleitoral, disponíveis em: <https://bit.ly/3CiPkEN>. Acesso em 10 de outubro de 2022.

chuva e dificuldade de condução?”⁷, indagou. O futebol é colocado em primeiro plano, em detrimento de uma proporcional perda de importância da apuração e, conseqüentemente, da votação. Metonimicamente, também de toda a política. O exercício de cidadania, expresso pelo voto, parece ser menos importante do que a presença dos torcedores na arquibancada. Sem a praça esportiva em que costumava mandar suas partidas, pelas lentes desse intérprete, o Flamengo teria ficado desolado.

É isso que se depreende da opinião registrada na publicação. Não há indícios de que algum comentarista, na bancada durante aquela transmissão, tenha repreendido Scassa para reiterar a necessidade da participação mais efetiva naquele contexto. É presumível que ativistas e até as atividades políticas mais rotineiras fossem mal-recebidos sob o regime de exceção que eclodiu em 1964 e se recrudescer quatro anos depois: somente vinte e cinco anos depois da derrubada de João Goulart a população voltaria às urnas para eleger diretamente o presidente da República. As decorrências repressivas para os meios de comunicação durante esse período motivaram diversas pesquisas, com interesses múltiplos (FICO, 1998; KUSCHNIR, 2003; RIBEIRO; SACRAMENTO, 2010).

Claramente, o comentário é atravessado pela rivalidade com o Clube de Regatas Vasco da Gama. O último trecho de sua crítica à mudança de local sublinha esse tópico: “Os grandes prejudicados foram os clubes, porque os torcedores não puderam pagar o preço das entradas, tão elevado. É isso que é o lamentável. Devia ser cobrado o mesmo preço do Maracanã, Cr\$ 1 mil a arquibancada”⁸ São Januário é o estádio do clube da colônia portuguesa, um dos principais adversários rubro-negros nas disputas regionais. É possível que os ataques aos valores cobrados tenham se desdobrado para os dirigentes cruz-maltinos. Se as reclamações têm como alvo preferencial a gestão da federação, citada nominalmente, as influências do time rival surgem em plano de fundo.

Scassa participava de uma confraria conhecida como Dragões Negros, que reunia ainda nomes da cultura, como José Lins do Rêgo e Ary Barroso, e foi decisiva

⁷ Trecho apresenta na pág.6 da edição de 14 de novembro de 1966 do Jornal dos Sports. Grifos da edição.

⁸ Trecho apresenta na pág.6 da edição de 14 de novembro de 1966 do Jornal dos Sports.

para a administração do Flamengo em parte significativa do século XX (COUTINHO, 2016). Atualmente, a sala de troféus do clube leva o nome do comentarista⁹. A sua relação com as eleições simboliza a imbricação entre política e esporte: na década de 1950, foi candidato a vereador pela União Democrática Nacional (UDN) e adotou como chamariz para a própria campanha o fato de ser rubro-negro – mesmo com a promessa de ser um sentinela dos interesses do clube na Câmara Municipal, não conseguiu a cadeira no pleito¹⁰. Udenistas reiteravam tradicionalmente, como traço distintivo, uma suposta superioridade intelectual e até moral perante as classes trabalhadoras – daí associação com elitismo e moralismo (BENEVIDES, 1981). A relação do candidato derrotado com a legenda é apenas um dos elementos que acercam udenismo do ambiente criado pela *Grande Resenha Facit* (Imagem 2).

Imagem 2: Estúdio da Grande Resenha Facit. À direita do mediador entre as duas mesas, Rodrigues e Saldanha lado a lado



Fonte: Memória Globo. Disponível em: glo.bo/3Qz6x2o. Acesso em 11 de agosto de 2022

A despeito de o comunista João Saldanha ser um membro fixo do programa, a mesa redonda foi o espaço para constantes manifestações do

⁹ Informações do Flamengo, disponíveis em: <https://bit.ly/3elfGy6>. Acesso em 10 de outubro de 2022.

¹⁰ HERBERT NETO, 2022d.

sentimento udenista, desde seu período na TV Rio (HERBERT NETO, 2021b). No período entre 1966 e 1967, isso fica mais evidente. Das repetidas entrevistas com personalidades que postulavam a cargos a reflexos moralistas no comentário esportivo, os aspectos dessa associação são abundantes (Ibidem). Essa última afirmação não é o mesmo que sentenciar que *Grande Resenha Facit* era um instrumento de manipulação a favor das torturas ou da manutenção dos generais no poder. Essas vinculações foram intrincadas, com constantes vaivéns.

As discussões televisionadas, no entanto, mantiveram ainda outros pontos de tensionamento com a ditadura civil-militar. Eram comuns as menções a uma liderança do Jogo do Bicho, muito envolvida com o futebol, durante o programa – também dirigente esportivo, chegou a comparecer à bancada da TV Globo (HERBERT NETO, 2022c). Grupos paramilitares contribuíram com o clima de tensão pré-golpe de 1964 para, em seguida, estreitar criminosas ligações com a repressão política: seus interesses pelo futebol profissional e por outras manifestações populares são complexos e apontam para amálgamas com o Estado (Ibidem). Também sutis, esses sinais ajudam a compor o mosaico de relacionamentos estabelecidos entre a produção do canal, seus componentes e diversos setores que apoiavam o regime ditatorial.

Os embates políticos são cheios de dimensões, mais ou menos perceptíveis, a depender do prisma de análise. Para as finalidades deste trabalho, as conexões com a ditadura civil-militar colaboram para que sejam melhor entendidas as colocações de Scassa quando o assunto era a participação popular por meio do voto. Os atravessamentos, mesmo assim, parecem tímidos. Por conta de seu caráter paradigmático, *Grande Resenha Facit* motivou mais estudos do que *Bem, Amigos!*. Alguns pontos do programa da TV Globo, entretanto, ajudam a evidenciar como as discussões políticas vêm à tona por meio do comentário esportivo em *Bem, Amigos!*. Para isso, o emprego da noção de partidarismo continua a ser imprescindível.

***Bem, Amigos!:* democracia em pauta**

Bem, Amigos! é um programa semanal do gênero televisivo das mesas redondas esportivas, exibido ao vivo pelo SporTV ao fim das noites de segunda-

feira. Costumeiramente, era apresentado pelo locutor esportivo Galvão Bueno. O nome é inspirado no bordão utilizado pelo narrador na abertura das transmissões para a TV Globo (BUENO; OSTROVSKY, 2015). No ar desde 1998, teve como objetivo ser a tribuna dos “boleiros”, maneira jocosa para se referir aos atletas de futebol (Ibidem). Por isso, é grande a presença da comunidade esportiva na mesa redonda. Além dos quadros do canal por assinatura, que convocados a participar a depender da escala, sempre há entrevistados de clubes ou entidades esportivas no estúdio.

A discussão que se desencadearia no *Bem, Amigos!* sobre política, saúde e democracia, entretanto, foi iniciada anteriormente. Em 30 de abril de 2020, o programa *Seleção*, do canal fechado SporTV, exibiu o trecho em vídeo da entrevista de Raí, dirigente do São Paulo Futebol Clube, com avaliações de atitudes de Jair Bolsonaro: “Não estou falando aqui como diretor do São Paulo, apesar de saber que muita gente pensa como eu. Muita gente pensa diferente. Ele está no limite da irresponsabilidade. Não lembro agora, há duas ou três semanas atrás ele vai contra todas as recomendações da OMS!”¹¹. O Brasil se tornou o segundo país com mais vítimas do coronavírus no planeta e, segundo sanitaristas, o número de mortes tem relação direta com a negligência dos riscos que a doença inspirava e com a demora para a imunização da população¹².

O ex-jogador do clube – naquele momento na direção do São Paulo – lamentou que medidas para conter o avanço na doença não tivessem sido tomadas¹³, afirmou que quem mais sofreria com a pandemia seriam as comunidades com menos acesso a recursos, e sugeriu a renúncia de Bolsonaro¹⁴. Apesar das orientações de especialistas, apoiadores do presidente se aglomeraram em atos antidemocráticos, que haviam ocorrido com a presença do presidente pouco mais de uma semana antes da entrevista de Raí¹⁵. Não houve, no entanto, menção às manifestações, que defendiam o fechamento do Congresso e do

¹¹ Disponível no site do SporTV em: [abre.ai/a8c6](https://www.sportv.com.br/abre.ai/a8c6). Acesso em 21 de maio de 2020.

¹² Informações do jornal O Estado de S. Paulo, disponíveis em: <https://bit.ly/3elfGy6>. Acesso em 10 de outubro de 2022.

¹³ Informações da Folha de S. Paulo, disponíveis em: [abre.ai/a8yu](https://www.folha.com.br/abre.ai/a8yu). Acesso em 21 de maio de 2020.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ Informações do site da Folha de S. Paulo. Disponível em: [abre.ai/a8ym](https://www.folha.com.br/abre.ai/a8ym). Acesso em 21 de maio de 2020.

STF. Caio Ribeiro, comentarista do Grupo Globo, foi o encarregado de analisar a declaração do dirigente do São Paulo, logo após a exibição das declarações.

No *Seleção*, comentou: “Não gostei do discurso do Raí, ele falou muito pouco de esporte e muito sobre política. Por mais que ele diga que é a opinião pessoal! Hoje ele é o homem forte do São Paulo, declarações e opiniões que ele dá respingam na instituição”¹⁶. Em seguida, houve um esforço para distinguir o seu posicionamento do expresso na entrevista. Enquanto um seria político, o outro seria mais técnico: “Tem que falar de esporte. Quando ele fala de renúncia, hospitais públicos, tudo isso, me parece que tem uma conotação política em relação a preferências. O que vou falar aqui não tem nada de político, tem a ver com o esporte”¹⁷. A repercussão provocou a publicação, nas redes sociais, do também comentarista do Grupo Globo Walter Casagrande Júnior, em 1º de maio de 2020: “Penso exatamente como o Raí [...] Todos os dias, as mortes aumentam no país”¹⁸. O texto era acompanhado pela imagem da Democracia Corinthiana (Imagem 3).

Imagem 3: Publicação no Instagram de Casagrande repercute entrevista de Raí



Fonte: Redes sociais. Disponível em: abre.ai/bbky. Acesso em 21 de maio de 2020.

¹⁶ Disponível no site do SporTV em: abre.ai/a8c6. Acesso em 21 de maio de 2020.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ Disponível no perfil de Casagrande, em: abre.ai/bbky. Acesso em 21 de maio de 2020.

Casagrande enalteceu o regime democrático: “Numa Democracia, todas as pessoas podem e devem expressar suas opiniões sobre qualquer assunto, independentemente da sua profissão. Ninguém pode querer censurar a fala do outro e determinar qual o assunto que se pode falar. Isso no meu entender é antidemocrático”. O texto fez referência ao irmão de Raí. “Representou com orgulho o seu irmão Sócrates (Magrão) e não tenho dúvidas de que ele falaria as mesmas coisas [...] Você seria um grande companheiro na Democracia Corinthiana”, valorizou, sem citação nominal a Caio. Como Democracia Corinthiana ficou conhecido o movimento de jogadores do Sport Clube Corinthians Paulista, na década de 1980, que incentivou a autonomia dos atletas nas decisões dos clubes e protestou pelo fim da ditadura (CASAGRANDE; RIBEIRO, 2013). Relatos enaltecem a ligação de Sócrates às esquerdas e o papel de líder desempenhado nos atos (PEINADO, 2017; CARDOSO, 2014).

O ex-jogador e comentarista reivindica, em suas memórias, o posto de liderança da Democracia Corinthiana, mesmo com os desentendimentos na convivência com Sócrates (CASAGRANDE; RIBEIRO, 2016). Caio e Casagrande ficaram lado a lado em *Bem, Amigos!* no dia 4 de maio. Da mesma edição, participaram ainda os jornalistas Fabíola Andrade, Maurício Noriega e Paulo César Vasconcellos; os narradores Cléber Machado e o Galvão Bueno. Únicos participantes com mais de 60 anos, Vasconcellos e Bueno interagiram com quem estava no estúdio de suas casas, para seguir as recomendações médicas. Os demais estavam presentes diante do cenário do SporTV, ainda que houvesse pedidos de autoridades municipais e estaduais para que um amplo isolamento social naquele período fosse cumprido¹⁹.

A principal pauta do programa foi o calendário do futebol profissional no Brasil. Depois da participação de outros comentaristas, Ribeiro opinou sobre a maneira como as entidades esportivas lidavam com a crise do coronavírus: “Concordamos que quem tem que ser ouvido nesse momento são os profissionais de saúde. A palavra final tem que ser deles, mas eu acho importante ouvir o cara do financeiro, o cara do marketing”²⁰. Nesse fragmento o ex-jogador reproduziu, de

¹⁹ Informações de Veja, disponíveis em: [abre.ai/a8yx](https://www.veja.abre.ai/a8yx). Acesso em 21 de maio 2020.

²⁰ Ibidem.

certa forma, a oposição entre economia e saúde que marcou a retórica da gestão Bolsonaro desde o princípio da pandemia e que teve como principais porta-vozes os integrantes da equipe econômica do governo²¹. “Até agora, as pessoas que cuidam dos clubes e das federações estão sendo muito cuidadosas quanto ao próximo passo [...] Só que nesse meio tempo, é isso que a gente discute muito aqui, você tem que estar conversando, criando protocolos de saúde.”, concluiu Caio, reforçando o que havia afirmado em *Seleção*²².

Coube a Bueno colocar em debate as declarações de Raí e introduzir a discussão sobre se jogadores, técnicos e dirigentes podem ou não falar sobre política: “Deve ser absolutamente preservado o direito de todo mundo expressar sua opinião. Acho que não tem como fugir muito, acho que o Caio quer falar sobre isso. Porque o Raí deu uma opinião, estava falando e deu uma opinião, completou com uma opinião política dele. Ele tem o direito”²³. Mesmo à distância, o apresentador mantinha seu protagonismo na mesa redonda. A partir disso, a atmosfera de embate passou a dominar *Bem, Amigos!*. A mediação recaiu sobre Machado, o que fez com que os comentários se sucedessem em certa ordem.

O primeiro a ser chamado a explicar o seu ponto de vista sobre a repercussão acerca do comentário em *Seleção* foi Ribeiro: “O que me incomodou foi que a minha opinião não teve nenhum viés político. Eu não estou analisando se o Raí é de direita, se o Raí é de esquerda, se ele é a favor ou se ele é contra o governo. Não é nada disso!”²⁴. Da mesma maneira como aconteceu no dia 30 de abril, o comentarista tentou convencer seus interlocutores de que não expressava inclinações partidárias. “Tem toda a liberdade e o direito de emitir a opinião dele”, continuou, “o único ponto, e essa é outra coisa que me incomodou, é que nunca tive e nem tenho nenhum problema com o Raí. O Raí é ídolo do São Paulo, clube que eu tenho imenso carinho, porque foi quem me revelou”²⁵.

Ribeiro manifestou preocupação com o fato de sua declaração ter sido mal interpretada: “Me colocaram no meio de uma guerra política como se eu estivesse

²¹ Informações da Folha de S. Paulo, disponíveis em: abre.ai/a8yI Acesso em 21 de maio de 2020.

²² Disponível no YouTube em: abre.ai/bbkE. Acesso em 5 de maio de 2020.

²³ *Ibidem*.

²⁴ Disponível no YouTube em: abre.ai/bbkC. Acesso em 5 de maio de 2020.

²⁵ *Ibidem*.

defendendo o governo. Se você pegar a minha declaração, em nenhum momento emito opinião política. E aí é a questão”²⁶. Reforçou, todavia, o argumento de que, na condição de representante do clube, o dirigente deveria evitar tomar partido. “A partir do momento que você está representando um clube, a partir do momento que existe algo maior do que você, que você é o homem forte do São Paulo, você tem que tomar alguns cuidados quanto a opinião que vai emitir”, sublinhou o comentarista²⁷.

Em seguida, fez uma defesa dúbia da livre manifestação, em um contexto democrático: “Tem o direito? Claro que tem! Tanto que emitiu. Eu sou a favor da democracia, eu sou a favor. Nem deveria estar falando isso, mas é importante já que as pessoas são assim e estão tão quadradinhas e tão raivosas quanto a isso”²⁸. Na mesma passagem em que ironizou quem discordava da sua perspectiva – ao utilizar até uma expressão no diminutivo –, o comentarista argumentou a favor de um conceito abstrato da conjuntura democrática, que é o que permite a coexistência da pluralidade de pontos de vista. Antes de concluir a primeira intervenção se queixou das reações ao seu comentário – “Porque se teve um monte de gente me xingando, tem um monte de gente que me apoiou. Não é essa a questão, eu não quero ser o dono da verdade. Eu não quero estar do lado certo. Só quero emitir uma opinião como comentarista.”²⁹

Para não permitir que os ânimos se acirrassem, Machado fez considerações sobre o debate acerca do posicionamento político dos jogadores de futebol. Depois, foi a vez de Casagrande. “Fui bem educado. Dois pontos que eu vi na sua fala. O primeiro é o seguinte: então você tem que ser mais claro”, prosseguiu Casagrande, “Você não foi. Você foi claro só para as pessoas que apoiaram você? Para aquelas que não concordaram você não foi claro?”³⁰. Foi ao se referir ao outro ex-jogador no programa que o comentarista explicou novamente as suas divergências: “Discordo quando ele fala que o Raí só tem que falar de futebol, não pode falar de política. E eu deixei bem claro: isso é antidemocrático e nenhuma

²⁶ Ibidem.

²⁷ Ibidem.

²⁸ Disponível no YouTube em: [abre.ai/bbkC](https://www.youtube.com/watch?v=abre.ai/bbkC). Acesso em 5 de maio de 2020.

²⁹ Ibidem.

³⁰ Ibidem.

pessoa tem o direito de censurar o que a outra está falando. Não tem esse direito. Foge da democracia que existe ainda no país”³¹.

A palavra “ainda” tem uma atribuição determinante por dar a entender que o ambiente para manifestações contrárias estava sob risco naquele momento. Consequentemente, transparece a condição provisória da democracia. Casagrande utilizou, para exemplificar, uma situação hipotética: “Não tenho direito de falar para o Maurício Noriega [de] qual assunto ele só pode falar. Não! Ele pode falar de qualquer assunto. As pessoas discordam ou concordam”³². Antes de ser interrompido, o comentarista indicou que a atitude de Caio não era um fato isolado – “Não é a primeira vez que você dá uma declaração nesses anos que nós estamos aqui na TV Globo, aí você tem que vir no *Bem, Amigos!* e se explicar melhor”³³

Dois componentes do programa sentiram a necessidade de reagir. O primeiro foi Machado, o mediador, que tentou minimizar as diferenças entre os dois jogadores e lembrou que participou da edição de *Seleção* em que Caio comentou a entrevista concedida por Raí: “Eu estava no programa, de fato ele não falou sobre preferência política. Ele não fez um discurso político. A minha discordância é essa: todo mundo pode falar sobre o que quiser. E todo mundo banca aquilo que falou. A questão de ser claro ou não ser claro, às vezes você não é claro”³⁴. Depois, foi a vez de Bueno, tradicional apresentador de *Bem, Amigos!*, contemporizar, afirmando: “Somos todos democratas e cada um tem o direito de exprimir a sua opinião”³⁵.

Novamente se fazem presentes os atravessamentos políticos quando Noriega e Fabíola Andrade foram convidados a discorrer sobre o tema. O jornalista se recordou da violência de manifestantes pró-Bolsonaro contra a imprensa em ato na véspera daquela edição de *Bem, Amigos!*³⁶. Duas passagens demarcam isso. A primeira é quando o comentarista diz: “Achei um absurdo as agressões sofridas pelos colegas em Brasília, colegas jornalistas [...] Não porque é jornalista, ninguém tem que agredir ninguém”; a segunda, logo em seguida: “Você tem que respeitar ao máximo. A liberdade é tão grande hoje, e tanta gente lutou por isso, que o cara

³¹ *Ibidem*.

³² Disponível no YouTube em: [abre.ai/bbkC](https://www.youtube.com/watch?v=abre.ai/bbkC). Acesso em 5 de maio de 2020.

³³ *Ibidem*.

³⁴ *Ibidem*.

³⁵ *Ibidem*.

³⁶ Informações de UOL em: [abre.ai/a8yS](https://www.uol.com.br/abre.ai/a8yS). Acesso em 21 de maio de 2020.

pode até ir à rua para pedir para não ter mais liberdade”³⁷.

Andrade lembrou as agressões sofridas por enfermeiros, lideradas por apoiadores de Bolsonaro³⁸. Noriega se aprofundou na discussão sobre o posicionamento político na cobertura esportiva, ao passo que contou um caso recente: “Um cara escreveu assim para mim: ‘fala aí sobre futebol, que mal e mal você entende’. Eu não posso falar sobre mais nada. Sou brasileiro, pago meus impostos, nunca roubei, nunca matei, não faço nada de errado e não posso falar de nada!”. Como a mensagem foi publicada nas redes sociais, o episódio é indicativo de como as interações com os usuários nessas plataformas passaram a influenciar as discussões em programas do gênero³⁹.

Casagrande retomou a palavra e fez referência às redes sociais: “Coloquei uma fala no meu Instagram concordando com o Raí. Não falei mal de ninguém, nem agredi ninguém. Eu falei que todas as pessoas têm o direito de falar de qualquer assunto. E as outras pessoas têm o direito de discordar ou pensar diferente”⁴⁰. Reiterou que sua resposta não foi agressiva. “Não me vejo no pacote do rebote agressivo. Do rebote com falta de educação, do rebote passando do limite. Eu não passei do limite em nenhum momento. A coisa que eu discordei foi daquela fala exclusiva. Não fiquei falando da vida do Caio”⁴¹. Bueno tentou não ferir mais suscetibilidades e concordou que ninguém havia tido reação intempestiva. “A questão é a coerência. As pessoas têm que ter uma coerência. As pessoas pensam de uma maneira e quando elas vão se comportar têm que ser da mesma maneira do pensamento. E quando vai se expressar é a mesma coisa que você está pensando”, insistiu Casagrande⁴². Para finalizar, afirmou: “A linha de coerência te deixa numa situação em que todo mundo entendeu o que você quis dizer. Todo mundo entende o seu estilo de vida. Todo mundo entende a sua filosofia política. E as críticas vêm de acordo”⁴³.

O que permite estabelecer relações com a trajetória profissional de Caio é

³⁷ Disponível no YouTube em: [abre.ai/bbkC](https://www.youtube.com/watch?v=abre.ai/bbkC). Acesso em 5 de maio de 2020.

³⁸ Informações em O Globo: [abre.ai/a8yU](https://www.globo.com/abre.ai/a8yU). Acesso em 21 de maio de 2020.

³⁹ Disponível no YouTube em: [abre.ai/bbkC](https://www.youtube.com/watch?v=abre.ai/bbkC). Acesso em 5 de maio de 2020.

⁴⁰ *Ibidem*.

⁴¹ *Ibidem*.

⁴² *Ibidem*.

⁴³ Disponível no YouTube em: [abre.ai/bbkC](https://www.youtube.com/watch?v=abre.ai/bbkC). Acesso em 5 de maio de 2020.

que o comentarista é reconhecido por ser amigável. Por nove anos consecutivos, foi considerado em pesquisa realizada com os atletas o melhor na função⁴⁴. Isso contrasta com o autoritarismo e a defesa do cerceamento de opiniões. É concedido mais um momento para que haja uma defesa: “Tenho coerência. As pessoas me conhecem e sabem que eu sou extremamente transparente. Tudo o que eu falo reflete exatamente o meu comportamento na frente das câmeras e por trás das câmeras. Eu não uso a internet”, respondeu Caio⁴⁵. O comentarista se remeteu diretamente ao representante da Democracia Corinthians ao dizer: “Você está se desculpando para mim. Nós estamos em um assunto e a impressão que dá é que você não está no assunto, está tentando me atacar”⁴⁶. O confronto se intensificou e precipitou a mudança de pauta no debate. (Imagem 4).

Imagem 4: Casagrande e Caio debatem sobre liberdade de expressão no estúdio do Bem, Amigos!



Fonte: YouTube. Disponível em: <http://abre.ai/bbkC>. Acesso em 5 de maio de 2020.

Em seguida, vieram as considerações finais sobre o tema. Galvão Bueno fez nova e abstrata defesa da normalidade democrática: “Chegamos a uma conclusão muito importante. Nada é mais saudável que a democracia. Nada é mais saudável do que todos tenham o direito de se expressar”⁴⁷. Andrade iniciou uma fala, mas foi

⁴⁴ Pesquisa do site UOL, disponível em: abre.ai/bbjA. Acesso em 21 de maio de 2020.

⁴⁵ Disponível no YouTube em: abre.ai/bbkC. Acesso em 5 de maio de 2020.

⁴⁶ Ibidem.

⁴⁷ Disponível no YouTube em: abre.ai/bbkC. Acesso em 5 de maio de 2020.

interrompida: “Fico triste, e não estou falando do episódio Caio e Casagrande...”⁴⁸. Os componentes a interpelaram para dizer que não houve um episódio, para que a controvérsia fosse tratada eufemisticamente. Quando conseguiu proferir seu comentário, a jornalista concluiu se referindo a reações de outros países ao combate ao coronavírus⁴⁹: “A Espanha se uniu para combater a COVID-19, e o Brasil continua dividido o tempo inteiro, levando tudo para o lado político”⁵⁰. Não foi identificada citação a Bolsonaro ou ao governo federal ao longo desta edição.

Considerações finais

Os comentários veiculados pela *Grande Resenha Facit* em 1966 oferecem indícios de como o gênero televisivo das mesas redondas lidou com as coerções impostas pela ditadura civil-militar – tanto a censura imposta pelo governo quanto as limitações editoriais da própria empresa. O conglomerado administrado pela família Marinho se notabilizou como um forte apoiador do regime que ascendeu ao poder em 1964 (DREIFUSS, 1981). A maneira enviesada como José Maria Scassa se referiu ao processo eleitoral sugere um menosprezo à participação popular em detrimento do cumprimento do calendário esportivo. O comentarista demonstrava interesse, acima de tudo, pelos resultados do seu próprio time.

Não é permitido diminuir a força que o humor teve na mesa redonda dos anos 1960. As ironias, brincadeiras e ataques mútuos entre os participantes atraíam os telespectadores e serviam de fio condutor para as disputas que chegavam aos televisores (HERBERT NETO, 2022d). O texto impresso, em páginas de jornal, não seria capaz de transmitir aos leitores todos os trejeitos ou maneirismos dos comentaristas. Tampouco conseguiriam transparecer de maneira fidedigna quando os comentários foram proferidos em tom lacônico ou irônico. Entretanto, a menção à apuração dos votos e ao uso de um aparelho esportivo tão popular para o Rio de Janeiro – o Maracanã – é um fator a ser levado em consideração. A experiência de *Grande Resenha Facit* estabelece alguns parâmetros

⁴⁸ Ibidem.

⁴⁹ Informações de O Globo, disponíveis em: abre.ai/a8yX. Acesso em 21 de maio de 2020.

⁵⁰ Disponível no YouTube em: abre.ai/bbkC. Acesso em 5 de maio de 2020.

para a comparação. Uma semelhança entre as duas mesas redondas tem caráter corporativo: ambas foram transmitidas por empresas comandadas pela família Marinho.

A edição observada de *Bem, Amigos!* indica que a configuração do programa ajudou a promover o embate entre Casagrande e Caio. O debate foi mediado pelo SporTV e se submeteu a procedimentos de comunicação. As interrupções eram constantes, com o propósito de comedir as manifestações. Não há registro de menções diretas a autoridades com mandato ou políticas públicas. A confrontação reitera o quão abstrato o conceito de democracia, em consenso no programa, pode ser. A conduta de Caio exemplifica isso, quando no mesmo comentário afirmou que existem assuntos sobre os quais jogadores e dirigentes devem evitar falar e enalteceu as liberdades democráticas.

No mesmo período, o presidente da República também afirmava ser a favor da democracia⁵¹, embora participasse das manifestações contra o Legislativo, o Judiciário e reafirmasse suas tendências autoritárias⁵². Casagrande foi o participante mais veemente. Além de dar a entender que as instituições estavam erodidas – na iminência de uma ruptura –, o comentarista se ateu à questão da coerência. Foi um indício de que a crítica identificava o esvaziamento da democracia, defendida difusamente pelo outro ex-jogador. Ainda circulou a notícia de que o pai de Caio era conselheiro do São Paulo Futebol Clube e estava envolvido em disputas na diretoria com Raí⁵³. Em um contexto de integração midiática, o estímulo ao confronto despertou interesse: no Twitter, os termos “casagrande”, “democracia corintiana” e “caioribeiro” foram, respectivamente, o 3º, o 11º e o 318º mais mencionados no dia seguinte⁵⁴.

Este artigo se depara, por fim, com as suas limitações. As transcrições de *Grande Resenha Facit* no *Jornal dos Sports*, além de não demonstrarem a contento as ironias dos comentaristas, também eram submetidas às decisões editoriais da publicação. Dessa forma, trechos podem ter sido suprimidos. Por outro lado, *Bem,*

⁵¹ Declaração registrada em O Estado de S. Paulo, disponível em: abre.ai/a8y0. Acesso em 21 de maio de 2020.

⁵² Veja reuniu alguns casos. Disponível em: abre.ai/a8y6. Acesso em 21 de maio de 2020.

⁵³ Informações do blog de Juca Kfourri no UOL em: abre.ai/a9kS. Acesso em 21 de maio de 2020.

⁵⁴ Lista registrada site Trendinalia e disponível em: abre.ai/a8y9. Acesso em 21 de maio de 2020.

Amigos! foi assistido ao vivo, mas a pesquisa depende da disponibilidade de vídeos na internet para um exame detalhado. Muitos dos trechos foram removidos do YouTube e de sites oficiais. A comparação, contudo, coloca em relevo o comentário esportivo: através do conceito de partidarismo, foi possível compreender tomadas de posição de comentaristas diante do autoritarismo em dois recortes temporais distintos. É interessante ainda notar que ambos os casos fazem referências a tribunais que superam as esferas da justiça desportiva. Ora mais conectados com as pautas sociais e antiautoritárias, ora vinculado a inclinações ditatoriais, essas expressões muito particulares da política legitimam as mesas redondas como documentos relevantes para o entendimento de confrontos na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

Bibliografia

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **A UDN e o Udenismo – Ambiguidades do Liberalismo Brasileiro (1945-1965)**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1981.

BUENO, Galvão; OSTROVSKY, Ingo. **Fala, Galvão!**, São Paulo: Globo Livros, 2015.

CABO, Álvaro do; HELAL, Ronaldo. Copas do Mundo e identidade nacional: um panorama teórico. In HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro. **Copas do Mundo: Comunicação e Identidade Cultural no País do Futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, p. 13-36.

CARDOSO, Tom. **Sócrates: a história e as histórias do jogador mais original do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2014.

CASAGRANDE, Walter; RIBEIRO, Gilvan. **Casagrande e seus demônios**. São Paulo: Globo Livros, 2013.

CASAGRANDE, Walter; RIBEIRO, Gilvan. **Sócrates & Casagrande: Uma História de Amor**. São Paulo: Globo Livros, 2016.

CASTRO, Ruy. **O Anjo Pornográfico – A vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

COUTINHO, Renato Soares. **Um Flamengo Grande, um Brasil Maior: o Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933 – 1945)**. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2019.

COUTO, Euclides de Freitas. **Da Ditadura à Ditadura: Uma história política do futebol brasileiro (1930-1978)**. Niterói: Editora da UFF, 2014.

DAMO, Arlei Sander. Produção e consumo de megaeventos esportivos – apontamentos e perspectiva antropológica. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 3, n. 21, p. 67-92, mar./2011.

DREIFUSS, René Armand. **1964 – A Conquista do Estado: Ação política, poder e golpe de classe**. Petrópolis: Editora Vozes, 1981.

DRUMOND, Maurício. **Nações em Jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

FICO, Carlos. **Como eles agiam – Os subterrâneos da Ditadura Militar: espionagem e polícia política**. Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Record, 2001.

GUIMARÃES, Carlos. **O Comentarista Esportivo Contemporâneo: Novas Práticas no Rádio de Porto Alegre**. Curitiba: Appris Editora, 2018.

HERBERT NETO, HELCIO. ‘Chamou o VAR!’: mesas-redondas na TV, comentário esportivo e o recurso visual na estreia brasileira no Mundial de 2018. **AÇÃO MIDIÁTICA**, n. 21, jan./jun. 2021 Curitiba, p. 151-176, 2021a.

HERBERT NETO, Helcio. Brasil brasileiro: Ary Barroso, da vida política ao comentário esportivo. In: BELMAIA, Nathany A. W; AMADARO, Cássio H. dos S.; FRIZZO, Matheus K.; MIRANDA, Guilherme N.; HEINRIQUE, Heitor E.; ARCHER, Renan B.; PINTO, Otávio Luiz Vieira (org.). **Diálogos sobre História no Brasil: Política, Arte e Cultura**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2022a, p. 414-439.

HERBERT NETO, Helcio. Dansa Dyonisiaca: futebol brasileiro, Dionísio nietzscheano. **Cadernos Nietzsche**. Guarulhos/Porto Seguro, v.42, n.3, setembro/dezembro, 2022b, p. 69-88.

HERBERT NETO, Helcio. Deu bicho: a Grande Resenha Facit, a contravenção e a vitória do Bangu no Campeonato Carioca de 1966. **Revista Recorde**. Rio de Janeiro, 2022c.

HERBERT NETO, Helcio. Grande Resenha Facit e udenismo: uma análise sobre partidarismo no gênero televisivo das mesas redondas no Brasil entre 1966 e 1967. **Cadernos de História**. Belo Horizonte, v. 22, n. 36, Junho de 2021b, p. 61 - 79.

HERBERT NETO, Helcio. Jogo de Palavras: uma história comparada do comentário esportivo a partir de Resenha Esportiva da Rádio Nacional, na década de 1940, e de Grande Resenha Facit nos anos 1960. **Doutorado** (História Comparada). Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022d.

HERBERT NETO, Helcio. José Maria Scassa e o Golpe de 1964: partidarismo no comentário esportivo na TV. In: I Seminário Online de Pesquisa em História da Universidade Estadual de Goiás. **Anais...** Uruaçu, p. 46 - 63, 2020a.

HERBERT NETO, Helcio. Liberdade Interpretativa e Jornalismo Esportivo no Brasil:

um Universo para Pesquisa. In VII Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Cotidiano. **Anais...** Niterói, 2018. p. 532-541.

HERBERT NETO, Helcio. Mittel, Foucault e Nietzsche – Cultura, Genealogia e História. **Revista Aproximação**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 19-36, 2020b.

HERBERT NETO, Helcio. Neymar Challenge: Mesas Redondas Esportivas na TV sob Desafio. **Revista GEMInIS**, São Carlos (UFSCar), v. 10, n. 3, pp. 55-76, 2020c.

HERBERT NETO, Helcio. Toque de Bola e Constituição Cidadã: o debate sobre o Campeonato Brasileiro de 1988 no gênero das mesas redondas esportivas na televisão. **Revista Brasileira de História da Mídia**. São Paulo, v. 11, n. 1, jan./jun. 2022e, p. 238- 255.

HERBERT NETO, Helcio. **Programas esportivos de mesa redonda: a questão da autoridade em pauta no gênero televisivo**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. Mesas-redondas: da falação esportiva ao futebol falado. In HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque et all. **Olho no Lance: Ensaios sobre Esporte e Televisão**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013, p. 120-147.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque. **O Clube como Vontade e Representação – O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

KUSHNIR, Beatriz. **Cães de Guarda – Jornalistas e censores do AI-5 à Constituição de 1988**. São Paulo: Editora Boitempo, 2004.

LÉO, Alberto. **História do Jornalismo Esportivo na TV Brasileira**. Rio de Janeiro: Maquinária Editora, 2017.

MAGALHÃES, Mário. **Marighella: O Guerrilheiro que incendiou o mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MÁXIMO, João. **João Saldanha – Sobre Nuvens de Fantasia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

MCCARGO, Duncan. Partisan Polyvalence: Characterizing the Political Role of Asian Media. In HALLIN, Daniel; MANCINI, Paolo. **Comparing Media Systems Beyond the Western World**. Nova York: Cambridge University Press, 2012, p. 201-223.

MELO, Victor Andrade de. Por uma história comparada do esporte: possibilidades, potencialidades e limites. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 11-41, set./dez, 2007.

NETO, Helcio Herbert. Liberdade Interpretativa e Jornalismo Esportivo no Brasil: um

PEINADO, Quique. **Futebol à esquerda**. São Paulo: Editora Madalena, 2017.

PRESTES, Anita Leocádia. Três regimes autoritários na História do Brasil Republicano: o Estado Novo (1937 – 1945), a Ditadura Militar (1964 – 1985) e o regime atual (a partir do golpe de 2016). **Revista de História Comparada**. Rio de Janeiro, v. 13, p. 108 – 129, 2019.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor. A renovação estética da TV. In RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco. **História da Televisão Brasileira**. São Paulo: Editora Contexto, 2010, p. 109-135.

RIBEIRO, André. **Os Donos do Espetáculo – História da Imprensa Esportiva Brasileira**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

Universo para Pesquisa. VII Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Cotidiano, 2018. **Anais...**, Niterói, p. 532-541, 2018.

WHANNEL, Gary. **Fields in Vision - Television Sport and Cultural Transformation**. Nova York: Routledge, 1995.

Jornais, sites e vídeos:

@wcasagrandejr. Disponível em: [abre.ai/bbky](https://www.abre.ai/bbky). Acesso em de maio de 2020.

“Eleições 1966” (TSE). Disponível em: <https://bit.ly/3CiPkEN>. Acesso em 10 de outubro de 2022.

“PESQUISA 2019”. Disponível em: [abre.ai/bbjA](https://www.abre.ai/bbjA). Acesso em 21 de maio de 2020.

“Sala de troféus do Fla Memória recebe nome de José Maria Scassa”. Disponível em: <https://bit.ly/3elfGy6>. Acesso em 10 de outubro de 2022.

ALMEIDA, Amanda. "Em protesto em Brasília, enfermeiros são agredidos por apoiadores de Bolsonaro". Disponível em: [abre.ai/a8yU](https://www.abre.ai/a8yU). Acesso em 21 de maio de 2020.

BEHNKE, Emilly; SAMPAIO, Dida. "'Democracia e liberdade acima de tudo', diz Bolsonaro um dia após participar de ato pró-ditadura". Disponível em: [abre.ai/a8y0](https://www.abre.ai/a8y0). Acesso em 21 de maio de 2020.

BEM AMIGOS DEBATE FALA DE RAÍ DIRETOR DO SÃO PAULO - CLIMA ESQUENTOU ENTRE CAIO RIBEIRO E CASAGRANDE. Disponível em: [abre.ai/bbkE](https://www.abre.ai/bbkE). Acesso em 5 de maio de 2020.

BOGHOSSIAN, Bruno. “STF autoriza apuração de ato pró-golpe militar que teve participação de Bolsonaro”. Disponível em: [abre.ai/a8ym](https://www.abre.ai/a8ym). Acesso em 21 de maio de 2020.

BORGES, André. "Milhares participam de carreata pró-Bolsonaro na Esplanada dos

Ministérios". Disponível em: abre.ai/a8yS. Acesso em 21 de maio de 2020.

BRUNO, Cássio; CERQUEIRA, Sofia. "Sem lockdown, Witzel vai punir quem não cumprir isolamento no Rio". Disponível em: abre.ai/a8yx. Acesso em 21 de maio de 2020.

CAIO RIBEIRO E CASAGRANDE FALAM SOBRE DISCUSSÃO COM RAÍ DO SÃO PAULO. Disponível em: abre.ai/bbkC. Acesso em 5 de maio de 2020.

CAMPOS, João Pedroso de. "Doze vezes em que Bolsonaro e seus filhos exaltaram e acenaram à ditadura". Disponível em: abre.ai/a8za. Acesso em 21 de maio de 2020.

Comentaristas debatem possível volta do futebol no Brasil e declarações de Jair Bolsonaro e Raí. Disponível em: abre.ai/a8c6. Acesso em 20 de maio de 2020.

GARCIA, Rafael. "Em comparação com 40 países, Brasil está entre os 10 onde Covid-19 mais avança". Disponível em: abre.ai/a8yX. Acesso em 21 de maio de 2020.

GRANDE RESENHA FACIT. Memória Globo. Disponível em: glo.bo/3Qz6x2o. Acesso em 11 de agosto de 2022.

KFOURI, Juca. "As críticas de Caio Ribeiro a Raí tem a ver com a política são-paulina". Disponível em: abre.ai/a9kS. Acesso em 21 de maio de 2020.

O Vasco trocou Paulo Mata por Boiadeiro (GRANDE REVISTA ESPORTIVA FACIT). Jornal dos Sports. Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1966, p. 8.

REINACH, Fernando. "Estudo quantifica a tragédia causada por Bolsonaro na pandemia de covid-19 no Brasil". Disponível em: <https://bit.ly/3ytnlkV>. Acesso em 10 de outubro de 2022.

TEIXEIRA, Matheus; COLETTA, Ricardo Della; WIZIACK, Julio. "Bolsonaro, Guedes e empresários vão ao STF para pressionar pelo fim do isolamento contra coronavírus". Disponível em: abre.ai/a8yI. Acesso em 21 de maio de 2020.

Trending Topics: Assuntos mais comentados | 5/5/20 | Trendinalia. Disponível em: abre.ai/a8y9. Acesso em 21 de maio de 2020.

WATANABE, Philippe. "Ao contrário do que disse Bolsonaro, passado de atleta não é garantia de proteção contra coronavírus". Disponível em: abre.ai/a8yu. Acesso em 21 de maio de 2020.

Zezé fica porque está cotado para a seleção (GRANDE REVISTA ESPORTIVA FACIT). Jornal dos Sports. Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1966, p. 7.

Recebido: 12/04/2023
Aprovado: 13/12/2023

QUALQUER SEMELHANÇA NÃO É MERA COINCIDÊNCIA: AS CANDIDATURAS DAS COPAS DO MUNDO BRICS EM PERSPECTIVA TRANSNACIONAL

ANY SIMILARITY IS NOT MERELY COINCIDENCE: THE BRICS WORLD CUP CANDIDATURES IN TRANSNATIONAL PERSPECTIVE

Raul de Paiva Oliveira Castro
Universidade Federal do Rio de Janeiro
raulcastro13@hotmail.com

Euclides de Freitas Couto
Universidade Federal de São João del-Rei
euclides@ufsj.edu.br

Resumo: O período recente no qual os países emergentes receberam a Copa do Mundo de futebol masculino da FIFA confundiu-se com o da própria criação e solidificação dos BRICS. A África do Sul tornou-se o primeiro país africano a realizar o evento. O Brasil aproveitou-se da onda de otimismo econômico dos governos petistas para buscar mais destaque internacional. A Rússia almejava reafirmar-se como uma potência global e encontrou amparo no seu presidente Vladimir Putin. Logo, nosso principal objetivo foi comparar a preparação dos Mundiais de 2010, 2014 e 2018. Investigamos as propostas de candidaturas e as pesquisas de opinião pública, utilizando-se de fontes consultadas pessoalmente nos arquivos da FIFA, em Zurique. De um lado, os organizadores locais alegavam que as competições serviriam como catalisadoras de investimentos. Por sua vez, a FIFA usufruía de todas as benesses possíveis e as escolhas nada transparentes facilitavam a reprodução de capital em favor dos seus dirigentes e parceiros.

Palavras-chave: FIFA; BRICS; megaeventos esportivos.

Abstract: The recent period in which emerging countries hosted the FIFA men's World Cup was confused with the creation and solidification of the BRICS. South Africa became the first African country to hold the event. Brazil took advantage of the wave of economic optimism from PT governments to seek greater international prominence. Russia wanted to reassert itself as a global power and found support in its president Vladimir Putin. Therefore, our main objective was to compare the preparation of the 2010, 2014 and 2018 World Cups. We investigated the candidacy proposals and public opinion polls, using sources consulted personally in the FIFA archives in Zurich. On the one hand, local organizers claimed that the competitions would serve as a catalyst for investment. In turn, FIFA enjoyed all the benefits possible and the non-transparent choices facilitated the reproduction of capital in favor of its managers and partners.

Keywords: FIFA; BRICS; sports mega-events

Atualmente, a Copa do Mundo de futebol masculino da FIFA é considerada um megaevento esportivo, principalmente devido à dificuldade de precisar o seu verdadeiro período de duração, que extrapola os limites do torneio propriamente dito, seja antes ou depois da sua realização. Os Mundiais ampliam a cada edição o número de espectadores, ávidos para acompanhar um espetáculo inserido na economia de mercado ascendente e globalizada. Nas palavras de Guy Debord (1997): “O mundo presente e ausente que o espetáculo **faz ver** é o mundo da mercadoria dominando tudo o que é vivido” (DEBORD, 1997, p. 28, grifo do autor).

O espetáculo chamado Copa do Mundo de futebol masculino da FIFA necessita de uma infraestrutura gigantesca para acontecer (essencialmente, intervenção nas cidades-sede) e mobiliza recursos astronômicos dos países envolvidos (MARICATO, 2014). A fim de obter financiamentos públicos para eventos privados, a entidade máxima do futebol mundial recorre a uma série de discursos encabeçados por seus dirigentes, utilizando-se da estratégia conhecida nas relações internacionais como *soft power*¹ (NYE, 2004).

A partir do exposto, entendemos que o termo preparação é demasiado abrangente e importante para limitar-se apenas aos meses que antecedem o campeonato, quando emerge na mídia o chamado “clima de Copa”. Isso porque as exigências atuais da FIFA vão muito além da mera preocupação em ter estádios adequados para as partidas do torneio futebolístico. À vista disso, tentamos abarcar aqui o máximo possível dessa atmosfera pré-Mundial, pensada através da apresentação das propostas de candidatura e formulação de pesquisas de interesse.

Recentemente, não houve melhores territórios a serem instalados canteiros

¹ De início, podemos dizer que Nye se insere no debate da busca pelo entendimento do equilíbrio de poder pós-Guerra Fria. Até essa época, os estudos internacionais acreditavam que o poder de um país se baseava na sua capacidade econômica e militar de guerrear, utilizando-se diretamente da ameaça e da coerção (*hard power*). No sentido oposto a esse poder duro, o *soft power* (poder brando) configura-se numa influência indireta, marcada pela habilidade de moldar os interesses dos outros, atraindo-os pelo exemplo (cultura, valores políticos e política externa). Depois, Nye apontaria que a combinação do *soft power* com uma utilização criteriosa do *hard power* resultaria no chamado *smart power* (poder inteligente). É preciso salientar que no primeiro capítulo desta tese explicaremos melhor esses importantes conceitos cunhados pelo cientista político estadunidense Joseph Nye, a fim de compreendermos a recente aproximação da FIFA com os BRICS. Apenas a título introdutório, enxergamos o poder exercido pela FIFA na cooptação dos países que sediaram os megaeventos esportivos no sentido do *soft power*, fazendo valer a sua posição de autoridade como instituição máxima do futebol mundial.

de obras do que nos países em desenvolvimento, como aqueles pertencentes ao bloco econômico denominado BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). Coincidentemente, o acrônimo BRICS aproxima-se da palavra *brick*, que significa “tijolo” em inglês. Nome bastante sugestivo para designar um agrupamento que se baseia, sobretudo, no investimento em infraestrutura dos seus respectivos países.

Na intenção de coordenar reuniões e construir uma agenda de cooperação multissetorial, o bloco se alargou e se solidificou ao longo dos anos. Com isso, seu crescente poderio de economias em desenvolvimento e caráter de países grandes e populosos tem influenciado uma alteração na geopolítica global, por meio dos princípios da não interferência, igualdade e benefício mútuo. Já é possível perceber o impacto de muitas ações dos BRICS, como o fortalecimento dos bancos de desenvolvimento e as parcerias comerciais em diversos setores, ainda que haja muito a ser feito.

É notória a similaridade dos Estados escolhidos em sequência como sede dos últimos Mundiais: África do Sul, Brasil e Rússia. Isto é, são locais pouco transparentes onde as políticas públicas possuem históricos de irregularidades e a FIFA pôde usufruir de todas as benesses tributárias possíveis. Na fala de um ex-dirigente da entidade, ainda durante a Copa do Mundo de 2014, ficaram evidentes esses interesses obscuros:

“Menos democracia ajudaria na organização da Copa”. A frase infeliz, de autoria de Jérôme Valcke, secretário-geral da FIFA, circulou em jornais e redes sociais, alimentando críticos da organização do evento no Brasil e da própria entidade máxima do futebol no mundo. Admitir a preferência por “chefes de Estado fortes”, como o presidente russo Vladimir Putin, acabou por oferecer munição aos críticos que veem na escolha de países como África do Sul, Brasil, Rússia e Catar uma estratégia para levar seus negócios a lugares menos transparentes. Para piorar, o desastrado francês acabou colocando o governo brasileiro em uma situação, no mínimo, desconfortável. Afinal, ninguém precisa ser especialista em Brasil para perceber que os atrasos e os (im)previstos para a Copa não são resultado de muita democracia (GARCIA, 2014, p. 17).

Vale a pena salientar que, até o fim do século XX, somente as Américas e a Europa tiveram o privilégio de sediar a Copa do Mundo desde as suas origens, em 1930. Entendemos, porém, que a estratégia de levar o torneio para outros

continentes foi uma decisão política bem articulada pelo presidente Joseph Blatter, tendo em vista a possibilidade de obter mais votos em diversas confederações e federações historicamente relegadas a um segundo plano.

Assim, durante o 52º Congresso Ordinário da FIFA, realizado nos dias 04 e 05 de agosto de 2000, em Zurique, o *Comitê Executivo* anunciou oficialmente a chamada “política de rotação dos continentes”. Segunda a referida proposta, os Mundiais deveriam se alternar entre as confederações, de modo a difundir o futebol pelo mundo. De acordo com a ata do referido Congresso: “A respeito do evento mais importante da FIFA, a Copa do Mundo, o presidente da FIFA informou que o *Comitê Executivo* decidiu introduzir o sistema de rotação do evento pelas confederações. O Congresso aprovou essa decisão com uma calorosa salva de palmas”. (FIFA, 2000, p. 11).

Portanto, pretendemos demonstrar quais foram as ferramentas mobilizadas pelos *Comitês Organizadores Locais* na intenção de vencerem a disputa em torno da Copa do Mundo de futebol masculino. Para tal, foi preciso convencer a FIFA de que estavam preparados para receberem o megaevento esportivo. Em virtude das limitações desse artigo não abordaremos as críticas feitas ao não cumprimento de todas as propostas de candidatura.

De forma preliminar, podemos dizer que as campanhas enfrentaram desafios diferentes. Enquanto a África do Sul e a Rússia tiveram verdadeiramente concorrentes nas suas disputas, o Brasil despontou como candidato único. Entendemos, assim, que sair vencedor da concorrência com outros países já demonstrava um sinal de fortaleza, tendo em vista que se tratava do reconhecimento de uma boa gestão organizativa da candidatura. Veremos, depois, como isso aconteceu na prática, através da análise de cada um dos postulantes ao Mundial.

Por uma história transnacional dos megaeventos esportivos

O nosso estudo encontra-se situado na perspectiva do tempo presente. Acreditamos que a velocidade transformadora do mundo em que vivemos contribuiu para o retorno do acontecimento na historiografia (CARR, 1982). Isso

posto, entendemos que os megaeventos esportivos correspondem a momentos ímpares para um exercício de comparativismo teórico-metodológico através do prisma transnacional. Afinal, tratam-se de abordagens relativamente carentes nas pesquisas sobre futebol, acostumadas a estabelecerem recortes nacionais quando se discutem as Copas do Mundo.

Podemos esquematizar a nossa metodologia comparativa da seguinte forma: a escala de observação foi a da rede de relações internacionais, visto que a atuação da FIFA desconhece fronteiras. Depois, escolhemos objetos ligados a “sociedades contíguas” temporalmente, pertencentes ao século XXI. E, mesmo sendo países muito distantes espacialmente, todos guardavam características comuns nas suas formações históricas autoritárias e no atual patamar de nações “emergentes”.

Mais do que isso, o argumento central de nossa análise reside no fato de que os dirigentes-FIFA foram os protagonistas das inúmeras transações político-econômicas percebidas entre África do Sul, Brasil e Rússia durante o ciclo dos megaeventos esportivos. Por isso, trabalhamos com a noção de *ação social*² (WEBER, 2016) desses sujeitos, isto é, havia uma intencionalidade de certos agentes dentro da estrutura organizacional da FIFA que permitiu a passagem do futebol aristocrático para *commodity*. Interessou-nos, pois, verificar a participação desses personagens ao longo do tempo em vários ambientes e as alterações de sentido desse processo, buscando apontar as falhas de comparação.

A partir do exposto, essa pesquisa possui relevância científica, na medida em que preenche lacunas do conhecimento. O próprio professor Victor Melo e outros autores já apontaram que, dentre as potencialidades existentes, o entendimento sobre a maneira pela qual a prática esportiva é mobilizada no âmbito das relações internacionais deve ser encarada como uma “das mais promissoras possibilidades de estudo da história do esporte” (MELO; DRUMOND; FORTES; SANTOS, 2013, p. 74). Ademais, organizações como a FIFA demandam cada vez mais novas pesquisas, tanto quantitativa quanto qualitativamente.

² Em linhas gerais, podemos dizer que a *ação social* acontece no meio em que os sujeitos vivem, possui uma intencionalidade e um sentido próprios e se orienta pelas ações dos outros indivíduos. No caso dos dirigentes-FIFA, entendemos que a ação se definiu racionalmente com relação a determinados fins, qual seja, a realização dos megaeventos esportivos.

Nesse ponto específico, vale a pena falar dos desafios que se colocam para o historiador do esporte. É importante lembrar que estamos lidando com uma das manifestações culturais contemporâneas mais influentes e presentes em países diferentes. É provável que seja uma das práticas sociais mais fortes no que se refere à transnacionalidade, onde se destacam seus eventos mais conhecidos (os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de Futebol) e duas de suas entidades organizativas (a Federação Internacional de Futebol e o Comitê Olímpico Internacional, ambas com mais membros que a Organização das Nações Unidas). Assim sendo, **desde o início parece que uma abordagem histórica transnacional pode se apresentar como fértil perspectiva para as investigações relacionadas ao objeto** (MELO, 2007, p. 13, grifo nosso).

Ao surgir em função da necessidade de fugir da velha história política do século XIX, pautada nas amarras nacionais, o estudo comparativo visava ampliar o seu escopo de investigação, conforme tentamos fazer em nossa pesquisa. Por isso é de suma importância pensar em uma história transnacional durante os megaeventos esportivos, pautada na tensão entre os Estados nacionais e as instituições supranacionais (como a FIFA, por exemplo). De acordo com Barros (2014), há uma

Necessidade de modalidades historiográficas mais globalizadoras, superando os antigos limites nacionais na direção com que sonhava Marc Bloch no primeiro pós-guerra. Afinal, se o mundo começa a ser repensado também nos termos de grupos maiores de países, constituintes de conjuntos formadores de novas identidades, é preciso que os historiadores também ofereçam alternativas historiográficas voltadas para estas novas identidades transnacionais (BARROS, 2014, p. 85).

Dada a recente inserção dos BRICS no circuito internacional de grandes eventos, tornaram-se importantes os conflitos envolvendo atores que ainda foram pouco explorados, caso dos dirigentes-FIFA. Por mais sutis que pareçam, mobilizaram-se interesses obscuros e implicações simbólicas, que merecem um olhar mais atento dos pesquisadores do esporte. Dito de outra forma, tratam-se de assuntos ligados à história política do esporte que ainda carecem de uma investigação mais aprofundada.

A esse respeito, acreditamos que para entendermos melhor o grau de

influência geopolítica da FIFA atualmente, cada vez “mais comparações intracontinentais são necessárias” (VANPLEW, 2013, p. 13). E enxergamos na história transnacional, em virtude dos seus objetivos fundamentais, a ferramenta mais adequada para navegarmos além das fronteiras dos Estados nacionais modernos. Conforme a fala de uma das expoentes dessa abordagem, Micol Seigel (2005):

Visto que argumento a favor de uma faixa particular de história transnacional, vou oferecer uma definição de trabalho, entendendo que as concepções de história transnacional variam. Minha impressão é que o termo foi cunhado para distinguir esse campo da história internacional, o estudo dos estados-nações interagindo como tal. A história transnacional examina unidades que se espalham e se infiltram nas fronteiras nacionais, unidades maiores e menores do que o estado-nação. Modelos internacionais orientaram a história diplomática, a história militar e campos relacionados; seu enfoque estatal prova-se menos atraente para historiadores de assuntos não-elites, o que em parte explica a adoção do método transnacional por historiadores sociais e culturais. A história transnacional não cobre simplesmente mais terreno; não é equivalente à história mundial - historiadores mundiais, como todo mundo, ainda devem escolher entre as abordagens transnacionais e internacionais. De fato, alguns adeptos do método transnacional tratam fenômenos que se enquadram em um único conjunto de fronteiras nacionais, revelando os traços do global no local. Talvez o cerne da história transnacional seja o desafio que ela representa para a preeminência hermenêutica das nações. Sem perder de vista as “forças potentes” em que as nações se tornaram, entende-as como “frágeis, construídas, imaginadas”. A história transnacional trata a nação como uma entre as várias gamas de fenômenos sociais a serem estudados, ao invés da estrutura do próprio estudo (SEIGEL, 2005, p. 63, tradução nossa).³

³ Cf. texto original: “*Since I argue in favor of a particular stripe of transnational history, I will offer a working definition, understanding that conceptions of transnational history vary. My sense is that the term was coined to distinguish this field from international history, the study of nation-states interacting as such. Transnational history examines units that spill over and seep through national borders, units both greater and smaller than the nation-state. International models have guided diplomatic history, military history, and related fields; their state focus proves less compelling for historians of nonelite subjects, which in part explains the embrace of transnational method by social and cultural historians. Transnational history does not simply cover more ground; it is not equivalent to world history—world historians, like everybody else, must still choose between transnational and international approaches. Indeed, some adepts of transnational method treat phenomena that fall within a single set of national borders, revealing the traces of the global in the local. Perhaps the core of transnational history is the challenge it poses to the hermeneutic preeminence of nations. Without losing sight of the “potent forces” nations have become, it understands them as “fragile, constructed, imagined.”*”⁴ Transnational history treats the nation as one among a range of social phenomena to be studied, rather than the frame of the study itself”.

Trata-se, pois, de um esforço crucial para construirmos uma história que suplante os organismos nacionais, “frágeis, construídos, imaginados”, haja visto que nossa sociedade atual tem sido marcada por uma intensa globalização e derrubada de fronteiras. Porém, conforme a autora salienta, a história transnacional não se confunde com a história internacional, pois podemos perceber muitos “traços do global no local”.

Acreditamos, então, que as Copas do Mundo, eventos já bastante estudados pela historiografia do esporte enquanto legitimadores do poder dos Estados-nações e fomentadores das identidades nacionais vêm sofrendo profundas alterações no mundo globalizado atual. Graças à difusão do recente *padrão FIFA* de mercantilização e militarização, entendemos que o Mundial está se “transnacionalizando” e tornando-se cada vez mais cosmopolita. A título de exemplo, vale lembrar que a edição de 2026 contará pela primeira vez com três países-sede: Canadá, Estados Unidos e México.

Assim, a partir das experiências em países emergentes, a organização do torneio vem adotando um modelo que promove o “desenraizamento dos povos”, ao invés de contribuir para o reforço dos nacionalismos. A fim de comprovar tal hipótese, vimos como esses propósitos da entidade máxima do futebol foram recebidos, (re)adaptados e (re)apropriados de formas diferentes na África do Sul, Brasil e Rússia.

Dessa forma, percebemos a existência de uma nova cultura política da FIFA na gestão dos megaeventos esportivos. Ainda que cada país-sede, de acordo com seus interesses, tenha promovido adaptações no processo de organização das Copas do Mundo, sabemos que há uma certa padronização no tocante ao *modus operandi* imposto pelo *Caderno de Encargos da FIFA*.

Quanto às fontes utilizadas para mapear a preparação de cada um dos torneios, inicialmente é preciso dizer que variaram em termos de conteúdo, forma e quantidade. Nem sempre foi possível encontrarmos exatamente os mesmos documentos correspondentes para todos os Mundiais, fato que, a nosso ver, não inviabilizou a análise comparativa. Pelo contrário, permitiu-nos acessar uma maior gama de textos em perspectiva, enxergar as singularidades locais e apontar as

falhas na comparação. Procuramos, na medida do possível, equilibrar a escrita comparativa das etapas supracitadas relativamente aos três países em questão: África do Sul, Brasil e Rússia.

Especificamente para os casos da África do Sul e da Rússia, tivemos acesso nos arquivos da FIFA aos *Livros de Candidatura (bids)* elaborados pelos *Comitês Locais*, enquanto o brasileiro não estava disponibilizado. Na intenção de superar essa lacuna tão cara à nossa investigação, vasculhamos os documentos disponíveis no site do *Ministério do Esporte* do Brasil e servimo-nos de variados textos do *Comitê Local* que mais se aproximavam dos *Livros de Candidatura*. Entretanto, nem sempre essa comparação tripla mostrou-se realmente possível, em função da ausência de fontes precisamente correlatas. Obviamente é impossível contemplar todos os detalhes que envolveram esse período, de sorte que a documentação consultada nos *Arquivos da FIFA* indicou-nos o melhor caminho a seguir.

Em síntese, esperamos contribuir para uma discussão mais aprofundada sobre os meandros que envolveram a acirrada disputa em torno dos últimos megaeventos esportivos. De um lado, a FIFA seduziu os candidatos com sua marca atrativa chamada “Copa do Mundo”, analisou os possíveis concorrentes e fiscalizou atentamente o cumprimento das exigências. Do outro, os BRICS apresentaram suas qualidades e ferramentas, utilizaram variadas estratégias de convencimento e fizeram promessas muitas vezes difíceis de serem atingidas. A isca foi lançada pela FIFA e os BRICS fisgaram-na. Nossa função, por enquanto, é mostrar os bastidores dessa pescaria.

África do Sul 2010

Após a decisão sobre a “política de rotação dos continentes”, o *Comitê de Candidatura Local da África do Sul* publicou, ainda no ano 2000, o documento intitulado *O estágio da África: a candidatura da África do Sul para sediar a Copa do Mundo FIFA 2010* (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000). Somente em março de 2001 decidiu-se que a África seria o primeiro continente contemplado pelo revezamento (o que foi homologado em julho, no Congresso Extraordinário em Buenos Aires). Ou seja, conclui-se que antes mesmo da confirmação oficial pela

FIFA e do envio de circulares-convite às federações africanas, os sul-africanos já estavam se mobilizando para uma possível candidatura.

A princípio, comentaremos os discursos de quatro lideranças sul-africanas: i) Molefi Oliphant, presidente da *Federação Sul-africana de Futebol* (SAFA); ii) Irvin Khoza, coordenador do *Comitê de Candidatura*; iii) Danny Jordaan, diretor executivo (CEO); iv) Thabo Mbeki, presidente da República da África do Sul. É sabido que outras falas importantes também foram usadas na campanha, tais como a de Desmond Tutu, arcebispo emérito do país, e Nelson Mandela, ex-presidente da África do Sul, ambos vencedores do Prêmio Nobel da Paz, respectivamente em 1984 e 1993. Porém, preferimos nos ater aos personagens diretamente envolvidos na construção do projeto de candidatura.

Logo no início, encontramos as boas-vindas do presidente da *Federação Sul-africana de Futebol*, Molefi Oliphant, que apresentou um histórico da criação da Associação e elencou brevemente os objetivos do país ao pretender receber o Mundial. Fundada em Joanesburgo, no ano de 1991, a SAFA orgulha-se de ter sido o resultado de um longo processo na busca pela unidade esportiva, após um passado marcado pela divisão racial estabelecida com o *apartheid*⁴ nas leis do país. Readmitida como membro associado da FIFA em 1992, a Federação tinha como principal missão mostrar ao mundo que os sul-africanos eram capazes de competir com os melhores. E isso foi possível graças à participação da *Seleção Sul-africana de Futebol* nas Copas de 1998 e 2002 (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000).

No entanto, em “uma nação de fanáticos por futebol” (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000, p. 4, tradução nossa)⁵ não bastava ser coadjuvante nesse espetáculo. Sendo assim, foram estabelecidas algumas metas pela SAFA, que

⁴ Grosso modo, podemos dizer que o *apartheid* (separação) foi uma política de segregação racial implementada oficialmente na África do Sul em 1948 pelo primeiro-ministro do *Partido Nacional*, Daniel Malan, e que durou até 1994, quando Nelson Mandela, do *Congresso Nacional Africano* (ANC), foi eleito democraticamente e colocou fim ao regime. Durante esse período, os direitos básicos da maioria da população negra (moradia, saúde, educação etc.) foram cerceados por uma minoria branca que estava no poder. O resultado disso internamente foi o surgimento de movimentos de resistência e o recrudescimento da violência estatal. No cenário internacional, a África do Sul sofreu vários embargos econômicos e, no caso específico do esporte, foi banida pelo COI e pela FIFA das suas competições.

⁵ Cf. texto original: “[...] a nation of soccer-loving fanatics”.

incluíam: i) promover e facilitar o desenvolvimento do futebol por meio de infraestruturas sustentáveis e iniciativas de treinamento; ii) estabelecer uma parceria com o governo para buscar o reconhecimento do futebol como um ativo nacional; iii) contribuir para a ascendência e liderança da África no mundo do futebol, através da hospedagem de megaeventos (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000).

Quanto a este último ponto, considerado o mais importante, acreditava-se que a realização do Mundial em solo africano seria a concretização de um sonho. Nas palavras de Oliphant: “[...] para que possamos gerar nossas próprias memórias de uma Copa do Mundo se desenrolando em nossos estádios, para que nossos jovens se inspirem ao ver os melhores jogadores do mundo atuando sob um sol africano” (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000, p. 4, tradução nossa).⁶

O discurso do presidente da *Federação Sul-africana de Futebol* terminava com a garantia de estarem preparados para oferecer não somente aos atletas, mas também aos funcionários, torcedores e à mídia, a melhor hospitalidade africana e o melhor espetáculo a ser assistido pelo mundo inteiro. Em suma: “Nós temos o país e a capacidade de apresentar a mais memorável Copa do Mundo já encenada, e a primeira na África. A África do Sul está pronta!” (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000, p. 4, tradução nossa).⁷

Nessa mesma linha de raciocínio, o coordenador do *Comitê de Candidatura* para a Copa do Mundo de 2010 na África do Sul e vice-presidente da SAFA, Irvin Khoza, trouxe as suas saudações ao mundo do futebol e apresentou os predicados da oferta sul-africana. Inicialmente, ele relembrou o desapontamento causado pela derrota na disputa do Mundial de 2006, por apenas um voto, e o modo como esse acontecimento foi encarado (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000).

Segundo Khoza, isso fez com que os sul-africanos entrassem ainda mais fortes no próximo certame, pois “onde o humor popular em muitos países ao redor do mundo muitas vezes se inclina para a apatia e o cinismo, os sul-africanos

⁶ Cf. texto original: “[...] so that we will be able to generate our own memories of a World Cup unfolding in our stadiums, that our youth will be inspired by seeing the world’s finest players performing under an African sun”.

⁷ Cf. texto original: “We have the country and the capacity to present the most memorable World Cup yet staged, and the first in Africa. South Africa is ready!”.

permanecem animados e entusiasmados” (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000, p. 6, tradução nossa).⁸ Mais uma vez, a questão do *apartheid* foi retomada. Evidentemente, a intenção era reforçar a ideia de que a África do Sul tinha um comprovado histórico de superação de grandes desafios como a sua própria natureza (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000).

Ainda de acordo com o relato do coordenador, desde 1994 o otimismo passou a ser visto como uma característica da nação, apesar de muitas vezes os sul-africanos serem tratados como ingênuos por esse tipo de comportamento. Khoza preferia enxergar de outra forma: “[...] este é um país que pergunta ‘Por que não?’ ao invés de ‘Por quê?’” (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000, p. 6, tradução nossa).⁹ Com efeito, ele concluiu que o apoio à candidatura para a Copa do Mundo de 2010 deu-se quase sem discordância, posto que o futebol, o jogo do povo, uniria a nação (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000).

Ao tratar do *Comitê Executivo da FIFA* e da “política de rotação dos continentes”, Khoza afirmou que “[...] estes 24 cavalheiros memoráveis viraram a maré da história do esporte moderno” (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000, p. 6, tradução nossa).¹⁰ Desse modo, adotando um tom profundamente emotivo em seu discurso, o coordenador local profetizou que milhões de pessoas, do Cairo ao Cabo, jamais esqueceriam tamanha expressão de fé e confiança. E acrescentou que se tratava de um dever dos sul-africanos trabalharem arduamente para apresentarem uma “[...] resposta sólida, persuasiva e credível, digna da visão histórica da FIFA” (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000, p. 6, tradução nossa).¹¹

Na sequência da sua propaganda/defesa em torno da candidatura sul-africana, o coordenador local expôs as dimensões mais fortes que comprovavam verdadeiramente a preparação do país, isto é, a essência da campanha. A mesma estava baseada nos seguintes valores: problemas administrativos ausentes, financeiramente forte e emocionalmente alegre. E ainda elencou o tripé

⁸ Cf. texto original: “Where the popular mood in many other countries around the globe often leans towards apathy and cynicism, South Africans remain excited and enthused”.

⁹ Cf. texto original: “[...] this is a country that asks ‘Why not?’ rather than ‘Why?’”.

¹⁰ Cf. texto original: “[...] these 24 gentlemen memorable turned the tide of modern sporting history”.

¹¹ Cf. texto original: “[...] as a solid, persuasive and credible response worthy of FIFA’s historic vision”.

fundamental que a candidatura possuía: maturidade comercial, infraestrutura física e habilidades humanas (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000).

Enfim, a convicção nesses pontos era a esperança dos sul-africanos para que o *Comitê Executivo da FIFA* e a família do futebol em geral acreditassem no projeto e confiassem que o Mundial estaria em boas mãos. Ademais, o país já havia sediado com sucesso outros grandes eventos internacionais, como uma democracia unida. Assim, “os triunfos esportivos no rúgbi, e em outras modalidades, contribuíram para que a Nação ‘Arco-Íris’ se transformasse em um Estado mais turístico e capaz de financiar suas palmas no esporte através do seu crescimento concomitante” (CASTILHO; MARCHI JÚNIOR, 2019, p. 18).

Para finalizar a carta de apresentação do *Comitê Organizador Local*, Khoza fez um apelo e uma promessa. Quanto ao primeiro, pediu que houvesse um reconhecimento dos esforços outrora realizados pelos sul-africanos, nos seus mais variados aspectos: políticos, econômicos, sociais, culturais e esportivos. Depois, garantiu que a FIFA e a Copa do Mundo sentir-se-iam orgulhosos após a realização do megaevento (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000).

O diretor executivo da candidatura para o Mundial de 2010 e secretário-geral da SAFA, Danny Jordaan, também registrou as suas expectativas com relação à “hora da África” (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000, p. 8, tradução nossa).¹² Primeiramente, salientou a sua própria liderança e gerenciamento da campanha derrotada em torno da Copa de 2006, na altura em que a equipe de avaliação da FIFA já demonstrara que a África do Sul estava pronta para sediar o evento. E nessa nova oportunidade, mais do que nunca ele acreditava que os sul-africanos apresentavam fortes argumentos em várias frentes para serem premiados com a realização do torneio (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000).

Dentre tantos predicados do *Comitê Sul-africano*, Jordaan destacou: i) o sucesso com as experiências anteriores na organização das Copas do Mundo de rúgbi e críquete; ii) a infraestrutura esportiva pré-existente, vista como inigualável dentro do continente africano, necessitando apenas de pequenos investimentos

¹² Cf. texto original: “*Africa’s Time*”.

para suprir as exigências da FIFA; iii) uma proposta substancialmente financiada por empresas multinacionais e dotada de negócios estabelecidos internacionalmente (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000).

Novamente, ressaltou-se que todo o povo sul-africano estava unido em apoio à candidatura, tendo em vista o forte desejo nacional de ser evidenciado no cenário global. Interessante também observar o cuidado em oferecer as garantias financeiras do megaevento, ilustrado na seguinte afirmação: “[...] a família FIFA encontrará um ambiente comercial seguro para seus investimentos” (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000, p. 8, tradução nossa).¹³ Em outras palavras, Danny Jordaan assegurou precisamente emoção (simbólico) e lucratividade (econômico) à entidade máxima do futebol mundial, tal qual atestado por Arlei Damo (2009).

Na medida em que o esporte havia sido considerado uma força importante na superação da problemática história sul-africana, o diretor acreditava que a Copa de 2010 poderia enviar uma mensagem de unidade ao mundo inteiro. Então, Jordaan finalizou afirmando que o megaevento traria esperança a uma jovem democracia, bem como seria um presente ao povo, ao continente africano e a todos que lutavam pela paz mundial (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000).

O último pronunciamento registrado na propaganda do *Comitê de Candidatura* foi o do presidente da República da África do Sul, Thabo Mbeki. Ex-vice-presidente do país e considerado um sucessor natural de Nelson Mandela, Mbeki governou por quase dez anos (1999-2008). Filiado desde jovem ao *Congresso Nacional Africano* (ANC), a principal sigla do país à época da sua eleição havia sido a grande defensora dos direitos da população negra antes e depois do *apartheid*.

No seu mandato como presidente, Mbeki adotou claramente uma política externa *pan-africanista*¹⁴ e multilateralista em favor dos países emergentes, haja

¹³ Cf. texto original: “[...] *the FIFA family will find a secure comercial environment for their investments in the event*”.

¹⁴ Em linhas gerais, podemos dizer que o *pan-africanismo* originalmente se configurava em uma doutrina que reivindicava a unidade política, social e filosófica de todos os povos do continente, a fim de obter o pleno reconhecimento no cenário internacional. O movimento surgiu durante os processos de independência da segunda metade do século XX, mas desde cedo esbarrou em vários obstáculos devido a questões étnicas, econômicas e culturais. Em 1963 foi criada a *Organização da*

visto sua reivindicação por reformas dentro da *Organização das Nações Unidas* (ONU), juntamente com Brasil e Índia. Thabo Mbeki renunciou em 2008 por falta de apoio político dentro do seu próprio partido, visto que a ala mais radical o acusava de uma política econômica neoliberal.

No *Livro de Candidatura Sul-africano*, Mbeki fez um elogio à estabilidade democrática do país, condição fundamental para ser possível apresentar uma proposta de torneio seguro. Em seguida, sentenciou a vitória e a sua repercussão futura: “Queremos garantir que, um dia, os historiadores reflitam sobre a Copa do Mundo de 2010 como um momento em que a África se ergueu e virou a maré de séculos de pobreza e conflito. Queremos mostrar que chegou a hora da África” (SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000, p. 10, tradução nossa).¹⁵

Finalizamos com os dados e a repercussão midiática de uma pesquisa de interesse encomendada pela FIFA e divulgada às vésperas da realização da Copa do Mundo na África do Sul, à qual tivemos acesso no site da entidade (FIFA, 2010). Entre 2008 e 2010 foram feitas entrevistas pela *Sport+Markt*, parceira da FIFA em sondagens desse tipo, num universo de 15 mil pessoas em 15 países (aproximadamente mil pessoas em cada). (UOL ESPORTE, 2010). De acordo com a empresa responsável, o trabalho de campo escolheu aleatoriamente os entrevistados em relação ao gênero, raça, idade e tamanho das cidades (FIFA, 2010).

No cômputo geral, a Copa do Mundo de 2010 despertava a atenção de 82% dos sul-africanos, que a consideravam uma celebração da paz e um fator unificador da nação (FIFA, 2010). O país, inclusive, ultrapassou o Brasil à época e tornou-se o local onde havia o maior entusiasmo pelo referido esporte. Comparado ao rúgbi e ao críquete, o futebol era mais popular entre os negros (cerca de 80% da população total), enquanto os brancos de origem africana acompanhavam sobretudo a primeira modalidade, e os brancos de origem britânica a segunda. Nota-se que a diferença de atração dos sul-africanos por esses três esportes

Unidade Africana, ainda bem distante da realidade de todo o continente. Com o passar dos anos, o *pan-africanismo* tornou-se um movimento defendido mais pelos descendentes de africanos escravizados espalhados pelo mundo (diáspora) do que dentro da própria África.

¹⁵ Cf. texto original: “We want to ensure that, one day, historians will reflect upon the 2010 World Cup as a moment when Africa stood tall and turned the tide on centuries of poverty and conflict. We want to show that Africa’s time has come”.

nacionais modificou sensivelmente após o processo de democratização, ocorrido nos anos 1990 (GAZETA DO POVO, 2009).

Outros números interessantes foram levantados pela sondagem, especificamente com relação aos sentimentos dos sul-africanos em acolherem o Mundial de 2010. Mais de 90% dos entrevistados diziam-se orgulhosos desse acontecimento e esperavam ansiosamente pelo torneio. Eles acreditavam que a FIFA havia concedido uma oportunidade única para que o país aumentasse a sua autoestima, expusesse as suas habilidades e mostrasse ao mundo que era capaz de organizar um megaevento de sucesso. Assim, dentre as principais vantagens citadas, salientou-se o incremento turístico e da infraestrutura urbana, bem como a melhoria da imagem do país no exterior (FIFA, 2010).

Contudo, à medida em que a Copa ia se aproximando, as pessoas foram mostrando-se menos confiantes quanto aos benefícios a longo prazo. Por exemplo, em 2008, 92% dos entrevistados acreditavam que o Mundial impulsionaria a economia e criaria novos empregos, mas esse número caiu para 75% em 2010. Talvez já fosse um reflexo da decepção gerada pelas promessas não cumpridas. Por outro lado, se em 2008 havia um temor de 77% das pessoas de que o megaevento resultaria em inflação para os sul-africanos, o mesmo não se verificou em 2010, quando apenas 48% reclamaram dessa questão. Ademais, o aumento na criminalidade e problemas de congestionamentos durante os jogos não preocupava a maioria da população (FIFA, 2010).

Enfim, grande parte dos elementos expostos pela pesquisa corroboraram as falas dos organizadores locais vistas nesta seção e evidenciaram a intenção da FIFA em propagandear a Copa do Mundo para novos mercados. Porém, o simples fato de ter organizado o Mundial não permitiu à África do Sul uma alteração social tão radical, ou mesmo uma nova posição dentro da geopolítica mundial.

Brasil 2014

Após desbravarmos os bastidores da inédita realização do Mundial na África, passaremos a discutir agora o processo de candidatura do Brasil, que pleiteava receber a sua segunda Copa do Mundo na história (a primeira vez deu-se

em 1950). A pedido da *Confederação Sul-americana de Futebol* (CONMEBOL) e seguindo o princípio do rodízio entre os continentes, a FIFA indicou, em março de 2003, que a edição de 2014 deveria ser hospedada na América do Sul.

Inicialmente, Brasil e Colômbia sinalizaram interesse na candidatura, em dezembro de 2006. Porém, após a desistência deste último, sem ao menos apresentar uma proposta oficial e alegando dificuldades financeiras, o caminho ficou livre para o “país do futebol”. Ainda assim, foi necessária a aceitação de 11 *Garantias Governamentais* (BRASIL, 2007),¹⁶ cumprindo todos os requisitos protocolares exigidos pelo *Comitê Executivo da FIFA*.

Nesse documento, encontramos uma interessante carta do presidente Luiz Inácio Lula da Silva endereçada diretamente ao presidente da FIFA, Joseph Sepp Blatter, datada de 29 de junho de 2007. Após ter atuado como sindicalista no combate à ditadura civil-militar no Brasil, Lula tornou-se uma forte liderança do *Partido dos Trabalhadores* (PT), que viria a ser a maior sigla de esquerda da América Latina. O ex-metalúrgico governou o Brasil entre 2003 e 2010, numa época marcada pelo *boom* das *commodities* no setor agropecuário (aproximação com a China e os demais emergentes) e pela adoção de políticas de inclusão social e redistribuição de renda.

Na carta, o petista inicialmente mobilizou um discurso simbólico sobre o futebol brasileiro e a sua identificação pessoal com o esporte: “Cinco vezes campeões do mundo, somos uma Nação que tem profunda identidade com o futebol – nossa maior paixão. Falo até por experiência própria: há décadas, desde a minha adolescência, sou um frequentador de estádios e um torcedor apaixonado” (BRASIL, 2007, p. 2). Na sequência, o presidente da República enalteceu a tradicional hospitalidade brasileira: “Somos um país marcado pela tolerância de raças, de credos, um país marcado pela convivência pacífica e da diversidade em todos os campos. Queremos inspirar o mundo com uma mensagem de paz” (BRASIL, 2007, p. 3).

¹⁶ As *Garantias Governamentais* eram as seguintes: i) Vistos de entrada e saída; ii) Vistos de trabalho; iii) Direitos e impostos aduaneiros; iv) Isenção fiscal geral; v) Proteção e segurança; vi) Câmbio estrangeiro e bancário; vii) Imigração, alfândega e procedimentos de *check-in*; viii) Proteção e exploração dos direitos comerciais; ix) Hinos e bandeiras nacionais; x) Indenização; xi) Telecomunicações, tecnologia de informação.

Para além dessa dimensão simbólica, Lula garantiu que o país estava preparado para receber o Mundial de 2014. Ele enfocou a questão da sustentabilidade como um dos pilares mais importantes da candidatura e aproveitou para fazer um convite especial às empresas do mundo inteiro. Graças a uma democracia consolidada e a uma economia em ascensão, o mandatário dizia que era a melhor oportunidade para se investir no Brasil. Por fim, Lula confirmou que a assinatura das *Garantias Governamentais* representava a disposição de todos os envolvidos cumprirem as exigências necessárias (poderes públicos, iniciativa privada e sociedade civil). (BRASIL, 2007)

Logo, em junho de 2007, o *Livro de Candidatura da Copa do Mundo FIFA Brasil 2014* foi entregue à FIFA. Um ponto importante a ser mencionado diz respeito à não publicização desse documento¹⁷, nem antes nem após o resultado da escolha, diferentemente do livro que tivemos acesso sobre a África do Sul e que já analisamos. Procuramos pessoalmente nos arquivos da FIFA, no site da *Confederação Brasileira de Futebol* (CBF) e fizemos contato com outros órgãos governamentais que receberam uma cópia do texto, mas em todos os casos não obtivemos êxito. Tal fato revela um caráter suspeito de confidencialidade entre as partes envolvidas, quais sejam o *Comitê de Candidatura Brasileiro* e a FIFA.

Então, para entendermos a proposta do Brasil, tivemos que procurar outros tipos de documentos. Voltamo-nos ao *Candidatura Brasil: Relatório de Inspeção da Copa do Mundo FIFA 2014* (FIFA, 2007), que basicamente serviu como subsídio para o *Comitê Executivo* tomar a sua decisão final. Grosso modo, foram realçadas inicialmente algumas informações geográficas, políticas, econômicas e culturais sobre o Brasil, quais sejam: i) 5º maior e mais populoso país do mundo; ii) litorais e fronteiras extensos, topografia e clima variados; iii) sistema de governo democrático, republicano, federativo e presidencialista; iv) maior PIB da América Latina, com destaque para o setor agropecuário, e a 9ª maior economia do mundo em paridade de poder de compra (FIFA, 2007).

Além disso, o “futebol-samba” foi exaltado pela sua originalidade, visto que “os brasileiros são mestres da técnica, porém o mais importante é que amam o

¹⁷ Vale a pena observar que outros pesquisadores também já haviam enfrentado a mesma dificuldade de acesso ao *Livro de Candidatura Brasileiro*. (REIS, 2017).

jogo” (FIFA, 2007, p. 16, tradução nossa),¹⁸ sendo a torcida e a *Seleção* canarinho patrimônios da nação. De acordo com Joseph Nye (2012), atualmente o Brasil possui duas referências fundamentais de *soft power* na esfera internacional: “a cultura popular do carnaval e do futebol” (NYE, 2012, p. 24). Por conseguinte, a candidatura brasileira destacou sobremaneira esse aspecto da tradição futebolística: o único país a participar de todas as Copas do Mundo e o maior vencedor do torneio, sem contar os inúmeros títulos da *Seleção* e dos clubes em outras competições.

Apontou-se, também, o histórico brasileiro em sediar megaeventos internacionais, esportivos ou não, ainda que as exigências de um Mundial da FIFA fossem de maior magnitude e complexidade. Quanto à organização do certame de 2014 propriamente dito, vimos a carta do presidente do *Grupo de Inspeção* da FIFA, Hugo Salcedo, endereçada a Joseph Blatter e a seu *Comitê Executivo*. Em linhas gerais, o texto ressaltava a confiança depositada pela FIFA no grupo, o trabalho realizado junto aos seus colegas e a acolhida recebida dos brasileiros. O *Relatório* apresentado foi auto elogiado pelo seu equilíbrio, confiabilidade e abrangência de informações (FIFA, 2007).

Salcedo descreveu detalhadamente na carta os passos percorridos por sua equipe, desde a revisão da documentação do *Livro de Candidatura* (conferência do cumprimento dos requisitos básicos) até a ida ao local para confirmar se o que estava escrito no papel era realmente factível. Em termos de prazos, já dissemos que o *Livro* foi entregue pelo *Comitê Brasileiro* em julho, a visita de inspeção da FIFA ocorreu entre agosto e setembro e o *Relatório* foi publicado em outubro de 2007 (FIFA, 2007).

No Brasil, os membros da equipe de Salcedo foram levados pela cúpula da *Confederação Brasileira de Futebol* a cinco capitais de estados extraoficialmente garantidos como anfitriões, sendo recebidos pelos respectivos governadores e prefeitos: Belo Horizonte, Brasília (capital federal, onde reuniram-se também com o presidente Lula e seus ministros), Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo. Não obstante, houve um encontro no Rio de Janeiro (sede da CBF e “capital esportiva”

¹⁸ Cf. texto original: “*The Brazilians are masters of technique, but most importantly, they love the game*”.

do país) com representantes das outras 13 potenciais cidades-sede, no qual aconteceram apresentações “[...] profissionais e apaixonadas” (FIFA, 2007, p. 4, tradução nossa)¹⁹ dos projetos de estádios, segundo comentários do relator.

A partir dessa narrativa acerca da visita de inspeção, é interessante observar o momento político-econômico vivido pelo Brasil à época. Para além do fato de o presidente Luiz Inácio Lula da Silva ter sido lembrado como “[...] um apaixonado por futebol” (FIFA, 2007, p. 8, tradução nossa),²⁰ salientou-se o forte engajamento em todos os níveis de governo (comprometimento total), somado ao apoio do público em geral (enormemente entusiasmo) e a um impressionante interesse da mídia na cobertura da viagem (FIFA, 2007).

No tocante à opinião da população brasileira sobre a realização da Copa do Mundo de 2014, não encontramos propriamente uma sondagem de interesse patrocinada pela FIFA, à semelhança da África do Sul. Assim, valemo-nos dos dados obtidos por uma das instituições de pesquisa mais respeitadas no país, o *Datafolha Instituto de Pesquisas*, que realizou uma série de entrevistas espontâneas entre 2008 e 2014 (DATAFOLHA, 2014). Aqui, o tal “enorme entusiasmo” do público propagado pelo *Relatório de Inspeção* não se verificou ao longo do tempo.

Em cada uma das fases da pesquisa, o *Datafolha* ouviu cerca de quatro mil pessoas, de diferentes cidades do país e pertencentes a variados estratos sociais. De acordo com o estudo, a taxa de apoio à realização do Mundial de 2014 estava em 79% no ano de 2008, caiu para 65% em 2013 e atingiu o patamar de 51% na semana que antecedeu a abertura do torneio. A maioria dos que concordavam com o megaevento eram homens, moradores das regiões Norte e Nordeste, provenientes de cidades com até 50 mil habitantes e que avaliavam positivamente o governo Dilma Rousseff (DATAFOLHA, 2014).

Ex-ministra de Lula, a petista governou o Brasil entre 2011 e 2016, porém sem a mesma habilidade política do seu antecessor e atrapalhada por problemas econômicos internos e externos. Ademais, as críticas da opinião pública aos gastos com a realização dos megaeventos esportivos motivaram protestos populares contra Dilma, que foi afastada do cargo após um longo e conturbado processo de

¹⁹ Cf. texto original: “[...] *professional and passionate*”.

²⁰ Cf. texto original: “[...] *is a passionate football fan*”.

impeachment.

Portanto, é evidente que a rejeição à Copa do Mundo cresceu com o passar dos anos, enquanto o índice dos indiferentes manteve-se praticamente estável. Dentre o perfil dos opositores, destacavam-se os domiciliados em municípios da rica região Sudeste do país com mais de meio milhão de habitantes, escolarizados, com renda familiar alta e simpatizantes do maior adversário político de Dilma Rousseff em 2014: Aécio Neves (DATAFOLHA, 2014).

Aécio Neves, neto de Tancredo Neves (ex-presidente eleito do Brasil), pertence a uma família tradicional na política de Minas Gerais e era o candidato à presidência da República representando a centro-direita. Sua legenda, o *Partido da Social Democracia Brasileira* (PSDB), pode ser considerado um rival histórico do PT desde a redemocratização brasileira. Logo, não havia nenhuma surpresa no fato de que esses cidadãos avaliassem o governo Dilma como ruim ou péssimo e manifestassem o seu desinteresse pela Copa, posto que as eleições presidenciais no Brasil acontecem logo após o torneio (DATAFOLHA, 2014).

Entretanto, em que pese essas questões políticas, é fato que a Copa do Mundo de 2014 ainda despertava um grande interesse entre os brasileiros, evidenciado na proporção de seis a cada dez pessoas. Porém, vale ressaltar que, no comparativo histórico com outros Mundiais recentes, 2002 (75%), 2006 (88%) e 2010 (79%), a taxa de 2014 era a mais baixa (DATAFOLHA, 2014). Essa tendência de diminuição da importância do futebol para a outrora “pátria de chuteiras” é um fenômeno social complexo, que necessita de maiores estudos por parte dos historiadores do esporte, tal como ensaiaram Ronaldo Helal e Antônio Soares (2003).

Quanto ao futebol do selecionado de 2014 propriamente dito, 84% dos entrevistados declararam torcida pelo time do elogiado Luiz Felipe Scolari, o técnico mais bem avaliado dentre todos os nomes da série histórica. Destarte que 69% das pessoas admitiu orgulhar-se da *Seleção* canarinho, apontando-a como favorita ao título (DATAFOLHA, 2014). Salientamos que os dados dessa pesquisa foram colhidos antes da derrota brasileira na semifinal para a Alemanha pelo fatídico placar de 7 a 1, fato que certamente provocou mudanças profundas de mentalidade nos torcedores e veículos de imprensa.

É curioso notar, também, que a maioria das pessoas demonstrou um certo constrangimento em relação às manifestações de 2013. Isso porque, ao questionarem o *padrão FIFA*, os protestos ameaçaram seriamente a realização do Mundial de 2014. Em síntese, quanto à capacidade de o Brasil organizar uma Copa do Mundo, os números dos que sentiam orgulho (45%) e vergonha (42%) praticamente se equivaliam. Em média, no que concerne ao provável legado, 36% dos entrevistados enxergaram que haveria mais benefícios do que prejuízos, 54% acreditavam no oposto e 10% mostraram-se indecisos (DATAFOLHA, 2014).

Ainda no tocante às manifestações de 2013, Marco Bettine (2020) apontou que os jornais estrangeiros demonstraram uma certa desconfiança sobre a capacidade de o Brasil realizar o Mundial de 2014. Outrossim, a própria maneira de pensar o futebol alterou-se substancialmente após as críticas direcionadas ao *padrão FIFA*. Ou seja, a memória afetiva e simbólica do torcedor brasileiro em tempos de Copa do Mundo já não possui a mesma áurea de outrora (BETTINE, 2020).

Por sua vez, o *Relatório de Inspeção* afirmava que o crescente desenvolvimento brasileiro seria ainda mais aprimorado com a recepção do Mundial de 2014. Ou seja, “[...] o investimento financeiro proposto na infraestrutura do país não só beneficiará a população como um todo, mas também deixará aos futebolistas e torcedores brasileiros um grande patrimônio esportivo e cultural” (FIFA, 2007, p. 4-5, tradução nossa).²¹ A título de exemplo, foram lembradas as futuras melhorias nos sistemas de transporte, comunicação, segurança, serviços, instalações públicas e esportivas etc.

Na visão do inspetor Hugo Salcedo, portanto, a visita não deixava dúvidas quanto à capacidade de o Brasil cumprir as garantias do livro de licitações, contanto que o *Comitê Organizador Local* trabalhasse em estreita colaboração com a FIFA desde a data da decisão até o apito final. Na prática, isso significou uma fiscalização constante da entidade máxima do futebol sobre todos os assuntos organizacionais, tanto centralmente quanto em cada uma das cidades-sede.

²¹ Cf. texto original: “[...] *the proposed financial investment in the country's infrastructure will not only benefit the population as a whole, but will also leave Brazil's footballers and football fans alike with an indelible monument to the country's great sporting and cultural heritage*”.

Rússia 2018

Tamanha ingerência dos dirigentes-FIFA foi bastante criticada antes, durante e após a Copa do Mundo de 2014, acentuando-se com a descoberta dos escândalos de corrupção dentro da associação, alardeados pela mídia em 2015. Vale a pena ressaltar que a partir desse episódio os *bids* passaram a se tornar públicos. Isso demonstrou a necessidade de a instituição divulgar uma certa imagem de transparência, sobretudo com relação ao pleito envolvendo os Mundiais de 2018-2022, considerado um dos principais motivos para o afastamento de Joseph Blatter e sua cúpula.

A respeito do que foi dito acima, notamos que dessa vez não houve uma preocupação em respeitar o rodízio dos continentes, tendo em vista que países de várias localidades apresentaram suas propostas de candidatura. Outra mudança observada na comparação com as escolhas anteriores deu-se em relação a uma votação conjugada, isto é, foram selecionados simultaneamente os países-sede das Copas do Mundo de 2018 e 2022. Para o Mundial de 2018 havia quatro candidaturas (duas individuais e duas conjuntas): Inglaterra; **Rússia**; Bélgica e Holanda; Portugal e Espanha. Já a Copa de 2022 contou com cinco postulantes únicos: Austrália; **Catar**; Coreia do Sul; Estados Unidos; Japão.²²

Partindo-se desses pressupostos, a Rússia enviou em 2010 o seu manual de candidatura intitulado *Pronta para inspirar, representando o futuro da Rússia: Candidatura da Nação Russa 2018/2022* (BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022, 2010) sobre o qual discutiremos a seguir. Inicialmente, foram elencadas as principais características geográficas do país. A respeito da paisagem vasta e dinâmica, exaltaram-se os picos nevados das montanhas, os desertos e pastagens das estepes, as costas subtropicais banhadas pelo sol, o oceano Ártico congelado, o rio mais longo da Europa e o lago mais profundo da Terra (BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022, 2010).

Esse apreço pelo meio ambiente foi decisivo nos rumos tomados pelo *Comitê Local*, ao apostarem em uma Copa do Mundo que deixasse um legado

²² Vale a pena ressaltar que os países grifados foram os vencedores nas respectivas disputas.

ecologicamente sustentável. O maior país do globo manifestou um compromisso igualmente proporcional em termos de preservação da natureza, apresentando-se como um modelo para os megaeventos esportivos subsequentes.

Logo, “em cada cidade-sede, a Rússia implementou fortes programas de gestão da água, redução de gases de efeito estufa, gestão de resíduos, construção, conservação de energia, qualidade do ar e conservação ambiental” (BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022, 2010, p. 21, tradução nossa).²³ Dentre as principais promessas ambientais anunciadas pelo grupo de candidatura russo, chamou a nossa atenção a intenção de adotar padrões de construções verdes e zerar o impacto na biodiversidade.

Denominadas pelos membros do *Comitê* de “as joias da Rússia” (BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022, 2010, p. 3, tradução nossa),²⁴ as cinco diferentes regiões forneceriam a bagagem de uma vida aos visitantes, ao passo que cada localidade revelaria inspiradoras atmosferas geográficas e culturais. A parte Central é vista como a capital das artes, cultura e esportes; o Norte possui uma rica história, arquitetura e portos importantes; as cidades do Volga localizam-se às margens de maravilhas naturais; a parte subtropical ao Sul é a porta de entrada entre o leste e o oeste; e os Urais ficam no coração do país e destacam-se pelo seu cosmopolitismo (BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022, 2010).

Com relação à população, apesar da Federação Russa ser “[...] uma grande tapeçaria” (BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022, 2010, p. 2, tradução nossa)²⁵ composta por diversos povos e etnias (mais de 140 grupos étnicos e indígenas), bem como costumes e línguas (ultrapassam 100 dialetos), procurou-se ressaltar a unidade. Ou seja, as tradições que os russos têm em comum seriam a calorosa hospitalidade e a paixão pelo futebol (cerca de seis milhões de praticantes). (BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022, 2010).

Nas palavras do *Comitê de Candidatura*, o jogo seria uma espécie de língua comum do país: “Na Rússia é o futebol que une nossas diversas culturas. Nossa

²³ Cf. texto original: “*In each host city, Russia has implemented strong programmes for water management, greenhouse gas reduction, waste management, construction, energy conservation, air quality, and environmental conservation*”.

²⁴ Cf. texto original: “*The jewels of Russia*”.

²⁵ Cf. texto original: “[...] *a great tapestry*”.

paixão pelo esporte é universal. Nossa dedicação ao seu crescimento é insuperável” (BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022, 2010, p. 19, tradução nossa).²⁶ Por isso, o *Comitê Local* prometeu oferecer à FIFA e à família do futebol mundial um torneio como nenhum outro antes. Em suma, o país mais extenso do mundo queria mostrar as suas riquezas naturais e culturais, bem como a hospitalidade do seu povo (BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022, 2010).

Contudo, o esporte mais popular do país era o hóquei no gelo e a realidade do futebol não era bem aquela. Cerca de 60% das pessoas não se interessavam pelo jogo, 19% acompanhavam apenas as notícias dos campeonatos europeus mais importantes e somente 7% se declararam torcedores fiéis, acostumados a vibrar por seus times nos estádios. Esse levantamento foi feito pela empresa *Superjob*, a maior na oferta de empregos do país, durante o Mundial de 2018. Através da aplicação de questionários online em seu site e aplicativo foram ouvidas 2.500 pessoas de diversos estratos da sociedade (região, idade, sexo e renda). (FOLHA DE S. PAULO, 2018).

Parte desse descrédito em relação ao futebol pode ser explicado devido às fracas campanhas russas em Copas e ao baixo nível técnico de seu campeonato. Não obstante, a possibilidade de sediar o Mundial pela primeira vez acendia a esperança de que esse cenário pudesse ser modificado. Isso porque a ideia de fomentar o jogo em seu território trata-se de um dos principais argumentos usados por quase todos os países nas suas candidaturas. É óbvio que a FIFA incentiva esse tipo de postura dos organizadores locais, visto que a entidade deseja espalhar cada vez mais a sua influência pelo “planeta bola”. No entanto, parece que tal estratégia não deu muito certo para o caso da Rússia.

Interessante observar que a realização da Copa do Mundo não mudou a indiferença da população local com relação ao futebol. Isso porque 76% dos desinteressados afirmaram que o acolhimento do megaevento não alterou a sua percepção sobre o esporte. Outros 19% até concordaram que a realização do torneio em casa despertaria uma atenção momentânea (alguns se interessariam apenas em assistir às partidas da *Seleção Russa*) e 5% não responderam (FOLHA

²⁶ Cf. texto original: “*In Russia, it is football that unites our diverse cultures. Our passion for the sport is universal. Our dedication to its growth is unsurpassed*”.

DE S. PAULO, 2018). Ou seja, apesar de todos os esforços do *Comitê de Candidatura*, o futebol não conseguiu penetrar na mentalidade dos russos da mesma forma que vimos para os casos da África do Sul e do Brasil.

Quanto aos possíveis ganhos simbólicos mobilizados pela hospedagem da Copa do Mundo, 60% das pessoas ouvidas entendiam que a imagem do presidente Vladimir Putin permaneceria inalterada. O mesmo percentual de entrevistados (17%) respondeu que o Mundial poderia ser “algo negativo” ou “algo positivo” para o governante. E essa dificuldade de catalisação política já era vista na propaganda de candidatura russa, ainda que o torneio tenha sido apelidado de “Copa do Putin” pela imprensa internacional (FOLHA DE S. PAULO, 2018).

Em termos comparativos, enquanto o documento sul-africano continha discursos inflamados das autoridades locais e a comitiva brasileira promoveu um verdadeiro carnaval em Zurique, o *Livro de Candidatura Russo* separou apenas um pequeno trecho para tratar do assunto. No plano principal, vê-se uma fotografia de Joseph Blatter cumprimentando calorosamente Vladimir Putin. Ao lado, sob o significativo título “Unânime e inabalável” (BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022, 2010, p. 27, tradução nossa),²⁷ lê-se o seguinte: “A candidatura da Rússia para sediar a Copa do Mundo da FIFA tem total apoio de todos os níveis de governo e de todos os partidos políticos” (BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022, 2010, p. 27, tradução nossa).²⁸

Logo abaixo, o texto continuava dizendo que todas as garantias foram assinadas e as exigências da FIFA encontravam respaldo em “[...] um governo estável com eleições livres, regime democrático, e direitos e liberdades constitucionalmente protegidos” (BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022, 2010, p. 27, tradução nossa).²⁹ No entanto, é sabido que o presidente Putin costuma agir por meios espúrios a fim de fazer valer as suas intenções, o que talvez tenha influenciado na sua exposição inicial mais modesta.

Vladimir Vladimirovitch Putin, ex-agente do serviço secreto soviético, vem

²⁷ Cf. texto original: “*Unanimous and unwavering*”.

²⁸ Cf. texto original: “*Russia’s bid to host the FIFA World Cup has total support from all levels of government and all political parties*”.

²⁹ Cf. texto original: “[...] *a stable government with free elections, democratic rule, and constitutionally protected rights and freedoms*”.

exercendo a governança na Rússia desde a renúncia de Boris Iéltsin, em 1999, seja como presidente ou primeiro-ministro. Dentre as suas principais contribuições ao longo desse período destacam-se o retorno da estabilidade política, através do resgate do nacionalismo, e um progresso econômico com forte interferência estatal. Apesar de gozar de certa popularidade interna, o autoritarismo, o militarismo e a censura promovidos por Putin tem provocado movimentos de oposição e constantes conflitos, gerando grande preocupação da comunidade internacional.

À guisa de conclusão, o *Livro de Candidatura Russo* optou por exaltar a capacidade da nação em elaborar planejamentos e segui-los eficientemente. De maneira geral, o futebol foi visto como um impulsionador da saúde, do progresso social, da compreensão multicultural, do alcance global e da paz. Em síntese, a ideia de investir no esporte para o futuro consistia ainda no apoio à participação de mulheres e crianças e na construção de novas e modernas instalações (BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022, 2010).

Dentre as principais medidas para o Mundial, foram propostos quatro agrupamentos locais, 13 cidades-sede e 16 estádios de futebol. Tudo isso, na visão dos organizadores, tornaria a Copa do Mundo atraente aos cerca de 80% dos russos que viviam nas proximidades, como também globalmente acessível aos mais de 18 países vizinhos e espectadores do futebol espalhados pelo mundo inteiro. Por se auto intitular o ponto de encontro entre o Leste e o Oeste, foi propagandeado que sediar o evento pela primeira vez atrairia uma atenção sem precedentes ao jogo, alcançando novos adeptos sobretudo entre os jovens da Ásia (BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022, 2010).

Finalmente, enfatizou-se a experiência do país em acolher esportes internacionais (mais de 100 competições nos últimos 25 anos) de forma pacífica e bem-sucedida. A título de exemplo, ressaltou-se a organização do Campeonato Mundial de Atletismo em Moscou e da Universíada de Verão em Kazan, ambos no ano de 2013, bem como as Olimpíadas de Inverno em Sóchi, no ano de 2014. As forças de segurança modernas e profissionais foram lembradas como essenciais nesses eventos, e curiosamente tratadas como apaixonadas, orgulhosas e hospitaleiras com os visitantes (BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022, 2010).

Balanço comparativo final

Quanto às candidaturas, vimos que foram mobilizadas diferentes estratégias discursivas a fim de propagandear a nação. Recuperaram-se aspectos importantes do passado, exaltaram-se os feitos do presente e prometeu-se um futuro moderno e responsável. Entendemos que a campanha sul-africana se mostrou a mais agressiva e apelativa em termos simbólicos e emocionais. Isso porque era preciso vencer uma forte concorrência com outros países do continente e provar que somente uma nação estava bem preparada para receber a inédita “Copa da África”.

No *bid* sul-africano foram apresentadas as principais razões para o país receber o torneio naquele contexto, destacando-se os aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais. Vale a pena dizer que a nossa análise foi ao encontro do que Marco Bettine (2020) demonstrou em sua pesquisa, isto é, “a superação do *apartheid* e a representação do pan-africanismo deram o tom dos discursos dos dirigentes sul-africanos nas reportagens dos veículos internacionais – eram essas as demandas do país” (BETTINE, 2020).

Enquanto isso, o Brasil foi o proponente único em 2014, curiosamente tal qual a primeira vez em que recebeu o Mundial, no ano de 1950. Logo, era evidente nos bastidores que a proposta seria aprovada, apesar dos ajustes necessários. Para o caso da Rússia, notamos que a burocracia da licitação foi muito mais exigente do que as eleições anteriores. Não obstante, o *Comitê Local* superou as expectativas da FIFA, sobretudo no tocante ao sistema de transportes e à sustentabilidade das arenas. Especificamente quanto ao meio ambiente, por exemplo, observamos que nenhum documento sul-africano tratou diretamente do assunto. Por sua vez, essa foi uma pauta explorada de forma incipiente no Brasil e considerada crucial para os russos.

Interessante notar, então, os discursos simbólicos mobilizados nessa etapa. A título de exemplo, a África do Sul buscava ser a porta-voz do *pan-africanismo*, o Brasil visava expandir sua atuação política para além do continente sul-americano e a Rússia desejava retomar sua força internacional. Segundo Bettine (2020), o poder tornou-se altamente fluido após a queda do muro de Berlim, e o uso do *soft power* pode ser considerado uma espécie de propaganda das nações emergentes

para conseguirem alcançar seus objetivos locais, regionais ou globais (BETTINE, 2020).

Acreditamos, pois, que os resultados dessa pesquisa poderão contribuir para lançar luz sobre os megaeventos esportivos em geral, e particularmente para compreender as ações dos dirigentes-FIFA nas estratégias de cooptação dos agentes públicos e privados. Assim sendo, nossa intenção mais abrangente foi desvelar as lutas simbólicas, as tensões políticas e os acordos econômicos decorrentes das negociações com os variados atores sociais presentes na cena pública, tais como a mídia, a sociedade civil, os grupos políticos locais e as grandes empresas patrocinadoras dos Mundiais.

É em meio a esse recorte temporal bastante recente que realizamos um desafiador estudo transnacional das trocas econômicas e políticas dos megaeventos esportivos da FIFA. A história que escrevemos aqui constituiu-se num complexo processo de interação entre interpretações provisórias dos fatos do tempo presente. Obviamente muita coisa não pôde ser vista, o que não invalida este artigo; pelo contrário, acreditamos que estimulará a continuidade dos estudos a partir de novos olhares.

Esse provável “modelo BRICS de organização dos megaeventos esportivos” tornou-se dominante e está intimamente relacionado à dinâmica do capitalismo contemporâneo. Por essa razão, acreditamos que ainda exigirá outras investigações científicas de pesquisadores do esporte, a fim de elucidar melhor algumas questões que não pudemos explorar com tanta intensidade neste artigo.

A título de exemplo, precisamos entender e debater mais sobre a capacidade de os países responderem às pressões econômicas externas e ao mesmo tempo lidarem com as suas desigualdades sociais internas. Igualmente, a respeito da tensão existente entre a oportunidade de reforçar a sua identidade coletiva *versus* o risco de danificação da sua imagem internacional.

Em uma outra direção atual, “percebemos uma mudança de postura dos órgãos responsáveis pelos megaeventos uma vez que o número de candidatas a cidades-sede vem diminuindo e que os legados desses eventos veem sendo questionados por pesquisadores” (CASTILHO; MARCHI JÚNIOR, 2019, p. 25). Por conseguinte, seria interessante investigar quais os possíveis desdobramentos

desse movimento a curto, médio e longo prazo.

Referências bibliográficas

BARROS, José. **História Comparada**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BETTINE, Marco. A cooptação estratégica dos BRICS pela FIFA: análise da África do Sul, do Brasil e da Rússia. In: GIGLIO, Sérgio; PRONI, Marcelo (orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022. **Ready to inspire, representing the future of Russia**: Bidding Nation Russia 2018/2022. Moscou: BIDDING NATION RUSSIA 2018/2022, 2010.

BRASIL. **Garantias Governamentais**. Brasília: Comitê de Candidatura do Brasil para a Copa do Mundo de 2014, 2007.

CARR, Edward. **Que é história?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASTILHO, César; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Esporte, Geopolítica e Relações Internacionais. In: BETTINE, Marco; GUTIERREZ, Gustavo (orgs.). **Esporte e sociedade**: um olhar a partir da globalização. São Paulo: IEA-USP, 2019.

DAMO, Arlei. O simbólico e o econômico no futebol de espetáculo: as estratégias da FIFA para tornar as Copas lucrativas a partir de uma interpretação antropológica. **Razón y Palabra**, Quito, n. 69, p. 1-35, jul./ago. 2009.

DATAFOLHA. **51% dos brasileiros aprovam realização da Copa no Brasil**. São Paulo, 2014. Disponível em: <<https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2014/06/1467905-51-dos-brasileiros-aprovam-realizacao-da-copa-no-brasil.shtml>>. Acesso em: 23 fev. 2022.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FIFA. **Brazil Bid**: Inspection Report for the 2014 FIFA World Cup. Zurique: FIFA, 2007.

FIFA. **Minutes of 52nd Ordinary FIFA Congress**. Zurique: FIFA, 2000.

FIFA. **Pesquisa de interesse Sport+Markt**. Zurique: FIFA, 2010.

FOLHA DE S. PAULO. **Indiferença russa com o futebol segue a mesma apesar da Copa em casa**. São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/07/indiferenca-russa-com-o-futebol-segue-a-mesma-apesar-da-copa-em-casa.shtml>>. Acesso em: 23 fev. 2022.

GARCIA, Bruno. Tradição de exclusão. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 105, p. 16-30, jun. 2014.

GAZETA DO POVO. **Estudo da Fifa revela que futebol desperta interesse de 72% dos sul-africanos**. Curitiba, 2009. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/estudo-da-fifa-revela-que-futebol-desperta-interesse-de-72-dos-sul-africanos-bmrnxpyqyts76ohbacyex761a/>>. Acesso em: 23 fev. 2022.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio. O declínio da pátria de chuteiras: futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002. **Compós**, Recife, p. 1-19, 2003.

MARICATO, Erminia. Apresentação. In: SÁNCHEZ, Fernanda; BIENENSTEIN, Glauco; OLIVEIRA, Fabrício; NOVAIS, Pedro (orgs.). **A copa do mundo e as cidades**: políticas, projetos e resistências. Niterói: Editora da UFF, 2014.

MELO, Victor. Por uma história comparada do esporte: possibilidades,

potencialidades e limites. In: MELO, Victor (org.). **História comparada do esporte**. Rio de Janeiro: Shape, 2007.

MELO, Victor; DRUMOND, Maurício; FORTES, Rafael; SANTOS, João (orgs.). **Pesquisa histórica e história do esporte**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

NYE, Joseph. **O futuro do poder**. São Paulo: Benvirá, 2012.

NYE, Joseph. **Soft power**: the means to success in world politics. Nova Iorque: PublicAffairs, 2004.

REIS, Rômulo. **Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014: gestão e legados da candidatura ao pós-evento**. 2017. 320 f. Tese (Doutorado em Ciências do Exercício e do Esporte) - Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SEIGEL, Micol. Beyond Compare: Comparative Method after the Transnational Turn. **Radical History Review**, Durham, n. 91, p. 62-90, dez. 2005.

SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE. **Africa's stage**: South Africa's Bid to host the FIFA World Cup 2010. Joanesburgo: SOUTH AFRICA 2010 BID COMMITTEE, 2000.

UOL ESPORTE. **Pesquisa da Fifa vê sul-africanos e Brasil líderes em interesse por futebol**. São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://copadomundo.uol.com.br/2010/ultimas-noticias/2010/03/25/pesquisa-da-fifa-ve-sul-africanos-e-brasil-lideres-em-interesse-por-futebol.jhtm>>. Acesso em: 23 fev. 2022.

VANPLEW, Wray. História do esporte no cenário internacional: visão geral. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 34, p. 5-17, jan./jun. 2013.

WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

Recebido: 01/11/2022

Aprovado: 13/12/2023

A PROPÓSITO DO TROPO DA CONVERSÃO: BREVE ANÁLISE DA CRISTIANIZAÇÃO DOS MUÇULMANOS EM RECEPÇÕES FRANCO-IBÉRICAS DO LEGENDÁRIO CAROLÍNGIO (SÉC. XII-XVI)

ABOUT THE CONVERSION TROPE: BRIEF ANALYSIS OF THE CHRISTIANIZATION OF THE MUSLIMS IN FRANCO-IBERIAN RECEPTIONS OF THE CAROLINGIAN LEGENDARIUM (12TH-16TH CENTURIES)

Danielle Gallindo Gonçalves
Universidade Federal de Pelotas
danigallindo@yahoo.de

Gregory Ramos Oliveira
Universidade Federal de Pelotas
gramosoliv@gmail.com

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar as modificações nas descrições da conversão dos muçulmanos ao cristianismo presentes em fontes ligadas ao Legendário Carolíngio, nomeadamente a *Chanson de Roland* (c. 1100), a *Historia de Vita Caroli Magni et Rolandi* (c. 1150), e a *Historia del Emperador Carlomagno y de los doce pares de Francia* (1521-1525). Através da comparação entre estas fontes, abordaremos as diferenças das descrições de algumas personagens específicas muçulmanas e de sua eventual “transformação” em cristãs, traçando paralelo com a forma como o expediente é tratado entre elas. Para tanto, adiantamos que as diferenças existentes entre os contextos de produção das três obras são fundamentais para compreendermos como sociedades que recebem os mesmos referenciais do século IX modificam sua percepção do *outro* muçulmano em um recorte de aproximadamente quatro séculos.

Palavras-chave: mouros; cristãos; conversão.

Abstract: This article aims to analyse the modifications on descriptions of the conversion of muslims into Christianity in sources related to the Carolingian Legendarium, namely the *Chanson de Roland* (c. 1100), the *Historia de Vita Caroli Magni et Rolandi* (c. 1150), and the *Historia del Emperador Carlomagno y de los doce pares de Francia* (1521-1525). Through the comparison between these sources, we'll deal with the differences in descriptions of some Muslim characters and their eventual “transformation” in Christians, pointing similarities between the way that the subject is dealt between them. For this purpose, we'll point out that the differences which exist between the production contexts of these three sources are essential to our understanding on how societies that receive the same 9th century references modify their perception of the Muslim *other* in a nearly for centuries scope of analysis.

Keywords: moors; christians; conversion.

Introdução

Quem poderia ser tão sábio ou douto o suficiente para descrever as qualidades marciais e a força dos Turcos? Aqueles que achavam que podiam assustar os Francos com a ameaça de seus arcos, como eles haviam amedrontado os Árabes, os Sarracenos, os Armênios, os Sírios e os Gregos. Mas, que Deus permita, eles nunca possam tanto quanto nós [Francos]. Em verdade, eles dizem entre si que eles e os Francos são da **mesma origem**, e que não há outro homem naturalmente nascido para ser guerreiro como são os Francos e eles. Eu direi em verdade, que ninguém me proíba. **Certo é que se eles tivessem se mantido fiéis no Cristo e tivessem se apegado firmemente à santa Cristandade e tivessem confessado voluntariamente ao único Senhor na Trindade, e ao Filho de Deus, nascido da Virgem mãe, que sofreu e que se ergueu dos mortos e que ascendeu ao paraíso sob o olhar de Seus discípulos, e que enviou a perfeita consolação do Espírito Santo; e se eles tivessem acreditado com fé e mente justos que Ele reina no céu e na terra, ninguém encontraria alguém mais poderoso, nem forte, nem mais engenhoso jeito de guerrear, nem mais talentoso.** E assim, pela graça de Deus, eles foram derrotados pelos nossos¹.

A *Gesta Francorum* possui uma série de descrições compostas no século XII sobre os movimentos militares-peregrinatórios-expiatórios dos latinos em direção ao Oeste Asiático. Dentre elas, a passagem que usamos para abrir a discussão apresenta, com o relato da vitória franca na batalha de Doryaleum (1097), uma descrição dos *Turcos* seljúcidas² como “Antifrancos”.

Há algo de curioso nesta passagem, que é completamente dissonante à forma como imaginamos, quase mil anos depois dos assaltos a tantas cidades nas franjas do Mediterrâneo oriental, que os cristãos descreveriam os muçulmanos.

¹ Na versão em latim: “Quis unquam tam sapiens aut doctus audebit describere prudentiam militamque et fortitudinem Turcorum? Qui putabant terrere gentem Francorum minis suarum sagittarum, sicut terruerunt Arabes, Saracenos, et Hermenios, Suranios et Grecos. Sed si Deo placet nunquam tantum ualebunt, quantum nostri. Verumtamen dicunt se esse **de Francorum generatione**, et quia nullus homo naturaliter debet esse miles nisi Franci et illi. Veritatem dicam quam nemo audebit prohibere. **Certe si in fide Christi et Christianitate sancta semper firmi fuissent**, et unum Deum in trinitate confiteri uoluissent Deique Filium natum de Virgine matre, passum, et resurrexisse a mortuis et in caelum ascendesse suis cernentibus discipulis, consolationemque Sancti Spiritus perfecte misisse; et eum in caelo et in terra regnantem recta mente et fide credidissent, **ipsis potentiores uel fortiores uel bellorum ingeniosissimos nullus inuenire potuisset**. Et tamen gratia Dei uicti sunt a nostris” (*GESTA FRANCORUM, LIBER III*. Tradução nossa).

² Ao longo deste trabalho, optamos por utilizar a expressão *Turco(s)*, em itálico, a fim de diferenciar o conjunto presente nas narrativas analisadas dos modernos habitantes da República da Turquia.

Não há uma descrição do *outro* enquanto um inimigo insidioso a ser derrotado somente por existir, não há a desumanização e animalização do opositor. O *outro* – naquele caso, o *Turco* – é descrito não somente em seus méritos, mas em uma forma de lamento sobre a “condição” de fiel de um profeta que é descrito em fontes compostas no século IX, como alguém que teria merecido ter seu corpo semidevorado por cães e enviado muitas almas além da sua ao inferno³. Não somente vemos lamento, mas também a ideia implícita de que os *Turcos* não eram inicialmente pagãos, mas que haviam acreditado na mesma fé que os Francos e, em algum momento não especificado, a abandonado em nome do novo profeta. Os *Turcos*, “de mesma origem” dos francos, seriam, então, cristãos feitos muçulmanos por um equívoco e, se eles tivessem mantido a fé no Cristo, teriam sido os maiores guerreiros conhecidos pelos Francos.

Há não apenas a projeção (os *Turcos* são descritos como *Antifrancos*, mas a crença da semelhança não é cargo do cronista anônimo – ele a aponta nos próprios

³ Derivada de um breve parágrafo intitulado *Adnotatio Mammetis Arabum principis* (GIL, 1973, p. 200-201), parte de uma carta escrita de João de Sevilha para Paulo Albar, parte do prólogo do *Liber Apologeticus Martyrum* de Eulogius de Córdoba, as mais antigas descrições de Mohammed por cristãos, apresenta-o como uma espécie de Cristo reverso, responsável por corromper o que aprendeu nas assembleias de cristãos, e que, por perceber-se como um “Novo Cristo”, também teria buscado ressuscitar após a morte: “[q]uando pressentiu ser sua destruição iminente, e que não sabia por virtude própria ressuscitar, ele predisse que, no terceiro dia, ele seria ressuscitado pelo anjo Gabriel, que aparecia, como ele disse, em forma de abutre, como era de costume. E, quando entregou sua alma ao inferno, preocupado com o milagre que ele lhes prometeu, fizeram árdua vigília do seu cadáver. Quando veio o terceiro dia, viram que seu corpo fedia e perceberam que não ressurgiria de modo algum, disseram que os anjos não viriam pela presença do seu terror. Consequentemente, descobriram ser medida salubre e limpa abandonar a custódia por completo. Imediatamente, no lugar de anjos, vieram por seu fedor cães e devoraram seu flanco. Assim que eles descobriram este fato, entregaram os restos de seu cadáver ao solo e, para se vingar, decretaram injustamente que deveriam matar cães anualmente [...]. Realmente, digno seja despedaçado e encha a barriga de cães, pois não somente a sua, mas a alma de muitos tal profeta entregou ao inferno. Muitos outros foram seus crimes, que não estão escritos neste livro. Aqui está escrito o suficiente para que sejam reconhecidos.” (*SANCTI EULOGII LIBER APOLOGETICUS MARTYRUM*, In: GIL, 1973, p. 485-486, tradução nossa). No original: “Quod ille interitum sibimet imminere persentiens, quia propria uirtute se resuscitaturum nullo modo sciebat, per angelum Gabrielem qui ei in specie uulturis saepe apparere, ut ipse aiebat, solitus erat, tertia die resuscitaturum praedixit. Cumque animam inferis tradidisset, solliciti de miraculo, quod eis pollicitus fuerat, ardua uigilia cadauer eius custodiri iusserunt. Quem cum tertia dia foetentem uidissent et resurgentem nullo modo cernerent, angelos ideo non adesse dixerunt, quia praesentia suorum terrentur. Inuento igitur salubri, et putabant, consilio, priuatam custodia cadauer eius reliquerunt. Statimque uice angelica ad eius foetorem canes ingressi latus eius deuorauerunt. Quod reperientes factum residuum cadaueris eius humo dederunt [...] Digne ei quidem accidit ut canum uentrem tantus ac talis propheta repletet, qui non solum suam, sed et multorum animas inferis tradidisset. Multa quidem et alia scelera operatus est, quae non sunt scripta in libro hoc. Hoc tantum scriptum est, ut legentes quantus hic fuerit agnoscant”.

Turcos), mas uma descrição de um fenômeno, uma passagem, um critério que teriam separado a estirpe dos “*turcofrancos*” ou “*francoturcos*” em duas. A adoção de fés diferentes seria a determinação da gênese dos dois conjuntos. Como aponta o anônimo, entretanto, não se trataria de algo estanque, imutável. Se os *Turcos* um dia haviam “perdido” sua fé, se havia a possibilidade de voluntariamente aceitar a fé no Cristo, então a cizânia poderia ser desfeita. Há também uma espécie de ansiedade em reunificar francos e *Turcos*, algo que perpassa a única descrição de batismo encontrada na *Gesta*, que carrega também outro detalhe: ser efeito da derrota. Derrotado após a tomada de Antioquia, em 1098, o emir apontado por Curbaram se submete à Bohemond e, como é acordado com os francos, permite que aqueles de seu povo, que desejam se submeter ao cristianismo, tenham permissão para permanecer na cidade, ao passo que os outros pagãos poderão deixá-la seguramente (DASS, 2011, p. 87). Não importa, para nós, apontar que as notas presentes na tradução da *Gesta* para o inglês indiquem Kilij Arslan como o emir indicado por Karbuk, soberano de Mossul, e Yaghi Siyan tenha sido o responsável por Antioquia (MAALOUF, 2010), e nem que ambos não tenham se convertido ao cristianismo. O tropo da conversão após a derrota pode ser identificado nesta fonte, e aponta para um caminho composto por duas etapas: a) a reunificação pode ser oferecida ao inimigo e b) tal oferta implica na submissão do inimigo.

Entretanto, do elogio aos *Turcos* na *Gesta Francorum* até a expulsão dos muçulmanos da Espanha entre 1609 e 1614 (HARVEY, 2006, p. 309-331) e o fim definitivo da *Reconquista*⁴, o sentido de conversão complexifica-se para muito além do mero batismo. Tentativas de tornar o *outro* (não cristão) parte de *nós* (cristãos), sem, com isso, eliminar completamente a cisão entre *nós* (fiéis) e *eles* (infiéis), algo

⁴ Há espaço para a problematização de ambos os termos, seja pelo caráter diversificado do movimento militar-peregrinatório-expiatório dos primeiros e a difícil definição do segundo. Consideramos, contudo, o fim da *Reconquista* ibérica como o ano de 1614 (ao invés de 1492, marcado pela queda do Emirado Násrida de Granada) e o princípio do movimento cruzadístico situado em 1095, ocasião do Concílio de Clermont, onde Urbano II, bispo de Roma, teria convocado o que seria definido como o princípio das *Cruzadas*. Neste trabalho, o termo *Reconquista* é utilizado não como forma de ressaltar uma espécie de continuidade entre o Reino Visigótico e os reinos cristãos ibéricos após a chegada dos muçulmanos, mas para fazer referência ao confronto entre cristãos e não-cristãos ao longo dos nove séculos que antecederam a supremacia de Portugal, Castela e Aragão na península. Para mais informações acerca do conceito de *Reconquista*, ver ALVARO; PRATA, 2014.

marcante na edificação da chamada de *Monarquia Católica*⁵, podem encontrar correspondentes em descrições de outros batismos-estratégias de lideranças muçulmanas submetidas aos cristãos? De que forma a conversão é apresentada em fontes que intentam representar o mesmo contexto, fontes, por exemplo, que realizam a recepção de Carlos Magno e seus nobres alguns séculos após o esplendor da França Carolíngia (751-843), mas já em um contexto em que o *outro*, conhecido, fornece os elementos, cenário, personagens, um verdadeiro repositório de caracteres a constituírem verdadeiros conjuntos literários, o *Legendário Carolíngio*?

Intentamos, a partir da análise comparada⁶ do expediente da conversão, identificar os caminhos que levam a descrição da transição individual do Islã ao Cristianismo do mero resultado do fim de uma epopeia, ao critério de “redenção” de determinadas personagens. Para tanto, analisaremos três fontes: *La Chanson de Roland*⁷ (c. 1100), a *Historia de Vita Caroli Magni et Rolandi*⁸ (c. 1150), e a *Historia del Emperador Carlo Magno y de los Doce Pares de Francia y de la cruda batalla que tuvo Oliveros com Fierabrás, rey de Alejandría, hijo del gran almirante Balan*⁹ (1521-1525)¹⁰. Enquanto a primeira fonte inaugura o gênero literário das *Chansons de*

⁵ Entre os séculos XVI e XVII, a coroa de Castela-Aragão, após o colapso da dinastia portuguesa de Avis (1580), assenhoreou para si um verdadeiro domínio global, sendo simultaneamente influenciada e influenciando as regiões submetidas. “A monarquia reunia imensos territórios sob o cetro de Felipe II. A partir de 1580, a “união das coroas” acrescentou Portugal e suas possessões de além-mar à herança de Carlos Quinto, diminuída do império; reinos tão distantes quanto Nápoles, Nova Espanha, Peru, cidades tão disseminadas sobre o globo quanto Goa, Manila, Salvador da Bahia, Lima, Potosí, Antuérpia, Madri, Milão, Nápoles encontraram-se assim sob o mesmo soberano. Depois de Felipe II, seus sucessores Felipe III e Felipe IV dominarão esse gigantesco espaço até 1640” (GRUZINSKI, 2014, p. 45).

⁶ De acordo com Jürgen Kocka, “o ato da comparação pressupõe a separação analítica de casos a serem comparados. Contudo, isso não significaria ignorar ou negligenciar as interrelações entre estes casos (se e na extensão de que estas existam). Pelo contrário, tais inter-relações devem se tornar parte do esquema comparativo através de sua análise como fatores que levaram a similaridades ou diferenças, convergência ou divergência entre os casos que se compara” (KOCKA, 2003, p. 44) No original: “the act of comparison presupposes the analytical separation of the cases to be compared. But that does not mean ignoring or neglecting the interrelations between these cases (if and to the extent that they existed). Rather, such interrelations should become part of the comparative framework by analyzing them as factors that have led to similarities or differences, convergence or divergence between the cases one compares”.

⁷ Doravante, LCR.

⁸ Doravante, CPT.

⁹ Doravante, HECM.

¹⁰ Entre a canção do século doze e o épico do décimo-sexto existem diversas fontes que vão, em maior ou menor escala, adicionar outras personagens e multiplicar os “eixos temáticos” presentes nas diversas narrativas que são construídas a partir de pouquíssimas passagens que descrevem a

geste, a também chamada “Crônica de Pseudo-Turpin” traz personagens distintos e uma aura que gravita entre o “histórico”, o maravilhoso e o hagiográfico. Por fim, a HECM recebe, igualmente, influência de outro conjunto de fontes (como, por exemplo, *La Conquête du grand Roy Charlemagne*, de Jehan Bagnyon, c. 1478), ao passo que apresenta elementos antes do seu contexto do que do reinado e império do filho de Pepino, o Breve.

Roland desafortunado

Composta (ou cantada) por alguém que se identifica como Turolodus¹¹, a LCR é objeto de nossa primeira análise justamente por influenciar não somente todo um conjunto de produções¹², seja através de traduções ou de adições à narrativa dos “Doze Pares” de Carlos Magno, mas também por trazer em seu cerne diversas ferramentas para compreendermos o tropo da conversão.

A narrativa gira em torno da derrota dos francos diante dos *sarracenos* e a revanche dos francos e seus aliados. Após ter passado sete anos inteiros submetendo a península ibérica, Carlos obtém a sujeição de Zaragoza, de onde

campanha de Carlos na *Hispania* (777-778). Nesse sentido, citaremos, ao longo deste trabalho, algumas dessas produções, sem intentarmos criar uma “genealogia” das recepções de Carlos Magno no Legendário *in toto*.

¹¹ Roger Loomis (1951) aponta para tal possibilidade, ao comparar com outras *chansons*, e indicar que a linha final da LCR (*Ci falt la geste que Turolodus declinet*) corresponde ao momento em que o autor demonstra sua autoria.

¹² No contexto de produção da “Canção de Roland”, vemos a emergência de um verdadeiro *corpus* literário que ora se ocupa de adicionar episódios à narrativa inicial, criando uma espécie de “universo expandido” à narrativa presente na LCR, ora em traduzir a *Chanson* do francês antigo para os diferentes idiomas vernaculares ao redor do Extremo Oeste Eurasiático. Dentre sequências (*Carmen de Prodicione Guenonis*, c.1150; *La chevalerie de Ogier de Danemarche*; c. 1190) e *prequels* (*Fierabras*, c. 1150; *Pèlerinage de Charlemagne*, c. 1175), ainda no mesmo idioma de LCR, vemos, entre os séculos XI e XVI, a emergência de diversas traduções, das quais cabe citar as produzidas em médio-alto alemão (*Das Rolandslied des Pfaffen Konrad*, c. 1170; *Karl der Große*, c. 1220), nórdico antigo (*Karlamagnússaga*, c. 1300), sueco (*Karl Magnus*, c. 1350), franco-venetiano (*L'Entrée d'Espagne*, c. 1320; *La prise de Pampleune*, c. 1343), italiano arcaico (*La Spagna*, c. 1350; *Morgante*, c. 1480; *Orlando innamorato*, c. 1490; *Orlando Furioso*, 1516), norueguês (*Roland og Magnus Kongen*, c. 1450), occitano (*Ronsasvals*, c. 1400), burgúndio (*Chroniques et Conquêtes de Charlemagne*, c. 1460), danês (*Karl Magnus Krønike*, c. 1480), inglês arcaico (*Thystorye and Lyf of Noble and Crysten Prynce Charles the Grete Kynge of Fraunce*, c. 1485) e castelhano (*Roncesvalles*, c. 1250; *Historia del emperador Carlomagno y de los Doze Pares de Francia y de la cruda batalla que tuvo Oliveros com Fierabrás, rey de Alejandría, hijo del gran almirante Balan*, c. 1520). É do castelhano que, no século XVIII, o Legendário Carolíngio chega ao português (*História do Carlos Magno e dos Doze Pares da França*, 1737; *História Nova do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, 1742; *Verdadeira Terceira parte da História de Carlos-Magno*, 1745).

parte a canção. Contudo, um de seus nobres – Ganelon – trai os francos, aliando-se ao soberano muçulmano Marsilie e a retaguarda dos francos é emboscada no desfiladeiro de Roncevaux, nos Pireneus. Roland, o herói da narrativa, não se afigura entre os mortos pelos muçulmanos: apenas Roland é capaz de derrotar Roland. Ao perceber que os *sarracenos* poderiam avançar pelo desfiladeiro e alcançar a *Doce França*, Roland sopra o Olifante, fazendo com que o som reverbere pelo desfiladeiro e faça o restante do exército cristão iniciar o retorno. Mesmo com os muçulmanos eventualmente submetidos, e Marsilie ferido gravemente, Roland sucumbe aos ferimentos causados pelo excesso de força empregado ao tocar o instrumento, e é encontrado morto por um Carlos Magno em lágrimas.

Deste ponto em diante, a narrativa escapa ainda mais da “releitura” da derrota dos francos em Roncevaux, apresentada em fontes do século IX¹³, para descrever a eventual vitória do “povo eleito”, a submissão final dos muçulmanos e ainda oferece uma possibilidade de “sequência” para as tarefas de Carlos Magno, que não deveria descansar sem antes libertar as cidades cristãs do jugo do inimigo (TUROLDUS, 1990, p. 258). Carlos, então, torna ao campo de batalha, lamenta pelo que se abateu a Roland, reúne novas tropas e parte para o confronto final. Marsilie é incapacitado de lutar, e apela para que seu soberano, Baligant, o Emir da Babilônia, comande suas tropas para a derrota final dos cristãos. Novamente, há um jogo de projeções¹⁴. Para além das nítidas influências da narrativa cristã (doze pares, como os apóstolos; um traidor, Ganelon-Judas), a oposição Carlos Magno-Baligant é destacada em diversos momentos. Os diálogos entre ambos ocorrem em batalha, mas a voz narrativa não se furta em descrever o soberano “pagão” com riqueza de detalhes:

¹³ Nomeadamente, os *Annali Regni Francorum* (séc. VIII-IX) e a *Vita Karoli* (c. 840), composições que cobrem da morte do *major domus* Carlos Martel (741) ao último ano antes da guerra civil que leva ao fim da França unificada (829).

¹⁴ O *outro* é sempre descrito como um oposto exato, um antípoda, uma versão de *si* diante do espelho. Para cada Par, há um anti-par, os cristãos enfrentam anticristãos, a Trindade também possui por correspondente, uma “Trindade Profana” (BOYACIOĞLU, 2009, p. 593). Mesmo com vantagem ou equivalência numérica, o que rompe com a igualdade entre ambos, determinando, assim, um vencedor, acaba sendo o fator religioso, a *lei Cristã*. Retomaremos esse tema em outras passagens deste trabalho.

(3137) Ao redor do exército, soaram os tambores,
trompetes e cornos, alto e claro;
para se armar, os pagãos desmontam.
O *amiralz* não pretende esperar:
ele traja uma cota de malha com lapelas douradas,
ele laça seu elmo com joias em ouro,
e empunha sua espada em seu lado esquerdo.
Em seu orgulho, ele inventou um nome para ela:
ele soube do nome da espada de Carlos,
então ele chamou a sua de *Précieuse*;
seu grito de guerra em campo de batalha,
e ele fez seus cavaleiros gritarem-no.

[...]

(3159) forte e bem moldado é o peito,
ombros largos, claro o olhar,
face orgulhosa, cabelo ondulado e branco,
branco como as flores da nova estação;
em muitas vezes, ele se provou, o valente.
Que homem bravo, meu Deus! Se, ao menos, ele fosse
cristão!”¹⁵ (TUROLDUS, 1990, p. 210-212)

¹⁵ Tradução e grifos nossos, a partir da versão bilíngue, em francês arcaico e moderno. Retiramos o termo *amiralz*, dentre outros, do original. A versão em francês arcaico é a seguinte:

Par tute l'ost funt lur taburs suner
E vez buisines e cez greisles mult cler;
Païen descendente put lur cors aduber.
Li amiralz ne se voelt demurer:
Vest une bronie dunt li pan sunt sasfrét,
Lacet sun elme ki ad or est gemmét,
Puis ceint s'espee al senestre costét.
Par sun orgoill li ad un num truvét:
Par la Carlun, dunt il oït parler,
[La süe fist *Preciuse* apaler;]
Ço ert s'enseigne en bataille campel;
Ses cevalers en ad fait escrier.
[...]
Gros ad le piz, belement est mollét,
Lëes espalles e le vis ad mult cler,
Fier le visage, le chef recercelét,
Tant par ert blancs flur en estét;
De vasselage est suvent esprovét.

Se, por um lado, os muçulmanos são descritos como *païens* (pagãos)¹⁶, há também o lamento que vemos na *Gesta Francorum*. Trata-se de um lamento que se converte em oferta e é vocalizada pelo próprio monarca (mas não por seu *reflexo*, Baligant):

(3589) “Carlos”, disse o *amiralz*, “reflita consigo,
e decida arrepender-se perante mim!
Fostes tu, eu sei, que mataste meu filho;
com muito engano, disputas esta terra comigo;
seja meu vassalo; estou pronto para doá-la em feudo;
venha e sirva-me daqui ao *Oriente!*”
Carlos lhe respondeu: “Parece-me desonrado para
mim:
a um *païen*, não me renderei nem por paz, nem por
amor.
Ao invés disso, aceite a religião que Deus nos revelou,
a lei cristã, e então te amarei prontamente;
então sirva ao rei todo-poderoso, e crê nele!”

Conversão enquanto oferta, mas uma oferta que tem também como condição a submissão política. Não se trata de somente aceitar a fé e seguir como equivalente, mas de tornar-se súdito. Mas nem toda conversão, na LCR, tem como critério a oferta deliberada, da qual o candidato à conversão detém a escolha de aceitar ou não a fé. A conclusão da campanha é a conversão *en masse* dos muçulmanos que não escolhessem a pena capital, com exceção da viúva de Marsilie, que foi levada até Aachen para ser “batizada por amor” (TUROLDUS, 1990, p. 241).

Não é tarefa simples aferir qual contexto teria influenciado diretamente a

Deus! quel baron, s’oüst chrestientét!”.

¹⁶ Trata-se de uma (de várias) descrições equivocadas dos muçulmanos, ora descritos como *mouros*, ora como *sarracenos*, ora como *pagãos*, ora como *bárbaros*. Indicativos do que poderíamos considerar como prelúdios do Orientalismo vigente até os dias atuais (SAID, 2007).

produção da LCR¹⁷. O manuscrito de Oxford, por exemplo, foi produzido em meados do século XII. O cenário da narrativa é a *Hispania* governada por *reis*¹⁸ muçulmanos, dos quais Marsilie é o principal exemplo. A espada de Carlos, Joyeuse, tem em seu pomo a lança de Longinus (TUROLDUS, 1990, p. 175), elemento descrito como um dos espólios da tomada de Antioquia (DASS, 2011, p. 78-79). Assim, tanto a Reconquista como as Cruzadas podem ter sido as influências que levam a descrições quase apocalípticas do confronto entre cristãos e *anticristãos*. O saque a Barbastro (1066), cidade próxima do Ebro e do cenário onde a LCR se situa, parece indicar um evento influente para o desenvolvimento da narrativa, sobretudo pelo detalhe de os cristãos (francos) terem tomado a cidade e sido expulsos por um soberano muçulmano, após terem logrado como lucro a obtenção de espólios, o tráfico de crianças e mulheres e “histórias de heroísmo” (FERREIRO, 1983, p. 189-191), que retornariam para além dos Pireneus, como Carlos teria feito após seus sete anos completos de conquista da *Hispania*.

Apesar de ter sido a única derrota registrada por Einhard em *Vita Karoli*¹⁹,

¹⁷ O épico também não é o responsável por retomar a figura de Carlos Magno desde o século IX. A construção de um Carlos-cruzado pode ser traçada ao menos para os séculos X e XI, especialmente no caso da *Descriptio qualiter Karolus Magnus* (c. 1080), que descreve a peregrinação-expedição do monarca cristão para salvar o Santo Sepulcro e os cristãos na Palestina do cerco muçulmano. O tema do Carlos-salvador de cristãos indefesos é acionado em diversas fontes posteriores, algumas das quais são analisadas neste trabalho (STUCKEY, 2008, p. 138).

¹⁸ O termo apropriado não seria este. No quartel final do século VIII, a governança de praças-forte como Zaragoza era conduzida por um *wali* (como no caso do soberano de Zaragoza que contacta Carlos Magno na Dieta de Paderborn, em 777), submetido ao *amir*. Sulayman ibn al-Arabi, al-Husayn ibn 'Ubāda, e Abu Taher eram, pela visão dos cristãos, os “reis” de Barcelona, Girona, Zaragoza e Huesca, respectivamente. Pró-abássidas, os três haviam se rebelado contra Abd al-Rahman I, *amir* de Córdoba, mas somente Sulayman e Abu Taher mantiveram-se alinhados com os francos. Al-Husayn trai Carlos e seus aliados na conspiração, temendo uma ofensiva punitiva dos Omíadas (OLIVEIRA, 2021, p. 32). Já no contexto das *taifas*, com a pulverização de um poder central em Al-Andalus e a ascensão dos *muluk al-tawa'if*, há também o termo *malik*, que poderia ser compreendido como “rei”, usado pelos persas no contexto do Império Helênico de Alexandre Magno (KENNEDY, 1996, p. 130). O termo *amir*, subsequentemente traduzido como *emir*, *amiralz*, *admirail* e, por fim, *almirante*, comandante de autoridade intermediária entre o *califa* e os *wazirs* (KENNEDY, 1996, p. 45), também representa outras variações daquilo que a cosmologia cristã cria paralelo com o termo *rei*. Na narrativa da LCR, o *rei* Marsilie demonstra ser súdito do emir Baligant.

¹⁹ Na transcrição latina presente na *Monumenta Germanica Historica*: “Nam cum agmie longo, ut loci et angustiarum situs permittebat, porrectus iret exercitus, Wascones in summi montis yertice positus insidiis – est enim locus ex opacitate silvarum, quarum ibi maxima est copia, insidiis ponendis oportunus – extremam impedimentorum partem et eos qui novissimi agminis incedentes subsidio praecedentes tuebantur desuper incursantes in subiectam vallem deiciunt, consertoque cum eis proelio usque ad unum omnes interficiunt, ac direptis impedimentis, noctis beneficio, quae iam instabat, protecti summa cum celeritate in diversa disperguntur. Adiuwabat in hoc facto Wascones et levitas armorum et loci, in quo res gerebatur, situs, econtra Francos et armorum gravitas et loci iniquitas per omnia Wasconibus reddidit impares. In quo proelio Egginhardus *regia*

a Campanha foi base não somente das narrativas desenvolvidas a partir da LCR, que alcançariam até o século XVI, mas de um conjunto paralelo de produções, uma tentativa de enquadrar a descrição de Tuoldus na concepção de passado “histórico”, iniciada também no século XII.

O “universo expandido” de um certo Turpin

A primeira divergência da versão do épico de Roland entre a “História de Carlos Magno e Roland” e a “Canção de Roland” está principalmente no formato pelo qual a primeira narrativa é composta. Em trinta e dois capítulos, a CPT apresenta, em prosa, a descrição não somente dos eventos descritos na LCR, mas também de episódios que serão incluídos imediatamente ao Legendário, com vinte e um capítulos servindo de antecedentes à traição de Ganalon (Ganalonus)²⁰. Reduzida a cinco capítulos, a LCR é somente um dos eventos que o suposto arcebispo de Rheims teria testemunhado – a CPT tem a intenção de ser um “testemunho”, uma espécie de autobiografia. Nesse sentido, desaparecem, por exemplo, menções à Bramimonde, esposa de Marsilie (Marsirius), e sua conversão “por amor”. No entanto, é possível perceber alguns elementos que avançam para além da mera luta entre “pagãos” e cristãos.

Somando-se a menção a Marsilie e Baligant (Belvigandus), novas personagens são acrescentadas: Aigolandus, “rei Africano” (cap. VI-XV), Furre, rei de Navarra (cap. XVII), Ferracutus, o Gigante (cap. XVIII), Ebrachim, rei de Sevilha (cap. XIX) e Altumajor, rei de Córdoba (cap. XVI e XIX). O destino destas personagens é diverso. Enquanto Furre e Ebrachim são descritos brevemente, Aigolandus detém um arco narrativo bastante extenso, enquanto Ferracutus igualmente ocupa parte considerável na narrativa de Turpin²¹. Altumajor²² é

mensae praepositus, Anshelmus comes palatii et Hruodlandus Brittannici limitis praefectus cum aliis compluribus interficiuntur. Neque hoc factum ad praesens vindicari poterat, quia hostis re perpetrata it dispersus est, ut ne fama quidem remaneret ubinam gentium quaeri potuisset (EINHARD, 1905, p.10-11. Grifos nossos).

²⁰ Nos parênteses, a grafia em latim, conforme a versão “crítica” de Sebastiano Ciampi (CPT, 1822).

²¹ Aigolandus é figura recorrente no *Legendário*, se tratando de uma das personagens principais da *Chanson d'Aspremont*. Composta em fins do século XII, a *chanson* possui, dentre a história de uma expedição fictícia de Carlos Magno para retomar a Calábria e a Sicília do rei Agolant, a descrição de como a espada Durendal, o cavalo Veillantif e o famigerado oliphant, posse do filho do monarca

igualmente uma personagem recorrente, único sobrevivente dos avanços de Carlos Magno, justamente por se converter após a “Guerra das Máscaras” e a morte de Ebrachim (CPT, 1822, p. 51-52).

Outro detalhe que indica plenamente o contexto de produção está nas narrativas sobre o gigante Ferracutus e o *rex Africanorum*. Ambos discorrem sobre suas divergências quanto ao cristianismo, seja no interstício entre a batalha, no caso do gigante, seja após certa trégua, no caso do rei Aigolandus. No caso da batalha de Roland (Rolandus) e Ferracutus, mesmo com o interesse do gigante em resolver suas dúvidas sobre a doutrina professada por Roland, o acordado na batalha deixa de ser se converter à fé do opositor, caso derrotado. Apesar de clamar por Mahumet em seu instante final, o Gigante, que demonstra acreditar no mesmo deus que Roland, sem compreender a Trindade, o nascimento a partir da Virgem e a questão da ressurreição do Cristo, não tem a conversão ofertada.

Ao contrário de Aigolandus. Convertê-lo se torna um objetivo pessoal de Carlos Magno que, entre uma batalha e outra, parte para negociar com ele em árabe. O rei muçulmano havia reconquistado a *Hispania* dos cristãos e esta teria sido a causa do renovado avanço dos francos. Ele argumenta que aquele território não pertencia aos francos, ao que Carlos responde que

nosso Senhor Jesus Cristo, o criador do céu e da terra, elegeu nosso povo, isto é, os cristãos, sobre todos os outros povos, e **sobre todos os povos do mundo nos deu domínio**, teu povo sarraceno à nossa lei, o quanto pude, eu converti²³ (CPT, 1822, p. 29, tradução e grifos nossos).

muçulmano, são tomados por Roland, em uma espécie de transferência não somente entre indivíduos, mas da legitimidade de sua autoridade (KHANMOHAMADI, 2017).

²² Algumas traduções, como a para o inglês, de Thomas Rodd (1886) chamam o rei de Córdoba de Almanzor. Asseverar tal ligação não nos parece tão inverossímil, dado o impacto do *hajib* Muhammad ibn Abi Amir para a península ibérica medieval, principalmente após o século X. Abi Amir foi, em seu tempo, praticamente um ditador de Al-Andalus. Com o Califado Omíada de Córdoba gradualmente enfraquecido, após vencer uma conspiração envolvendo o comandante Ghalib e os reis de Castela, Leão e Navarra, Abi Amir adquire para si o título “vitorioso por Deus” (*Al-Mansur billah*), em 981. Dezesseis anos depois, avançando por Portugal, alcança a Galícia e destrói o Sepulcro de Santiago. O vácuo de poder deixado por sua morte, em 1002, leva à quase três décadas de sucessão de vários califas e, em 1031, ao primeiro colapso (*fitna*) de Al-Andalus e o começo do primeiro período de *Taifas* (CATLOS, 2018, p.173-204).

²³ No original: “quia Dominus noster Iesus Christus, creator caeli et terrea gentem nostram, scilicet christianam, prae omnibus gentibus elegit, et super omnes gentes totius mundi eam dominari instituit, tuam gentem saracenicam legi nostrae, in quantum potui, converti”.

Aqui, Carlos se apresenta não somente como soberano dos francos, mas classifica seu povo como o “povo eleito” (*gentem elegit*), uma associação recorrente desde o próprio *Regnum* do monarca²⁴. Mais do que isso, sua fala justifica tal condição como a razão por trás de seu empenho em converter os muçulmanos. Aigolandus recusa, ambas as partes novamente lutam. Derrotado, mas tendo sua vida preservada, o rei é encaminhado ao batismo, ao lado dos sobreviventes de seu povo, e aqueles que não haviam se recusado a cumprir com o acordado.

Contudo, ao perceber que havia desigualdade entre os cristãos, o “rei dos africanos” aponta que o mau trato aos pobres, a quem seus opositores haviam definidos como mensageiros de Deus, seria a evidência da falsidade da fé ofertada, ao que Aigolandus retorna ao seu exército. O autor da CPT indica o principal propósito desta fonte também nessa passagem. As descrições dos “reis pagãos”, das lutas de Carlos Magno constituem uma espécie de alegoria para questões a serem lidas pelos próprios cristãos. Assim como na *Chronica Prophetica* (c. 883), que aponta a conquista da *Hispania* como uma punição divina pelos pecados dos visigodos²⁵ (GOMÉZ-MORENO, 1932, p. 625), a recusa da conversão é fruto de um equívoco não da interpretação de Aigolandus, mas da forma como os cristãos estavam se portando, sobretudo no que tange às atitudes ligadas ao batismo, concluindo o argumento de que

assim como o Rei Pagão [Aigolandus] recusou o batismo, portanto não viu ações corretas no batismo de Carlos; eu temo que nosso Senhor não tenha fé e repudie no dia do Julgamento nosso batismo, portanto não encontre as obras do batismo²⁶ (CPT, 1822, p. 34, tradução nossa).

²⁴ E, inclusive, a partir da dinastia Merovíngia, ainda que a identificação entre *povo eleito* e os francos seja marcante no regime de Carlos Magno, sendo acionada pelos três séculos que seguiram o Natal de 800, ocasião em que o *rex* foi feito *imperator* (GABRIELE, 2011, p. 130-131).

²⁵ No original, integrado ao *Codex Rothensis* (c. séc. IX-X) e transcrito por Manuel Gómez-Moreno: “Omnis decor gotice gentis pabore uel ferro periiit. Quia non fuit in illis pro suis delictis digna penitentia. Et quia dereliquerunt precepta Domini et sacrorum canonum instituta. Dereliquid illos Dominus ne possiderent desiderauilem terram [...] Urbs quoque Toletana cunctarumque gentiu uictrix ismaeliticis triumphis uicta subcumbuit eis que subjecte deseruit. Sicque peccatis congruentibus Ispania ruit.”

²⁶ Na versão em latim: “Sicut rex paganus baptismum repulit, idcirco, quia baptismi opera recta in Carolo non vidit: sic timeo ne fidem baptismi in nobis Dominus repudiet in die Judicci, idcirco, quia baptismi opera non inuenit”.

Destarte, o cronista apresenta aspectos da conversão a partir dos olhos de um eclesiástico. Ela pode ser ofertada em decorrência da derrota em batalha, mas pode ser recusada mesmo após a derrota. O derrotado, entretanto, é descrito como portador de certa erudição que retira o caráter meramente narrativo de passagens como a que *Tuoldus* teria relatado, e caracteriza tal fonte como um guia e uma coletânea de alegorias voltadas a leitores igualmente cientes da fé cristã.

A conversão sob o olhar de um *converso* ibérico?

Até o momento, abordamos brevemente a conversão através de dois olhares: o da voz narrativa e o do eclesiástico. Em ambos os casos, temos narrativas que descrevem o protagonismo do indivíduo a ser convertido a escolher se aceita a oferta do batismo ou da execução. Entre a LCR e a CPT, vemos a conversão acionada como uma ferramenta narrativa que conclui o conflito, reduz a cizânia, que aparentemente faz com que francos e *antifrancos* sejam unidos sob a égide da autoridade de Carlos Magno, a personagem que oferece o batismo. Falamos, entretanto, a partir de duas fontes do século XII.

Nos séculos que sucederam a expansão das canções de *gesta* e da Legenda pelo continente, diversas narrativas são desenvolvidas. Algumas delas são assimiladas pela compilação *Speculum Historiale* (c. 1257), do dominicano Vincent de Beauvais e, principalmente, a obra de Jehan de Bagnyon *La Conquete du grand roy Charlemagne* (c. 1478), que combina em canções de *gesta* como *Fierabrás le Géant* (c. 1170) e o códice dominicano supracitado²⁷. É importante, contudo, mencionarmos que a CPT, uma das principais fontes a influenciar o *Speculum Historiale*, está inserida em outra obra, o *Codex Calixtinus* (c. 1140). Trata-se de uma compilação atribuída ao papa Calisto II, contendo o chamado *Liber Sancti Jacobi*. Dividido em cinco partes²⁸, descreve as bases não somente do culto a

²⁷ Juan Manuel Cacho Blecua (2004, p. 187) argumenta que as estruturas narrativas da obra de Bagnyon apontam para a existência de diferentes “estratos produtivos”, isto é, a combinação entre o *Speculum historiale*, *Fierabrás* e a CPT.

²⁸ *Anthologia Liturgica* (sermões sobre o apóstolo Tiago Maior); *De miraculis sancti Jacobi* (hagiografia e descrição dos milagres do santo); *De translatione corporis sancti Jacobi ad Compostellam* (do envio de seu corpo até a Galícia); *Historia Caroli Magni et Rotholandi* (a CPT); *Iter pro peregrinis ad Compostellam* (um “guia de viagem” para peregrinos).

Santiago de Compostela (o culto jacobeu), mas de suas imbricações com o culto a Carlos Magno. Neste sentido, a ligação entre o Legendário Carolíngio e a figura de Santiago, evidenciada na CPT, aponta para dois caminhos de análise. Por um lado, a temática carolíngia é instrumentalizada na composição não somente da CPT, mas do próprio *Codex Calixtinus*²⁹, unindo Carlos Magno e Santiago³⁰. Por outro, a CPT se transforma (como outrora a LCR) na base “histórica” de outro conjunto de narrativas, principalmente através de sua tradução para os idiomas vernaculares. É assim, por exemplo, que as passagens atribuídas ao Arcebispo Turpin (uma personagem da LCR) serão identificadas nas versões do Legendário localizadas além das cercanias do santuário galego.

Como exemplos, a descrição do sonho que Carlos possui com o apóstolo, que serve de “prólogo” para a CPT, pode ser encontrada na *L'Entrée de Espagne* (c. 1320), composta em franco-venetiano. Volker Honemann (2003) aponta a possibilidade da influência dupla (CPT-LCR) ou única (apenas da CPT) em fontes germânicas, em específico passagens da *Kaiserchronik* (c. 1150-1300)³¹ e a versão da *Chanson* para os territórios germanófonos, a *Rolandslied*, de Konrad der Pfaffe (c. 1170)³². Posteriormente, as recepções germânicas combinam a CPT e trechos do *Speculum Historiale*, como no caso do *Karlmeinet* (séc. XIV), ou traduzem a *Legenda aurea* de Jacopo de Varazze (c. 1260) do latim para o germânico. Com a canonização de Carlos em Aachen (1165), há também o acionamento a passagens da CPT, como no caso do *Zürcher Buch vom heiligen Karl* (c. 1450), compilação que

²⁹ Assim como Carlos Magno procurou defender, através de suas ações e da de seus pares, o Sepulcro de Santiago e asseverar o domínio da Cristandade sobre a *Hispania*, os devotos também deveriam buscar manter “preservada” a herdade carolíngia e emular os atos dos Pares.

³⁰ A associação entre Carlos e um santo (para além da santificação do próprio monarca, no Império Romano do século XII), também se repete na península ibérica muito *a posteriori*, como no caso da gênese do culto à São Ginés de la Jara, através da *Vida e estoria del bienaventurado señor San Ginés de la Jara de Campo del Cartagena*, hagiografia publicada no século XV. Descrito como familiar de Carlos Magno, canonizado em 1540, quase seis séculos após sua possível morte, tem sua imagem associada à Genesius de Arlés (cujo sepulcro é indicado no quinto livro do *Codex Calixtinus* como um local a ser visitado pelos peregrinos) e seria supostamente cultuado também pelos muçulmanos do sul da península e mesmo no Norte da África (CONNOLLY, 2008).

³¹ A “Crônica Imperial” intenta retomar, em versos, a história de todos os imperadores romanos, de Júlio César (100-44 AEC) ao *Kaiser* Conrad III Staufer (1093-1152 EC). Dentre as figuras elencadas, está Carlos Magno.

³² Ao analisar as fontes germanófonas, Honemann aponta que, caso a *Rolandslied* não tivesse sido também influenciada pela CPT, haveriam apenas duas soluções hipotéticas: ou a CPT foi influenciada pela *Rolandslied*, o que seria impossível pela temporalidade, ou a *Rolandslied* e a CPT partiram de “de uma ou várias fontes comuns” (2003, p. 369).

indica o culto a “São Carlos Magno” em Zurique (HONEMANN, 2003, p. 369-371).

Retomando a península ibérica, nos deparamos com a dupla influência. Admitindo a associação entre a CPT e Igreja Latina, não nos causa assombro a expansão da narrativa de (Pseudo) Turpin não somente sobre a *Hispania* castelo-leonesa, mas também sobre Portugal, sobretudo a partir da metade do século XII. Nesse sentido, não somente há o contexto da expansão da cultura “francesa” na península³³, como do enfrentamento entre cristãos e muçulmanos, o que torna frutífera a expansão do Legendário Carolíngio no “cenário” e diante de “personagens” que se assemelham às apresentadas pelas narrativas.

Como Matthew Bailey (2016, p. 17) indica, a combinação entre aporte histórico e legenda se verifica nas produções ibéricas praticamente concomitantes à LCR, como no caso dos trechos que citam a expedição de Carlos à *Hispania* na *Historia Silense* (c. 1110), produzida em León³⁴. Em um parágrafo da *Nota Emilianense*, datada do terceiro quartel do século XI, vê-se não somente a descrição da Campanha, mas a emergência de alguns elementos próprios da LCR (em diante): doze nobres, dos quais Rodlane é um deles (descritos como sobrinhos de Carlos) participam da empreitada e, após não destruírem Zaragoza, são mortos no desfiladeiro de Rozaballes pelos “sarracenos” (BAILEY, 2016, p. 20-21). Somando-se a estas formas de racionalizar o fracasso carolíngio diante dos bascos, ao sul da península ainda decorreriam alguns séculos entre a descrição “realista” da Campanha e a crítica aberta, como no emblemático caso de Bernardo del Carpio,

³³ Humberto Baquero Moreno aponta para a provocação de que a influência da Ordem de Cluny em terras lusitanas pode ser uma justificativa para a tal expansão (2003, p. 355).

³⁴ Composta em latim, a crônica registra, em três parágrafos, uma versão da Campanha de 777-778 de forma muito próxima da *Vita Karoli*, ainda que adicionando elementos ficcionais – que, inclusive, indicam uma desmistificação do monarca dos francos. Logo após descrever a conquista da *Hispania* visigoda por Huliit “rei bárbaro de toda a África”, o cronista aponta para a situação periclitante dos godos na península, abandonados por todos, principalmente por *Carolus*. Ao contrário do que diziam os francos, ele aponta que as cidades ao sul dos Pireneus não foram liberadas por Carlos. Atraído pela conspiração de *Hybinnaralaby* (Sulayman ibn al-Arabi) e pela promessa de conquistar as cidades da região, Carlos marcha à Pamplona, é recebido pelo povo e segue até Zaragoza. Contudo, corrompido pelo ouro, “à maneira franca”, Carlos não faz nada para libertar os cristãos, ao que o autor aponta que o retorno se daria pela vontade do monarca em voltar para se banhar nas termas construídas em Aachen. No caminho da volta, Carlos teria destruído a cidade *moura* de Pamplona, e sendo derrotado até o último homem pelos *Nauarri* (os Navarros substituem os *Wascones*). Ao final, o autor cita novamente os principais nobres mortos em combate (*Egginhardus*, *Alselmus* e *Rotholandus*) e indica que o ato não havia sido vingado até a produção da crônica (BAILEY, 2016, p. 17-19).

herói de *Chronicon mundi*, narrativa de Lucas de Túy (c. 1236)³⁵.

Ao longo de quase quatro séculos, o conjunto de narrativas que gravitam entre a lenda e o “histórico” irão influenciar a obra mais “recente” em nosso recorte cronológico, a HECM, composta por Nicolás de Piemonte, no primeiro quartel do século XVI. Não se trata da primeira versão em castelhano do *Legendário Carolíngio*³⁶. Contudo, ela apresenta, em setenta e nove capítulos, uma compilação do que teria sido interpretado como a história dos francos até a morte de Carlos Magno, iniciando por Clóvis, tendo por modelo a obra de Beauvais³⁷. Novamente, a conversão adquire o aspecto de condição para êxito, seja para derrotar o inimigo, seja para manter-se vivo. A conversão do pagão Clóvis tem o mesmo sentido do *deus ex machina* de outras descrições da maneira como o primeiro monarca cristão dos francos abjurou de suas crenças e se tornou o mítico primeiro *rex christianum* daquele grupo germânico. São outras descrições de conversão que se somam naquela que viria a ser uma das últimas encarnações do *Legendário*.

Piemonte retoma, em sua “tradução”, o *motif* da princesa moura convertida “por amor”. No caso, Floripes se apaixona por um dos Pares e torna-se cristã. Ela é irmã de Fierabrás de Alexandria, e ambos são filhos do Almirante Balán. Nesta narrativa, também Aigolandus (Aygolante), Ferracutus (Ferragus) e Furre são mencionados, ao passo que Ebrachim e Altumajor desaparecem, sendo

³⁵ O sobrinho de Alfonso II une-se ora com Marsil, ora com Muza contra Carlos Magno, ao que a distinção entre os partidos demonstra a paradoxal situação em que a península ibérica do século XIII estaria inserida: quando o inimigo é externo (mesmo que cristão), a aliança com o inimigo interno (mesmo que *mouro*) é preferível. Nesse sentido, enquanto ocorre, além dos Pireneus, a mitificação (e, dentro do Império Romano, a santificação) do monarca, a península apresenta um quadro complexo, que alterna entre a tradução dos épicos e a criação de variantes “proto-nacionalistas”. Carlos pode ser interpretado simultaneamente como defensor dos cristãos e invasor estrangeiro (BAILEY, 2016, p. 21-25).

³⁶ Sobre as variações da presença carolíngia no *corpus* literário ibérico, ver Bailey e Giles, 2016.

³⁷ O próprio Piemonte se preocupa em “referenciar” a obra consultada e apontá-la como uma tradução, ainda que existam elementos autorais, especialmente as discussões sobre a conversão forçada ou voluntária dos muçulmanos (GILES, 2016, p. 128). Na edição de Figaredo, autor dos grifos: “Y fueron sacados estos libros de un libro, bien aprobado, llamado *Espejo historial*. E, mediante Dios, trasladaré cada libro por sí y los dividiré por capítulos para mejor declaración de la escriptura. E si en esta trasladación hubiere algo digno de reprehensión en la retórica o en el romance de los vocablos, o algo que no suene bien a los oídos del leyente (que en la sentencia me guardaré de salir un solo punto de la escriptura francesa), suplico a cualquier que lo leyere o oyere, que con sanas entrañas lo emiende, y no mire al error de la pluma, sino a la intención del corazón; e de lo que fallare bueno, le ruego asimesmo que al Soberano Dios dé las gracias, de quien todos los bienes proceden” (PIEMONTE, 2020, p. 11).

declinados apenas como os reis de Sevilha e Córdoba. Aliás, das personagens ligadas à LCR, Marsilie (Marsirius) e Belvigandus (Belegandus) aparecem equiparados, sendo descritos como os reis irmãos de Zaragoza, enviados à cidade pelo almirante da Babilônia à *Hispania*. A conversão é descrita, também aqui, como fruto da decisão do indivíduo a quem estava sendo oferecida. Balán, por exemplo, nega o batismo apesar dos apelos de seus filhos, já convertidos. Fierabrás, contudo, representa uma etapa que Ferragus não havia superado. Valoroso, após uma “luta-dialogada” com Oliveros, tendo quase perdido a vida, se converte à fé dos francos. Antes de encerrada a batalha, contudo, Oliveros exclama:

– Oh todo-poderoso Deus, quão bem viria a Cristandade **se este pagão se tornasse cristão!** Ele e Don Roldán e eu faríamos tremer toda a Turquia! Ó virgem, mãe de Deus, suplica a teu bendito filho que inspire no coração deste pagão que, deixados os ídolos, venha ao conhecimento de seu criador e siga o verdadeiro curso da Salvação³⁸ (PIEMONTE, 2020, p. 42, tradução nossa).

Aqui retomamos a aspiração de um mundo unificado através da fé, bem como a lamentação da opinião divergente. Ferido de morte, Fierabrás abjura de sua fé e se torna cristão. Seu pai, no entanto, apesar de derrotado, apresenta ao leitor as visões de Piemonte sobre o que seria um cristão legítimo. Melhor inquirindo, somente o batismo tornaria alguém cristão? O capítulo LVII descreve como o capturado e derrotado Balán, “nem por rogos ou ameaças”, aceitou o batismo. Apesar das ameaças feitas por Carlos Magno, o almirante argumenta:

– Imperador, não manda isto a lei de Jesus Cristo teu Deus, que a nada force em tal caso, que a verdadeira crença do coração há de proceder, portanto não procures fazer-me consentir com o que não creio³⁹ (PIEMONTE, 2020, p. 107, tradução nossa).

Há uma diferença marcante entre as demais narrativas, o que pode estar

³⁸ “– ¡Oh todopoderoso Dios, cuánto bien vendría a la cristiandad si este pagano se tornase Cristiano! Él y don Roldán y yo haríamos temblar toda la Turquía. ¡Oh Virgen, madre de Dios, suplica a tu bendito Hijo que inspire en el corazón deste pagano que dejados los ídolos venga a conocimiento de su Criador y siga la verdadera carrera de salvación!”.

³⁹ “– Emperador, ¿no manda eso la ley de Jesucristo tu dios, que a nadie hicieses fuerza en tal caso, que la verdadera creencia, del corazón ha de proceder? Por ende, no procures de me hacer consentir lo que no creo”.

ligado ao autor, Nicolás de Piemonte, supostamente um *converso*, como argumenta Ryan Giles, citando Francisco Márquez Villanueva (GILES, 2016, p. 127-128)⁴⁰. Alguém, que havia se tornado cristão, no contexto de uma península ibérica “pós-Reconquista” e de um reino de Castela triunfante da luta contra judeus e muçulmanos, ocupa uma posição única entre os outros “autores” neste trabalho. Se admitirmos a possibilidade levantada por Márquez Villanueva, podemos inferir que Nicolás teria conhecimento do que é ocupar os dois *mundos*: do que é ser alguém que atravessou fronteiras existenciais que Fierabrás, Floripes ou mesmo o rei de Córdoba teriam atravessado. E que Balán teria recusado, apesar das ameaças e petições dos filhos. A Castela de Piemonte está em vias de consolidar seu domínio mundial. A expansão de impensas no Extremo Oeste Eurasiático leva ao advento da divulgação e transmissão de livros dos quais o Legendário também fazia parte. Trata-se, contudo, de um processo demasiado rápido e complexo, que tem de lidar com as feridas ainda abertas do confronto entre cristãos velhos e *convertidos*, confrontos que marcam a essência da península ibérica moderna, para não citarmos a situação nas colônias ao redor do Atlântico, onde a conquista ainda está em plena força.

Nesse sentido, caberia pensarmos quais os sentidos da conversão naquele contexto. Sabemos que, na virada do século XVI, havia divergência, por parte dos eclesiásticos castelhanos, entre converter-se “por amor” ou pela espada. As divergências entre os métodos de conversão – traduzir as passagens cristãs para o Árabe, como propunha Arcebispo Hernando de Talavera, ou converter à força, como peticiona o Cardeal Francisco Jimenez de Cisneros, abordagem vencedora (GILES, 2016, p. 141) – são apresentadas ao longo da narrativa, que diverge de passagens como as apresentadas na CPT. Piemonte representa estes “partidos” quando descreve, ainda no capítulo LVII, que Floripes era a favor da execução do pai pois, mesmo batizado, nunca seria “um bom cristão”. O lamento da preferência religiosa, expresso desde a *Gesta*, se tornou um eco distante. No século XVI, às

⁴⁰ Ainda que Márquez Villanueva tenha discorrido sobre a possibilidade de Piemonte ter sido um judeu convertido ao cristianismo, não existem evidências concretas disto (ou contra a assertiva); contudo, como aponta Ana Grinberg, “a perspectiva particular de ser um convertido – valorizado pelos feitos individuais que mostram um forte compromisso com os ideais cristãos – se relaciona ao impacto das ideologias sobre a conversão e as práticas religiosas discutidas na península ibérica neste período” (2013, p. 148, tradução nossa).

portas do *Siglo de Oro*, tem-se a emergência da graduação entre bons e maus cristãos, para além da cisão entre cristãos e *anticristãos*. As personagens convertidas (Floripes e Fierabrás) representam exemplos dessa questão, para além dos “cristãos velhos” representados pelos Pares. Eles são tomados como bons *a priori* – os provados são, necessariamente, os assimilados. Mas se trata de uma assimilação que não prescinde de novas formas de diferenciação. Nessa perspectiva, ao nos propormos abordar o tropo da conversão, é importante mencionarmos o aparente paradoxo envolvido em ser colocado na posição do outro (ser feito cristão) sem ser, contudo, completamente *desoutrificado*.

Deixar de ser o *outro* sem ser *desoutrificado*

Ao longo de diferentes séculos, o *corpus* narrativo iniciado pela interpretação da fracassada campanha de Carlos Magno na *Hispania* passou por sensíveis transformações. As mutações que os breves parágrafos escritos por um erudito do século IX sofreram tornam visíveis ao observador atento o contexto de produção das narrativas. Como impressões digitais deixadas em uma cena de crime, é possível lermos a LCR como a história não de um rei franco, mas da aspiração em um confronto que viesse a eliminar o *outro*, seja através do extermínio ou da morte de sua identidade (a fé). É possível repetir o mesmo movimento interpretativo em relação à CPT, que se preocupa em demonstrar especificidades de um *outro* que não se trata de mero inimigo a ser abatido: ele possui nuances, dispõe de saberes sobre a doutrina professada pelo compilador e pelo público-alvo. Tal situação faz com que seja necessário, ao público, estar atento ao inimigo e a si. Por fim, a aparente versão de Piemonte deixa ainda mais nítido o que intentamos dizer. Carlos, os Pares, a *Hispania*, reis, cavaleiros e princesas mouras são meros avatares de discursos correntes, de cosmovisões contemporâneas que se voltam ao passado como elemento legitimador de seus pontos de vista.

Mesmo em *Vita Karoli*⁴¹, vemos menções à conversão que possuem sentido

⁴¹ Naquele caso, a conversão dos saxões, cuja guerra contra os francos tomou aspectos religiosos, já que os saxões ainda não eram cristãos (EINHARDI, 1905, p. 8-9).

análogo ao presente nas três fontes abordadas. Antes da conversão, existem dois conjuntos identitários *superiores*: o cristão e o não cristão. O “pensamento cristão”⁴² pressupõe a inexorabilidade da supremacia de apenas *uma religião*, o fim de um binarismo nós-eles, ao menos no campo religioso. Contudo, ao invés da coexistência entre os conjuntos, a expansão da Cristandade (latina) pressupõe, no século IX, a eliminação de um dos *status* diferenciadores. A coexistência só é permitida na definição deste ou daquele conjunto identitário *inferior*, o “povo” (os francos, os saxões, os alamanos, etc.). O *conjunto superior*, o *populus christianum*, se sobrepõe às diferenças regionais, por exemplo, que determinam os *conjuntos inferiores*. A conversão seria, nesse sentido, a ferramenta capaz de expandir o *populus* sem, contudo, eliminar o *status* de ser o *outro*.

Como uma espécie de paradoxo, tornar-se (ou melhor, *ser tornado*) cristão pressupõe deixar de ser o *outro*. A contradição aparente está no fato de que o *outro* não é *desoutrificado* nesse processo.

Principalmente no contexto ibérico, descrições de aliados muçulmanos e inimigos cristãos demonstram que o *conjunto superior* nem sempre submete o *conjunto inferior*. Quando a possibilidade da descrição de um massacre de cristãos pelo *cristianíssimo* soberano parece demonstrar a contradição de uma espécie de “pacto intragrupo”, o autor da *Chronicon mundi* silencia: Carlos massacra apenas os mouros. Na CPT, há o argumento que legitima a posição do monarca cristão como demiurgo da Terra no qual o (seu) *conjunto superior* é universal: Deus elegeu-o para governar o mundo. Mas ainda há muito o que corrigir, e (Pseudo) Turpin se preocupa com isso. A “ferramenta” precisa ser aplicada para concluir a “tarefa”,

⁴² Parafrazeando as efígies generalizantes do chamado “pensamento selvagem”, “pensamento mestiço” ou “pensamento indígena”, que marcaram e marcam estudos em humanidades até os dias atuais. Aqui, contudo, é importante frisarmos, conforme Nicola Gasbarro, que a universalização, que tinha/tem por principais agentes os missionários (em nossos exemplos, os que propõe a conversão), é marca principal do “cristianismo, que, desde suas origens, se impôs culturalmente como “religião verdadeira” e como “religião universal”. (...) A mensagem cristã é universalizável desde os *Atos dos Apóstolos*, por isso a Igreja é estruturalmente missionária: desse ponto de vista as missões são uma prática de evangelização que permite passar de uma universalidade potencial a uma universalidade atual e histórica. (...) Historicamente, portanto, não há universalidade religiosa sem missões; o cristianismo – mas isso vale, obviamente, também para o Islã – não é uma religião universal, mas uma religião que tem acionado processos “ortopráticos” de universalização. Se isso é verdade, surge o problema da gênese da potencialidade universalista – o que normalmente atribuímos à revelação transcendente – de cada religião, o que remete ao seu contexto histórico-cultural, seja institucional e político, seja simbólico e de sentido” (GASBARRO, 2006, p. 71-72).

mas o sucesso da obra depende, em última análise, dos próprios cristãos. Tornar o muçulmano aliado, inserir *Maurorum, Sarracenum, Africanorum* ou qualquer dos outros *conjuntos inferiores*⁴³ dentro do *populus christianum*, se trata de uma missão que exige não apenas a força das armas, mas certa ortodoxia e, principalmente, triagem: a conversão é, também, um privilégio.

A complexidade do processo de conversão cresce conforme diferentes coletividades se deparam com o *outro* com proximidade. Se, nos primeiros séculos da presença muçulmana no Mediterrâneo Ocidental, o *outro* ainda era em tudo similar aos “pagãos” do restante do Extremo Oeste Eurasiático, no primeiro quartel do século XVI ibérico ele pode inclusive ser o autor de narrativas que trazem à baila a problemática da conversão. Se observarmos as versões abordadas, parece tangível que a interpretação do *outro* avança da interrogação do que seria o *outro* para o que fazer com o *outro* e como fazer. Em outras palavras, o passar dos séculos leva do esforço de definição do *mouro* para a necessidade da conversão; da necessidade da conversão à racionalização do processo.

Permanece, contudo, o tropo da conversão como testemunha das reflexões de um conjunto quanto sua própria cosmovisão. Como percebe-se após o êxito da dita *Reconquista*, a eliminação de um *conjunto superior* concorrente não significa a extinção de uma diferenciação entre muçulmanos e cristãos, o que culmina com o genocídio dos *moriscos* e a limpeza étnica da península ocorrida nas primeiras décadas do século XVII. Não seriam as categorias *morisco, converso, nuevos cristianos* e similares a permanência de um *status* de *outro*, haja vista o potencial instrumentalizável (especialmente para o empreendimento colonial) da consolidação de *castas* entre os súditos da Monarquia Católica? Dissolver as diferenças entre cristãos e *mouros*, algo que a conversão aparenta intentar realizar, não seria contraproducente para uma cosmovisão que, ainda que intente ser universal, prega a superioridade dos conquistadores, a hegemonia do *povo eleito* (outrora, os francos sob Carlos Magno; no caso moderno, dos castelhanos sob os Habsburgos)? A conversão ao cristianismo deixa de ser uma necessidade para ser

⁴³ Que também fazem parte do *jogo de projeções*: para cada “etnia” cristã descrita na LCR há a descrição de uma “etnia” pagã, mesmo que seja necessário inventar uma raça de gigantes e outras formas teratológicas.

uma benemerência e, com o princípio da expansão ibérica ultramarina, passa a ser uma ferramenta voltada para a construção de caminhos que tornem mais exequível o próprio empreendimento colonial. Afinal, a Igreja Latina, no mundo colonizado (o que inclui a Granada pré-expulsões), não tem por propósito levar os subalternos ao mesmo caminho dos senhores (FANON, 2023, p. 39). Apesar de passarem a construir o mesmo *conjunto superior* (cristãos), há a criação de um *conjunto intermediário*, sob o qual são lançados os mesmos temores de abjuração, os mesmos preconceitos voltados para o *conjunto superior* anterior (mourous ou judeus). Na prática, mesmo com o batismo, um saxão poderia retomar o culto aos seus ídolos⁴⁴. Mesmo derrotado, Marsirius poderia se unir a Ganelon na traição aos francos. Aigolandus poderia negar a oferta que também o mau pai Balán havia renegado. Mesmo que haja “bons cristãos” dentre os *conversos*, fontes como a HECM retomam a crença de que a conversão não é condição *sine qua non* para eliminar a condição de *outro* naquele que foi convertido.

A análise das três fontes selecionadas permitiu um breve panorama da conversão enquanto uma estratégia de assimilação iniciada com a projeção do *outro* enquanto um negativo do referencial, o que chamamos de um *jogo de projeções*. O *outro* não é apenas um inimigo a ser exterminado. Ele deve ser trazido à Cristandade, assenhoreado; sua alma deve ser salva por representantes daqueles que se julgavam os eleitos. Se recordarmos o choque que os francos tiveram diante dos *Turcos*, perceberemos as modificações que o contato com os muçulmanos, sobretudo nas arenas existentes em ambas as pontas do Mediterrâneo, o que trouxe concepções que tenderam a tornar cada vez mais complexa a forma como o *outro* é descrito (e como o referencial, por meio disso, “se” descreve). Do lamento, temos a oferta; da oferta, a inquirição; da inquirição, a recusa ou aceitação. Nunca se trata, contudo, de uma troca deliberada. Há condições, seja para a oferta, seja

⁴⁴ O que motivou a elaboração da *Capitulatio de partibus saxonae* (c. 775-790), que demonstra a aplicação da conversão como “medida administrativa”, tendo a morte como punição para os refratários: “Se alguém, depois disso, entre o povo dos saxões, esconder-se entre eles não batizado e desistir de vir para o batismo, desprezar o batismo e desejar permanecer pagão, que morra pela morte” (no original: “8. Si quis deinceps in gente Saxonorum inter eos latens non baptizatus se abscondere voluerit et ad baptismum venire contempserit paganusque permanere voluerit, morte moriatur” [CAPITULATIO DE PARTIBUS SAXONIAE, p. 69]).

para a aceitação da conversão. Se for possível consideramos assim, apesar de toda a complexificação de uma visão de mundo que vê na conversão o divisor de águas necessário para a construção de uma sociedade universal, a vitória de um *conjunto superior* sobre outro, ainda que mantendo divisões dos *conjuntos intermediário e inferior* entre seus estamentos, há, como constante, uma presença monolítica da violência a qual o “povo eleito” recorre diante do *outro*.

O choque entre cristãos e muçulmanos provoca, nos primeiros, a ânsia por inserir em sua cosmovisão o *outro*. Movimento que jamais se esgotaria – em cada continente “descoberto” pela expansão, repete-se a frenética procura por incluir no mesmo conjunto o *novo* povo, o “gentio” que deve ser trazido ao seio da Cristandade, “por amor” ou pela força⁴⁵. Se, na LCR, o muçulmano substitui o basco cristão e é convertido de um jeito ou de outro, a emergência de uma espécie de “agência” do inimigo pode ser identificado na CPT e se intensifica na HECM. O *mouro* passa a (supostamente) ter voz – e uma voz que pode, muitas vezes, ser uma recusa. São nessas passagens que ficam mais nítidas as vozes ecoando ao redor dos produtores dos textos, contextos dinâmicos que vão muito além da derrota pela derrota, do confronto determinado apenas pela espada. São outras naturezas de conflitos. Trata-se de visões de mundo que percebem o *outro* e lamentam pela fuga da universalidade inerente ao “pensamento cristão”, capaz de ser retomada somente com a aceitação da “verdadeira fé”, do cumprimento de rituais específicos que envolvem aceitar o cristianismo incondicionalmente.

Ainda que não se trate de uma violência deliberada, pois se ampara em justificativas que os autores das fontes são criativos em determinar, mas que destoam das motivações pontuadas no longínquo tempo de Carlos Magno, é importante compreendermos que a conversão é uma estratégia resultante de um processo destrutivo (que se pretende construtivo) e que ainda é instrumentalizada em sociedades nas quais a expansão violenta do cristianismo segue com ares de lamento da condição divergente dos diversos “pagãos” aos olhos de diferentes fiéis, sejam eles novas vozes narrativas, eclesiásticas ou descendentes daqueles que

⁴⁵ Inclusive através da escravização, ainda de acordo com tradições já velhas aos ibéricos (ALFONSO X, el Sabio, 1256, p. 96), mas “relembrado” por bulas e chancelas papais (INTER CAETERA, 1493).

foram trazidos à Cristandade e tornados seguidores da mesma *lei*.

Referências

CAPITULATIO DE PARTIBUS SAXONIAE. **Monumenta Germaniae Historica. Legum Sectio II: Capitularia Regum Francorum:** Tomus I. Hannoverae: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1883. p. 68-70.

DE VITA, Caroli Magni et Rolandi. **Historia Joanni Turpino Achiepiscopo Remensi Vulgo Tributa.** Ad Fidem Codices Vetustiores Emendata et Observationibus philologicis illustrata a Sebastiano Ciampi. 1822.

EINHARDI, Vita Karoli Magni. Editio Quinta. **Impensis Bibliopolii Hahniani:** Hannoverae et Lissiae. 1905.

GESTA FRANCORUM. **Liber III.** Disponível em:
<<https://www.thelatinlibrary.com/gestafrancorum/gestafrancorum3.shtml>>.
Acesso em 30 out. 2023.

INTER CAETERA. Disponível em:
<<https://www.papalencyclicals.net/alex06/alex06inter.htm>>. Acesso em 19 jul. 2023.

JOANNES Turpini. **Historia de Vita Caroli Magni et Rolandi.** Traduzido para o inglês por Thomas Rodd. In: *Mediæval Tales*. 2. ed. London: George Routledge and Sons, 1886.

AILES, Marienne. **Chivalry and conversion:** The Chivalrous Saracen in the old French epics Fierabras and Otinel. *Al-Masaq: Journal of the Medieval Mediterranean*, vol. 9, n. 1, p. 1-21, 1996, DOI: 10.1080/09503119608577025.

ALFONSO X, El Sabio (1256). **Las siete partidas.** Edição digital: epublibre (EPL).

2017.

ALVARO, Bruno Gonçalves; PRATA, Rafael Costa. Guerras rendilhadas da erudição: **um breve panorama dos combates e debates em torno do conceito de Reconquista**. *Signum*, [S.l.], v. 15, n. 2, p. 104-126, 2014.

BAILEY, Matthew. Charlamagne as a Creative Force in the Spanish Epic. In: _____, _____ e GILES, Ryan D. (ed). **Charlemagne and his legend in Early Spanish literature and historiography**. Cambridge: D. S. Brewer, 2016. p. 13-43.

_____, _____ e GILES, Ryan D. (ed). **Charlemagne and his legend in Early Spanish literature and historiography**. Cambridge: D. S. Brewer. 2016.

BAQUERO MORENO, Humberto. El Pseudo-Turpín y Portugal. In: HERBERS, Klaus (coord). **El Pseudo-Turpín Lazo entre el Culto Jacobeo y el Culto de Carlomagno**. Actas del VI Congreso Internacional de Estudios Jacobeos. Xunta de Galicia. euroGráficas: Santa Comba, 2003. p. 353-358.

BOYACIOĞLU, Fuat. The Historical Anachronism in The Song of Roland. *Das Erste Internationale Symposium Zu Den Deutsch-Türkischen Historischen Und Kulturellen Beziehungen*. 8-10 Oktober 2009. Disponível em: <https://www.academia.edu/6945671/The_Historical_Anachronism_In_The_Song_of_Roland> Acesso em 11 out. 2023.

CACHO BLECUA, Juan Manuel. De la Chronica Turpini a la Historia de Emperador Carlomagno y los Doze Pares de Francia. In: FIDALGO, Elvira (ed.). **Formas narrativas breves en la Edad Media**: actas del IV Congreso: Santiago de Compostela, 8-10 de julio de 2004. Universidade de Santiago de Compostela. 2005. p. 181-208.

CATLOS, Brian A. **Kingdoms of Faith: A New History of Islamic Spain**. Londres: C. Hurst & Co. Ltd, 2018.

CONNOLLY, Jane E. The Relationship of Two Iberian Cults: San Ginés de la Jara and Santiago de Compostela. **La Corónica**. v. 36, n. 2, 2008, pp. 99-123. Disponível em: <<https://muse.jhu.edu/article/429807/pdf>>. Acesso em 4 out. 2023.

DASS, Nirmal (ed.). **The Deeds of the Franks and the Other Jerusalem-Bound Pilgrims: The Earliest Chronicle of the First Crusades**. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, Inc, 2011.

FERREIRO, Alberto. The siege of Barbastro 1064-65: a reassessment. **Journal of Medieval History**. North-Holland: Elsevier Science Publishers B.V., v. 9, p. 129-144, 1983.

GABRIELE, Matthew. **An Empire of Memory: The Legend of Charlemagne, the Franks, and Jerusalem before the First Crusade**. New York: The Oxford University Press, 2011.

GASBARRO, Nicola. Missões: A civilização cristã em ação. In: Montero, Paula (org). **Deus na Aldeia: Missionários, índios e mediação cultural**. São Paulo: Editora Globo, 2006. p. 67-109.

GIL, Juan (ed). **Corpus Scriptorum Muzarabicorum**. Volume I. Madrid: Instituto Antonio de Nebrija, 1973. __, __ (ed)._____. Volume II. Madrid: Instituto Antonio de Nebrija, 1973.

GILES, Ryan D. Converting the Saracen: The Historia del emperador Carlomagno and the Christianization of Granada. In: BAILEY, Matthew e ____,___. (ed). **Charlemagne and his legend in Early Spanish literature and historiography**. Cambridge: D. S. Brewer, 2016. p. 123-148.

GÓMEZ-MORENO, Manuel. IV: Las primeiras crónicas de la Reconquista: el ciclo de Alfonso III. **Boletín de la Real Academia de la Historia**. Tomo 100, 1932. pp. 562-

623.

GRINBERG, Ana. **(Un)stable identities**: Impersonation, Conversion and Relocation in Historia del emperador Carlo Magno y los doce pares. 2013. 305 f. Dissertação (Doutorado de Filosofia em Literatura). UC San Diego, California. 2013. Disponível em: <<https://escholarship.org/uc/item/92c4d4vk>>. Acesso em 17 jul. 2023.

GRUZINSKI, Serge. **As quatro partes do mundo**: história de uma mundialização. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: EDUSP, 2014.

HARVEY, Leonard P. **Muslims in Spain**: 1500 to 1614. Chicago: The University of Chicago Press, 2006.

HONEMANN, Volker. El Pseudo-Turpín y la Literatura Alemana de la Edad Media. In: Herbers, Klaus (coord). *El Pseudo-Turpín Lazo entre el Culto Jacobeo y el Culto de Carlomagno*. Actas del VI Congreso Internacional de Estudios Jacobeos. Xunta de Galicia. euroGráficas: Santa Comba, 2003. p. 359-371.

KOCKA, Jürgen. Comparison and beyond. *History and Theory*. v.42, n.1, p.39-44, 2003.

LOOMIS, Roger S. *Ci falt la geste que Turolus declinet*. In: *Romania*, tomo 72 n°287. 1951. p.371-373. Disponível em:<https://www.persee.fr/doc/roma_0035-8029_1951_num_72_287_3284>. Acesso em 11 out. 2023.

KENNEDY, Hugh. **Muslim Spain and Portugal**: A Political History of al-Andalus. Londres-Nova York: Routledge, 1996.

KHANMOHAMADI, S. A. (2017). Durendal, translated: Islamic object genealogies in the chansons de geste. **Postmedieval**: a Journal of Medieval Cultural Studies, v. 8, n. 3, 2017, pp. 321-333. doi:10.1057/s41280-017-0061-3

OLIVEIRA, Gregory Ramos. “**A lei do vencedor será firme e valiosa!**”: tradições inventadas, celebrações da (Re)conquista e o Medievalo Imaginado nas Cavalhadas de Pirenópolis (1973). Orientadora: Daniele Gallindo Gonçalves. 2021. 90 f. Monografia (Bacharelado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

PIEMONTE, Nicolás de. Historia de Carlo Magno y los Doce Pares de Francia. Texto preparado por Enrique Suárez Figaredo. *Lemir* – Revista de Literatura Española Medieval y del Renacimiento (Textos), n. 24, 2020, p. 1-133. Disponível em: <https://parnaseo.uv.es/Lemir/Revista/Revista24/Textos/01_Carlo_Magno.pdf>. Acesso em 17 jul. 2023.

SAID, Edward. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. Traduzido por Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

STUCKEY, Jace. The Twelfth-Century *Vita Karoli* and the Making of a Royal Saint. In: Purkins, William J. e Gabriele, Matthew. **The Charlemagne Legend in Medieval Latin Texts**. Cambridge: D. S. Brewer, 2016, p. 33-58.

TUOLDUS. **La Chanson de Roland**. Edição crítica e tradução para o francês moderno de Ian Short. 2 ed. Librairie Générale Française, 1990.

Recebido: 11/06/2023
Aprovado: 27/11/2023

AS VIDAS DAS ARTISTAS: GÊNERO BIOGRÁFICO ENTRE OS SÉCULOS XIII E XVI

THE VIDAS OF FEMALE ARTISTS: BIOGRAPHICAL GENRE BETWEEN 13TH AND 16TH CENTURIES

Marcella Lopes Guimarães
Universidade Federal do Paraná
marcella974@gmail.com

Adriana Tulio Baggio
Universidade Federal do Paraná
atbaggio@gmail.com

Resumo: Esse artigo busca compreender o gênero biográfico a partir de três documentos de produção e circulação mediterrânea entre os séculos XIII e XVI — as vidas das trobairitz nos cancioneiros occitanos; a coletânea *De mulieribus claris* (c. 1360), de Giovanni Boccaccio, e *Vidas dos artistas*, de Giorgio Vasari (1550) — e avaliar a possibilidade de entender algumas de suas biografadas como artistas, sob o viés da História Comparada. Elementos como: origem geográfica, linhagem e talento (saberes e práticas), bem como descrições físicas e psicológicas e o enredo das biografias participam da constituição da identidade da personagem biografada. Com “controlado anacronismo”, sustentamos por fim que há um perfilamento das biografadas como artistas por meio da menção à formação, obras e sua memória, tipificação da arte, singularidade e sociabilidade. Reconhecer as biografadas como artistas renova o entendimento de sua originalidade, integrada aos movimentos de individualização perceptíveis no recorte.

Palavras-chave: biografia; artista; mulher; Baixa Idade Média.

Abstract: This article aims to understand the biographical genre based on three documents produced and circulated in the Mediterranean between the 13th and 16th centuries — the vidas of the trobairitz in Occitan songbooks; the *collection De mulieribus claris* (c. 1360), by Giovanni Boccaccio, and *The Lives of The Artists* (1550), by Giorgio Vasari — and evaluate the possibility of understanding some of the biographed women as artists, from the perspective of Comparative History. Elements such as geographic origin, lineage, and talent (knowledge and practices), as well as physical and psychological descriptions and the plot of the biographies participate in the constitution of the identity of the biographed character. With “controlled anachronism”, we finally argue that there is a profiling of the biographed as artists through the mention of training, works and their memory, typification of art, uniqueness, and sociability. Recognizing the biographed as artists renews the understanding of their originality, integrated with the individualizing movements perceptible in the search clipping.

Keywords: biography, artist, woman, Late Middle Ages.

Prolegômenos

Entre o século XIII, passando pelo contexto que forjou o emprego da expressão “Idade Média” até o alvorecer da Época Moderna, floresceu entre o sul da França e a Península Itálica um conjunto de biografias que tiveram como protagonistas homens e mulheres que dominavam certas técnicas e as empregaram para a composição de obras que não teríamos a menor dúvida hoje de chamá-las obras artísticas. Então, em primeiro lugar, as sociedades que valorizaram a memória e a obra desses homens e dessas mulheres se engajaram na construção de biografias. Essas narrativas reúnem elementos para a definição da identidade de um personagem: um conjunto de escolhas reveladoras do que as sociedades consideraram importante salvar da fome do tempo sobre o indivíduo. Por outro lado, o conjunto de saberes e técnicas que foram reconhecidos no contexto da elaboração das biografias como um feixe que singularizou os homens e mulheres biografados poderia qualificá-los e qualificá-las como artistas? Este artigo tem um duplo objetivo: compreender os elementos escolhidos pelos biógrafos para a construção da identidade das pessoas biografadas e analisar a possibilidade de o domínio de saberes e técnicas por parte dessas pessoas poder ser entendido dentro do espectro da arte.

Dentro desse escopo, interessam-nos particularmente as biografias de *artistas mulheres*. Essas biografias integram três conjuntos de autoria e intenções compositivas distintas, mas que têm em comum a produção e a circulação mediterrânica entre os séculos XIII e XVI. Estamos falando das *vidas*¹ dos *troubadours* e das *trobairitz*² inscritas em uma vintena de cancioneiros do domínio linguístico occitano; da coletânea de biografias de mulheres *De mulieribus claris*, composta por Giovanni Boccaccio na década de 1360, e das *Vidas dos artistas*, de Giorgio Vasari, com primeira edição em 1550. Esses três conjuntos manifestam de modos distintos a articulação entre as categorias de constituição identitária — gênero (mulher) e ocupação (artista) — que interessa a este artigo. Em princípio,

¹ *Vidas* em itálico refere-se às biografias dos poetas e das poetisas.

² *Troubadour* é o trovador/poeta do sul da França, enquanto o *trouvère*, o poeta do norte da França. *Trobairitz* é a trovadora/poeta do sul da França.

todas as biografias dos cancioneiros occitanos e da obra de Vasari são de pessoas que dominam (e são reconhecidas por isso) certos saberes e técnicas “artísticas”, e algumas são de mulheres. Na coletânea de Boccaccio, todas as biografias são de mulheres, mas suas ocupações e talentos são distintos.

Se a classificação de um indivíduo como homem ou mulher não apresenta muitos problemas metodológicos no contexto desta reflexão (já que a taxonomia binária sexo/gênero que rege a cultura ocidental pouco mudou entre o período de produção das biografias e o momento em que escrevemos este texto), o mesmo não acontece com a classificação "artista". Vasari facilita nossa vida ao informar antecipadamente, já no título, que seus biografados são arquitetos, pintores e escultores, ou seja, pessoas que exerciam profissionalmente uma das três excelentíssimas *arti*.³ Para encontrar as mulheres nesse conjunto, basta buscar por aquelas (no caso, aquela) que o autor designa como mulher (pelo nome próprio, pelo substantivo "mulher", pela declinação gramatical no feminino etc.). Nas *vidas* dos cancioneiros occitanos, a identificação das mulheres obedece a esse mesmo procedimento. Resta o problema do entendimento acerca do domínio e do reconhecimento de saberes e técnicas: podemos dizer que *troubadours* e *trobairitz* são artistas? Em princípio, entendemos que sim, mas essa qualificação, como vimos, é um dos aspectos que está sob discussão nesta proposta. Quanto ao *De mulieribus claris*, que poderia ser traduzido como *Sobre as mulheres famosas*, em português, título e autor nos informam que se trata de biografias de mulheres. Buscar as artistas nesse conjunto de mulheres é um procedimento mais complexo do que buscar as mulheres dentre os artistas dos cancioneiros occitanos. Nestes, se conseguirmos qualificar o trovador como artista, tal classificação poderá ser estendida a todas as biografias da coletânea. Já na obra de Boccaccio, as biografadas dominam diferentes saberes e técnicas, assumem distintos papéis sociais e mesmo ocupações, algumas nomeadas (rainha, princesa, pintora, poeta etc.), outras apenas descritas. "Artista" não aparece em nenhuma dessas nomeações ou descrições.

³ As três “artes” aparecem no título da obra em italiano: *Le vite de' più eccellenti pittori, scultori e architetti, da Cimabue insino a' tempi nostri*. No proêmio à obra essas atividades são referidas como *arti* (VASARI, 1986, p. 17), plural de *arte*, em italiano, ainda que não haja precisamente o designativo “artista” para as pessoas que as exerciam.

Consideradas essas distinções entre as fontes, resolvemos da seguinte forma o problema da seleção de biografias de artistas mulheres a serem analisadas neste artigo: das obras que tratam exclusivamente de "artistas", ou seja, as *Vidas dos artistas* e as *vidas* nos cancioneiros occitanos, selecionamos aquelas que os próprios textos designam como mulher; da obra que trata exclusivamente de mulheres, ou seja, o *De mulieribus claris*, selecionamos aquelas que, segundo o entendimento que ensejamos construir, classificamos como artistas. Compõem o *corpus*, então: de *Vidas dos artistas*, a escultora Properzia de' Rossi;⁴ dos cancioneiros occitanos, as *trobairitz* Maria de Ventadorn, Iseut de Chapieuf, Almois de Châteauneuf, Azalaïs de Porcairagues, Condessa de Dia, Casteloza, Lombarda e Tibors⁵; do *De mulieribus claris*, as poetas Safo, Cornificia e Proba, as pintoras Tamires, Irene e Márcia (também escultora), e as "intelectuais" Leontina, Semprônia e Hortênsia.⁶

Esse *corpus*, submetido à análise, ajuda-nos a entender se os saberes, técnicas e talentos que os biógrafos atribuíram às mulheres podem ser entendidos como pertencentes ao espectro da arte, permitindo, então, que qualifiquemos – ou não – as mulheres dessa seleção como artistas.

Para dar prosseguimento a essa proposta, começamos por tratar da relevância de nos concentrarmos sobre artistas *mulheres*. Apesar de estudos como os de Silvia Federici (2017) destacarem a participação e mobilização social e laboral das mulheres no tardo-medieval europeu (citando, inclusive, episódios específicos norte-italianos e occitanos), é arriscado afirmar que a atenção dada pelos biógrafos às personagens femininas se tivesse devido, necessariamente, a uma mudança na visão do papel social da mulher. Margaret Franklin, por exemplo, discorda de leituras contemporâneas que veem em Boccaccio um autor subversivo, sensibilizado pelas desigualdades de gênero da sociedade da época. Para a autora, essas marcas que muitos viram como progressistas, e que são contraditórias às

⁴ Para as citações a essa biografia, adotamos a edição brasileira (VASARI, 2011), daqui em diante referenciada como VA.

⁵ Para as citações a essas biografias, adotamos a edição brasileira de Marcella Lopes Guimarães (2021), daqui em diante referenciada como CO.

⁶ Para as citações a essas biografias, adotamos a tradução em português ainda inédita de Adriana Tulio Baggio (BOCCACCIO, 2024, no prelo); os dados de referência, porém, remetem à passagem correspondente na tradução inglesa de Virginia Brown (BOCCACCIO, 2001), daqui em diante referenciada como DMC.

admoestações e moralismos misóginos igualmente presentes nos relatos boccaccianos, indicam que o biógrafo teria, na verdade, cooptado as histórias de mulheres não convencionais com o intuito não de subverter, mas de manter a ordem vigente na Florença do século XIV (FRANKLIN, 2017, p. 8). Poder-se-ia continuar longamente o debate a respeito das motivações do autor e do sentido do destaque dado a mulheres em papéis sociais incomuns. Porém, independentemente da variação dessas abordagens, o fato é que a existência de biografias de mulheres seculares em conjuntos selecionados de personagens é uma novidade na virada do Medievo para o Renascimento. Essa constatação não é posterior: está presente em testemunhos da época, como os do próprio Boccaccio.⁷ Portanto, voltar os olhos a essa novidade responderia à necessidade de compreendê-la no contexto e responderia também à necessidade de aferição do quanto a inserção das mulheres nos conjuntos biográficos colaboraria para o entendimento da categoria “artista”.

O modo específico de enfrentar esse duplo objetivo – da construção da identidade das biografadas nas narrativas e da categoria artista – vincula-se ao campo de estudos da História Comparada, compreendida por nós como um campo agregador: frequentado pela interdisciplinaridade e pela família de abordagens relacionais.⁸ A História Comparada é um campo definido pela abordagem, bastante expressivo no Brasil, com Programa de Pós-Graduação⁹ e publicações de destaque. O problema da construção da identidade do personagem e do conceito de artista espraia-se no espaço e no tempo, ou seja, desprende-se das fronteiras artificiais

⁷ No prólogo de *De mulieribus claris*, Boccaccio reivindica para si o lugar de pioneiro ao ser o primeiro de sua tradição a trazer mulheres ilustres à memória: "Alguns antigos escreveram já há muito tempo e brevemente livros dos homens ilustres. No presente, o famoso homem e excelente poeta Francesco Petrarca, nosso preceptor, mais amplamente e com mais agudo estilo fez dignamente um volume destes. [...] Mas muito me admirei do tão pouco apreço que obtiveram de tais homens as mulheres ao não conseguirem qualquer graça de memória em nenhuma particular descrição, [...] De onde, para que não sejam fraudadas do seu mérito, veio-me em ânimo reunir aquelas das quais se pode recordar e fazer em sua honra uma memória, e a estas acrescentando muitas outras; [...]. (DMC, p. 9).

⁸ Pensamos como Barros (2014, p. 95-96), quando propõe que “Os ‘procedimentos relacionais’ – comparativismo, interconexão, entrelaçamento, cruzamento, apreensão de dinâmicas transnacionais – podem perfeitamente encontrar abrigo nas linhas de pesquisa de laboratórios e associações de historiadores preocupados em não se deixar imobilizar pela rigidez dos recortes historiográficos tradicionais.”

⁹ O Programa de Pós-Graduação em História Comparada na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

entre Idade Média e Época Moderna e desloca-se entre reinos e cidades em que os biografados se movem: porque se deslocaram literalmente ou porque sua memória – como “exemplo” e como vértice para o qual confluem os modelos da realização do biógrafo – se espalhou. Trata-se de um exame de recorte múltiplo (no tempo e no espaço), caro à História Comparada Problema.

Sobre a categoria *vida*

De partida, interessa-nos os sentidos e a ambiguidade do substantivo *vida* em português, em occitano e em italiano: ele abrange a existência e o gênero biográfico. Por existência, compreendemos tanto o que subsiste de forma empírica e histórica, quanto a manifestação/inscrição do personagem no texto; no caso do gênero biográfico, lembramos que homens e mulheres que viveram na temporalidade abarcada por esta reflexão tinham uma tradição inscrita na Antiguidade a que se reportar para reivindicar a categoria.

Na Idade Média, a *vida* como gênero biográfico encontrou a narrativa exemplar da trajetória de um santo ou de uma santa, ou seja, a hagiografia,¹⁰ e esta também não se identificou com a história. A hagiografia busca narrar uma existência de exceção, tocada pela experiência mística. Inscrita como *vida* de santo, ela se associou originalmente às Actas de martírio e paixões (SILVA, 2016, p. 55). A princípio, a literatura hagiográfica contemplou os mártires, mas com o apaziguamento entre a Igreja e os poderes políticos ainda na Antiguidade Tardia, a hagiografia se voltaria àqueles que fustigavam o corpo em nome de uma espiritualidade exigente, de busca ascética. Assim, a narrativa foi ao encontro de anacoretas e monges rigorosos que combateram o demônio, que enfrentaram invejosos e heterodoxos (em relação aos seus princípios), que realizaram milagres em vida, e que foram destemidos em relação aos duros enfrentamentos da sua vida.

¹⁰ Hagiografia é a narrativa da vida de um santo ou de uma santa, uma espécie de biografia, mas muito específica, pois ela tem como protagonista um indivíduo reconhecido como santo ou santa por quem escreve o texto, o hagiógrafo, e pelo comitente do texto. A biografia é a narrativa da vida de alguém tão somente, seu protagonista pode ser um príncipe, um mercador, um rei, um poeta ou uma *trobairitz*.

As hagiografias colaboram para o prestígio de certos pontos marcados em um “mapa de santidade”, que são assinalados pela trajetória do protagonista. Esses textos que servem de inspiração aos devotos e aos peregrinos não permaneceram, por sua vez, imutáveis às transformações de um público que precisou deles. Então, eles colaboraram para identificar espaços, construir identidades locais e para edificar gentes no tempo. Jean-Claude Schmitt reconhece uma transformação no gênero em torno do século XII, que corresponderia “a um movimento geral de individualização, de progressão da ‘consciência de si’” (DOSSE, 2009, p. 145). É justamente o contexto em que a poesia occitana floresceu e que ofereceu os elementos para os biógrafos dos cancioneiros occitanos construírem as biografias que trazemos para este artigo. Note-se que Radegunda é santa local de espaço geográfico importantíssimo para a poesia occitana, a cidade de Poitiers, onde viveu o primeiro trovador conhecido, o Duque Guilherme IX da Aquitânia.

Augusto Vasina (2003, p. 323-325) assinala no mesmo contexto uma crescente atenção à individualidade e à vida de pessoas pertencentes a uma estrato médio formado por artesãos, intelectuais e comerciantes, e a localiza especialmente na produção de cronistas e biógrafos que viviam nos centros urbanos da região centro-norte da Península Itálica, cujas condições sociopolíticas eram distintas das de outras regiões itálicas (como o Sul monárquico) e europeias transalpinas. Diferentemente destas, as classes produtivas daquelas cidades teriam experimentado uma organização governamental que ampliava relativamente sua participação política e mobilidade social. Isso ajudaria a explicar a profusão norte-italiana de relatos cronísticos e biográficos centrados em “pessoas comuns”. Destaque-se que os condes da região do Languedoc também enfrentaram reivindicações semelhantes em seus domínios. Ora, o resgate dos poemas, a redação das biografias dos poetas e a composição dos mais completos cancioneiros occitanos ocorrem justamente na porção norte da Península Itálica, de onde se origina também a coletânea *boccacesca* de biografias de mulheres.

Assim, quando os biógrafos dos cancioneiros occitanos elaboraram as *vidas* dos trovadores e trovadoras tinham já à sua disposição uma tradição em constante reelaboração no tempo — no jogo entre inovação e sedimentação (RICOEUR, 2010, p. 119) —, conheciam novos protagonistas das *vidas* de santos, alguns deles

nascidos em centros urbanos, filhos de mercadores (é o caso de Francisco de Assis), eram partícipes das transformações de seu contexto, mais atentos à consciência de si, e sabiam muito bem que sua narrativa estava desvinculada do gênero histórico, cujos elementos conheciam e talvez apreciassem.

Então, nesse contexto em que o indivíduo encontra a sua originalidade no grupo a que pertence (GOUREVITCH, 2006, p. 621) e em que a categoria de *pessoa* é mesmo inscrita no texto, a vida é o contrário da morte:

E saup qu'ella era la comtessa, e mantenent recobret l'auzir e-l flairar, e lauzet Dieu, que l'avia la vida sostenguda tro qu'el l'agues vista; et enaissi el mori entre sos bratz.

E ele soube que ela era a condessa e, logo, recobrou a audição e o olfato, e louvou a Deus, por ter-lhe conservado a sua vida até que a visse, e assim morreu entre seus braços. (CO, p. 52)

A *vida* é narrativa biográfica, como atesta o emprego da palavra nessa acepção nos cancioneiros. Exemplo: o cancioneiro R (BNF 22543), Cancioneiro de La Vallière ou d'Urfé, demarca o início das biografias com o emprego da palavra. E é também modo de viver:

E la soa vida si era aitals que tot l'invern estava en escola et aprendia letras, e tota la estat anava per cortz e menava ab se dos cantadors que cantavon las soas chansos.

E sua vida era tal que, todo o inverno, ele estava na escola e ensinava as letras, e todo o verão, ela andava pelas cortes e levava com ele dois cantores que cantavam as suas canções. (CO, p. 56)

O modo de viver agenciado no texto é a intriga: “a composição da intriga é a operação que tira de uma simples sucessão uma configuração” (RICOEUR, 2010, p. 190). No conjunto biográfico dos cancioneiros occitanos, há pelo menos dois tipos de biografias: as biografias de personagem e as biografias de intriga (GUIMARÃES, 2021, p. 190). Chamamos de biografia de personagem a narrativa preocupada com a *pessoa* (categoria que está inscrita nas biografias) e que reúne elementos para a identidade do personagem, com presença de verbos de estado, ou mesmo de verbos de ação que revertem em características próprias do personagem. É uma biografia esvaziada de ação. Chamamos de biografia de intriga, por outro lado, a biografia em que o enredo é formado por situações em que o biografado toma

parte também como personagem, ao lado de outros, ou seja, em que o biografado tem um pertencimento duplo: é protagonista da sua vida e de situações ficcionais reunidas pelo biógrafo para desdobrar a narrativa.

Se pensarmos nas biografias de personagem e nas biografias de intriga a partir de sua organização e da tipologia textual proposta por Jean-Michel Adam (2019), veremos que as biografias de personagem se caracterizam pela predominância de sequências textuais descritivas, e que nas biografias de intriga predominam as sequências textuais narrativas (BAGGIO, 2021a). Sequências descritivas são aquelas em que se enumeram as partes e as propriedades do que se está apresentando ou descrevendo. Nesse tipo de sequência podem entrar também a descrição de ações realizadas pela personagem, mas sem que, necessariamente, isso implique a sua classificação como sequência de tipo narrativo. A descrição da ação, na sequência descritiva, está a serviço da caracterização da personagem, e não da sua colocação como sujeito de um enredo. Como ressalta Adam (2019, p. 111), "Da descrição de ações à narrativa, há apenas um passo, mas de significativas diferenças, [...]". Nas biografias de intriga, por sua vez, nota-se que as ações vividas pela personagem estão estruturadas como intrigas, ou seja, em sequências caracterizadas por uma situação inicial, um nó complicador, uma reação — Adam (2019, p. 134) grafia *re-ação* — a esse nó ou uma avaliação dele, a resolução ou desfecho da complicação e a situação final resultante, sequência que Adam (2019, p. 136) chama de narrativa. Não é raro que a parte central desse esquema – a reação ou avaliação do nó complicador – constitua, ela mesma, uma outra sequência completa, procedimento que, em termos textuais, corresponde a uma ação dentro da ação (ADAM, 2019, p. 134-135). Tal esquema textual parece caracterizar as biografias em que o biografado é personagem não apenas da própria vida, mas também de situações episódicas no contexto dessa *vida*, e que Guimarães (2021, p. 190) chama de pertencimento duplo do personagem. Voltar os olhos à intriga nas biografias que trazemos a essa reflexão, ou seja, analisar o enredo da narrativa,¹¹ é fundamental para perceber as escolhas, a seleção, as

¹¹ Ainda que tenhamos trazido as categorias de biografia de personagem e biografia de intriga no caso do cancionero occitano a este artigo, a observação que fazemos aqui leva em conta que mesmo as biografias de personagem, em que há predominância de sequências textuais descritivas,

hierarquizações e juízos realizados pelos biógrafos no momento em que assumiram a tarefa de delinear a identidade do biografado e da biografada, ou seja, a identidade do personagem.

Já sabemos que boa parte dos cancioneiros que compilam as *vidas* foi realizada na Itália e uma das maiores evidências do quanto essa tradição foi imediatamente absorvida, para além de poetas italianos assumirem o occitano, é a obra de Dante Alighieri (1265-1321). O poeta estrutura a *Vita Nuova* com biografia, poesia e comentário, ou seja, como os cancioneiros que compilaram as *vidas* e *razos* se estruturavam. Dante valorizou o gênero biográfico em sua obra e teve um grande biógrafo, Boccaccio (2021). No *De mulieribus claris*, escrito nos anos 1360, portanto bastante próximo tanto da época quanto dos locais de compilação dos cancioneiros onde encontramos as *vidas* dos trovadores e das trovadoras, é possível surpreender Boccaccio mantendo elementos que fazem parte do rol de escolhas dos biógrafos do cancioneiro occitano: origem geográfica; enredo; descrição física; descrição psicológica; morte e sepultura. Para o caso mais especial de biografias de mulheres “artistas”, sobressaem outros elementos que são também perceptíveis em algumas biografias occitanas: mobilidade (geográfica); talento/trabalho; linhagem; sociabilidade e retribuições materiais. Boccaccio não chama de *vida* a sua coleção de biografias¹² (talvez porque seu método de pesquisa e composição manifestem claramente uma pretensão histórica), mas o não emprego do substantivo não significa o afastamento de uma tradição, como a manutenção dos elementos prova. Há outras particularidades do conjunto de Boccaccio. Ele busca, na medida do possível e de seu conhecimento, definir a época em que viveu a sua biografada e revelar seu legado. Também se entrega a digressões que podem ser bastante extensas. As primeiras particularidades têm mais a ver com a intencionalidade histórica, a segunda com a exemplaridade.

também possuem enredo, de forma mais ampla, como elemento estruturante das narrativas. Esse entendimento que se volta ao elemento estruturante é o que subjaz à análise realizada na sequência.

¹² Boccaccio escreveu o *De mulieribus claris* em latim. Nos metatextos da obra, ou seja, nas seções em que o autor comenta o próprio trabalho – dedicatória a Andrea Acciaiuoli, o prêmio aos leitores e a conclusão –, a coletânea de biografias é referida com termos que evocam mais a materialidade do suporte do que o gênero discursivo/textual. São termos, por exemplo, como *libellum*, *opusculi* e *libros*, traduzidos por Virginia Brown (BOCCACCIO, 2001, p. 2-3; 8-9) respectivamente como *slim volume*, *little book* e *biographies*.

Todos esses elementos são convocados pelos biógrafos para a constituição da identidade das personagens e, no caso específico do *corpus* que selecionamos, para a constituição da identidade de mulheres que estamos entendendo como artistas. Para analisar como esses elementos constroem ou não o conceito de artista, organizamos as informações biográficas em um modelo elaborado em equipe, que revela convergências e decanta diferenças que vamos reunir. O instrumento (quadro 1 a seguir) nasceu da investigação (GUIMARÃES, 2019) da coleção de biografias do cronista castelhano Fernán Pérez de Guzmán (1378-1460), intitulada *Generaciones, semblanzas e obras*, e foi reelaborado na disciplina de História, Cultura e Poder II, ministrada pelas autoras no ano de 2022 no Programa de Pós-Graduação em História da UFPR.¹³ As fontes que guiaram a reelaboração do quadro foram:

1. as *vidas e razos* (de *trobairitz*) do cancionero occitano (CO);
2. as biografias de mulheres do *De mulieribus claris* que estamos considerando como artistas (DMC);
3. as biografias de Vasari, não exaustivamente, incluída aqui a biografia da escultora Properzia de' Rossi (VA).

¹³ Foram partícipes do processo de reelaboração do instrumento os alunos e as alunas do Programa de Pós matriculados na disciplina, que passamos a nomear: Alaercio Bremmer Maia, Bruno Stori, Emanuel Messias Conceição dos Santos Barreto, Eurizando Gomes Caomique, Felipe Benevenuto Kuzma, Lavinia Schena, Leonardo Girardi, Nicolas, Hecke Krüeger, Roberta Macedo da Gama Bentes, Talita dos Santos e Victor Gava Kamigashima. Esta nota manifesta reconhecimento e agradecimento por nossas trocas acadêmicas.

Quadro 1 — Presença de elementos de composição de biografias de artistas mulheres nos conjuntos cancionero occitano, *De mulieribus claris* e *Vidas de artistas*.

Biografadas	Categorias										
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Casteloza (séc. XIII)		•			•	•	•				
Azalaïs de Porcairagues (séc. XII)		•	•				•				
Condessa de Dia (sécs. XII ou XIII)					•	•	•				
Tibors (século XIII)		•	•				•				
Maria de Ventadorn (sécs. XII e XIII)		•	•			•	•			•	
Lombarda (séc. XIII)		•	•			•	•			•	
Almuc de Castelnou e Iseut de Capio (sécs. XII e XIII)										•	
Safo (VI a.C.)		•	•	•	•	•	•			•	•
Tamires (V a.C.)	•	•	•	•	•						•
Irene (?)	•	•	•	•	•						•
Leontina (IV a.C.)	•	•	•	•	•		•			•	•
Márcia (II-I a.C.)	•	•	•	•	•		•	•		•	•
Semprônia (II-I a.C.)	•	•	•	•	•	•	•			•	•
Hortênsia (I a.C.)	•	•	•	•	•		•			•	•
Cornifícia (I a.C.)	•	•	•	•	•		•				•
Proba (séc. IV)	•	•	•	•	•		•			•	•
Properzia de' Rossi (séc. XV-XVI)	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•

Fonte: as autoras e colaboradores com base em Guimarães (2021), Boccaccio (2024, no prelo), Boccaccio (2001) e Vasari (2011).

Legenda:

Grupos: vermelho = CO; laranja = DMC; amarelo = VA.

Categorias: 1 = tempo em que viveu; 2 = origem geográfica; 3 = talento/trabalho; 4 = legado/memória; 5 = linhagem; 6 = descrição física; 7 = descrição psicológica; 8 = morte; 9 = sepultura; 10 = enredo; 11 = digressão do biógrafo.

O quadro 1 destaca elementos e revela escolhas que emergem da leitura das biografias de mulheres que propomos chamar de artistas, entre os séculos XIII e

XVI. É importante ressaltar, porém, que os elementos reunidos não são exclusivos das biografias de mulheres: eles estão presentes nas biografias elaboradas por Guzmán, quase todas de homens, e também nas biografias dos trovadores do cancionero occitano. Então, uma primeira constatação é a de que os biógrafos não fizeram escolhas exclusivas para elas: quer tenham sido trovadores, trovadoras, quer pintores e escultores, podemos encontrar uma preocupação em definir origem geográfica do biografado ou da biografada, de realizar descrições físicas e psicológicas. Alguns elementos sobressaem por sua constância no espectro temporal e no perímetro cultural em exame, são eles: 2) a origem geográfica da biografada; 3) o talento, ou seja, saberes e práticas que a biografada domina; 5) a linhagem a que as biografadas pertencem; 6 e 7) as descrições físicas e psicológicas e o 10) enredo, ou seja, a intriga em que a biografada comparece como personagem. A completa ausência de referência temporal para enredar a vida das trovadoras não pode nos iludir nem quanto ao desprezo da categoria para as mulheres nem quanto ao desprezo em geral. Na verdade, os biógrafos do cancionero occitano incluem referências temporais, mas elas são muito sutis, como no caso dos trovadores mais antigos, que não concebiam cantigas – *cansos* –, apenas versos – *vers* –, casos de Cercamon, Peire de Valeira e Jaufre Rudel, ou de Guiraut de Borneill, reconhecido na época como um mestre dos trovadores (GUIMARÃES, 2021, p. 56). Mas é fato que a categoria é um elemento eventual no caso dos biógrafos do cancionero occitano e um elemento constitutivo das biografias dos outros conjuntos.

Elemento constante da constituição da identidade das biografadas é o vínculo de natura. Se extrapolarmos para as biografias dos homens elaboradas por Guzmán, por Vasari e aquelas do cancionero occitano, podemos verificar que o elemento é constitutivo para eles também. No perímetro cultural que examinamos, convivem relações de poder heterogêneas: sociedades marcadas pelo senhorio, em que se manifesta a dominação aristocrática do espaço e dos homens; em que vigoram relações pessoais, de entrega, de colaboração, de proteção, de serviço e benefício; de conquistas das elites municipais frente aos altos senhores, de negociação e rivalidades, então o apreço dos biógrafos pela declaração da origem geográfica dos biografados aponta para a relevância da informação ao lado das

diversas redes de sociabilidade. No caso do cancionero occitano, o dado de natureza supera os apontamentos de uma presença muito importante nos textos: a das cortes de proteção. Os biógrafos desse conjunto e dos outros conjuntos oferecem dados de sociabilidade (dos quais excluímos a “família nuclear”, que relacionamos à linhagem), tais como: proteção, prestação de “serviços”, menção aos amigos/companheiros, mestres, concorrentes, mas nem esses são tão importantes quanto a anotação da origem geográfica da biografada. Da rede de relações pessoais, certamente é a congregada pela linhagem a que se destaca. Os biógrafos parecem dar importância bastante equilibrada à região em que a biografada nasceu e à sua linhagem.

Por vezes, os biógrafos consideraram relevante construir sequências textuais narrativas, transformando suas biografadas em personagens de novas intrigas. O quadro com os elementos revela que essa escolha foi uma escolha possível nos três conjuntos, ou seja, a estratégia não pode ser considerada uma evolução do gênero, nem sequer uma transformação. Se extrapolarmos para a leitura das biografias dos trovadores do cancionero occitano, a decisão por integrar o protagonista em uma intriga também não é geral, menos ainda para trovadores de maior prestígio social na sociedade.

Outro elemento em que se revela a identidade do biógrafo é a digressão. Mas para um dos conjuntos o elemento está completamente ausente. Na verdade, ele é muito sutil no cancionero occitano como um todo e sobressalente nos outros conjuntos. Em algumas biografias de Boccaccio, o espaço da digressão do biógrafo supera o delineamento da biografia específica da protagonista de um ponto de vista mais restrito, mas não de um ponto de vista mais amplo, visto que a digressão constitui a identidade como apreciação da existência trazida ao texto.

Talvez se possa entender o elemento enredo (10) também como uma espécie de digressão, pois o biógrafo se desvia do relato da vida da biografada, inserindo, nesse relato, uma outra narrativa na qual a biografada tomou parte. Ao contrário da digressão, porém, a função do enredo não é moralizante, função essa ausente do cancionero occitano e do compêndio de Vasari. Por outro lado, assim como ocorre na digressão, uma das “fontes” para o enredo é a subjetividade do biógrafo: a informação sobre o acontecimento narrado no enredo pode vir tanto

das fontes consultadas quanto da imaginação de quem o narra. O estatuto documental ou ficcional desse enredo não muda o fato de que o biógrafo narra porque sente necessidade de contar episódios ocorridos na vida das mulheres. A narração do enredo dá conta de aspectos das vidas que não podem ser expressos por outros elementos. Por exemplo, ao narrar um episódio do qual a biografada é personagem, o biógrafo consegue “comprovar” outros elementos, como a nobreza advinda do vínculo de natura e familiar, as características físicas ou psicológicas, as atitudes diante do ofício que denotam gênio e talento.

Outro elemento que “comprova” o que nas biografias se diz dessas mulheres é o legado (4) que deixaram e a permanência da memória sobre seus feitos. As condições de produção dos conjuntos mais uma vez explica o porquê de tal elemento estar aparentemente ausente de um deles, que é o cancionero occitano. Ora, as biografias do cancionero acompanham o legado material dessas mulheres, que são as poesias que elas escreveram; desse modo, a referência informacional sobre o legado não precisa ser incluída no texto da biografia. É diferente do que ocorre com as biografias de Boccaccio. O autor assume ter selecionado mulheres famosas para o seu livro. A atribuição de “famosa” a uma personagem precisa ser lastreada em algo: o relato de um acontecimento, o registro de uma obra, ou a obra em si. Para o grupo das “artistas”, o legado que deixam não é, normalmente, o de grandes ações (boas ou más), e sim obras ou registros de obras. Como tais obras não acompanham a biografia — não há, junto às respectivas biografias, a reprodução de um poema de Safo nem de um quadro de Márcia ou de uma escultura de Properzia —, o que lastreia a fama dessas mulheres é a referência ao seu legado, seja por meio de obras concretas que sobreviveram ao tempo, seja pela lembrança delas que permaneceu após sua morte. Dessa morte (8), porém, raramente se tem notícia no conjunto em questão. Nesse ponto, as biografias de mulheres diferem daquelas dos homens, ao menos em um dos relatos que aqui nos servem de comparativo, que é aquele de Guzmán. Enquanto elemento na estrutura das biografias, a categoria morte pode se referir tanto à informação sobre a data ou condições da morte quanto à mera menção a ela. É nessa segunda configuração que aparece a única referência à morte no conjunto: Boccaccio afirma que Márcia permaneceu casta “até a morte”.

A questão da castidade é um aspecto interessante de se considerar entre os três conjuntos de biografias. A castidade poderia ser tratada como uma característica física (pois sua prova material seria a integridade do hímen), uma característica psicológica (constância, fidelidade, firmeza de caráter) ou a manifestação de certos tipos de sociabilidade. É sob essa terceira visada que abordaremos a castidade das mulheres, mas não agora. Por ora, tratemos das descrições físicas (6) ou psicológicas (7) presentes nos textos das biografias (quadro 2). Nota-se que descrições físicas estão quase que ausentes do conjunto de biografias de Boccaccio. Para esse biógrafo, a aparência das “artistas” não é muito relevante no contexto de suas vidas ou da fama que mereceram. Já o cancionero e Vasari destacam a beleza dessas mulheres e, no caso do primeiro conjunto, também os modos gentis, a graça e a alegria. Esses modos têm seu correspondente psicológico na bondade, na honra, no juízo, na sapiência e no espírito cultivado — esta última, característica que remete ao talento artístico, sobre o qual falaremos adiante. São traços de cuja suavidade e refino destoam um pouco o “disputada e obedecida” da *trobairitz* Tibors, que nos faz pensar em alguém respeitada não só pela via do amor, mas, eventualmente, também do temor, como é característico das figuras senhoriais.

Os adjetivos que descrevem as biografadas de Boccaccio já são mais enérgicos, e giram em torno de ânimo, engenho, paixão, ousadia, eloquência, capacidade de estudo. São características quase viris e, de fato, não são poucos os estudos (FRANKLIN, 2017; FILOSA, 2015-2016) que discutem as intenções de Boccaccio com a recorrência, nas suas biografias, da atribuição a mulheres desses traços considerados “masculinos”. Nesse sentido, a descrição de Properzia parece conjugar os dois modelos, pois ela é tanto bela e virtuosa quanto engenhosa, corajosa e apaixonada. Nas descrições de Boccaccio destacam-se também os aspectos negativos das personalidades, como a lascívia, a cobiça, a inveja e mesmo a ousadia. Mais adiante veremos que certos traços estão mais relacionados a algumas modalidades artísticas. De resto, esse inventário de características começa a delinear como se constitui a personalidade artística e o talento de artistas mulheres nos conjuntos que estamos analisando. Em linhas gerais, pode-se antecipar um contraste entre as artistas do cancionero e as de Boccaccio no que se

refere à personalidade, à sociabilidade e ao entendimento de talento.

Quadro 2 — Elementos da descrição física e psicológica apontados pelos biógrafos dos três conjuntos documentais

Biografadas	Marcadores de descrição física e psicológica
Maria de Ventadorn	Estimada, a que mais fez o bem e se resguardou do mal. Ajuizada. Portadora de um gentil e alegre meneio, sem artifício (OC, p. 229).
Azalaís de Porcairagues	Gentil dama e cultivada (OC, p. 81).
Condessa de Dia	Bela e boa (OC, p. 89).
Castelozza	Gentil dama, alegre, cultivada e bela (OC, p. 79).
Lombarda	Gentil, bela, graciosa em sua pessoa, cultivada (OC, p. 234).
Tibors	Cortês, cultivada, graciosa, muito sábia. Honrada por todos, disputada e obedecida (OC, p. 94).
Safo	Beleza florescente, fervor de ânimo, vivo engenho, estudiosa, apaixonada (DMC, p. 193-195).
Tamires	Maravilhoso engenho, artificiosa (DMC, p. 231-233).
Irene	Singular engenho, artifício, maestria, grande velocidade de engenho (DMC, p. 249-251).
Leontina	Suma força de engenho, valorosa no estudo, invejoso ânimo, lasciva ("meretriz") (DMC, p. 251-253).
Márcia	Casta, íntegra de mente, constante, engenhosa, mãos artificiosas, estudiosa (DMC, p. 275-277).
Semprônia	Bela, engenhosa, eloquente, de agradáveis costumes, presunçosa, lasciva, cúpida de dinheiro, esbanjadora (DMC, p. 329-333).
Hortênsia	Eloquente, vigorosa, ousada, de ânimo constante (DMC, p. 349).
Corniffcia	Ornada de ciência poética, mãos amestradas, engenhosa, estudiosa, solícita (DMC, p. 353-355).
Proba	Excelente nas artes liberais, amestrada, artificiosa, boa memória, estudiosa (DMC, p. 411-417).
Properzia de Rossi	Virtuosa, físico belíssimo, engenho caprichoso e destro, paciente, corajosa, apaixonada (VA, p. 591-593).

Fonte: as autoras com base em Guimarães (2021), Boccaccio (2024, no prelo), Boccaccio (2001) e Vasari (2011)

Sobre a categoria *artista*

Como já adiantamos, a palavra *artista* não aparece em nenhum dos conjuntos como designativo das biografadas que trazemos para esse artigo. No próêmio da edição Torrentiniana de *Vidas dos artistas*, Vasari propõe elementos gerais, tais como obra, trabalho, perfeição, fama, proteção de quem empreende a obra e necessidade de guardar a memória de quem a realiza, que integram claramente o que ele enreda para o biografado ou para a biografada que se consagra à arte, a saber: à arquitetura, à escultura e à pintura. Vasari segue uma lição medieval que identifica a arte a um saber técnico, com a palavra geralmente empregada no plural: *artes*, ligadas às atividades manuais (PEREIRA, 2010). Seria possível, com “controlado anacronismo” (ABIVEN, 2018), propor um entendimento do talento, das técnicas e das realizações que sobressaem nas biografias de mulheres do cancionero occitano e do *De mulieribus claris* como sendo arte e das biografadas como sendo artistas?

Antes de avançar na análise do que constitui o talento apontado nas biografias, julgamos oportuno assinalar duas preocupações no que se refere à operação dos conceitos: 1) a abordagem comparativa, que guia o presente artigo, reúne duas diferenças: as diferenças que passam pelas línguas no arco temporal e geográfico abarcado pelas fontes trazidas aqui e as que passam pelas línguas no tempo “presente” da escrita do artigo. O *carrefour* linguístico interdita de antemão uma única mediação, ou tradução. Mas a interdição enfrenta a aporia com a necessidade de explicar e comunicar os modos de viver dos homens e mulheres no tempo. É preciso trazer para a “hospitalidade linguística” (RICOEUR, 2012, p. 48-49) da historiadora e do historiador os fenômenos históricos, de forma a torná-los compreensíveis para outras temporalidades. O discurso do historiador e da historiadora é necessariamente eivado do outro, da outra, ou seja, da expressão das vidas estudadas, mas o resultado é um texto que demarca a sua diferença com essas vozes, explicando os fenômenos; 2) a segunda preocupação é, na verdade, uma questão: de onde vêm os conceitos da História? Em relação a essa questão, vale recorrer às respostas propostas por José D’Assunção Barros (2017, p. 6):

1) das fontes e das realidades examinadas; 2) do patrimônio conceitual consolidado pela historiografia; 3) da criação pessoal de historiadores, em obras específicas; 4) do patrimônio conceitual consolidado nas demais ciências humanas; 5) das migrações oriundas de outros campos do saber; 6) da vida comum de hoje.

Ou seja, nem há uma fonte exclusiva para os conceitos, nem a figura que compreende essas respostas no texto de Barros estabelece uma hierarquia entre elas, nem se propõe uma relação consecutiva, muito embora entre 2 e 3 exista essa relação, com destaque para o fato de que é 3 que alimenta 2. Interessa-nos aqui particularmente as respostas 2 e 3.

Em 1957, Jacques Le Goff enfrentou o risco do anacronismo quando propôs a categoria “intelectual” para “um homem cuja profissão seja escrever ou ensinar – ou melhor, as duas ao mesmo tempo –, um homem que tenha profissionalmente uma atividade de professor e de sábio” (LE GOFF, 1995, p. 21). A palavra era estranha às fontes. Evocando a reedição da obra 27 anos depois e os debates suscitados pela sua publicação, Igor Salomão Teixeira (2014) ressalta em balanço historiográfico: 1) a necessidade de Le Goff de acompanhar a reedição da obra de um prefácio, 2) a resposta negativa do medievalista francês à questão do anacronismo e 3) não deixa de trazer para seu balanço a declaração de Jacques Verger (1999, p. 15): “anacronismo outrora voluntária e brilhantemente assumido por Le Goff”. Teixeira também não esconde o fato de Verger propor (e assumir novo risco) outra expressão estranha aos documentos: “gentes de saber”. O fato é que, em ambos os casos, de Le Goff e de Verger, houve um esforço sistemático de construção das categorias e muito debate suscitado pelas proposições. Os conceitos de intelectual medieval ou de gente de saber não são casos raros entre os estudos medievais, mas são bons exemplos das respostas 2, 3 e 4, reunidas por Barros à problemática levantada sobre de onde vêm os conceitos em História.

Obviamente, o problema do anacronismo se coloca constantemente a quem deseje trabalhar com a categoria “artista” em textos medievais. O filólogo Francisco José Rodríguez Mesa, ao elaborar um par de estudos (RODRÍGUEZ MESA, 2018; 2019) sobre as pintoras biografadas por Boccaccio – Tamires e Irene, que também compõem o nosso *corpus* –, sente necessidade de destacá-las por meio da

atribuição de qualificativos profissionais, de ofício. Mas, nisso, também se debate com a questão terminológica. Para o estudioso, trata-se de

[...] mulheres *intellectuais* ou que, de qualquer forma, desenvolvem trabalhos de *estudo* ou de *criação* nos quais tradicionalmente foram os homens a se distinguirem. No que refere às *artistas* elencadas por Boccaccio na coletânea, além das pintoras Tamires e Irene é preciso citar as *poetas* Safo e Cornificia, as *litteratas* Leontina e Proba e a *escultora* e *pintora* Márcia¹⁴ (RODRÍGUEZ MESA, 2018, p. 94, grifos nossos).

Na categorização de Rodríguez Mesa, o trabalho intelectual é aquele que envolve estudo ou criação, e o trabalho artístico é um de seus exemplos ou derivações. São consideradas artistas tanto as pintoras e a escultora como também as poetisas e as literatas. O autor não inclui Hortênsia e Semprônia nessa categorização, mas nós o fazemos porque Semprônia era uma "artista" múltipla – literata, poeta, *performer* (cantava, dançava, declamava, atuava, fazia imitações) – e, Hortênsia, uma brilhante oradora, "gente de saber".

Se o emprego dos termos arte e artista para as mulheres que trouxemos a este artigo puder ser considerado anacrônico em um primeiro momento, pelo emprego das palavras, acreditamos que o exame detido do que constitui o talento delas – como reunião de saberes e domínio de técnicas destacadas na identidade das personagens – não significa que os biógrafos pensavam como nós – anacronismo decerto! – mas tem relação com o que qualificava um artista no espectro temporal em exame, que ultrapassa o que foi concebido – fora da Idade Média, é preciso lembrar – como Idade Média.

Criamos um quadro especialmente para esse segmento (que não será transcrito aqui por motivos de espaço), com dois eixos de observação em três colunas: identificação das biografadas, trecho em que se destaca o talento ou o trabalho da biografada e uma terceira coluna, pensada para abrigar uma observação rápida sobre o excerto trazido à segunda coluna. Depois de reunidas

¹⁴ Tradução nossa para: “[...] delle intellettuali o che, in qualche modo, svolgono dei lavori di creazione o di studio in cui hanno tradizionalmente spiccato gli uomini. Per quanto riguarda le artiste che Boccaccio annovera nella silloge, oltre a Tamari ed Irene, bisogna citare le poetesse Saffo (LVII) e Cornificia (LXXXVII), le letterate Leonzio (LX) e Proba (XCVII) e la scultrice e pittrice Marzia (LXVI)”.

todas as observações, depreendemos seis elementos que integram a identidade das biografadas como mulheres que detêm um talento, de forma inata ou não, e que são reconhecidas por uma obra:

1. formação e saberes cultivados;
2. a obra realizada, reconhecimento e o valor auferido;
3. a memória da obra;
4. tipificação da “arte”: poesia, pintura, filosofia, escultura;
5. ser “diferente”, singular;
6. sociabilidade/ relações/ rede.

Os biógrafos do cancionero occitano não trazem para as biografias das *trobairitz* nenhum dado a respeito de sua formação. Mas isso não é uma “falta” para as mulheres exclusivamente, pois também não temos elementos sobre a formação dos homens. Os sujeitos são trazidos “prontos”, acabados em suas realizações. Entretanto, há pistas sobre a formação das poetisas: elas são *enseignadas*, ou seja, cultas ou cultivadas. Os biógrafos empregam outro termo para os homens letrados, o termo é *letrat*, ou como Guiraut de Borneill: *savis hom fo de letras*, porque ele que foi melhor trovador, segundo o seu biógrafo. Homens nobres eram como as grandes damas *enseignados*, então qual é a diferença em relação a homens como Borneill? O manejo do latim, o vínculo com a cultura clerical. Guiraut de Borneill era clérigo, distribuía o que ganhava e era professor (no inverno ensinava, e no verão andava pelas cortes). Então, os biógrafos fazem a diferença entre uma cultura clerical, de base latina, e uma cultura cortesã, baseada no modo de viver e na expressão vernácula (GUIMARÃES, 2021, p. 44).

Boccaccio valoriza a formação e o engajamento da biografada em sua arte, esmiuçando onde os biógrafos do cancionero occitano calam, ou só dão uma pista. Safo nasceu de honestos e nobres pais, mas o “berço” não explica sozinho a exceção que ela foi no seu tempo. A exceção que marca a identidade da personagem é justamente seu apreço pelo estudo. Semprônia aprendeu letras latinas e gregas, e tanto aprendeu que “ousou”: “compor versos não ao modo de mulher” (DMC, p. 162). Proba foi instruída e familiarizou-se com os versos de Virgílio, com tanto empenho pessoal que o biógrafo destaca: “fazendo disso testemunho cada obra composta por ela, parecia sempre tê-los presente e na memória” (DMC, p. 203). O

engajamento nos estudos, entendido por nós como essencial da formação, aparece em Boccaccio também como uma diferença entre essas mulheres singulares e o conjunto de outras mulheres que ele compreende dedicadas à roca, aos fusos e a outras atividades “de fêmeas”.¹⁵ A admiração do biógrafo está toda pelas suas biografadas, pelas “outras mulheres” o texto não escamoteia o desprezo.

Boccaccio não sabe se a pintora e escultora Márcia aprendeu sua arte de algum mestre, mas reúne três elementos que nos interessam muito para a discussão do talento: a pintora e escultora tem dedicação, a virtude do engenho e se destaca pelo artifício de suas mãos. Ressaltamos o binômio *ingenium* e *artificium*, que em nossa leitura conjuga um talento talvez inato e o resultado prático do engajamento: da aplicação nos estudos, no trabalho, e finalmente o resultado que provém de suas mãos. Há algo assim no cancionero occitano? Há. Azalaïs de Porcairagues era *enseignada*, foi tocada pelo amor – condição essencial para a deflagração da poesia, segundo os biógrafos do cancionero occitano –, e *sabia trobar*. Por tudo isso, segundo o biógrafo, fez “muitas boas cantigas” (CO, p. 81). A trobairitz Tibors foi reconhecida também por sua vez como “fort maïstra”, grande mestra; Lombarda sabia compor. Cultura que se revela na escolha do termo *enseignada*, saber reconhecido pelo biógrafo e obra poética.

Na base do conceito de artista está o elemento obra. As biografias do cancionero occitano e Boccaccio reconhecem que as mulheres biografadas por eles conceberam e realizaram uma obra. O biógrafo do cancionero occitano afirma que a Condessa de Dia fez sobre o senhor (e trovador!) Raimbaut de Orange “muitas boas cantigas” (CO, p. 89) e informa que a trobairitz Lombarda fez “belas coblas amorosas” (CO, p. 234). A razão da existência dos cancioneros occitanos é atestar que essa obra existiu! As biografias do cancionero apresentam a obra, elas se nutrem das obras, por isso podem ser entendidas como biografias ficcionais - seu apreço pelo sucedido é bastante fluido, porque seu objetivo não era o sucedido. Então, a obra está no cerne da biografia. Safo, “por seu trabalho, alcançou tal grau que seus versos são famosos até os presentes dias”, “ela fez nova geração de versos” (DMC, p. 96); Leontina altercou-se contra Teofrasto, ora, era filósofa!, e fez

¹⁵ Para uma discussão sobre os usos de Boccaccio de termos que correspondem, em português, a mulher e fêmea, ver Baggio (2021b).

com a filosofia o que quis, para a surpresa do biógrafo e Márcia ultrapassou mestres da época, pois foi capaz de conservar “o feitio da sua face [da figura representada], que parecia a qualquer um do seu tempo aquela ser seguramente quem ela fosse” (DMC, p.136). Destaque-se que no conceito de obra podemos reunir a habilidade, pois Semprônia sabia dançar e cantar formosamente e Hortênsia era uma oradora que causava admiração.

As obras e as habilidades dessas mulheres biografadas tinham um desdobramento no quesito valor. O valor poderia se evidenciar como a proposição de uma estratégia com um claro objetivo, como a conquista desse objetivo, como a conquista de renome ou mesmo ter o sentido de valor de mercadoria. Segundo o seu biógrafo, a trobairitz Maria de Ventadorn foi “a mais estimada entre as damas do Lumousin” (CO, p. 229), a razão a princípio não parece relacionada à poesia, mas com seu discernimento, mas depois ela inclui a poesia claramente. No seu círculo cortesão, encontrava-se o trovador Gui d’Ussel, que havia perdido a sua dama. Ele se recusava a trovar e essa recusa gerava preocupação entre as damas desejosas de honra poética, dentre as quais a própria Maria. A propósito de uma altercação poética com seu cavaleiro fiel, Ugo lo Brus, Maria vê uma forma de trazer Gui d’Ussel à poesia: “fez-lhe uma cobla na qual lhe perguntou se era conveniente que o amigo tivesse tanta suserania sobre a dama quanto a dama sobre o amigo” (CO, p. 229). Maria de Ventadorn projeta o valor da poesia para mudar uma situação. De forma semelhante, atuam Almuc de Castelnou e Iseut de Capio. O objetivo é apaziguar Almuc e o senhor Gui de Tournon. Tanto no caso de Maria de Ventadorn, quanto no caso das amigas trobairitz, a poesia alcança o objetivo. Gui d’Ussel responde poeticamente e Almuc é demovida pela poesia de sua amiga. O caso é Márcia de Varrão indica claramente que o valor de mercadoria fez parte da avaliação do letrado: engajada nos estudos, superou seus mestres: “E disso foram patentíssimo argumento algumas tábulas que ela pintou e que tinham maior preço que as dos outros” (DMC, p. 275), porque ela claramente melhor do que os outros, segundo seu biógrafo. Destaque-se também o caso de Hortênsia, que com sua arte obteve diminuição de impostos (DMC, p. 349), um benefício não para si mesma, mas para outrem.

O valor como renome repercute na memória da artista e de sua obra.

Boccaccio consagrou-se a um projeto de biografar mulheres. Fez a sua escolha e, nessa escolha, entre rainhas, guerreiras, figuras bíblicas..., construiu biografias de mulheres que ele reputou por suas realizações: entre o talento inato, sua aplicação aos estudos e a singularidade de um resultado em domínios que não lhes eram habituais, em que rivalizaram com homens celebrados pelo domínio de técnicas semelhantes. Eventualmente esse resultado superou o resultado alcançado pelos homens, teve mais valor. A obra e seu valor ergueram essas mulheres: “[a pintora Tamires] conquistou singular glória na pintura a ponto de [...] ser conservada por longo tempo a sua figura pintada com a própria mão em uma tábula, custodiada como rara” (DMC, p. 233). Como vimos, Boccaccio não foi um pioneiro na elaboração de biografias de mulheres, mas, mesmo assim, o engajamento do biógrafo, que também se consagrou a Dante, em projeto biográfico, demonstra que a memória da vida de certas mulheres lhe interessava e preocupava a ponto de ele devolver ao seu meio o resultado de um inventário robusto. Dentro desse inventário, as artistas - mulheres consagradas à pintura, à filosofia, à escultura, à poesia, ao canto, à dança, à oratória - tiveram lugar e o seu trabalho e a sua obra foram a essência da identidade das personagens.

O leitor ou a leitora podem objetar que o domínio de uma técnica não faz de uma mulher uma artista, afinal, Pentesileia, rainha das Amazonas (também biografada por Boccaccio) concebeu uma técnica nova, o uso do machado, e nós não a incluímos aqui. As mulheres biografadas por Boccaccio e reunidas em nossa seleção estão claramente ao lado das artes liberais: “[a literata Proba] foi excelente nas artes liberais” (DMC, p. 413), como vimos familiarizou-se com a obra de Virgílio, o guia de Dante na *Comédia*...

A integração da poesia das trobairitz nos cancioneros ricamente compilados e a preocupação de elaborar biografias que introduzissem a obra às vezes um século depois da existência empírica e histórica das poetisas são as manifestações mais contundentes da memória dessa obra particular. Tanto Boccaccio quanto os biógrafos do cancionero occitano reconheceram que houve algo particular nas realizações das suas biografadas, que elas souberam reunir elementos disponíveis no seu contexto para produzir algo único, que mereceu permanecer a despeito da fome do tempo.

Essa busca pelas manifestações, nos textos das biografias, quanto àquilo que se refere ao talento ou ao trabalho artístico das biografadas, passa também pelas eventuais designações dadas pelo biógrafo à atividade exercida por essas mulheres, ou seja, pela tipificação da arte. No conjunto do cancionero, é interessante notar duas competências: *saber* compor e *fazer* cantigas e coblas. Aparentemente, elas homologam a distinção que já apontamos em relação aos talentos que Boccaccio identifica nas mulheres artistas: o binômio *ingenium* e *artificium*. O *saber* compor é fruto do engenho das *trobairitz*, mas esse saber não basta: é preciso dar-lhe concretude por meio do artifício, do *fazer* (cantigas, coblas). No cancionero, esse duplo processo recebe o nome de *trobar*, do qual derivam as designações *troubadour*, *trobairitz* e *trouvère* para a pessoa que realiza essa atividade.

Boccaccio designa duas biografadas como “poetas”: Safo e Cornifícia. Em Safo, ser poeta consiste em dominar uma série de competências que aumentam de grau de complexidade: “conjuguar as letras”, “pronunciar versos”, “descrever versos”, “fazer nova geração de versos”. O processo começa com juntar as letras para que formem sentido, depois ordená-las em versos e, por fim, criar uma nova forma de versificação. Safo atinge não só o conhecimento artístico, mas o meta-artístico. Cornifícia também compõem versos, mas, diferentemente de Safo, em relação a ela aparece o verbo “escrever”. À competência da composição e da declamação, junta-se o da escrita.

Há outras duas biografadas que “fazem versos”, mas não se atribui a elas o título de poeta. Uma é a “multiartista” Semprônia, cujo talento é apresentado no crescendo que vai do aprendizado das letras até a composição de versos, versos esses que, como os de Cornifícia, também são lidos. Da relação com a palavra escrita deriva a profissão ou o estatuto de “literato”, ao qual Semprônia é associada, ainda que não seja ela mesma designada dessa forma.

Poderíamos pensar que Semprônia não é chamada de poeta porque conjuga talentos de outras artes, ou porque Boccaccio tem opinião negativa sobre ela. Mas nenhuma das duas situações ocorre com Proba e, ainda assim, a ela também não é conferido o epíteto. Proba lê e memoriza os versos de Virgílio e depois os utiliza para descrever e compor o Velho e o Novo Testamento. Há o respeito às rimas e

aos pés dos versos, e para a feitura de tal obra são usados os verbos “compor” e “escrever”. Seria a falta de “originalidade” a causa de Proba não ser designada como poeta? Estaria começando a se manifestar aí um início da valorização não apenas do engenho e do artifício do artista, mas também da sua “imaginação”?

Quanto às “artistas plásticas”, Tamires é designada como pintora, e Irene como filha de um pintor, seguidora do mestre. De Márcia é dito que estudou pintura e entalhe, mas também ela não recebe as designações dos respectivos ofícios. Leontina não é chamada de filósofa, mas ela escreve, e quando Boccaccio critica esses escritos e sua atitude, o faz associando-os à filosofia. Hortênsia é apresentada como filha de um orador, de quem é seguidora com a mesma excelência, e o biógrafo elogia a sua oratória. Mas ela mesma não é apresentada como oradora.

Exceto por Safo, Cornifícia e Tamires, designadas pelas profissões correspondentes aos ofícios que realizam, às demais biografadas essa designação é negada. As designações existem, pois seus parentes masculinos, aos quais muitas vezes elas superam, recebem-nas como identificação. Seja por referência da fonte de onde colheu as informações biográficas, seja por algum critério particular, o fato é que Boccaccio recusa a algumas dessas mulheres a designação profissional da arte que elas exercem.

Quando exercem essas e outras artes, as mulheres de Boccaccio estão destoando do que se espera delas, estão se diferenciando do grupo, pois artes como a da pintura, a exemplo do que o biógrafo diz de Irene, são removidas do “engenho de fêmea”. Safo não se contentou *apenas* em conjugar as letras, fez algo (pronunciar versos) que é trabalhoso *mesmo* para homens; Tamires, como já vimos, desprezou as atividades domésticas das mulheres para se dedicar à arte do pai, a pintura, assim como Irene; Márcia também desprezou os ofícios femininos para se dedicar à pintura e à escultura; o engenho de Leontina foi singular; Semprônia fazia coisas não ao modo de mulher, parecendo “coisa nobre e laudável *mesmo* a um literato homem”; Hortênsia tinha uma eloquência que às vezes falta *mesmo* aos literatíssimos homens, e a eficácia de sua oratória fazia parecer que se tivesse transformado em homem; Cornifícia desprezou as artes femininas e dedicou-se ao estudo como um homem; Proba, por sua vez, teve ideias (compor o

Velho e o Novo Testamento com versos de Virgílio) que é de se admirar que tenham entrado no cérebro de uma mulher.¹⁶

No cancionero, as *trobairitz* também se destacam, mas sua singularidade não está apoiada, como no *De mulieribus claris*, em uma pretensa inferioridade das mulheres. Ou, se isso existe, é com uma feição muito mais sutil. De Azalaís de Porcairagues, de Tibors e de Lombarda diz-se primeiro que eram cultivadas, e a menção ao fato de que sabiam compor vem como uma adição a essa característica. O ser cultivada parece ser algo comum às damas, mas o saber compor seria uma excepcionalidade para seu gênero. Já a menção ao produto da composição não vem acompanhada de marcas linguísticas de exceção: Casteloza e a Condessa de Dia *fizeram* muitas cantigas, Maria de Ventadorn e Almuç de Castelnou *fizeram* coblas.

Retomando a distinção que apontamos anteriormente entre “engenho” e “artifício”, no caso das *trobairitz* notamos que o primeiro é o que aparece como uma singularidade no fazer artístico das damas, mas não o segundo. No caso das biografadas de Boccaccio, o fato de se dedicarem à arte já é uma excepcionalidade, que pode ser acentuada quando o resultado supera o dos homens; a competência manual, o artifício, é algo que as diferencia dos homens, mas o principal ainda é o engenho. Ao falar de Properzia de’ Rossi, Vasari segue parcialmente o caminho de Boccaccio, com elogios que travestem uma concepção misógina. Vasari reconhece o sucesso das mulheres sempre que elas quiseram “imiscuir-se” (*intrrometersi*) nos estudos. Ora, o verbo sugere uma “inserção” em um ambiente ou em um assunto que não é tipicamente afeito às mulheres. No caso de Properzia, a singularidade nem é tanto a de se dedicar à escultura, mas de o fazê-lo com materiais respectivamente rudes e ásperos como o mármore e o ferro (VA p. 1175). A diferenciação está, então, mais relacionada a aspectos naturais (forças físicas, resistência da pele) do que culturais.

Essa visão conjunta de três abordagens biográficas contribui para o desfazimento de algumas concepções a respeito do feminino e da atuação social da mulher no ocaso do medievo e na alvorada na época moderna, não só em termos

¹⁶ Aos olhos de hoje, são concepções misóginas travestidas de elogios. Margaret Franklyn (2017) e Elsa Filosa (2015-16) aventam que a exortação das mulheres ao estudo e às atividades “mais nobres” tinha intenções políticas, e que fosse um modo de Boccaccio apelar aos homens de Florença que adotassem posturas mais alinhadas aos valores da República.

do que se esperava ou não que as mulheres fizessem, mas também em termos de relações sociais. Também nesse ponto as visões de Boccaccio e dos biógrafos do cancionero divergem bastante.

As *trobairitz* têm uma atuação artística e intelectual que não é alijada de seus papéis como damas da corte e como esposas de senhores. Casteloza é mulher de Turc de Meyronne, Condessa de Dia foi mulher do senhor Guilherme de Poitiers, Tibors era dama no castelo do senhor de Blacatz, Maria de Ventadorn tinha a sua própria corte. Apesar de casadas, suas cantigas e coblas são para outros homens (ou mulheres) que não seus cônjuges. O exercício artístico não tem como movente o contrato social do casamento, e sim o amor extraconjugal ou a amizade.

Boccaccio, por sua vez, parece ter alguma implicância com as “artistas” a respeito das quais menciona também episódios de sociabilidade que não a familiar. Falemos antes das que ele aprova: Tamires, Irene e Márcia, de quem se menciona apenas o pai; Márcia, que recebe a maior dessas três biografias, é também louvada por ter conservado a castidade mesmo sem obrigação para isso. Boccaccio chega a associar a esse traço o fato de Márcia ter retratado (quase) apenas mulheres, pois, como os modelos deveriam estar nus, se figurasse homens isso conspurcaria sua castidade (e se os figurasse vestidos, prejudicaria sua arte). Também Hortênsia e Corniffia são associadas apenas a parentes, a primeira ao pai, a segunda ao irmão. Já as artistas que convivem com homens são narradas de modo negativo, como é o caso de Leontina e Semprônia, duas intelectuais que se dirigem a audiências masculinas, com quem também mantêm relações carnais. Leontina trata de filosofia nos prostíbulos, Semprônia nas reuniões políticas.

Há duas exceções nessa regularidade observada em Boccaccio. Uma delas é o caso de Proba, que reconfigurou os versos de Virgílio para compor versões do Velho e do Novo Testamento. A literata é apresentada como “esposa de Adélfio” e seus feitos são “positivos”. A segunda é o caso de Safo, de quem não se apresenta qualquer informação de parentesco masculino. Assim como ocorre com as *trobairitz*, o movente de Safo para a poesia é o amor. Mais especificamente, a falta dele: ao ser rejeitada pelo jovem por quem é apaixonada, a poeta compôs versos *contra* ele, e de um modo que inaugura um novo estilo de poesia. Boccaccio também a vê de modo positivo.

Rejeição ao amor — ao menos na versão de Vasari — é também a motivação para o mais conhecido dos trabalhos de Properzia de' Rossi: uma cena entalhada em mármore que compõe uma das portas da Basílica de São Petrônio, em Bolonha. Nessa cena de inspiração bíblica, a mulher de Potifar, comandante da guarda do faraó egípcio, desesperada de paixão não correspondida pelo escravo José, tenta despi-lo enquanto ele se afasta. Para o biógrafo da escultora, Properzia teria escolhido a passagem em virtude de estar sendo ela mesma rejeitada por um jovem. O fato de a escultora ser casada não faz com que Vasari tenha opinião negativa sobre seu trabalho; ao contrário, a peça é elogiada e franqueia à artista um lugar entre os artesãos de São Petrônio.

Voltando aos juízos de valor de Boccaccio, o que parece emergir da relação entre tipo de arte e sociabilidade das mulheres é uma visão negativa sobre o fazer artístico e/ou intelectual que não é casto ou não é movido por amor: Leontina usa seu talento para criticar o filósofo Teofrasto; Semprônia participa da conspiração Catilinária. Ambas fazem um uso que se pode dizer “político” do próprio talento.

Na introdução da biografia de Properzia de' Rossi, Vasari compreende claramente a poesia no campo das artes e, portanto, compreende a poeta como artista. Estabelece uma hierarquia entre as manifestações artísticas, contrastando a delicadeza das mãos das mulheres e as coisas mecânicas em que elas também são capazes de empregar seu talento. O campo das letras está acima das coisas mecânicas. Os seis elementos que integram a identidade das biografadas apontados anteriormente também se manifestam em sua biografia. Destaque-se o fato de que Properzia de' Rossi é testada por um conjunto de construtores que ela deseja engajar em um projeto. Ela fala “por meio do marido” (VA, p. 592), mas precisa provar que é capaz de realizar uma tarefa. No século XVI, não há a menor dúvida de que artistas são tanto poetas quanto escultoras.

Conclusão

Este artigo perseguiu dois objetivos conjugados, a saber: 1) a reunião e a análise dos elementos constitutivos do gênero biográfico entre o medievo e o alvorecer da época moderna em três conjuntos documentais culturalmente ligados

ao ocidente latino e 2) o estudo sistemático dos elementos que qualificariam as biografadas como artistas nesses textos biográficos. Então, em primeiro lugar, tratou-se de desvelar as escolhas de biógrafos em um perímetro cultural mediterrânico e, por outro, avaliar se os saberes e práticas reunidos por eles nas biografias de mulheres permitiriam confrontar o anacronismo e chamá-las de artistas. Os objetivos foram enfrentados pelo viés da abordagem comparativa. A análise foi construída com o firme propósito de manter os três conjuntos de documentos “em diálogo” permanente. A novidade de biografar mulheres foi reconhecida na época de Boccaccio e interessa à História pelo universo de escolhas e preocupações que se espraiam pelas letras nos ambientes urbanos meridionais. A historiografia debate se as biografias desses conjuntos apontariam para a promoção das mulheres ou se colaborariam para manter a ordem vigente. O fato é que a novidade – afinal, esses conjuntos não são hagiografias, que já apresentavam mulheres como protagonistas – projeta presença em ambiente laico e, no caso de nosso exame, as características que constituem a identidade das personagens colaboram para o entendimento amplo do artista entre o medievo e a época moderna, e em particular, da sociabilidade das mulheres.

Sobre a categoria *vida*, destaque-se a relação entre a maior diversidade social entre os biografados e os processos de individualização que a historiografia reconhece no período em análise. Como vimos, a identidade das biografadas informa sobre a pessoa e o indivíduo, ou seja, sobre o que a pessoa compartilha com o grupo e tudo o que a destaca no grupo. As fontes revelam pelo menos três sentidos de vida: a vida como o contrário de morte; como narrativa biográfica; como modo de viver empírico ou como intriga. Quer sejam biografias de personagem, quer não, o enredo – compreendido finalmente como elemento configurador das narrativas – revela escolhas: permanências e singularidades, que o modelo (quadro 1) revelou. Entre os elementos mais constantes encontrados estão¹⁷: 2) a origem geográfica da biografada; 3) o talento, ou seja, saberes e práticas que a biografada domina; 5) a linhagem a que as biografadas pertencem; 6 e 7) as descrições físicas e psicológicas e o 10) enredo, ou seja, a intriga em que a

¹⁷ Conservamos a numeração das categorias apresentada no quadro 1.

biografada comparece como personagem. O elemento enredo do quadro, que aponta para as ações estruturadas em intrigas, colabora inclusive para a identidade da artista. Não raro, Boccaccio, constrói uma sequência que se relaciona ao ofício que suas biografadas realizam (é o caso das biografias de Márcia, Hortênsia e Proba). Os elementos menos constantes apontam, por sua vez, para escolhas específicas que também aportam sentido para a identidade das personagens e dos biógrafos no tempo. A digressão é um dos elementos que mais revela a subjetividade dos homens do perímetro cultural em análise. E elementos como legado, memória e características psicológicas não raro revertem justamente para a compreensão dessas mulheres como artistas.

Ao propor um método de análise dos elementos das biografias para a compreensão do eventual estatuto de artista das biografadas, talvez estejamos atendendo a uma preocupação que não é apenas nossa; como vimos, estudos do Francisco José Rodríguez Mesa (2018, 2019) já haviam considerado como artistas sete das personagens que selecionamos previamente no âmbito da coletânea de Boccaccio. No entanto, o filólogo não enfrenta o problema do anacronismo, para o qual a abordagem aqui realizada oferece uma resposta. Quando se volta à análise comparativa das categorias, é possível então acrescentar mais duas personagens a esse grupo, como o demonstra o quadro 1.

O que a comparação nos mostra é uma recorrência de elementos que dizem respeito à constituição da personalidade artística das biografadas dos três conjuntos. Ser artista é passar por um processo de formação, sem o qual o eventual gênio inato, mesmo parecendo ser o principal componente da excepcionalidade, não consegue se converter em legado artístico. Esse legado, por sua vez, se concretiza em obras e performances que são mencionadas ou descritas, inclusive com acenos a medidas de valor como preço das obras, prova de competência para contratação dos serviços da artista, resultados obtidos e, no caso das *trobairitz*, a própria seleção de suas poesias para o cancionero. O aspecto mais importante para a atribuição de artista talvez seja o fato de que as obras dessas mulheres foram assinadas ou que a autoria delas lhes foi publicamente atribuída; elas não eram meras aprendizes em ateliês coletivos: eram artistas-indivíduos.

Apesar desse denominador comum, as biografadas dos conjuntos se

diferenciam segundo os modos de ser e de atuar como artistas. Para as *trobairitz*, senhoras e damas de corte, há um destaque para o engenho, pois o artifício (ser cultivada) não é algo raro nesse grupo social. O *trobar* exige as duas condições, mas quando muitas desenvolvem a segunda, o que efetivamente singulariza é a excelência na primeira. Já nas personagens de Boccaccio e em Properzia de' Rossi o estudo e o empenho recebem mais atenção. Boccaccio chega a associar a disposição ao estudo à elevação moral das mulheres, que poderia libertá-las dos trabalhos medíocres (os domésticos) que são marca da sua inferioridade. Vasari não vai pelo caminho moral, mas distingue Properzia comparando-a aos homens no aspecto da disposição física para manusear os materiais mais rudes. Das *trobairitz* à escultora renascentista, há um crescendo de atenção à técnica, ao artifício, ao que se consegue por esforço próprio, sem tanta dependência do berço ou da natureza. Essa trajetória culmina com a designação "artista" atribuída efetivamente a uma mulher.

Por fim, algo que parece ser um movente da personalidade artística, responsável não só por obras de excelência mas, também, pelo desenvolvimento de novas técnicas artísticas, é o amor. Não se trata, porém, do amor conjugal, chancelado pelo Estado e pela Igreja. É um amor fora da ordem, tratado com naturalidade no cancionero e em Vasari, e mal-visto por Boccaccio. De qualquer forma, nisso também as nossas biografadas se singularizam, antecipando concepções românticas que consolidarão o entendimento contemporâneo que se tem sobre a (ou o) artista.

Referências

ABIVEN, Karine, « Nommer les concepts du passé. Quelques réflexions d'historiens contemporains », **Littératures classiques**, 2018/2 (N° 96), p. 9-20. DOI : 10.3917/licla1.096.0009. URL: <https://www.cairn.info/revue-litteratures-classiques-2018-2-page-9.htm>

ADAM, Jean-Michel. **Textos: tipos e protótipos**. Tradução Mônica Magalhães et al. São Paulo: Contexto, 2019.

BAGGIO, Adriana Tulio. A operação da noção de sequência textual de Adam na análise de biografias. **XV Celsul – Encontro do Círculo de Estudos Linguístico do Sul**, Curitiba, 19 a 21 de outubro de 2021a.

BAGGIO, Adriana Tulio. Considerações sobre a axiologia donna x femmina para orientar uma tradução brasileira de Boccaccio. **Revista Italiano UERJ**, v. 12, n. 1, p. 130–153, 2021b. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaitalianouerj/article/view/62089>. Acesso em: 18 jan. 2022.

BARROS, José d'Assunção, «Os conceitos na história: considerações sobre o anacronismo», *Ler História* [Online], 71 | 2017, posto online no dia 04 janeiro 2018, consultado no dia 07 novembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/lerhistoria/2930>; DOI: <https://doi.org/10.4000/lerhistoria.2930>

BARROS, José d'Assunção. **História comparada**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BOCCACCIO, Giovanni. **Sobre as mulheres famosas**. Tradução, introdução e notas de Adriana Tulio Baggio. Curitiba: Editora UFPR, 2024 [no prelo].

BOCCACCIO, Giovanni. **Famous women**. Translation Virginia Brown. Cambridge, London: Harvard University Press, 2001.

BOCCACCIO, Giovanni. **Vida de Dante**. Tradução, introdução e notas de Pedro Falleiros Heise. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2021.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**. Escrever uma vida. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2009.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante,

2017.

FILOSA, Elsa. Motivi anti-tirannide e repubblicani nel *De mulieribus claris*. **Heliotropia**, n. 12-13, p. 165-87, 2015-2016.

FRANKLIN, Margaret Ann. **Boccaccio's Heroines: Power and Virtue in Renaissance**. Abingdon; New York: Routledge, 2017.

GOUREVITCH, Aaron. Indivíduo in LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do Ocidente Medieval**. Vol. I. Bauru (SP): EDUSC, 2006.

GUIMARÃES, Marcella Lopes. "O gênero biográfico na Baixa Idade Média: cultura e poder" in In: SOUZA, Armênia Maria de; NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa (org.). **Cultura, palavra & fé: narrativas & sacralidades no mundo ibérico**. Curitiba: Brazil Publishing, 2019.

GUIMARÃES, Marcella Lopes. **As vidas dos trovadores medievais: quem foram esses homens e mulheres que cantaram o amor**. Curitiba: Ed. Máquina de escrever, 2021.

LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais na Idade Média**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995.

PEREIRA, Maria Cristina Correia Leandro. Algumas questões sobre arte e imagens no ocidente medieval. In: SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da; SILVA, Leila Rodrigues da (org.). **Atas da VIII Semana de Estudos Medievais do Programa de Estudos Medievais da UFRJ – Edição Especial**. Rio de Janeiro: 2010. p. 1-29. Disponível em: https://www.pem.historia.ufrj.br/arquivo/atas_viiiisemana_parte1.pdf. Acesso em: 8 fev. 2022.

RICOEUR, Paul. **Sobre a tradução**. Tradução e prefácio de Patrícia Lavelle. Belo

Horizonte (MG): Editora UFMG, 2012.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa I**. A intriga e a narrativa histórica. São Paulo: Martins Fontes: 2010.

RODRÍGUEZ MESA, Francisco José. Due pittrici greche nel De mulieribus claris (I): Tamari. **Futhark**, n. 13, p. 91-103, 2018.

RODRÍGUEZ MESA, Francisco José. Due pittrici greche nel De mulieribus claris (II): Irene. **Futhark**, n. 14, p. 181-192, 2019.

SILVA, Leila Rodrigues da. “Monges e literatura hagiográfica no início da Idade Média” in SILVA, Andréia Frazão da, SILVA, Leila Rodrigues da. **Mártires, confessores e virgens. O culto aos santos no Ocidente Medieval**. Petrópolis: Vozes, 2016.

TEIXEIRA, Igor Salomão. “O intelectual na Idade Média: divergências historiográficas e proposta de análise” in revista **Diálogos Mediterrânicos**, número 7, 2014. Disponível em <<https://www.dialogosmediterrânicos.com.br/index.php/RevistaDM/article/view/114/135>> acesso em 16 de fevereiro de 2023.

VASARI, Giorgio. **Le vite de' più eccellenti pittori, scultori e architetti, da Cimabue insino a' tempi nostri**. Nell'edizione per i tipi di Lorenzo Torrentino, Firenze, 1550. A cura di Luciano Bellosi e Aldo Rossi. Presentazione di Giovanni Previtali. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1986. Edição eletrônica de 15 dez. 1999 com introdução de Maurizio Marini.

VASARI, Giorgio. **Vidas dos artistas**. Organização Luciano Bellosi e Aldo Rossi. Apresentação Giovanni Previtali. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

VASINA, Augusto. Medieval Urban Historiography in Western Europe (1100–1500). *In*: DELIYANNIS, Deborah Mauskopf (ed.). **Historiography in the Middle Ages**. Leiden; Boston: Brill, 2003. p. 317-352.

VERGER, Jacques. **Homens e saber na Idade Média**. Trad. Carlota Boto. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

Recebido: 28/02/2023
Aprovado: 27/11/2023